

Autor de *A Colônia do Diabo* e *O Olho de Deus*

JAMES ROLLINS

A CHAVE MALDITA

UM TALISMÃ ENCERRA
EM SI O DESTINO DA HUMANIDADE

FORÇA SIGMA



BERTRAND EDITORA

Autor de *A Colônia do Diabo* e *O Olho de Deus*

**JAMES
ROLLINS**

A CHAVE MALDITA

**UM TALISMÃ ENCERRA
EM SI O DESTINO DA HUMANIDADE**

FORÇA SIGMA



BERTRAND EDITORA



JAMES ROLLINS é autor de vários *thrillers* internacionais, todos eles *bestsellers* do *New York Times*. Os seus livros estão publicados em mais de quarenta países. A sua série **Força Sigma**, na qual se inclui *A Chave Maldita*, foi considerada «no topo da lista das boas leituras» (*New York Times*) e uma das «melhores leituras do género» (revista *People*). Em cada romance, revelam-se mundos invisíveis, descobertas científicas e segredos históricos em que a ação tem um ritmo alucinante e a narrativa é inteiramente original.

www.jamesrollins.com

Título original: The Doomsday Key
1.ª edição em papel: fevereiro de 2018
Autor: James Rollins
Tradução: Joana Chaves
Revisão: Miguel Freitas
Design da capa: Ana Monteiro
Imagens da capa: Getty Images

© Jim Czajkowski 2009

Publicado com o acordo do autor, representado por

BAROR INTERNATIONAL, INC., Armonk, New York, USA

[Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa, exceto Brasil, reservados por
Bertrand Editora, Lda.]

Bertrand Editora
Rua Prof. Jorge da Silva Horta, n.º 1
1500-499 Lisboa
www.bertrandeditora.pt
editora@bertrand.pt
Tel. 217 626 000

ISBN: 978-972-25-3604-2

*Para a minha mãe
com todo o meu amor*

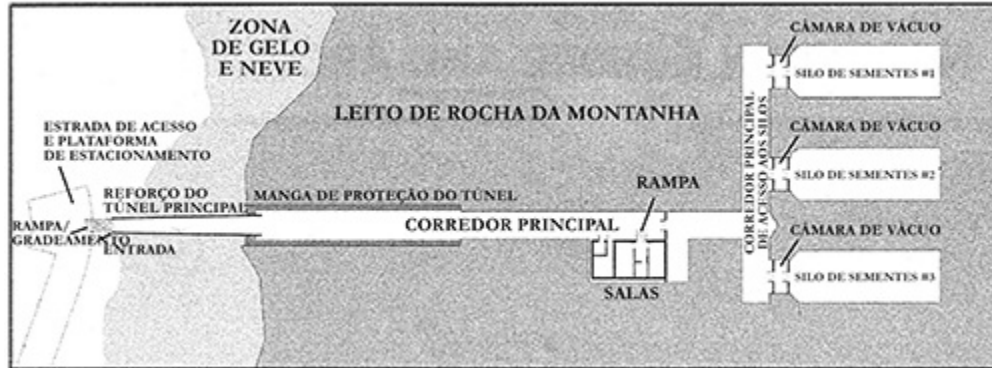
AGRADECIMENTOS

Todo o autor necessita de um leito de rocha. Sem uma base firme, não haveria alicerces para lançar uma construção. Eu não sou exceção. E quero aproveitar este momento para reconhecer todos aqueles que têm constituído o meu leito de rocha ao longo destes últimos anos. Gostaria de agradecer antes de mais à minha equipa de críticos que continuam a garantir a minha honestidade e proficiência: Penny Hill, Judy Prey, Dave Murray, Caroline Williams, Chris Crowe, Lee Garrett, Jane O’Riva, Sally Barnes, Denny Grayson, Leonard Little, Kathy L’Ecluse e Scott Smith. E um enorme agradecimento extra a Steve Perry pela sua valiosa ajuda nos mapas introdutórios e esquemas. Para lá do grupo, Carolyn McCray e David Sylvian incentivaram-me a prosseguir Ao longo dos bons e maus momentos. E pelos muitos anos de ajuda com histórias, artigos e tópicos explosivos, um especial agradecimento a Cherei McCarter. E porque tenho de o fazer (porque ele assim mo obriga), quero agradecer a Steve Berry por alguns conselhos essenciais a nível do enredo, mas reconheço de livre vontade que ele é um grande escritor e um amigo ainda maior. Por último, um especial agradecimento a quatro pessoas valiosas a todos os níveis da produção: a minha editora, Lyssa Keusch, e a sua colega, Wendy Lee, e os meus agentes: Russ Galen e Danny Baror. Eles têm constituído verdadeiramente os alicerces na base do autor. E, como sempre, sublinho que todos e quaisquer erros de facto ou pormenor do presente livro recaem diretamente sobre os meus ombros.

EUROPA SETENTRIONAL E CÍRCULO POLAR ÁRTICO



SILO DO JUÍZO FINAL



NOTAS DO ARQUIVO HISTÓRICO

Durante o século XI, o rei Guilherme I de Inglaterra determinou um levantamento exaustivo do seu reino. Os resultados foram registados num extenso volume intitulado Domesday Book (Livro da Grande Inquirição). Trata-se de um dos registos mais detalhados da vida medieval desse período. A maioria dos historiadores aceita que este grandioso levantamento foi realizado com o intuito de assegurar a tributação adequada de toda a população, mas tal não é certo. Muitos mistérios continuam a rodear esse estudo, como a razão de ter sido ordenado tão prontamente e o motivo de certas localidades surgirem inexplicavelmente assinaladas por uma única palavra em latim, significando *devastado*. Além do mais, a estranheza do censo e dos seus rigorosos pormenores conquistaram-lhe um epíteto perturbador por parte das pessoas do seu tempo. Ficou conhecido como Doomsday Book (Livro do Juízo Final).

Durante o século XII, um padre católico irlandês de nome Máel Máedóc, que viria a ser conhecido como São Malaquias, teve uma visão aquando de uma peregrinação a Roma. Nesse transe extático, ele recebeu o conhecimento de todos os papas que se seguiriam até ao fim dos tempos. Essa relação notável — uma descrição críptica de 112 papas — foi registada e salvaguardada nos arquivos do Vaticano, mas o livro desapareceu, apenas ressurgindo no século XVI. Alguns historiadores acreditam que esse livro recuperado era muito provavelmente uma falsificação. Seja como for, nos séculos que se sucederam,

as descrições de cada papa no referido livro provaram-se curiosamente exatas — até e incluindo o atual chefe da Igreja Católica, o papa Bento XVI. Na profecia de Malaquias, o atual papa é catalogado como *De Gloria Olivae*, a Glória da Oliva. E a Ordem Beneditina, de onde o papa retirou o seu nome, assume de facto como símbolo um ramo de oliveira. Mas mais perturbador do que isso é que o papa Bento XVI é o 111.º papa. E, segundo essa profecia estranhamente exata, o mundo termina com o papa seguinte.

NOTA DO ARQUIVO CIENTÍFICO

Durante os anos de 2006 a 2008, um terço de todas as abelhas nos Estados Unidos (e em grande parte da Europa e Canadá) desapareceram. Prósperas colmeias encontraram-se subitamente vazias, como se as abelhas tivessem simplesmente partido para não mais regressar. A situação recebeu o nome de Distúrbio do Colapso das Colónias. Esta quebra maciça e misteriosa suscitou receios e títulos noticiosos sensacionalistas. O que aconteceu verdadeiramente às abelhas?

Nas páginas deste livro encontra-se uma resposta... e o mais assustador é que ela é verdadeira.

Na perseguição final à Santa Igreja Católica Romana, reinará Pedro, o *Romano*, que alimentará o seu rebanho no meio de inúmeras tribulações; após o que a cidade das sete colinas será destruída e o temível Juiz julgará os homens.

— PROFECIA DE SÃO MALAQUIAS, 1139

O poder [de crescimento] da população é infinitamente maior que o poder que a terra tem de produzir meios de subsistência para o homem.

— THOMAS MALTHUS, *Ensaio sobre o Princípio da População*, 1798

O tempo para negociar é quando o sangue corre pelas ruas.

— BARÃO NATHAN ROTHSCHILD, o homem mais rico do século XIX

Primavera, 1086

Inglaterra

Os corvos foram o primeiro sinal.

Enquanto a carruagem puxada por cavalos descia a vereda, marcada pelos sulcos das rodas entre campos ondulantes de cevada, um bando de corvos ergueu-se numa torrente negra. Lançaram-se no azul da manhã e elevaram-se velozmente num tropel desorientado, mas era mais do que a usual fuga assustada. Os corvos revolteavam e investiam, revolviam-se e agitavam-se. Acima da estrada, esmagavam-se uns contra os outros e precipitavam-se dos céus. Pequenos corpos atingiam o chão, quebrando asas e bicos. Contorciam-se nos sulcos. Asas sacudiam-se debilmente.

Mas o mais perturbador era o silêncio.

Nem um crocitar, nem um grasnar.

Apenas o frenético bater de asas — depois o impacto surdo de corpos emplumados sobre a terra batida e a pedra fragmentada.

O condutor da carroça fez o sinal da cruz e abrandou o andamento do carro.

— Segue — disse o viajante que partilhava a carruagem. Martin Borr, era o mais novo dos oficiais da Coroa, enviados para o local por édito secreto do próprio rei Guilherme.

Enquanto se envolvia mais no pesado manto, Martin recordou a missiva selada a cera e marcada com o grande selo real. Sobrecarregado pelo custo da guerra, o rei Guilherme enviara uma multidão de oficiais para o terreno a fim de reunir uma extensa relação das terras e propriedades do seu reino. A imensa contagem estava a ser registada num volume gigantesco intitulado Domesday

Book, coligido por um único erudito e redigido numa forma críptica de latim. Essa relação destinava-se a avaliar a tributação exata devida à Coroa.

Ou assim se declarava.

Alguns suspeitavam haver uma outra razão para tal levantamento de todas as terras. Comparavam o livro à descrição da Bíblia do Juízo Final, em que Deus registava uma relação de todas as dívidas da humanidade no Livro da Vida. Sussurros e rumores começaram a chamar a esse impressionante levantamento Doomsday Book.

Estavam mais perto da verdade do que se julgava.

Martin lera a carta selada a cera. Ele observara o escriba solitário a registrar meticulosamente os resultados dos oficiais da Coroa no grande livro e, no final, vira o erudito rabiscar uma única palavra em latim, escrita a tinta vermelha.

Vastare.

Devastado.

Muitas regiões eram marcadas com essa palavra, indicando terras devastadas pela guerra ou por pilhagem. Mas duas entradas tinham sido inscritas inteiramente a carmesim. Uma descrevia uma ilha solitária entre a costa da Irlanda e o litoral da Inglaterra. Martin aproximava-se, agora, do outro local, aí enviado para investigar a mando do rei. Tinha jurado sigilo e recebera três homens para o assistir. Estes seguiam atrás da carruagem montados nos seus próprios cavalos.

Ao lado de Martin, o condutor puxava as rédeas e encorajava o animal de tração, um exemplar acastanhado verdadeiramente gigantesco, a um trote mais apressado. À medida que avançavam, as rodas da carruagem passavam por cima dos corpos contorcidos dos corvos, esmagando ossos e esguichando sangue.

Finalmente, o carro alcançou o topo de uma elevação e revelou a extensão de um fértil vale. Uma pequena povoação aninhava-se no fundo, flanqueada por uma casa senhorial num dos extremos e uma igreja no outro. Uma vintena de casinhas e edifícios maiores de telhado de colmo compunham o restante da aldeia, a par de uns poucos redis de madeira e pequenos pombais.

— Este é um lugar amaldiçoado, *milord* — disse o condutor. — Acredite no

que lhe digo. Não foi nenhuma epidemia que o destruiu.

— É isso que vimos averiguar.

Uma légua atrás deles, a estrada íngreme fora cortada pelo exército do rei. A ninguém era permitido avançar, o que não impedia que os rumores de estranhas mortes se espalhassem pelas povoações e herdades vizinhas.

— Amaldiçoado — resmungou de novo o homem, enquanto fazia o carro iniciar a descida em direção à aldeia. — Ouvi dizer que estas terras pertenceram outrora aos celtas pagãos. São consideradas sagradas segundo as suas crenças pagãs. As suas pedras ainda podem ser encontradas nas florestas distantes, lá em cima nas terras altas.

O seu braço atrofiado apontava a mata no sopé dos montes que se erguiam em direção ao céu. A névoa apegava-se à floresta, transformando o verde em gradações sombrias de cinzento e preto.

— Eles amaldiçoaram este lugar, é o que lhe digo. Fazendo abater a maldição sobre os que carregam a cruz.

Martin Borr rejeitava tais superstições. Com trinta e dois anos de idade, estudara com eruditos desde Roma até à Bretanha. E tinha vindo com peritos para descobrir a verdade.

Voltando-se para trás, fez sinal aos outros para que avançassem em direção à pequena povoação, e o trio partiu a meio galope. Cada um conhecia a sua tarefa. Martin prosseguiu mais lentamente, estudando e avaliando tudo à passagem. Isolada naquele pequeno vale de montanha, a aldeia dava pelo nome de Highglen (vale estreito e alto) e era localmente conhecida pela sua cerâmica, feita com argila recolhida nas nascentes quentes, que contribuíam para a névoa que cobria as florestas mais altas. Dizia-se que o método de cozedura e a composição do barro eram segredos rigorosamente guardados, apenas conhecidos da guilda local.

E agora estavam perdidos para sempre.

A carruagem rolava pela estrada abaixo, passando por mais campos: centeio, aveia, feijão e carreiros de vegetais. Alguns dos campos mostravam sinais de colheita recente, enquanto outros revelavam claramente ter sido incendiados.

Teriam os aldeões suspeitado da verdade?

À medida que a carruagem prosseguia até ao vale, surgiam filas de redis, ladeados por vedações altas que escondiam parte do horror no seu interior. Montículos de lã, os corpos intumescidos de centenas de ovelhas pontilhavam as pastagens excessivamente altas. Mais perto da aldeia, surgiam igualmente porcos e cabras estendidos no chão e de olhos cavados, mortos onde caíram. Ao longe num campo, um corpulento boi sucumbira ainda preso ao seu arado.

Quando a carruagem alcançou o largo da povoação, esta permanecia em silêncio. Nenhum ladrar de cão os saudou, nenhum cantar de galo, nenhum zurrar de burro. O sino da igreja não soou e ninguém interpelou os estranhos que entravam na aldeia.

Um silêncio pesado abatia-se sobre o lugar.

Como iriam descobrir, a maior parte dos mortos jazia no interior das suas casas, demasiado fracos no fim para se aventurarem a sair. Mas um corpo estava de bruços no largo, não longe dos degraus de pedra da casa senhorial. Jazia aí como se tivesse caído, talvez tropeçado degraus abaixo e partido o pescoço. Mas mesmo do alto da carruagem, Martin notou a fina camada de pele sobre os ossos, os olhos fundos enterrados no crânio, a magreza dos membros.

Era o mesmo definhamento verificado nos animais dos campos. Era como se toda a aldeia tivesse estado cercada e morrido à fome.

Aproximou-se um ruído de cascos. Reginald parou ao lado da carruagem.

— Os celeiros estão cheios — disse ele, limpando o pó das mãos às calças. O homem alto e marcado por cicatrizes tinha dirigido campanhas em nome do rei Guilherme no norte de França. — Encontrámos igualmente ratos e ratazanas nas arcas de cereais.

Martin olhou-o de relance.

— Mortos como tudo o resto. Tal como naquela ilha amaldiçoada.

— Só que agora a devastação alcançou a nossa costa — murmurou Martin.
— Entrou nas nossas terras.

Era a razão por que tinham sido enviados ali, por que a estrada até à aldeia estava vigiada e por que o grupo jurara sigilo.

— Girard encontrou um bom corpo — disse Reginald. — Mais fresco do que a maioria. Um rapaz. Pô-lo na oficina do ferreiro. — O seu braço forte apontou para um edifício de madeira com uma chaminé de pedra.

Martin assentiu e desceu da carruagem. Tinha de ter a certeza e só havia uma maneira de o saber. Enquanto oficial real, era essa a sua função, discernir a verdade a partir dos mortos. Embora de momento deixasse o trabalho mais sangrento ao carnicheiro francês.

Martin atravessou o espaço até à porta aberta da oficina. Girard estava no interior, inclinado diante da forja fria. O francês exercera no exército do rei Guilherme, onde serrara membros e dera o seu melhor para manter os soldados com vida.

Girard desimpedira uma mesa no centro da oficina e já despira e prendera o rapaz à mesa. Martin fitou a figura pálida e franzina. O seu próprio filho era da mesma idade, mas o processo da morte envelhecera aquele pobre miúdo, engelhara-o bem além dos seus oito ou nove anos.

Enquanto Girard preparava as suas facas, Martin examinou o rapaz mais de perto. Beliscou a pele e notou a ausência de matéria gorda por baixo. Examinou os lábios gretados, os retalhos escamados de perda de cabelo, os tornozelos e pés inchados; mas acima de tudo passou as mãos pelos ossos protuberantes, como que tentando ler um mapa com os seus dedos: costelas, maxilar, órbita ocular, pélvis.

O que acontecera?

Martin sabia que as verdadeiras respostas residiam bastante mais fundo.

Girard percorreu o espaço até à mesa com uma longa lâmina de prata na mão.

— Vamos ao trabalho, *monsieur*?

Martin assentiu.

Um quarto de hora mais tarde, o cadáver do rapaz estendia-se sobre a tábua como um porco estripado. A pele, cortada desde a virilha até ao esófago, fora arrancada e pregada à mesa de madeira. Os intestinos permaneciam aninhados e firmemente enrolados na cavidade ensanguentada, intumescida e rósea. Sob as

costelas, avultava um fígado amarelo-acastanhado, demasiado volumoso para alguém tão pequeno, tão reduzido a osso e cartilagem.

Girard penetrou na barriga do rapaz. As suas mãos desapareceram nas profundidades gélidas.

Um pouco afastado, Martin tocou a fronte e pronunciou uma silenciosa prece de perdão pela transgressão. Mas era demasiado tarde para conseguir a absolvição por parte do rapaz. Tudo o que o corpo deste podia fazer era confirmar os seus piores receios.

Girard puxou para a frente o estômago do rapaz, com a consistência da borracha e esbranquiçado, de onde pendia um baço purpúreo intumescido. Com alguns movimentos da faca, o francês libertou a secção de tripas e deixou-a cair sobre a mesa. Um outro deslizar sussurrado da lâmina e o estômago foi aberto. Uma rica mistura verde de pão e cereais por digerir derramou-se sobre a madeira, como uma revoltante cornucópia.

Desprendeu-se um odor fétido, intenso e potente. Martin tapou boca e nariz — não pelo cheiro, mas pela terrível certeza.

— Morte por inanição, isso é evidente — disse Girard. — Mas o rapaz morreu à fome com a barriga cheia.

Martin deu um passo atrás, sentindo os membros gelarem. Ali estava a prova. Teriam de examinar outros para ter a certeza. Mas as mortes naquele lugar pareciam semelhantes às da ilha, um lugar marcado a tinta vermelha como *devastado* no Domesday Book.

Martin fitou o rapaz estripado. Ali estava a razão secreta para a realização do levantamento. Procurar aquele flagelo na pátria, estancá-lo antes que se espalhasse. As mortes eram idênticas às da ilha solitária. Os defuntos pareciam ingerir mais e mais comida, contudo morriam à fome, não encontrando sustento, apenas um desgaste contínuo.

Necessitando de ar, Martin virou costas à mesa e saiu da sombra para a luz do Sol. Olhou ao longe os montes ondulantes, verdejantes e fecundos. O vento soprou de cima, penteando os campos de cevada e aveia, trigo e centeio. Imaginou um homem à deriva no oceano, a morrer de sede com água a toda a

volta, mas incapaz de beber.

Ali não era diferente.

Martin estremeceu sob o pálido sol, desejando afastar-se o mais possível daquele vale, mas um grito chamou a sua atenção para o lado direito, para a outra extremidade do largo da povoação. Uma figura toda vestida de preto erguia-se diante de uma porta aberta. Por um instante, Martin receou tratar-se da própria Morte, mas então a figura acenou, estilhaçando a ilusão. Era o abade Orren, o terceiro membro do grupo, que tinha a seu cargo a Abadia de Kells, na Irlanda. Ele erguia-se à entrada da igreja da povoação.

— Venha ver isto! — gritou o abade.

Martin cambaleou na sua direção. Mais um reflexo do que um esforço consciente. Não queria voltar à oficina do ferreiro. Deixaria o rapaz ao cuidado do carnicheiro francês. Martin atravessou o largo da aldeia, subiu os degraus de pedra e juntou-se ao monge católico.

— O que foi, abade Orren?

O homem voltou-se e encaminhou-se para a igreja.

— Blasfêmia — cuspiu o abade irlandês —, profanar desta forma este lugar. Não admira que tenham sido todos chacinados.

Martin apressou-se no encalço do abade. O homem era esqueleticamente magro e spectral no seu manto de viagem demasiado grande. De todos eles, fora o único que visitara a ilha ao largo da costa da Irlanda, que testemunhara também aí a devastação.

— Encontrou o que procurava? — indagou Martin.

O abade não respondeu e entrou na igreja tosca. Martin não teve escolha senão segui-lo. O interior era sombrio, um lugar desolado com um chão de terra coberto de juncos. Não havia bancos e o teto era baixo e profusamente travejado. A única luz provinha de um par de janelas altas e estreitas no fundo da igreja. Lançavam veios poeirentos de luz sobre o altar, constituído por uma simples laje de pedra. Um pano de altar devia ter coberto a pedra, mas fora arrancado e atirado por terra, muito provavelmente pelo abade na sua busca.

O abade Orren avançou até ao altar e apontou para a pedra nua com um

braço que tremia. Os ombros agitavam-se-lhe de fúria.

— Blasfémia — repetiu. — Gravar estes símbolos pagãos na casa do Senhor.

Martin encurtou a distância e inclinou-se mais sobre o altar. A pedra fora gravada com desenhos de explosões solares e espirais, círculos e estranhas formas entrelaçadas, todos claramente pagãos.

— Porque cometeria esta gente devota tal pecado?

— Não penso que tenham sido os habitantes de Highglen — disse Martin.

Passou a mão pelo altar. Sob a ponta dos seus dedos, sentiu a antiguidade das marcas, a natureza desgastada das formas gravadas. Eram claramente antigas. Martin recordou a afirmação do condutor de que aquele lugar era amaldiçoado, de que era terreno sagrado para o antigo povo celta e de que as suas pedras gigantescas podiam ser encontradas escondidas nas florestas brumosas das terras altas.

Martin endireitou-se. Uma dessas pedras devia ter sido carregada até Highglen e usada como altar na igreja da povoação.

— Se não foram as pessoas daqui que o fizeram, então como explica isto? — inquiriu o abade. Deslocou-se até à parede por trás do altar e fez um gesto com o braço para abarcar a grande marca aí patente. Fora pintada recentemente e, pela cor vermelho-acastanhada, possivelmente com sangue. Representava um círculo com uma cruz no seu interior.

Martin vira marcas semelhantes em pedras tumulares e ruínas antigas. Era um símbolo sagrado do sacerdócio celta.

— Uma cruz pagã — disse Martin.

— Encontrámo-la também na ilha, gravada em todas as portas.

— Mas o que significa?



O abade tateou a cruz de prata no seu próprio pescoço.

— É como o rei receava. As serpentes que atormentaram a Irlanda e que foram expulsas por São Patrício voltaram a estas paragens.

Martin sabia que o abade não se referia a verdadeiras cobras dos campos, mas aos sacerdotes pagãos que carregavam bordões curvos como serpentes, aos líderes druidas do antigo povo celta. São Patrício convertera ou expulsara os pagãos das costas da Irlanda.

Mas isso fora há seis séculos.

Martin virou-se, fitando para lá da igreja a povoação morta. As palavras de Girard ecoavam na sua cabeça. *O rapaz morreu de fome com a barriga cheia.*

Nada fazia sentido.

O abade murmurou atrás dele.

— Deve ser tudo queimado. E o solo coberto de sal.

Martin assentiu, mas a inquietação crescia no seu peito. Poderia alguma chama destruir verdadeiramente o que ali estava gravado? Ele não sabia mas de uma coisa estava certo.

Ainda não tinha acabado.

Atualidade

8 de outubro, 23h55

Cidade do Vaticano

O padre Marco Giovanni escondia-se numa floresta escura de pedra.

Os maciços pilares de mármore sustentavam o teto da Basílica de São Pedro e seccionavam o chão em capelas, abóbadas e nichos. Obras dos mestres enchiam o espaço sagrado: a *Pietà* de Miguel Ângelo, o baldaquino de Bernini, a estátua de bronze de *São Pedro Entronizado*.

Marco sabia que não estava sozinho naquela floresta de pedra. Havia um predador com ele, à espera, muito provavelmente perto do fundo da igreja.

Três horas antes, recebera uma nota de um colega arqueólogo igualmente

servidor da Igreja, o seu antigo mentor na Universidade Gregoriana em Roma. Fora-lhe dito que se encontrasse com ele ali à meia-noite.

Contudo, aquilo revelara-se uma armadilha.

Com as costas contra um pilar, Marco mantinha a mão direita pressionada sob o braço esquerdo, estancando o sangue que se derramava do lado esquerdo. Fora golpeado até às costelas. O líquido quente escorria-lhe pelos dedos. A sua mão esquerda agarrava a prova de que necessitava, uma pequena bolsa de couro, não maior que um porta-moedas. Apertou-a com força.

Enquanto se movia para perscrutar a nave, o sangue fluía, salpicando o chão de mármore. Não podia esperar mais ou ficaria demasiado fraco. Dizendo uma prece silenciosa, deixou o pilar e fugiu pela nave em direção ao altar papal. Cada passo era uma nova punhalada no tronco. Mas não fora golpeado por uma lâmina. A seta tinha-se cravado no banco ao seu lado depois de lhe abrir o flanco. A arma era curta, grossa, escura. Uma flecha de besta de aço. Do seu esconderijo, Marco estudara-a. Um pequeno díodo brilhava na sua base, como um olho ígneo na escuridão.

Não sabendo mais o que fazer, Marco simplesmente fugia, mantendo-se agachado. Sabia que muito provavelmente ia morrer, mas o segredo que segurava era mais importante do que a própria vida. Ele tinha de sobreviver o suficiente para alcançar a saída distante, encontrar um dos guardas suíços de patrulha e fazer chegar uma mensagem à Santa Sé.

Ignorando a dor e o pânico, correu.

O altar papal erguia-se diretamente à sua frente. O dossel de bronze que o encimava, desenhado por Bernini, assentava sobre colunas retorcidas. Marco esquivou-se para a esquerda deste, dirigindo-se ao transepto desse lado. Avistou o maciço monumento a Alexandre VII e a porta resguardada sob ele.

Era a saída para a Piazza Santa Marta.

Se ao menos...

Uma pancada no ventre pôs fim a qualquer esperança. Recuou um passo e olhou para baixo. Nenhum punho o tinha atingido. Uma haste de aço terminada por plumas de plástico brotava da sua veste. A dor veio um instante depois,

despedaçando-o. Tal como a primeira flecha, aquela também brilhava como um olho ígneo. O díodo assentava numa câmara quadrada na base da haste.

Marco cambaleou para trás. Uma mudança nas sombras junto à porta revelou uma figura ataviada com o traje multicolor da Guarda Suíça, certamente um disfarce. O assassino baixou a sua besta e abandonou a porta onde estivera à espera.

Marco retrocedeu até ao altar e preparou-se para fugir de volta à nave. Mas avistou um outro homem envergando o uniforme da Guarda Suíça. O homem estava debruçado junto ao banco da igreja e arrancava a flecha cravada na madeira.

Com o terror a suplantar a dor no ventre, Marco voltou-se para o transepto direito, mas foi de novo frustrado. Uma terceira figura irrompeu das sombras de um confessionário, erguendo uma outra besta.

Estava encurralado.

A basílica tinha a forma de um crucifixo e três dos seus braços estavam agora bloqueados por assassinos. O que deixava uma única direção em que fugir. A abside, na ponta da cruz. Mas era um beco sem saída.

Mesmo assim, Marco correu para a abside.

Em frente, erguia-se o Altar da Cadeira de Pedro, um maciço monumento dourado de santos e anjos que acolhia o assento de madeira de São Pedro. Sobre ele, uma janela oval de alabastro revelava o Espírito Santo sob a forma de uma pomba.

Mas a janela estava escura e não oferecia esperança.

Marco voltou costas à janela e procurou em redor. À sua esquerda, encontrava-se o túmulo de Urbano VIII. Uma estátua da cruel ceifeira sob a forma de um esqueleto erguia-se da cripta de mármore do papa, anunciando o destino final de todos os homens... e talvez a perdição de Marco.

Este sussurrou em latim «*Lilium et Rosa*».

O Lírio e a Rosa.

No século XII, um santo irlandês de nome Malaquias tivera uma visão de todos os papas desde o seu século até ao final dos tempos. De acordo com essa

visão, haveria no total 112 papas. Ele descreveu cada um deles com uma breve frase críptica. No caso de Urbano VIII — nascido cinco séculos depois da morte de Malaquias —, o papa foi designado como «o lírio e a rosa». E, tal como nas restantes profecias, a descrição revelou-se correta. O papa Urbano VIII tinha nascido em Florença, cujo brasão era um *lírio vermelho*.

Mas o mais perturbador de tudo era que o atual papa precedia o último da lista de São Malaquias. Segundo a profecia, o próximo líder da Igreja assistiria ao fim do mundo.

Marco nunca acreditara em tais fantasias — mas com os seus dedos firmemente apertados em torno da pequena bolsa de couro, perguntava-se quão perto estariam de facto do Armagedão.

Passos alertaram Marco. Um dos assassinos aproximava-se. Tinha apenas tempo para uma jogada.

Agiu rapidamente. Estancando o sangue para não deixar rasto, desviou-se para o lado para esconder o que devia ser preservado. Uma vez feito, regressou ao centro da abside. Sem outro recurso, deixou-se cair de joelhos aguardando a morte. Os passos abeiraram-se do altar. Uma figura surgiu. O homem parou e olhou em redor.

Não era um dos assassinos.

Nem sequer um estranho.

Marco gemeu ao reconhecê-lo, o que chamou a atenção do recém-chegado. O homem estacou de surpresa, depois aproximou-se rapidamente.

— Marco?

Demasiado fraco para se pôr de pé, tudo o que Marco podia fazer era olhar, momentaneamente encurralado entre a esperança e a suspeição. Mas, à medida que o homem se aproximava, viu que a sua atitude era claramente de preocupação. Era o antigo professor de Marco, o homem que marcara aquele encontro noturno.

— Monsenhor Verona... — arquejou Marco, pondo de lado todas as suspeitas, sabendo no seu íntimo que aquele homem nunca o trairia. Marco ergueu um braço e mostrou uma mão vazia. A sua outra mão apertava a

extremidade emplumada da flecha de aço ainda cravada no seu ventre.

Um tremular de luz chamou a atenção de Marco para baixo. Ele viu o díodo vermelho na flecha mudar subitamente para verde.

Não...

A explosão projetou Marco pelo chão de mármore. Deixou um rasto de sangue, fumo e entranhas. O seu ventre era uma ruína estripada quando caiu de lado aos pés do altar. Os seus olhos reviraram-se e pousaram no monumento dourado que se agigantava sobre ele.

Um nome surgiu-lhe indistintamente.

Petrus Romanus.

Pedro, o Romano.

Era esse o último nome da lista profética de São Malaquias, o homem que se seguiria ao atual Santo Padre e que se tornaria o último papa sobre a terra.

Com o fracasso de Marco naquela noite, tal destino não poderia ser impedido.

A visão de Marco ensombrou-se. Os ouvidos ensurdecaram. Já não tinha forças para falar. Caído de lado, olhou fixamente para o túmulo do papa Urbano, para o esqueleto de bronze que trepava para fora da cripta papal. No seu dedo magro, Marco suspendera a minúscula bolsa que protegera durante tanto tempo. Recordou a marca antiga impressa a fogo no couro.

Ela continha a única esperança para o mundo.

Com o seu último sopro, rezou para que fosse suficiente.



PRIMEIRA PARTE

A ESPIRAL E A CRUZ



Terça-feira, 9 de maio — Para divulgação imediata

**A SEGURANÇA ALIMENTAR MUNDIAL
NA MIRA DA VIATUS**

OSLO, NORUEGA (BUSINESS WIRE) — A Viatus International, a companhia petroquímica líder do mercado mundial, anunciou hoje a criação da sua nova Divisão de Pesquisa e Desenvolvimento de Culturas Biogenéticas.

«A missão da nova divisão é desenvolver tecnologias para impulsionar a produtividade agrícola de modo a satisfazer a crescente procura global de alimento e combustível», declarou Ivar Karlsen, CEO da Viatus International.

«Com o estabelecimento da Divisão de Culturas Biogenéticas», disse Karlsen, «propomo-nos vencer este desafio com todos os nossos recursos, estabelecendo o equivalente de um Projeto Manhattan agrícola. O fracasso não é opção, nem para a nossa empresa, nem para o mundo.»

Em anos recentes, as tecnologias transgênicas e de hibridação patenteadas pela empresa aumentaram a produção de milho, arroz e outros cereais em cerca de 35 por cento. Karlsen afirmou que a Viatus prevê a duplicação da taxa de incremento da produtividade nos próximos cinco anos.

Karlsen explicou hoje a necessidade dessa nova divisão durante o seu discurso de abertura na Cimeira da Alimentação Mundial em Buenos Aires. Citando a Organização Mundial de Saúde, ele sublinhou que um terço do mundo enfrenta a fome. «Encontramo-nos numa crise alimentar global», disse. «A maioria dos que sofrem desse flagelo encontra-se no Terceiro Mundo. Os distúrbios por motivos alimentares estão a alargar-se mundialmente e a favorecer a destabilização de regiões perigosas em todo o globo.»

Karlsen afirmou que a segurança alimentar ultrapassou o petróleo e a água como uma das maiores crises e maiores desafios do novo milénio. «De um ponto de vista humanitário e de um ponto de vista da segurança global, é vital acelerar a produção alimentar através da inovação e da biotecnologia.»

Na liderança da inovação agrícola: A Viatus International é uma empresa com sede em Oslo, na Noruega, que faz parte da lista das 100 melhores empresas divulgada pela *Fortune*. Fundada em 1802, a Viatus produz em cerca de 180 países em todo o globo, melhorando a vida e qualidade de vida através da investigação e da inovação. É publicamente negociada na Bolsa de Valores de Nova Iorque sob a designação VI. O nome Viatus deriva do latim *via*, caminho, e *vita*, vida.

9 de outubro, 04h55
Mali, África Ocidental

O som de tiros despertou Jason Gorman de um sono profundo. Precisou de mais uns instantes para se recordar de onde estava. Estivera a sonhar que nadava no lago na casa de férias do pai, na zona mais a norte de Nova Iorque. Mas a rede mosquiteira que cobria a sua cama de campanha e o frio do despontar do dia no deserto trouxeram-no de volta ao presente.

A par dos gritos.

Com o coração a martelar, atirou o fino lençol para trás e precipitou-se pela rede. No interior da pequena tenda da Cruz Vermelha, estava escuro como breu, mas através das paredes de lona um brilho rubro tremulante assinalava um fogo algures no lado leste do campo de refugiados. Mais chamas ganharam vida, dançando pelas quatro paredes da tenda.

Meu Deus...

Embora em pânico, Jason sabia o que se passava. Ele fora informado antes de partir para África. Ao longo do último ano, outros campos de refugiados tinham sido atacados por forças rebeldes tuaregues e saqueados por comida. Com o preço do arroz e do milho triplicado por toda a República do Mali, a capital fora palco de tumultos. A comida era o novo ouro nos distritos setentrionais do país. Três milhões de pessoas enfrentavam a fome.

Fora por isso que viera.

O seu pai patrocinava o projeto agrícola experimental, que ocupava cerca de 240 mil metros quadrados no lado norte do campo, financiado pela Viatus e dirigido por biólogos e geneticistas da Universidade de Cornell. Eles tinham testado campos de milho geneticamente modificado nos solos ressequidos da região. Os primeiros campos tinham sido colhidos na semana anterior, cultivados com apenas um terço da água habitualmente necessária para a irrigação. A informação devia ter chegado aos ouvidos errados.

Jason irrompeu da sua tenda de pés descalços. Ainda vestia os calções de caqui e a camisa larga que usava quando caíra na cama na noite anterior. Na escuridão que antecedia a alvorada, o fogo era a única fonte de iluminação.

Os geradores deviam ter sido destruídos.

Tiros de armas automáticas e gritos ecoavam pelo negrume. Figuras indistintas precipitavam-se e empurravam-se por todo o lado, refugiados correndo em pânico. Mas o fluxo era turbulento, sem destino determinado. Com as detonações das espingardas e o matraquear das armas automáticas vindos de todos os lados, ninguém sabia em que direção fugir.

Jason sabia.

Krista ainda se encontrava no bloco de investigação. Três meses antes, ele conhecera-a nos Estados Unidos durante a reunião estadual informativa. Ela começara a partilhar o casulo protegido de Jason apenas no mês anterior. Na noite passada, ela ficara para trás. Planeava passar toda a noite a terminar alguns ensaios de ADN sobre o milho recentemente colhido.

Ele tinha de chegar até ela.

Investindo contra a maré, Jason encaminhou-se para o lado norte do campo. Conforme receava, o tiroteio e as chamas eram aí mais intensos. Os rebeldes tencionavam saquear a colheita. Desde que ninguém os tentasse impedir, ninguém teria de morrer. Eles que ficassem com o milho. Uma vez na posse deste, desapareceriam na noite tão rapidamente como tinham surgido. De qualquer forma, o milho ia ser destruído. Não se destinava sequer a consumo humano, antes de serem efetuados estudos adicionais.

Virando uma esquina, Jason tropeçou no primeiro corpo, um adolescente,

estendido entre as decrepitas cabanas que passavam ali por casas. O rapaz fora alvejado e espezinhado. Jason rastejou para longe do corpo e pôs-se de pé. Fugiu.

Após outros frenéticos cem metros, alcançou a extremidade norte do campo. Corpos estendiam-se por toda a parte, empilhados uns sobre os outros, homens, mulheres, crianças. Era uma chacina. Alguns corpos haviam sido rasgados ao meio pela descarga das automáticas. Do outro lado da zona de morte, os barracões Quonset de investigação do campo erguiam-se como barcos escuros atolados na savana ocidental africana. Não brilhavam luzes aí — apenas chamas.

Krista...

Jason ficou paralisado no lugar. Queria prosseguir, amaldiçoando a sua cobardia. Mas não se conseguia mexer. Lágrimas de frustração subiram-lhe aos olhos.

Então, um ruído surdo elevou-se atrás dele. Voltou-se e viu um par de helicópteros que voava baixo em direção ao campo sitiado, abarcando o terreno. Deviam ser as forças governamentais da base próxima. A Viatus tinha despendido grandes quantias de dólares americanos para assegurar a proteção adicional do local.

Jason arquejou, horrorizado. Os helicópteros certamente afugentariam os rebeldes. Mais confiante, atravessou o campo. Mesmo assim, manteve-se agachado enquanto corria. Apontou às traseiras do Quonset mais próximo, a menos de noventa metros de distância. As sombras mais profundas dissimulá-l-iam aí e o laboratório de Krista ficava no barracão contíguo. Rezou para que ela se tivesse mantido escondida no interior.

Quando estava prestes a alcançar a parede posterior do Quonset, uma luz viva brilhou atrás dele. Um potente foco de luz saiu do helicóptero dianteiro e varreu o campo de refugiados em baixo. Jason soltou um suspiro sonoro.

Isso deve assustar os rebeldes...

Então, de ambos os lados do helicóptero, explodiu o trepidar de metralhadoras varrendo o campo. O sangue de Jason gelou. Não se tratava de nenhum ataque cirúrgico contra as forças rebeldes invasoras. Aquilo era uma

aniquilação total do campo.

O segundo helicóptero girou para o outro lado do campo, movendo-se em círculo ao longo do seu perímetro. Da sua traseira rolaram barris que explodiram com o impacto no chão, lançando aos céus línguas de chamas. Gritos irromperam mais altos. Jason avistou um homem a fugir para o deserto, nu, mas com a pele ainda em brasa. O bombardeamento estendeu-se na direção de Jason.

Ele voltou-se e correu para lá do primeiro Quonset.

Os campos e celeiros estendiam-se à sua frente, mas não havia lugar seguro. Vultos escuros moviam-se na extremidade distante das filas de milho. Jason teria de arriscar uma corrida final pelo espaço aberto para alcançar o laboratório de investigação de Krista. As janelas estavam às escuras e a única entrada dava para o descampado.

Fez uma pausa para se acalmar. Uma corrida rápida e poderia encontrar-se no interior do barracão. Mas, antes que se pudesse mover, novos jatos de chama irromperam no lado distante do campo. Uma fileira de homens empunhando lança-chamas avançava pelos carreiros de milho, incendiando os campos ainda por colher.

Que diabo se estava a passar?

Ao longe, à direita, a torre solitária do celeiro explodiu num turbilhão de chamas que se ergueu em espiral no céu. Em choque, mas aproveitando a distração, Jason precipitou-se para a porta aberta do barracão e mergulhou no seu interior.

Sob o clarão do fogo, o espaço parecia intocado, quase arrumado. A metade posterior da tenda estava repleta de todo o tipo de equipamento científico usado em investigação genética e biológica: microscópios, centrifugadoras, incubadoras, termocicladores, unidades de eletroforese em gel. À direita, havia pequenos compartimentos com computadores portáteis, equipamento de ligação a satélite e mesmo unidades de bateria de reserva.

Um único computador, ainda alimentado por bateria, cintilava exibindo uma proteção de ecrã. Encontrava-se no compartimento de Krista, mas não havia sinal da namorada.

Jason apressou-se para o compartimento e passou o polegar pela placa de comando. A proteção de ecrã desapareceu, substituída por uma conta de *e-mail* aberta. Era a conta de Krista.

Jason olhou à sua volta.

Krista devia ter fugido, mas para onde?

Rapidamente, Jason acedeu à sua própria conta de *e-mail* e selecionou o endereço do escritório do pai em Capitol Hill. Sustendo a respiração, teclou velozmente enquanto descrevia o ataque em poucas frases lapidares. Caso não sobrevivesse, queria deixar algum registo. Mesmo antes de carregar no botão Enviar, teve uma ideia. Os ficheiros de Krista ainda estavam no ecrã. Arrastou-os, anexou-os à mensagem e carregou em Enviar. Ela não queria que se perdessem.

A transmissão do *e-mail* não foi imediata. Os ficheiros anexados eram grandes e demorariam tempo adicional a carregar. Ele não podia esperar. Jason rezou para que a bateria durasse o suficiente para o *e-mail* ser enviado.

Receoso de esperar mais tempo, Jason correu para a porta. Não tinha meio de saber para onde Krista fugira. Esperou que ela tivesse ido para o deserto circundante. Era o que ele ia fazer. Aí, havia labirintos de ravinas e aluviões secos. Podia esconder-se durante dias se necessário.

Quando se apressava para a saída, uma figura escura surgiu e bloqueou-lhe a passagem. Jason recuou com um arquejo. A figura penetrou na tenda e sussurrou com surpresa.

— Jase?

O alívio percorreu-o.

— Krista...

Correu para ela, os braços abertos para a acolher. Ainda poderiam escapar.

— Oh, Jason, graças aos céus!

O alívio dele igualava o dela — até que ela ergueu uma pistola e disparou três vezes contra o seu peito. Os tiros atingiram-no como socos, derrubando-o para trás. Seguiu-se uma dor ardente, tornando a noite ainda mais escura. À distância, ouviu tiros, explosões e mais gritos.

Krista debruçou-se sobre ele.

— A tua tenda estava vazia. Pensámos que tinhas escapado.

Ele tossiu, incapaz de responder à medida que o sangue lhe enchia a boca.

Aparentemente satisfeita com o silêncio dele, Krista rodou nos calcanhares e dirigiu-se de volta ao pesadelo de fogo e morte. Estacou, a sua silhueta momentaneamente recortada contra os campos em chamas, depois desapareceu na noite.

Jason debatia-se por compreender.

Porquê...?

Enquanto a escuridão o envolvia, não conseguiu encontrar uma resposta à sua pergunta, mas apenas ele ouviu um último som. O portátil no compartimento vizinho tilintou. A sua mensagem fora enviada.

10 de outubro, 07h04
Prince William Forest
Virgínia

Precisava de mais velocidade.

Debruçado sobre o estreito guidador da moto, o comandante Grayson Pierce fazia voar a sua montada por um cotovelo apertado. Inclinou o seu corpo de perto de dois metros no sentido da curva, quase rasgando a rótula enquanto deitava a moto em rotação.

O motor rugiu quando ele acelerou e corrigiu a trajetória. O seu alvo voava cinquenta metros à frente, manobrando uma *Honda* desportiva de menor porte. Gray perseguia-o num modelo mais antiquado, uma *Yamaha V-Max*. Ambas as máquinas estavam equipadas com motores V-4, mas a sua era maior e mais pesada. Se quisesse alcançar o seu alvo, necessitaria de toda a perícia possível.

E talvez de um pouco de sorte.

Tinham chegado a uma curta reta entre as verdes paisagens da Prince William Forest. Uma densa linha de árvores robustas flanqueava a estrada de duas vias. A mistura de orgulhosas faias e álamos criava um agradável caminho cénico, especialmente agora, em outubro, quando as folhas começavam a mudar de cor. Infelizmente, uma tempestade na noite anterior arrastara a maior parte dessas folhas para trechos de lama escorregadia sobre o asfalto.

Gray aumentou a velocidade. A aceleração fê-lo saltar no banco. Com um

mínimo de oscilação, a moto disparou como um foguete pela reta, fazendo esbater a linha de separação central.

Mas o alvo também tirava partido da reta. Até aí, a maior parte da Route 619 fora uma montanha-russa de curvas súbitas, ziguezagues mortíferos e montes ondulantes. A perseguição de uma hora fora brutal, mas Gray não podia deixar escapar o outro condutor.

Quando o alvo abrandou para a curva seguinte, a distância entre eles diminuiu. Gray recusou-se a abrandar. Talvez fosse imprudente, mas ele conhecia as capacidades da sua moto. Depois de a adquirir, tinha pedido a um dos engenheiros de robótica da DARPA — o ramo de investigação e desenvolvimento do Departamento de Defesa — para equipar o motociclo com umas quantas modificações.

Eles deviam-lhe um favor.

A própria equipa de Gray — designada Sigma — funcionava como força de apoio à DARPA. A equipa era constituída por antigos elementos das forças especiais reciclados em diversas disciplinas científicas para atuarem como operacionais no terreno.

Uma das modificações introduzidas era um dispositivo de projeção incorporado no capacete. Ao longo da viseira de proteção, dados tremulavam à esquerda indicando a velocidade, rotações por minuto, mudanças, temperatura do óleo. À direita, um mapa de navegação listava dados prevendo o melhor desempenho do motor na adaptação ao terreno.

Pelo canto do olho, Gray viu o taquímetro deslizar para a zona vermelha. A seta de navegação piscava. Estava a aproximar-se da curva demasiado depressa.

Ignorando os dados, Gray manteve a pressão sobre o acelerador.

A distância entre as duas motos encurtou ainda mais.

Trinta metros separavam-nos quando atingiram a curva.

À frente, o fugitivo inclinou a moto que rugiu ao longo do cotovelo. Segundos depois, Gray alcançou a mesma curva. Procurou ganhar mais um metro colando-se ao ângulo cego da curva, transpondo a linha central amarela. Felizmente, àquela hora da manhã, as estradas que cruzavam aquele espaço

estavam vazias de tráfego.

Infelizmente, o mesmo não se podia dizer da vida selvagem.

Do outro lado da curva, um urso-preto estava acorrido à beira da estrada com uma cria ao seu lado. Ambos os focinhos estavam enterrados num saco do McDonald's. O primeiro motociclo passou velozmente pelo par. O ruído e o aparecimento súbito daquele assustaram a mãe urso, fazendo-a erguer-se, e a cria agiu por puro instinto fugindo — mesmo para o meio da estrada.

Gray não conseguia desviar-se a tempo. Sem alternativa, guinou a moto numa derrapagem crítica. Os pneus fumegaram sobre o asfalto. Quando atingiu a suave terra argilosa da berma oposta, deixou cair a moto e atirou-se para longe. A velocidade adquirida fê-lo deslizar de costas pelas folhas húmidas por uns bons seis metros. Atrás de si, a moto embateu num carvalho com um baque sonoro.

Imobilizando-se num pequeno canal, voltou-se. Pôde ver a mãe urso precipitar-se pelo arvoredo, seguida da cria. Aparentemente, tinham ingerido comida de plástico suficiente por um dia.

Um novo ruído insinuou-se.

O rugir de uma moto a aproximar-se velozmente.

Gray endireitou-se. Ao longe na estrada, o seu alvo tinha dado meia-volta e disparava na sua direção.

Bonito...

Gray soltou as presilhas do queixo e arrancou o capacete.

O outro motociclo dirigiu-se a ele a toda a velocidade e travou a fundo à sua frente, erguendo o pneu dianteiro. O condutor era baixo, mas musculado como um *pit bull*. Quando a moto se imobilizou, o condutor retirou igualmente o capacete, revelando uma cabeça rapada. Olhou Gray com ar carregado.

— Ainda inteiro?

O condutor era Monk Kokkalis, um outro operacional da Sigma e o melhor amigo de Gray. Os traços duros do homem estavam cinzelados numa expressão de preocupação e cuidado.

— Estou bem. Não esperava um urso na estrada.

— Quem ia esperar? — Monk exibiu um largo sorriso, enquanto colocava com a bota o descanso no lugar e descia da moto. — Mas não penses em esquivar-te da aposta. Não definiste regras contra obstáculos naturais. O jantar é por tua conta depois da conferência. Lombo de vaca e a cerveja mais escura que tiverem na *steakhouse* junto ao lago.

— Tudo bem. Mas quero a desforra. Tu tiveste uma vantagem injusta.

— Vantagem? Eu? — Monk descalçou uma das luvas para exibir a sua mão protética. — Falta-me uma mão. A par de uma porção considerável de memória de longo prazo. *E* estive retirado durante um ano. Rica vantagem!

Contudo, o sorriso não vacilou enquanto Monk estendia a sua prótese de engenharia DARPA. Gray aceitou a mão, sentindo o plástico frio apertar-se firmemente à sua volta. Aqueles mesmos dedos podiam esmagar nozes.

Monk puxou-o.

Enquanto Gray sacudia as folhas húmidas do seu fato de *Kevlar*, o telemóvel soou no bolso do peito. Tirou-o e verificou a identificação da chamada. O seu maxilar retesou-se.

— É do quartel-general — disse a Monk, e levou o aparelho ao ouvido. — Aqui, comandante Pierce.

— Pierce? Já não era sem tempo. Liguei-te quatro vezes na última hora. E posso saber o que estás a fazer no meio de uma floresta na Virgínia? — Era o chefe de Gray, Painter Crowe, diretor da Sigma.

Debatendo-se para encontrar uma explicação adequada, Gray olhou para a sua moto. O GPS do motociclo devia ter traído a sua localização. Gray tentou explicar, mas não achou uma desculpa apropriada. Ele e Monk tinham sido enviados de Washington para Quantico para assistir a um simpósio sobre bioterrorismo. Aquele era o segundo dia e Gray e Monk tinham decidido faltar às palestras da manhã.

— Deixa-me adivinhar — prosseguiu Painter. — A fazer um passeio clandestino.

— Senhor...

A aspereza na voz do diretor suavizou-se.

— E então isso ajudou Monk?

Como sempre, Painter presumira a verdade. O diretor tinha uma estranha capacidade de avaliar as situações. Mesmo aquela.

Gray olhou o amigo. Monk estava de braços cruzados sobre o peito, o rosto preocupado. Tinha sido um ano difícil para ele. Fora brutalizado numa unidade de investigação inimiga, onde parte do seu cérebro fora extirpada, destruindo-lhe a memória. Embora tivesse recuperado a memória restante, permaneciam lacunas, e Gray sabia que isso ainda o atormentava.

Nos últimos dois meses, Monk estivera a readaptar-se gradualmente às suas funções na Sigma, embora restritas. Desempenhava serviço de secretaria e assumia missões menores dentro do território dos Estados Unidos. Estava limitado à recolha de informação e à avaliação de dados, geralmente ao lado da mulher, a capitã Kat Bryant, que também desempenhava funções na sede da Sigma e possuía experiência nos serviços de informação da Marinha.

Gray sabia que Monk estava a dar tudo por tudo para ter de volta a vida que lhe fora roubada. Todos o tratavam como se fosse uma peça de porcelana frágil e ele começava a irritar-se com todos esses olhares de simpatia e palavras de encorajamento sussurradas.

Por isso, Gray sugerira aquela corrida de corta-mato pelo parque que ladeava a Reserva da Marinha de Quantico. Esta oferecia uma oportunidade de libertar alguma tensão, sujar a cara e correr algum risco.

Gray cobriu o telefone com a mão e murmurou para Monk.

— Painter está chateado.

O rosto do amigo abriu-se num amplo sorriso.

Gray levou de novo o telemóvel ao ouvido.

— Eu ouvi — disse o chefe. — E se já acabaram de se divertir preciso de ambos de volta ao Comando da Sigma esta tarde. Os dois.

— Sim, senhor. Mas posso saber do que se trata?

Fez-se uma longa pausa, como se o diretor estivesse a pesar o que dizer. Quando falou, as suas palavras foram cuidadosas.

— Trata-se do anterior proprietário desse teu motociclo.

Gray fitou a mota estampada. *O anterior proprietário?* Retrocedeu até uma noite há dois anos, recordando o rugir de uma mota por uma estrada suburbana, circulando de luzes apagadas e carregando um condutor mortífero, uma assassina de lealdades dúbias.

Gray engoliu para recuperar a voz.

— O que se passa com ela?

— Conto-te quando voltares.

13h00

Washington, D.C.

Horas mais tarde, Gray tinha tomado duche e vestido calças de ganga e uma camisola grossa. Estava sentado na sala de vigilância por satélite do quartel-general da Sigma. Partilhava o espaço com Painter e Monk. O ecrã exibia um mapa digital. Mostrava uma linha sinuosa desde a Tailândia à Itália.

O percurso da assassina terminava em Veneza.

A Sigma estava a segui-la há mais de um ano. A sua localização era marcada por um pequeno triângulo vermelho no monitor. Brilhava no meio de um mapa de satélite de Veneza. Edifícios, ruas tortuosas e canais ondeantes eram representados numa escala de cinzentos com pormenores rigorosos, até às minúsculas gôndolas imobilizadas no lugar, capturando um momento no tempo. Esse tempo era indicado no canto do monitor, a par da longitude e latitude aproximadas da localização da assassina:

10:52:45 TGM OUT 9

LAT 41°52'56.97"N

LONG 12°29'5.19"E

— Há quanto tempo está ela em Veneza? — perguntou Gray.

— Há cerca de um mês.

Painter passou uma mão cansada pelo cabelo e semicerrou os olhos com desconfiança. Parecia exausto. Tinha sido um ano difícil para o diretor. Pálido por passar grande parte do dia em gabinetes e reuniões, a herança mista de nativo americano de Painter era apenas evidente nos ângulos graníticos do seu rosto e numa madeixa branca do seu cabelo negro, como uma pena nívea mesclada.

Gray estudava o mapa.

— Sabemos onde é que ela se encontra?

Painter abanou a cabeça.

— Algures na área de Santa Croce. Trata-se de um dos bairros mais antigos de Veneza, não muito turístico. Um labirinto de pontes, becos e canais. Um lugar bom para se esconder.

Monk estava sentado atrás dos outros dois, ajustando a articulação da sua mão protética.

— Mas porque é que Seichan escolheu essa cidade entre todos os lugares do mundo para se enfurnar?

Gray fitou o canto do monitor. Exibia uma foto da assassina, uma mulher próxima dos trinta. As suas feições eram uma amálgama de ascendência vietnamita e europeia, possivelmente francesa pela pele cor de bronze, constituição esguia e lábios cheios. Quando Gray a encontrara pela primeira vez três anos antes, ela quase o matara, atingindo-o em cheio no peito. Ainda agora, ele imaginava-a naquele mesmo fato completo negro de gola subida, recordando como aderira à sua forma ágil, insinuando simultaneamente a solidez e suavidade sob ele.

Gray recordou igualmente a sua última associação. Ela fora capturada e mantida prisioneira pelos militares norte-americanos, gravemente ferida e a recuperar de uma cirurgia abdominal. Na altura, Gray ajudara-a a escapar da prisão, retribuindo uma dívida contraída depois de ela lhe ter salvado a vida — mas a liberdade não fora ganha sem um preço.

Durante a cirurgia, o chefe de Gray implantara secretamente um detetor polimérico passivo no seu abdómen. Era uma condição da libertação, uma

garantia adicional para poderem monitorizar a sua localização e movimentos. Ela era demasiado importante para ser largada, estava intimamente ligada a uma sombria rede terrorista conhecida como a Guilda. Ninguém sabia nada sobre os verdadeiros líderes dessa organização — apenas que estava bem entrincheirada e que tinha ramificações e raízes a nível global.

Seichan alegara ser uma agente dupla, com a missão de se infiltrar na Guilda e descobrir quem dirigia verdadeiramente as operações. Contudo, não apresentara provas além da sua palavra. Gray simulara deixá-la escapar, ao mesmo tempo que mantinha silêncio sobre o detetor implantado. O dispositivo oferecia aos serviços de informação norte-americanos uma oportunidade de descobrir algo mais sobre a Guilda.

Mas Gray suspeitava que a sua decisão de desaparecer do mapa em Veneza nada tinha a ver com a Guilda. Sentiu o olhar de Painter sobre si, como que esperando uma resposta. O rosto do chefe permanecia impassível, estoico, mas um cintilar nos seus olhos de um azul gelado sugeriam tratar-se de um teste.

— Ela está de volta à cena do crime — disse Gray, endireitando-se.

— O quê? — indagou Monk.

Gray indicou com a cabeça o mapa sobreposto.

— A área de Santa Croce alberga igualmente algumas das secções mais antigas da Universidade de Veneza. Há dois anos, ela assassinou um curador de museu nessa cidade, alguém ligado à mesma universidade. Matou-o a sangue-frio. Ela disse que fora necessário para proteger a família do homem. A mulher e a filha.

Painter confirmou.

— A criança e a mãe vivem de facto na área. Temos operacionais no terreno a tentar determinar a localização dela. Mas o detetor é passivo. Não podemos reduzir a localização a menos de cinco quilómetros quadrados. Caso ela apareça, temos efetivamente a família do curador sob vigilância. Com tantos olhos à espreita, ela deve estar a usar da máxima discrição, possivelmente sob disfarce.

Gray recordou a tensão no rosto de Seichan quando tentara justificar o assassinio a sangue-frio do curador do museu. Talvez a *culpa* e não a Guilda a

tivessem arrastado de volta a Veneza. Mas com que fim? E se ele estivesse errado? E se aquilo fosse tudo um artifício astucioso? Seichan era uma estratégia excelente, senão brilhante.

Estudou o ecrã.

Algo não batia certo.

— Porque me está a mostrar isto neste momento? — indagou Gray. A Sigma seguia Seichan há mais de um ano, então qual a súbita urgência para o convocar ao comando central?

— Foi filtrada informação da NSA, que passou pela nova direção da DARPA até nós. Sem dados consistentes obtidos com a libertação de Seichan neste ano que decorreu, o poder estabelecido perdeu a paciência em relação à operação e ordenou a sua captura imediata. Ela deve ser levada para um centro de interrogatório para operacionais clandestinos na Bósnia.

— Mas isso é loucura. Ela nunca falará. A nossa melhor possibilidade de descobrir algo de concreto sobre a Guilda é através desta operação.

— Concordo. Infelizmente, somos os únicos que mantêm essa posição. Agora, se Sean ainda estivesse a liderar a DARPA...

As palavras de Painter perderam-se num lugar de dor. O doutor Sean McKnight fora o fundador da Sigma e o diretor da DARPA naquela altura. No ano anterior, ele fora morto durante um assalto ao Comando da Sigma. O novo diretor da DARPA, o general Gregory Metcalf, ainda era recente na posição, ainda a braços com os efeitos negativos subsequentes ao assalto. Ele e Painter colidiam desde então. Gray suspeitava que só o apoio do presidente a Painter Crowe impedira o diretor de ser destituído. Mas até mesmo esse apoio tinha os seus limites.

— Metcalf recusa perturbar as águas entre as várias agências de informação secreta e pôs-se ao lado da NSA neste caso.

— Então propõem-se capturá-la.

Painter encolheu os ombros.

— Se conseguirem. Mas não fazem ideia de com quem estão a lidar.

— Eu encontro-me entre missões. Podia ir até lá. Oferecer a minha ajuda.

— Ajuda para quê? Para a encontrar ou para a ajudar a fugir?

Gray permaneceu em silêncio, os seus sentimentos confusos. Finalmente, falou com firmeza.

— Farei o que me for pedido — disse, fitando Painter de modo contundente.

O diretor abanou a cabeça.

— Se Seichan te vir ou suspeitar sequer que estás em Veneza, saberá que estás a ser seguida. E perderemos toda a vantagem.

Gray franziu o sobrolho, sabendo que o diretor tinha razão.

O telefone tocou e Painter pegou no auscultador. Gray acolheu com alívio a distração momentânea, enquanto procurava clarificar os seus pensamentos.

— O que se passa, Brant? — perguntou Painter. À medida que o diretor escutava a resposta do seu assistente, o vinco entre os seus olhos acentuou-se. — Passa a chamada.

Passado um instante, Painter estendeu o auscultador a Gray.

— É a tenente Rachel Verona a ligar de Roma.

Gray não conseguiu esconder a surpresa enquanto aceitava o auscultador e o colocava no ouvido. Afastou-se ligeiramente dos outros dois homens.

— Rachel?

De imediato, ouviu as lágrimas na sua voz. Não havia soluçar, mas a sua fluência habitualmente viva surgia entrecortada, suspensa entre palavras.

— Gray... preciso da tua ajuda.

— Toda a que precisares. O que se passa?

Não falava com ela há meses. Durante mais de um ano, envolvera-se emocionalmente com a tenente de cabelos negros, falando mesmo em casamento, mas no final acabara por não resultar. Ela estava demasiado ligada ao seu trabalho nos *carabinieri* italianos. De igual modo, Gray tinha profundas raízes profissionais e pessoais nos Estados Unidos. A distância revelou-se excessiva.

— É o meu tio Vigor — disse ela. As palavras precipitavam-se como que arrojando-se à frente de uma torrente de lágrimas. — A noite passada. Houve uma explosão na Basílica de São Pedro. Ele está em coma.

— Meu Deus, o que aconteceu?

Rachel prosseguiu apressadamente.

— Um outro sacerdote foi morto, um dos seus antigos alunos. Suspeitam de terrorismo. Mas eu não acredito... eles não me deixam... não sabia a quem mais recorrer.

— Tudo bem. Posso estar aí no próximo voo. — Gray olhou para Painter. O chefe anuiu sem necessitar de explicação.

Monsenhor Vigor Verona auxiliara a Sigma em duas operações anteriores. Os seus conhecimentos de arqueologia e de história antiga tinham-se revelado vitais, a par das suas estreitas ligações no seio da Igreja Católica. Eles tinham para com o monsenhor uma dívida imensa.

— Obrigada, Gray. — Ela pareceu desde logo mais calma. — Vou enviar-te o ficheiro de investigação. Mas há pormenores que foram mantidos à margem do relatório. Informo-te assim que chegares.

À medida que ela falava, a atenção de Gray recaiu sobre o monitor do computador, especificamente sobre a cintilante marca vermelha no centro de Veneza. A imagem de Seichan fitava-o de volta no canto do ecrã, a expressão fria e agastada. A assassina tinha igualmente uma história passada ligada a Rachel e ao tio.

E agora estava de volta a Itália.

Um mau presságio percorreu-o.

Algo não batia certo em toda aquela situação. Ele pressentia uma tempestade a formar-se ali, mas não sabia em que sentido sopravam os ventos. Só sabia uma coisa com toda a certeza.

— Estarei aí o mais rapidamente que puder — prometeu a Rachel.

10 de outubro, 19h28

Roma, Itália

Quando a tenente Rachel Verona saiu do hospital para o crepúsculo sombrio do centro de Roma, inspirou uma lufada profunda do tonificante ar outonal, aliviando um pouco a sua ansiedade. A intensidade do desinfetante dissimulara insuficientemente o cheiro dos corpos debilitados nas camas. Os hospitais tinham sempre um odor terrível.

Pela primeira vez em anos, desejou um cigarro, alguma coisa para libertar a sensação de apreensão que se formara no seu íntimo em cada hora passada com o tio em coma. Ele estava ligado a tubos de alimentação intravenosa; elétrodos conduziam a máquinas que monitorizavam os seus sinais vitais; um respirador movia-lhe o peito para cima e para baixo. Parecia uma década mais velho, os seus olhos escurecidos e feridos, a cabeça rapada e enfaixada. Os médicos tinham explicado: hemorragia subdural com uma pequena fratura craniana. Estavam a monitorizar de perto a pressão intracraniana. A ressonância magnética não mostrara lesão cerebral, mas ele permanecia inconsciente, o que preocupava os médicos. De acordo com o relatório clínico e policial, Vigor chegara ao hospital num estado de semidelírio. Antes de mergulhar no coma, repetia incessante e freneticamente uma palavra.

Morte.

Mas o que significava? Saberia Vigor o que acontecera ao outro sacerdote?

Ou era apenas delírio?

Não era possível perguntar-lho. Ele permanecia sem reação.

Contudo, ela atormentava-se. Tinha segurado a mão dele durante praticamente todo o dia, apertando-a ocasionalmente, esperando algum sinal de recuperação. Mas os dedos dele permaneciam inertes, a pele fria, como se algo de vital tivesse escapado do seu corpo, deixando apenas aquele invólucro para trás.

O que torturava especialmente Rachel era que não podia ajudar o tio. Vigor praticamente criara-a e ele era a única verdadeira família que ela tinha. Assim, ficara com ele todo o dia, apenas deixando a vigília para fazer a ligação para os Estados Unidos.

Gray estaria ali de manhã.

Era a única boa notícia nas últimas vinte e quatro horas. Embora não pudesse ajudar Vigor medicamente, podia usar os seus recursos para descobrir a verdade por detrás do ataque.

De momento, a investigação da explosão na Basílica de São Pedro tinha-se tornado um atoleiro envolvendo várias agências, desde os serviços de informação italianos até à Interpol e Europol. Todos pareciam ter chegado ao consenso de que se tratara de um ataque terrorista. Essa avaliação derivava essencialmente da mutilação *post mortem* do corpo do sacerdote morto. Uma estranha marca fora gravada a fogo na sua fronte.

Alguém deixara definitivamente uma mensagem. Mas que mensagem era aquela e a quem se destinava? Até ao momento, nenhum grupo reivindicara a sua autoria.

Rachel sabia que a maneira mais rápida de descobrir a verdade era fazer a sua própria investigação, algo com um objetivo mais restrito, mais cirúrgico do que o presente caos gerado pelas várias agências.

Assim, ligara a Gray. Embora tal pedido de ajuda fosse embaraçoso a nível pessoal, ela reconhecia que precisava dos recursos globais da Sigma se quisesse chegar à verdade. Reconhecia igualmente que não o podia fazer sozinha. Precisava de alguém em quem pudesse confiar totalmente. Precisava de Gray.

Mas fora o pedido mais do que meramente profissional?

Afastou este último pensamento enquanto atravessava o edifício de estacionamento do hospital. Ao chegar ao seu pequeno *Mini Cooper* azul, entrou e partiu por Roma. Deixou a capota descida e a brisa refrescante ajudou-a a desanuviar, até que um compacto autocarro turístico se lhe adiantou selvaticamente, vomitando fumo.

Rachel saiu da via principal e serpenteou por ruas secundárias ladeadas de lojas, cafés e restaurantes. Planeava dirigir-se ao seu apartamento para descansar e ordenar os pensamentos para o dia seguinte, mas em vez disso o percurso desenrolava-se com vontade própria na direção do Tibre. Após algumas curvas, a reluzente cúpula de São Pedro surgiu à vista na margem distante.

Prosseguiu, deixando que o tráfego a levasse para o seu destino. Toda a Cidade do Vaticano fora encerrada ao público desde a explosão. Até mesmo o papa fora transferido por razões de segurança para a residência de verão em Castel Gandolfo. Mas tudo isso falhara em deter o fluxo de turistas e mirones. Mais que não fosse, a curiosidade engrossara a afluência.

Devido ao congestionamento, Rachel demorou mais de meia hora a arranjar um lugar para estacionar. Quando alcançou a barreira policial que encerrava a famosa praça, a noite instalara-se. A Praça de São Pedro estava habitualmente repleta de devotos, mas naquele momento encontrava-se quase deserta. Apenas uns poucos homens uniformizados patrulhavam as colunas e a *piazza*. Um deles postava-se aos pés do obelisco egípcio que se erguia no centro do lugar. Todos empunhavam espingardas ao ombro.

Rachel mostrou as suas credenciais junto à barreira.

O agente da polícia franziu o sobrolho. Era de meia-idade, barriga saliente e pernas ligeiramente arqueadas. A polícia municipal e os *carabinieri* militarizados nem sempre mantinham as melhores relações.

— Porque está aqui? — indagou bruscamente. — Qual é o interesse dos Carabinieri Tutela del Patrimonio Culturale neste ataque?

Era uma pergunta justa. A sua agência investigava o furto de obras de arte e a comercialização clandestina de antiguidades. Nada tinha a ver com o terrorismo

nacional. Ela não fora autorizada a estar ali. Com efeito, devido à sua ligação com uma das vítimas, fora especificamente avisada para manter a distância.

Mas ela tinha de ver por si própria a cena do crime.

Rachel aclarou a garganta e apontou para a frente.

— Venho catalogar e documentar o local da explosão, para verificar se nenhuma obra de arte foi furtada na sequência da deflagração.

— Ah, trabalho de secretaria. — A sua voz encrespou-se de desdém. Acrescentou em voz baixa: — Não admira que enviassem uma mulher.

Rachel recusou-se a morder o isco. Recuperou as suas credenciais.

— Se já terminou, é tarde e tenho muito que fazer.

Ele encolheu os ombros e desviou-se, mas muito ligeiramente. Ela teve de o roçar para passar. Ele arqueou o corpo contra ela, comprimindo-a, tentando intimidá-la com a sua corpulência e estatura. Rachel conhecia o jogo. Numa organização que era em grande parte uma fraternidade masculina, ela era tratada como uma ameaça ou como alguém a dominar.

A cólera tomou-a, deflagrando momentaneamente entre a ansiedade e a preocupação. Abriu caminho pelo bruto, mas não antes de se certificar de que o seu calcanhar encontrava o peito do pé do homem. Enterrou-o com força ao passar por ele.

Ele ganiu de surpresa e saltou para trás.

— *Scusi* — desculpou-se ela friamente e prosseguiu em direção à praça sem olhar para trás.

— *Zoccola!* — praguejou ele.

Ela ignorou-o e atravessou a *piazza* vazia. De ambos os lados, os braços envolventes das colunatas de Bernini rodeavam-na. Acelerou o passo quando passou o obelisco e as fontes e avançou em direção às portas principais da basílica. Lá no alto, a imensidão da cúpula de Miguel Ângelo cintilava contra o céu noturno.

Passando entre as estátuas gigantescas de São Pedro e São Paulo que montavam guarda diante da basílica, olhou para a inscrição sob o apóstolo Paulo que empunhava uma espada. Dizia em hebraico, *Tudo posso n'Aquele que me*

fortalece. Ela não sabia ler hebraico, mas o seu tio Vigor ensinara-lhe as palavras quando era menina. Retirou forças da mensagem e da memória do tio.

Com renovada determinação, subiu os degraus até à entrada do templo. Encontrou as portas destrancadas. Transpondo o pórtico da igreja, penetrou na nave cavernosa da basílica. Esta estendia-se quase duas centenas de metros à sua frente. A igreja estava escura, à exceção de uma série de tremulantes velas votivas. Na extremidade distante da nave, o altar papal cintilava sob o brilho de lâmpadas de sódio portáteis. Mesmo dali, Rachel conseguiu distinguir as fitas de demarcação do crime.

A explosão tivera lugar na abside, a zona por detrás do altar principal. Seguiu pela álea central, ignorando a riqueza da arte, arquitetura e história ao seu redor. A sua atenção estava focada no objetivo.

Chegando ao altar-mor, aproximou-se da cena do crime. Àquela hora, a área estava deserta. Nos últimos dois dias, investigadores e peritos tinham percorrido o local com os seus sacos de provas, pincéis, escovas, tubos e frascos de químicos. Já se sabia que a carga explosiva fora uma forma condensada de heptanitrocubano, uma nova classe de explosivos.

Um estremecimento percorreu Rachel quando fitou o mármore causticado em baixo. Era o único sinal que restava do ataque. Até mesmo o sangue fora removido. Mas o chão ainda estava marcado com fita, exibindo padrões de projeção e estimando trajetórias de impacto da deflagração. No lado mais distante da abside, um contorno a giz assinalava o local onde aterrara o corpo do padre Marco Giovanni. Ele fora encontrado aos pés do Altar da Cadeira de São Pedro, sob a janela de alabastro que exibia a pomba do Espírito Santo.

Rachel lera o relatório sobre o jovem sacerdote. Ele fora aluno do tio, um arqueólogo membro do Vaticano. Segundo o ficheiro, passara a última década na Irlanda, investigando as raízes da Cristandade Céltica, estudando a fusão inicial entre os rituais pagãos e a fé católica. Concentrara-se especificamente no mito que envolvia a Madona Negra, uma figura frequentemente tipificada como a fusão entre a Mãe Terra e a Virgem Maria.

Porque teria o arqueólogo sido visado? Ou seria casual? Estariam o tio e o

seu aluno simplesmente no lugar errado à hora errada?

Nada fazia sentido.

Rachel engoliu em seco e virou-se. Tinham encontrado o seu tio prostrado junto ao altar papal, projetado pela onda da detonação, à beira da inconsciência.

Não querendo contaminar a cena do crime, Rachel contornou o exterior da área selada a fita. Subiu os dois degraus do lado esquerdo da abside. Havia pouco espaço. Deslocou-se ao longo do monumento ao papa Paulo III, com as suas estátuas das virtudes, a Justiça e a Prudência, esculpidas à imagem da irmã e mãe do falecido papa.

Os seus pés abrandaram.

O que estou aqui a fazer?

Rachel ganhou subitamente consciência da quietude sepulcral da basílica, do peso de décadas e da morte, da quantidade de túmulos em redor e sob ela. Não ajudava que do outro lado da abside, na extremidade mais distante da cena do crime, se erguesse o túmulo do Papa Urbano VIII. Uma estátua de bronze do papa encimava o monumento, a sua mão erguida numa bênção. Mas sob os pés jazia a sua tumba e erguendo-se desta um esqueleto de bronze. Uma mão esquelética erguida imobilizava-se a escrever o nome do papa falecido num rolo de pergaminho aberto.

Rachel estremeceu perante a visão.

Habitualmente, não era tão supersticiosa, mas com o tio Vigor tão perto da morte... E se o tivesse perdido...?

Quis desviar-se, mas viu o seu olhar demorar-se sobre a macabra estátua, o símbolo da morte. Então lembrou-se. Uma torrente fria percorreu-a, arrepiando-lhe a pele.

Morte.

Ela murmurou a única palavra que Vigor repetira incessantemente no seu delírio. «*Morte.*»

Estudou a estátua de bronze debruçada sobre a tumba. E se Vigor lhes estivesse a tentar dizer algo, algo que ele sabia?

Rachel apressou-se a contornar de novo a cena do crime até ao outro lado da

abside. Ergueu-se nas pontas dos pés para espreitar mais de perto a estátua, mas, embora a examinasse atentamente, quase lhe passou despercebido. O fio pardo de couro era do mesmo tom do bronze envelhecido.

Calçou um par de luvas de látex e trepou sobre o rebordo do túmulo para lhe chegar. Agarrando o fio, soltou a pequena bolsa meio escondida por detrás da palma esquelética da Cruel Ceifeira. Voltou a descer com o seu prémio. Teria a sua descoberta alguma importância? Ou seria simplesmente um artigo decorativo deixado por um suplicante ou turista?

Reparou numa marca gravada a fogo no couro. Não lhe dizia nada. Era uma espiral grosseira, como um amuleto mágico.



Desapontada, virou a pequena bolsa de cabedal. Susteve a respiração quando viu o que estava gravado no couro desse lado.

Um círculo com uma cruz.



Ela já vira aquela marca antes.

No relatório forense sobre o corpo do padre Marco Giovanni.

O mesmo símbolo fora marcado a ferro na fronte do sacerdote morto. Tinha de ser importante, mas o que significava?

Rachel sabia de um lugar onde procurar uma resposta. Abriu mais a bolsa e despejou o conteúdo na sua palma. Semicerrou os olhos face ao único objeto. Parecia um pequeno ramo queimado. Levantou-o para mais perto — e de imediato percebeu o erro.

O ramo tinha uma unha.

Horrorizada, quase o deixou cair.

O que ela segurava não era um ramo.

Era um *dedo humano*.

14h55

Washington, D.C.

Painter estava sentado à secretária do seu gabinete sem janelas e rolava um frasco de aspirinas entre as palmas das mãos. Uma dor vaga radicara-se-lhe entre os globos oculares, pressagiando uma séria enxaqueca. Agitou o frasco e desejou algo de mais forte, talvez algo empurrado por uma boa dose de *whisky* de malte.

Contudo, trocaria tudo isso por uma massagem ao pescoço feita pela namorada. Infelizmente, Lisa estava na Costa Oeste a visitar o irmão alpinista em Yosemite. Só voltaria daí a uma semana. Por sua conta, teria de se contentar com o conforto do *Bayer Extra Forte*.

Durante a última hora, estivera a analisar dados e relatórios, a maioria dos quais ainda em exibição nos gigantescos monitores LCD de parede que rodeavam a sua secretária. Enquanto fitava um dos ecrãs, desejou pela milésima vez que o seu gabinete tivesse uma verdadeira janela. Talvez fosse aquela parte dele meio índia Mashantucket, mas precisava de alguma ligação com céus azuis, árvores e os ritmos simples de uma vida normal.

Mas tal nunca iria acontecer.

O seu gabinete, a par do resto do Comando da Sigma, estava enterrado sob o Smithsonian Castle no National Mall. As instalações secretas ocupavam os antigos abrigos antiaéreos do castelo da Segunda Guerra Mundial. A localização fora escolhida pelo conveniente acesso aos órgãos do poder e pela proximidade das várias instalações de investigação do Smithsonian Institution.

Naquele momento, Painter trocava tudo isso por uma janela. Contudo, aquela fora a sua casa nos últimos anos e sentia-se muito protetor em relação àquele lugar. Depois do ataque do ano anterior, a Sigma estava ainda em recuperação. Os danos tinham sido bastante mais profundos do que as paredes causticadas e o equipamento destruído. A esfera política de Washington era uma complicada rede de poder, ambição e terríveis inimigos. Era um mundo onde os fracos eram destruídos pelos fortes. E, justa ou injustamente, o ataque prejudicava a posição da Sigma entre as forças de informação norte-americanas.

Para tornar as coisas ainda piores, Painter suspeitava que os verdadeiros orquestradores do ataque ainda se encontravam a monte. O homem que liderara o ataque, um chefe de divisão da Defense Intelligence Agency, tinha sido afastado por traição, mas Painter não estava muito seguro. O sucesso do ataque implicava que alguém o teria apoiado, alguém ainda mais enraizado na rede política de Washington.

Mas quem?

Painter abanou a cabeça e fitou o relógio. Tais questões teriam de esperar. Dentro de poucos minutos, estaria a caminho de um novo temporal. Ainda não estava preparado para medir forças de novo, mas não tinha escolha. Já tivera uma discussão acalorada há duas horas com Gray Pierce. Gray queria levar Monk Kokkalis com ele para Itália, mas Painter não estava convencido de que Monk estivesse preparado para uma operação. Os serviços clínicos e psicológicos ainda não tinham emitido um relatório de saúde inequívoco.

Além disso, as informações que chegavam de Roma eram imprecisas. Painter ainda não tinha decidido quais os operacionais da Sigma mais adequados para a missão ou qual a disciplina científica que melhor complementaria a perícia de Gray em biofísica. A especialidade de Monk Kokkalis era medicina forense e até

ao momento tais aptidões não pareciam necessárias. Ao reconhecê-lo, Gray aquiescera finalmente, mas Painter não o enviara sozinho. Até se obterem informações adicionais, tudo o que Gray necessitava era de alguns músculos.

E foi o que teve.

Enquanto Painter ponderava tomar outra aspirina, o intercomunicador soou na sua mesa. Seguiu-se a voz de Brant.

— Diretor, tenho o general Metcalf em espera.

Painter estava a aguardar a chamada de teleconferência. Ele lera o *e-mail* confidencial do diretor da DARPA. Com um suspiro profundo, estabeleceu a ligação e rodou a cadeira para enfrentar o monitor de parede atrás de si.

O ecrã preto ganhou cor. O general estava sentado atrás de uma secretária. Gregory Metcalf era afro-americano, licenciado em West Point e, embora nos seus cinquenta e muitos, permanecia tão vigoroso e sólido como quando fora *linebacker* na equipa de futebol americano de West Point. Os únicos sinais da idade eram o cabelo grisalho e um par de óculos de leitura na mão direita. Depois de Metcalf ter sido designado diretor da DARPA, Painter rapidamente aprendeu a não subestimar a inteligência do homem.

Mas permanecia uma certa cautela entre os dois.

O general inclinou-se para a frente e, sem quaisquer preâmbulos, perguntou:

— Leu o relatório que lhe enviei sobre o conflito em África?

Adiante com a simples cortesia.

Painter gesticulou na direção de um dos monitores de parede.

— Li, além de consultar o relatório da NATO sobre o ataque ao campo da Cruz Vermelha. E fiz também alguma investigação sobre a empresa que dirige a exploração de testes agrícolas.

— Muito bem. Assim não terei de o pôr a par para acelerar os pormenores.

Painter acusou a condescendência.

— Mas ainda não compreendo o que tem a ver com a Sigma.

— Isso é porque ainda não lho disse, diretor.

A dor entre os olhos de Painter agudizou-se.

O general premiu o teclado à sua frente. O ecrã de parede dividiu-se para

exibir uma imagem fixa ao lado do general. A imagem mostrava um jovem caucasiano, apenas de calções e suspenso de uma cruz de madeira no meio de um campo carbonizado e fumegante. A imagem era menos a de uma crucificação do que a de um macabro espantalho. Como pano de fundo, Painter viu a savana africana ressequida.

— O nome do jovem é Jason Gorman — disse Metcalf, friamente.

As sobrancelhas de Painter franziram-se.

— Gorman. Como o senador Gorman?

O nome do senador surgira durante a pesquisa de Painter sobre a Viatus Corporation. Sebastian Gorman era o líder da Comissão do Senado para a Agricultura, Nutrição e Silvicultura. Era um poderoso defensor do desenvolvimento de alimentos geneticamente modificados como meio de fazer face à fome no mundo e de desenvolver novos recursos de biocombustíveis.

O general aclarou a garganta, chamando de volta a atenção de um Painter estupefacto.

— É o filho de vinte e três anos do senador Gorman. O jovem possuía um mestrado em biologia molecular vegetal e estava a preparar o doutoramento, mas foi para o Mali, em grande parte para servir de olhos e ouvidos ao senador em relação ao projeto aí desenvolvido.

Painter começava a compreender porque aquela crise atingira os níveis que atingira em Washington. O poderoso senador, certamente perturbado e querendo obter respostas sobre a morte do filho, devia estar a agitar todo o Capitol Hill. Mas, mesmo assim, Painter não compreendia o papel da Sigma no caso. Segundo o relatório da NATO, o ataque fora perpetrado por rebeldes tuaregues, uma força brutal constantemente a atormentar aquela república da África Ocidental.

Metcalf prosseguiu:

— O senador Gorman recebeu uma mensagem de *e-mail* do filho na manhã do ataque. Descrevia o ataque em poucas frases lapidares. Pela descrição dos helicópteros e dos bombardeamentos de napalm, pudemos ver que o ataque foi militarizado e de larga escala em força e amplitude.

Painter endireitou-se no lugar.

— Anexados ao mesmo *e-mail* estava um conjunto de ficheiros de investigação. O senador não compreendeu por que razão tinham sido enviados, nem conseguiu decifrar o seu conteúdo científico. Sem saber o que fazer, enviou-os ao professor de doutoramento do filho na Universidade de Princeton, o doutor Henry Malloy.

— Gostaria de ver esses ficheiros — disse Painter, começando a entender porque a Sigma fora chamada a intervir. O estranho ataque, a investigação críptica, tudo se enquadrava no campo de ação da Sigma. A mente de Painter começava já a traçar a logística e um plano de ação. — Consigo ter alguém no campo do Mali dentro de vinte e quatro horas.

— Não. O seu papel neste assunto será limitado. — A voz de Metcalf carregou-se de ameaças implícitas. — Este embaraço já está a tornar-se um atoleiro político. O senador Gorman desencadeou uma caça às bruxas, procurando desesperadamente a quem culpar.

— General... — começou Painter.

— E a Sigma já se encontra em terreno frágil. Um passo em falso e ninguém será capaz de juntar os cacos.

Painter conteve uma reação mais veemente, deixando passar a falta de confiança implícita no seu grupo. Tinha de escolher as lutas a travar com aquele homem. E esta não era uma delas.

— Então que papel prevê para a Sigma?

— Reunir informação sobre estes ficheiros e determinar se justificam uma investigação adicional. E o primeiro ponto por onde começar é o doutor Malloy. Quero que o entrevistem e que os ficheiros sejam revistos.

— Posso enviar uma equipa esta tarde.

— Ótimo. Mas há mais uma coisa. Uma coisa de que gostava que se ocupasse pessoalmente.

— De que se trata?

— Há uma informação que foi mantida sigilosa até ao momento. Quero que trate do assunto. — O general premiu o teclado e a imagem amplificou-se

focando o rosto de Jason Gorman. — Quem enforcou o rapaz, mutilou o seu corpo.

Painter levantou-se e aproximou-se mais do monitor de parede. Um símbolo fora gravado na fronte do jovem, como se alguém lhe tivesse aplicado um ferro em brasa. Um círculo e uma cruz.

— Quero saber porque o fizeram — disse Metcalf. — E o que significa.

Painter assentiu lentamente.

Também ele queria.

21h35

Roma, Itália

Rachel fez deslizar o seu *Mini Cooper* para o lugar de estacionamento do complexo do seu apartamento. Sentada atrás do volante, demorou mais um instante a pensar no que fizera. No lugar do passageiro, jazia o pequeno saco de plástico transparente albergando a puída bolsa de couro e o seu macabro conteúdo.

Deixara a Basílica de São Pedro sem contar a ninguém o que descobrira.

É tarde, justificara a si própria, posso entregá-la aos investigadores de manhã e elaborar, então, um relatório completo.

Mas Rachel reconhecia a verdade profunda por detrás do seu furto. Tinham sido as palavras do tio a guiá-la até à bolsa escondida. Ela sentia uma certa possessividade em relação à descoberta. Se entregasse a bolsa às autoridades, não apenas seria repreendida por intromissão num caso que ficava além da sua jurisdição, como também seria totalmente afastada do circuito. Poderia nunca descobrir o significado da bolsa. E, por último, não podia ignorar uma ponta de orgulho. Mais ninguém encontrara a bolsa. Ela confiava mais nos seus instintos do que na desordem e caos instalados naquela investigação internacional e interdepartamental.

E os seus instintos diziam-lhe que estava fora do seu elemento. Ela precisava

de ajuda. Esperaria até Gray chegar de manhã, ouviria a sua opinião e avançaria a partir daí.

Decidido o plano de ação, Rachel agarrou no saco da prova e guardou-o no casaco. Saiu do carro e dirigiu-se às escadas. O apartamento ficava no terceiro piso. Embora pequeno, tinha uma agradável vista sobre o Coliseu da sua varanda.

Chegando ao patamar do terceiro piso, empurrou a porta do patamar. Seguindo pelo corredor, notou duas coisas. A senhora Rosselli estava a cozinhar de novo com demasiado alho e uma luz brilhava por baixo da sua porta.

Rachel estacou. Ela desligava sempre as luzes antes de sair do apartamento. Mas, por outro lado, estava perturbada nessa manhã. Talvez se tivesse esquecido.

Não correndo riscos, ergueu-se ligeiramente nas pontas dos pés e deslizou silenciosamente pelo corredor. A cidade era assolada por ladrões e carteiristas e os assaltos não eram incomuns naquela zona. Os seus olhos mantinham-se fixos na faixa de luz sob a porta. Enquanto se aproximava, uma sombra cruzou a luz.

A pele de Rachel gelou.

Estava alguém no seu apartamento.

Praguejando em voz baixa, recuou. Não tinha arma. Considerou bater à porta da senhora Rosselli, sair do corredor, mas o alho já lhe feria o olfato. No interior do estreito apartamento da mulher, o fumo seria incapacitante. Por isso, procurou num dos bolsos e tirou o telemóvel.

Retrocedeu até à porta que dava para o vão das escadas e empurrou-a com força, mantendo um olho na sua porta. Quando pisou o patamar, algo frio pressionou a sua nuca.

Reconheceu o cano de uma pistola.

Uma voz dura confirmou a ameaça.

— Não te mexas.

10 de outubro, 15h28
Rockville, Maryland

Monk balouçava a filha pequena sobre o joelho. Penelope dava gritinhos, exibindo um sorriso apatetado que claramente lhe vinha do pai. Felizmente, era a única coisa que vinha dele. Os caracóis castanho-claros e feições delicadas eram da mãe.

— Monk, se a fazes bolçar...!

Kat surgiu da cozinha a secar as mãos a uma toalha. Ainda envergava o uniforme azul. Voltara há uma hora de Capitol Hill, onde estivera a sondar antigos contactos dos serviços secretos em nome da Sigma, ajudando Painter Crowe a arranjar alguns apoios políticos. A única concessão por estar em casa fora soltar o cabelo e deixar toda a sua cascata derramar-se abaixo dos ombros.

Monk permanecia de calças de treino e *t-shirt*. Depois de deixar Gray no aeroporto, voltara diretamente para a sua nova casa nos subúrbios de Maryland. Que mais havia a fazer? Ele sabia que Gray interviera em sua defesa, tentara incluí-lo na investigação em Itália. Mas fora tempo perdido.

Mudou a bebé para o colo.

— Tenho o biberão quente — disse Kat, avançando para ele com os braços estendidos para pegar em Penelope. Subitamente, tropeçou, deu um salto e recuperou o equilíbrio. Fitou o chão. — Monk, quantas vezes te disse para não deixares a tua mão por aí?

Monk friccionou a extremidade do pulso.

— A prótese nova ainda me magoa.

Kat respirou fundo e pegou em Penelope.

— Sabes quanto custa uma coisa dessas?

Monk encolheu os ombros. A nova criação protética da DARPA era uma maravilha da bioengenharia, incorporando as últimas inovações em mecânica e atuadores, permitindo a reação sensorial e movimentos cirurgicamente precisos. Adicionalmente, a extremidade decepada do pulso de Monk estava encerrada num punho polissintético, cirurgicamente ligado e conectado a feixes nervosos e tendões musculares.

Monk manipulou os contactos de titânio na sua bainha de pulso. No chão, a mão desligada do corpo ergueu-se sobre os dedos, ativada remotamente pelos controlos do punho. A mão protética podia ser a força, mas o punho era o cérebro. Monk guiou a mão de volta ao sofá, pegou nela e fixou-a de novo ao pulso. Fletiu os dedos.

— Continua a magoar-me — resmungou.

Kat deu meia-volta para regressar à cozinha, mas Monk bateu ao de leve no lugar ao seu lado. Kat suspirou de novo e juntou-se-lhe. Monk puxou-a para perto, cheirando o seu cabelo que tinha o aroma do jasmim. Ela encostou-se a ele. Sentaram-se juntos em silêncio. Penelope dormitava, uma mão fechada contra os lábios. Era bom envolver toda a família num único abraço.

Por fim, Kat falou, branda e gentilmente.

— Lamento por Itália.

Monk revirou os olhos. Ele não lhe dissera palavra sobre o assunto. Era um tema sensível entre os dois. Mas ele devia saber que ela acabaria por descobrir. Com todos os seus contactos nas comunidades de informação, era difícil esconder-lhe segredos.

Ela virou-se para o encarar. Ele reconheceu a miscelânea de emoções na suave preocupação dos seus olhos e na linha de ansiedade dos seus lábios. Ela sabia o quanto ele queria voltar a trabalhar no terreno, mas o seu receio por ele era evidente. Ele olhou para a mão protética. Não era um receio infundado.

Contudo, ele amava o seu trabalho e sabia o quanto era importante.

No último ano, enquanto recuperava dos seus ferimentos — mentais e físicos —, acabara por o reconhecer mais plenamente. Embora amasse a sua família e admitisse as suas responsabilidades aí, sabia igualmente como a Sigma era vital para a manutenção da segurança no mundo. E detestava ser posto de parte.

— Ouvi dizer que recebeste uma nova missão hoje — disse Kat.

— Apenas mais papelada — queixou-se. — Vou partir para New Jersey para entrevistar um intelectual sobre uns ficheiros de investigação em Princeton. Estarei de volta à meia-noite.

Kat olhou para o relógio.

— Então, não devias estar a preparar-te?

— Tenho tempo. O diretor Crowe vai enviar um agente para me acompanhar. Alguém com conhecimentos em genética. Um novo recruta.

— John Creed.

Monk mudou de posição e encarou-a.

— Há alguma coisa que tu não saibas?

Ela sorriu, inclinou-se e beijou-o.

— Sei que o biberão de Penelope está a ficar frio.

A mão protética de Monk cerrou-se em torno do ombro dela, impedindo-a de se levantar.

— E eu sei que o biberão dela se pode voltar a aquecer. — A sua voz tornou-se mais rouca. — E ainda tenho mais meia hora.

— Uma meia hora completa? — Ela arqueou uma sobrancelha. — Estás a ficar ambicioso.

O rosto de Monk abriu-se num sorriso de esguelha.

— Não faças pouco de mim.

Ela beijou-o de novo, demorando-se agora, e sussurrou-lhe.

— Nunca.

Princeton, New Jersey

Sozinho no laboratório subterrâneo, o doutor Henry Malloy fez correr a simulação computadorizada pela terceira vez. Enquanto esperava, abanava a cabeça. Não fazia sentido. Reclinou-se e espargiu-se. Estivera a compilar os dados enviados do gabinete do senador Gorman nas últimas vinte e quatro horas. Dado o volume de dados brutos, precisara da estação de referência Affymetrix do laboratório para analisar todos os estudos e ensaios de ADN contidos nos ficheiros.

Uma pancada na porta chamou a sua atenção. O laboratório era mantido encerrado para proteger a sua atmosfera livre de ozono. Só se podia entrar com um cartão magnético de proximidade.

Ainda com alguns minutos para proceder à análise, dirigiu-se à porta e abriu-a com um sussurro silencioso de ar pressurizado. Era uma das suas alunas de doutoramento, Andrea Solderitch. Henry contratara-a como sua assistente. Ela era atraente, com uma figura bem modelada e cabelo castanho-avermelhado, mas não era nenhuma rapariguinha de vinte e poucos. Andava pelos cinquenta, em mudança de carreira, anteriormente uma enfermeira diplomada especializada em diálise. E com as longas horas passadas em conjunto, ele preferia alguém que se enquadrasse na sua própria geração. Até gostavam do mesmo tipo de música, que ele a apanhava frequentemente a trautear baixinho.

De momento, contudo, a expressão dela era preocupada.

— O que se passa, Andrea? — perguntou.

Ela ergueu um molho de *post-its*.

— O gabinete do senador Gorman ligou três vezes para verificar os seus progressos.

Henry pegou nas notas. Detestava ter alguém em cima dele a controlá-lo, mas compreendia também a perturbação do senador. Embora Jason Gorman tivesse sido simplesmente um aluno de Henry, sentia um pesar profundo pela morte extemporânea do rapaz, especialmente com a brutalidade por trás dela.

— Vim igualmente lembrar-lhe que tem uma reunião com o doutor

Kokkalis de Washington dentro de uma hora. Quer que entretanto lhe vá buscar alguma coisa ao bar?

— Eu estou bem, mas, já que está aqui, dava-me jeito um par de olhos adicionais sobre estes dados. Sobretudo antes de falar com Washington. Diga-me o que acha.

A expressão da mulher abriu-se, dissimulando com dificuldade a sua satisfação.

— E agradeço-lhe por ter vindo trabalhar no seu dia de folga — acrescentou ele, enquanto ela se dirigia à base de computação. — Não poderia ter feito tudo isto sem a sua ajuda.

— Não tem importância, doutor Malloy.

A modelação computadorizada acabara de correr pela terceira vez. O ecrã exibia o mapeamento cromossómico da amostra de milho plantada no campo de testes em África. Todos os cromossomas eram negros, menos um único destacado a branco.



Henry indicou-o no ecrã.

— Pode ver aqui o ADN externo de radiomarcção introduzido no milho geneticamente modificado.

Andrea debruçou-se mais para o ecrã. A curiosidade enrugava-lhe a testa.

— Qual é a origem do ADN? Bacteriana?

— Muito provavelmente. Mas não posso dizer ao certo.

Contudo, a suposição de Andrea acertara no alvo. A maioria das modificações genéticas era produzida através de recombinação bacteriana e entrecruzamento genético, tomando as características benéficas de certas

bactérias e incorporando-as no genoma da planta. Um dos primeiros sucessos ocorreu quando genes do *Bacillus thuringiensis* foram introduzidos na planta do tabaco. Aqueles tornaram as plantas mais resistentes aos insetos, exigindo um menor recurso a inseticidas nos campos. O mesmo método era agora usado no milho. Esse tipo de biotecnologia tornara-se tão prevalecente nos últimos dez anos que presentemente um terço de todo o milho cultivado nos Estados Unidos era geneticamente modificado.

— Se não é ADN bacteriano — inquiriu Andrea —, o que é então?

— Não sei. Foi patenteado e classificado pela Viatus. É apenas indicado no ficheiro como Dt222. *Dt* significa *drought tolerant*, tolerante à seca. Mas não era isto o que lhe queria mostrar. — Henry apontou para o ecrã. — Esta análise foi-me enviada por Jason Gorman há dois meses.

— Há dois meses?

— Eu sei. O rapaz estava tão entusiasmado por estar envolvido naquele estudo de campo africano. Não devia revelar tal informação. Representava uma violação do acordo de confidencialidade. Avisei-o para ser mais discreto e não fazer grandes ondas. Posso imaginar o seu desespero naquela derradeira manhã. Contudo, teve a previdência de preservar os dados que conseguiu.

Andrea assentiu.

— O que enviou ele nessa derradeira manhã?

Henry premiu o teclado, gerando os últimos dados.

— Deixe-me mostrar-lhe. Eles tinham acabado de colher a primeira geração de milho a partir das sementes plantadas. Ele enviou a análise completa da colheita, incluindo um exame de ADN completo. Estes são os resultados.

No ecrã, surgiu um segundo conjunto de cromossomas, de novo a maioria deles codificados a preto, indicando ADN de milho comum. Mas, em lugar de um único cromossoma branco, um segundo cromossoma acima dele apresentava-se pontado a preto e branco.



— Não compreendo — disse Andrea.

— Veja mais de perto.

Henry ampliou a imagem do cromossoma transformado. Este mostrava agora um nítido mapeamento dos genes individuais, exibindo listas pretas e brancas.



Henry explicou:

— O ADN externo está a incorporar-se num outro cromossoma, invadindo o seu vizinho.

— Está a espalhar-se?

Ele recostou-se e fitou Andrea. Permitiu algum entusiasmo na sua voz.

— Não sei dizer ao certo. Mas compilei os dados por três vezes. Talvez a primeira amostra que Jason enviou fosse de um híbrido diferente. Podiam estar a testar mais do que uma versão de milho. Mas, se não estivessem, tal pode sugerir que a modificação genética é instável. Que mudou de uma geração para a outra. A amostra tornou-se mais *elemento externo* e menos *milho*.

— O que é que isso significa?

Ele encolheu os ombros.

— Não faço ideia. Mas alguém tem de saber disto. Já passei a informação à Divisão de Culturas Biogenéticas da Viatus. Estou certo de que quererão estes dados. Posso mesmo vir a conseguir uma nova subvenção por parte da empresa.

Andrea mudou o peso de um pé para o outro.

— Então talvez eu consiga aquele aumento que está sempre a insinuar. — Um esboço de sorriso despontou no seu rosto, conseguindo um pouco de entusiasmo dele.

— Veremos.

Andrea verificou o relógio.

— Se não precisa de mim, acho que vou para casa. Os meus cães estiveram enclausurados todo o dia. Provavelmente estão de pernas traseiras traçadas e aos pulos para sair.

Henry acompanhou-a à porta.

— Obrigado mais uma vez por ter vindo no seu dia de folga.

Andrea parou à porta.

— Tem a certeza de que não quer que lhe vá buscar alguma coisa para comer antes de ir?

— Não, vou finalizar a análise e carregá-la no servidor. Não deve demorar muito.

Ela acenou ao sair. A porta fechou-se com um ruído surdo atrás dela.

Henry regressou ao seu posto de computação. Levaria menos de uma hora a formalizar o seu relatório. Embora os ficheiros que Jason enviara de África lançassem pouca luz sobre a morte do jovem, ilustravam uma índole corajosa, algo de que o pai se podia orgulhar.

— Portaste-te muito bem, Jason — murmurou Henry, enquanto procedia a uma revisão final de todos os ficheiros.

Nos quinze minutos que se seguiram, introduziu algumas notas e observações. Ele queria impressionar a Viatus. A sua Divisão de Culturas Biogenéticas contratava laboratórios de todo o mundo para proceder a análises, embora na sua maioria da Índia e Europa de Leste no momento, onde os custos eram menores. Mas o laboratório genómico de Princeton era um dos melhores do mundo. Se conseguisse persuadir a empresa a entregar-lhes algum contrato...

Um sorriso indolente desenhou-se no seu rosto enquanto trabalhava.

Uma pancada na porta interrompeu-o de novo. O sorriso alargou-se. Se bem

conhecia Andrea, ela não o seguira à letra. Devia ter ido ao bar buscar-lhe algo para comer.

— Só um momento! — disse em voz alta. Atravessou o laboratório e passou o cartão magnético para desbloquear a porta.

17h30

No exterior da estação de comboios, Monk entrou para o táxi. O seu parceiro já se encontrava no banco de trás a dar indicações ao motorista.

— Para o Laboratório Carl Icahn no *campus* de Princeton. Fica na Washington Road.

Monk instalou-se no lugar ao lado, endireitou o casaco e recostou-se. Pousou uma pasta no seu colo. Fitou em baixo a *Tanner Krolle* personalizada e passou uma mão pelo seu couro inglês. Fora um presente de aniversário de Kat, dois meses antes, quando voltara formalmente ao trabalho, por muito limitado que este fosse. Ele entendera a mensagem implícita por detrás da dispendiosa oferta. Kat estava mais do que feliz por tê-lo a tratar de papelada, a apresentar relatórios e a conduzir entrevistas de rotina. Tudo o que o afastasse do caminho do perigo.

Suspirou, o que lhe mereceu um olhar de relance do novo parceiro.

John Creed debatia-se ligeiramente no seu lugar. Embora seco como um *terrier* esfaimado, o homem tinha mais de dois metros. Era um dos mais recentes recrutas da Sigma, perfeitamente barbeado, de cabelo ruivo escorrido e a maior parte do rosto coberto de sardas. Apesar das feições juvenis, a sua expressão mantinha-se firmemente rígida.

Monk franziu o sobrolho e fez-lhe a pergunta que o assaltava desde que se tinham conhecido.

— Então, miúdo, que idade tens? Catorze? Quinze?

— Vinte e cinco.

Monk tentou dissimular a sua incredulidade. Parecia impossível. *Apenas sete anos os separavam?* Monk fletiu a sua mão protética, consciente de que muito

podia acontecer em sete anos. Contudo, estudou o companheiro com mais atenção pela primeira vez, tentando calcular-lhe a estatura.

Durante a viagem de comboio desde Washington, Monk lera os pormenores sobre o doutor Henry Malloy, mas conhecia apenas uma brevíssima biografia do seu companheiro de percurso. Creed era do Ohio, deixara os estudos de medicina ao fim do primeiro ano e servira durante dois anos em Kabul como soldado de infantaria. Estilhaços de um dispositivo explosivo improvisado tinham-no deixado com uma deficiência de marcha permanente. Tentara um terceiro alistamento, mas acabara por ser dispensado, embora os pormenores sobre isso fossem menos claros. Devido ao seu excelente desempenho em testes e aos seus antecedentes, foi recrutado pela Sigma e formado em genética em Cornell.

No entanto, o miúdo parecia andar no liceu.

— E então, miúdo — continuou Monk —, há quanto tempo estás no ativo?

Creed limitou-se a encarar Monk, claramente habituado a gracejos devido à sua aparência juvenil.

— Terminei Cornell há três meses — disse com rigidez. — Estou em D.C. há dois meses. Em grande parte, a tentar acomodar-me.

— Portanto esta é a tua primeira missão?

— Se chama a isto missão... — resmoneou e fitou a paisagem através da janela do passageiro.

Embora Monk se sentisse da mesma maneira, eriçou-se.

— Nada é trivial quando se trata de trabalho de campo. Todos os pormenores são importantes. O elemento de informação certo pode sustentar ou fazer ruir um caso. É algo que precisas de aprender, miúdo.

Creed olhou-o. O seu olhar severo tornou-se um tanto acanhado.

— Okay. Sugestão aceite.

Monk cruzou os braços, pouco satisfeito.

Miúdos. Pensam que sabem tudo.

Abanando a cabeça, Monk voltou a sua atenção para o exterior à medida que o táxi atravessava o *campus* de Princeton. Era como se um pedaço verdejante de Inglaterra tivesse sido largado no meio de New Jersey. As folhas outonais

espalhadas por relvados verdes ondulantes, as paredes cobertas de hera dos edifícios góticos de pedra e até mesmo os dormitórios pareciam saídos de uma impressão da Currier & Ives.

Enquanto deslizavam por aquele mundo bucólico, o táxi não demorou muito a alcançar o destino. Imobilizou-se na curva e desceram.

O Laboratório Carl Icahn ocupava um recanto de uma ampla extensão de relvado. Embora muitos dos edifícios de Princeton datassem dos séculos XVIII e XIX, o laboratório tinha apenas alguns anos e era um assombroso exemplar de arquitetura moderna. Dois edifícios retangulares erguiam-se perpendicularmente, albergando os laboratórios principais. A uni-los, havia um átrio de dois pisos em curva, de frente para o parque.

Era aí que se deviam encontrar com o doutor Henry Malloy.

— Preparado? — perguntou Monk, enquanto verificava o relógio. Estavam cinco minutos atrasados.

— Preparado para quê?

— Para a entrevista.

— Pensei que você conduziria a conversa com o professor.

— Não. É tudo contigo, miúdo.

Creed respirou fundo pelo nariz.

— Tudo bem.

Entraram no edifício e dirigiram-se ao átrio. Uma parede curva de vidro da altura de dois pisos dava para o relvado do parque. Venezianas de doze metros seccionavam as janelas e estavam programadas para se moverem com o sol. Lançavam longas sombras no átrio, matizando cadeiras e mesas. Grupos de estudantes estavam sentados e conversavam, as mãos permanentemente grudadas a chávenas de café.

Monk perscrutou o local e avistou onde deviam encontrar-se com o doutor Malloy. Era difícil de falhar.

— Por aqui — disse, e conduziu o companheiro pelo átrio.

Ao fundo, junto a uma série de cadeiras, erguia-se uma escultura da altura de um piso. Parecia uma concha de molusco meio derretida. Mesmo que não se

tivesse informado, Monk teria reconhecido o traço arquitetural de Frank Gehry. A concha abrigava um pequeno espaço de conferência nos seus recessos. Algumas pessoas já se encontravam sentadas a uma mesa quadrada.

Monk dirigiu-se a elas. À medida que se aproximava, percebeu que eram todas demasiado jovens. Na sua pasta, Monk tinha uma fotografia do doutor Malloy. O homem não estava definitivamente ali.

Talvez o professor já tivesse partido.

Monk abandonou a concha e agarrou no telemóvel. Marcou o número do gabinete do homem. Tocou e tocou, depois *voice mail*.

Se ele já se foi embora e eu fiz todo este caminho para nada...

Monk marcou um segundo número. Era da assistente do professor.

Uma mulher atendeu. Monk explicou rapidamente a ausência do doutor Malloy.

— Não está aí? — indagou a assistente.

— Aqui, só estão miúdos com ar de estudantes de liceu.

— Eu sei — respondeu a mulher com uma gargalhada. — Os alunos são cada vez mais novos, não é? E lamento, mas o doutor Malloy ainda deve estar no seu laboratório. Foi onde o vi pela última vez e ele nunca ouve o telemóvel. Ele pode concentrar-se de tal modo no que está a fazer, que até se esquece das conferências agendadas. Receei que isso acontecesse hoje, de tão perplexo que estava. Ele está muito entusiasmado com o que descobriu.

Monk animou-se com as últimas palavras. Teria o professor compreendido alguma coisa, alguma coisa que pudesse ajudar no caso?

— Ouça — prosseguiu a mulher —, eu estou no meu gabinete no edifício oposto a terminar um trabalho com o meu colega de laboratório. Há uma passagem subterrânea que liga os dois edifícios. Pergunte a um dos estudantes. Vou à administração pedir um cartão de acesso e encontrar-me-ei consigo lá em baixo. O laboratório do doutor Malloy fica na cave. Presumo que ele lhe queira mostrar a análise de ADN.

— Muito bem. Encontramo-nos lá. — Monk guardou o telemóvel no bolso e agitou a pasta na direção de Creed. — Vamos. Diretamente para o laboratório do

tipo.

Depois de obter indicações de uma jovem com uma camisola excessivamente justa, Monk e Creed dirigiram-se ao piso de baixo. A passagem subterrânea foi bastante fácil de encontrar.

Quando se aproximavam da entrada do túnel, uma mulher de meia-idade acenou-lhes do outro lado. Monk acenou de volta. Ela apressou-se, sem fôlego, estendendo a mão.

— Andrea Solderitch — apresentou-se ela.

Feitas as apresentações, ela conduziu-os por um corredor contíguo. Falava sem parar, claramente nervosa.

— Há apenas alguns laboratórios aqui em baixo. Por isso é muito fácil perder-se. Quase tudo o resto são armazéns, casas de máquinas... oh, e o viveiro do edifício, onde albergam os animais de laboratório. O departamento de genómica mantém na cave as suas instalações de micromatrizes para as conservar livres de ozono. É aqui.

Ergueu o cartão de acesso e aproximou-se de uma porta fechada.

— O departamento administrativo tentou ligar para o laboratório — explicou ela. — Não obteve resposta. Vou só dar uma olhadela. Estou certa de que ele não teria deixado o *campus*.

Passou o cartão e empurrou o manípulo. À medida que a porta se abria silenciosamente, Monk sentiu de imediato o cheiro a fios elétricos queimados e sob este um odor fétido como de cabelo queimado. Tentou agarrar Andrea, mas foi demasiado lento. Ela viu o que se encontrava no interior. O seu rosto liquefez-se em confusão, depois em horror. Uma mão ergueu-se cobrindo a boca.

Monk puxou-a para o lado e entregou-a a Creed.

— Mantém-na cá fora.

Pousou a pasta e procurou o coldre de ombro no interior do seu casaco. Sacou a sua pistola de serviço, uma *Heckler & Koch* .45. Os olhos da mulher arregalaram-se. Virou-se, comprimindo o rosto contra o ombro de Creed.

— Tens alguma arma? — perguntou-lhe Monk.

— Não... pensei que era apenas uma entrevista.

Monk abanou a cabeça.

— Deixa-me adivinhar, miúdo. Nunca foste escuteiro.

Sem esperar pela resposta, Monk entrou no laboratório, varrendo os pontos cegos. Estava certo de que quem ali estivera entrara e saíra, mas não ia correr riscos. O doutor Henry Malloy estava manietado a uma cadeira no meio do espaço. A cabeça pendia-lhe sobre o peito. O sangue acumulava-se sob a cadeira.

Uma base de computação por detrás dele era uma ruína carbonizada.

Monk olhou em volta. Tinham desativado os detetores de fumo.

Caminhou até ao homem e verificou-lhe o pulso. Nada. Mas o corpo ainda estava quente. Os assassinos não tinham saído há muito. Monk reparou nos dedos partidos do professor. Fora torturado, muito provavelmente para obter informações.

O golpe mortal fora infligido por uma faca no peito, um golpe único, aplicado com perícia. Pela morte rápida, Malloy devia ter falado.

Monk cheirou o ar. O odor a queimado era mais forte junto ao corpo. Reconheceu o odor de carne carbonizada. Com um dedo, ergueu cuidadosamente o queixo do homem. A cabeça pendeu para trás, revelando a origem do cheiro. No centro da fronte do homem, uma queimadura viva, ainda empolada nos bordos, marcava-lhe a carne até ao osso.

Um círculo e uma cruz.

Uma série de sons chamou a sua atenção para a porta. Provinha de um telemóvel. Não querendo contaminar mais a cena, Monk regressou ao *hall*.

Andrea tinha o telemóvel encostado ao ouvido. Os seus olhos estavam húmidos, o nariz gotejante. Fungava enquanto ouvia.

— O quê? — inquiriu, menos uma pergunta do que uma expressão de choque. — Não! Porquê?

Deixou-se cair contra a parede e escorregou para o chão. O telefone tombou-lhe dos dedos. Monk baixou-se sobre o joelho ao seu lado.

— O que se passa?

Ela abanava a cabeça, incrédula.

— Alguém... — Apontou o telefone. — Era a minha vizinha. Ouviu os meus

cães a ladrar, viu alguém a sair da casa. Foi até lá. A porta estava aberta. Eles... eles mataram os meus cães. — Ela cobriu o rosto com as mãos. — Porque não fui logo para casa como disse ao doutor Malloy?

Monk olhou para Creed. As suas sobrancelhas arqueavam-se, sem compreender.

Mas Monk compreendia. Agarrou a mulher e levantou-a.

— Há quanto tempo viu a sua vizinha o intruso?

Ela abanou a cabeça, lutando por achar as palavras.

— Não... não sei. Ela não disse. Ela chamou a polícia.

Monk olhou para trás, para o corpo do doutor Malloy. O professor tinha falado. Mencionara nomes. Muito provavelmente o da sua assistente. O doutor Malloy pensava que Andrea tinha ido para casa. Devia ter confessado ao torturador a morada dela. Eles tinham ido lá para a silenciar.

E não a encontrando...

Seriam necessárias apenas umas poucas pesquisas, umas poucas ligações.

— Temos de sair daqui. Agora!

Monk apontou para o caminho por onde tinham vindo. Em grupo, apressaram-se pelo *hall* em direção à passagem subterrânea. Esta encontrava-se por baixo da ponte de ligação com o edifício universitário contíguo, onde Andrea estivera a trabalhar.

— Disse que estava no seu gabinete a trabalhar com um colega de laboratório — disse Monk enquanto seguia rapidamente pelo corredor. — O seu colega sabia para onde ia?

Obteve a resposta quando atingiram a boca do túnel. Um homem alto avançava pela passagem na sua direção, envergando um impermeável escuro — embora não chovesse há dias.

Os seus olhos encontraram-se no espaço entre eles.

Monk reconheceu um brilho feroz. Empurrou Andrea para trás e ergueu a pistola. Ao mesmo tempo, o homem ergueu o braço, abrindo o impermeável para revelar uma metralhadora de canos cerrados. Metralhou o final da passagem. A estranha arma não fazia mais barulho que uma batedeira, mas rajadas mortíferas

mastigaram a esquina por trás da qual eles tinham desaparecido. Estuque e ladrilhos explodiram e voaram.

— As escadas! — ordenou Monk e apontou em direção ao átrio.

Quando alcançaram o fundo das escadas, passos ecoaram vindos de cima.

Monk fez sinal para se deterem. Olhando para cima, vislumbrou um homem precipitando-se escadas abaixo, de botas e impermeável preto, tal como o primeiro. Um segundo assassino. Recuando, encaminhou todos de volta ao labirinto de corredores.

Tinham de encontrar outra saída.

Enquanto fugiam pelos corredores debilmente iluminados, uma pesada porta de metal bateu com estrondo algures do lado oposto da cave.

Monk voltou-se para Andrea.

— Acho que aquilo veio da saída de emergência — sussurrou ela, em puro terror.

Monk podia adivinhar o que isso significava.

Um terceiro assassino.

10 de outubro, 18h32

Washington, D.C.

— O símbolo não faz parte da base de dados de nenhum grupo terrorista conhecido — afirmou Painter. Estava sentado a uma mesa de conferência com um ecrã de parede por trás. Cintilando no monitor exibia-se uma representação ampliada da cruz e do círculo.



Painter apoiou-se na mesa. A sala de conferências era uma nova aquisição do Comando da Sigma, construída após o bombardeamento. Continha uma mesa circular com postos de computação diante de cada lugar. Podia albergar um máximo de doze pessoas, mas no momento havia apenas três.

Kat sentava-se à direita de Painter, trazendo à mesa a sua experiência nos serviços de informação internacionais. À direita dela encontrava-se Adam Proust, um perito em criptologia, e do outro lado da mesa Georgina Rowe, uma

nova recruta da Sigma com especialização em bioengenharia.

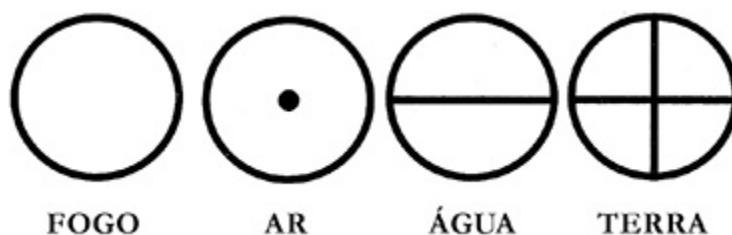
— Partamos, então, do início — disse Painter, começando a andar em volta da mesa de conferência. Ele projetara a sala com esse único propósito, o de poder mover-se, observando os que se encontravam à volta da mesa redonda. — *O que significa este símbolo? Como se liga ele à destruição do campo da Cruz Vermelha e à mutilação do filho do senador?*

Adam aclarou a garganta e ergueu timidamente uma mão na direção do ecrã. Na casa dos quarenta, vestia descontraidamente calças de ganga, uma leve camisola preta e um casaco de lã desportivo.

— Esta marca tem uma longa história simbólica, que remonta ao primeiro homem. É por vezes referida como círculo quadripartido. O significado é relativamente uniforme entre culturas. O círculo representa a Terra. Por sua vez, a cruz divide o mundo em quatro partes. Na cultura americana nativa, essas quatro partes representam...

— Os quatro ventos — reconheceu Painter. Fora-lhe ensinado algo de similar pelo pai.

— Precisamente. E, noutras culturas, representa os quatro elementos: terra, água, ar e fogo. Por vezes, são representados da seguinte forma. — Teclou no computador e o ecrã alterou-se.



— Como podem ver, o círculo quadripartido torna-se o símbolo da própria Terra, abarcando todos os quatro elementos. Esta marca pode ser encontrada por todo o globo. A etimologia histórica do símbolo é verdadeiramente fascinante e remonta aos tempos pagãos. Em diversos países nórdicos, esta marca pode ser encontrada esculpida em lajes e menires. É frequentemente acompanhada de um

outro petróglifo: a espiral pagã. Os dois estão estreitamente relacionados.

— Relacionados? — indagou Painter. — Como assim?

Adam ergueu a mão, solicitando um momento, e teclou no seu posto. Uma nova imagem surgiu no ecrã.

— Temos aqui uma espiral pagã estilizada. Podemos encontrar variações desta por toda a Europa Setentrional.



Mais um clique e o ecrã mostrou a espiral sobre o círculo quadripartido.



— Reparem como a espiral se inicia no centro da cruz e se expande para fora preenchendo o círculo. Enquanto o círculo quadripartido representa a Terra, a espiral simboliza a vida, especificamente a jornada da alma, ascendendo da vida à morte e ao renascimento.

Kat suspirou.

— Isso está tudo muito bem e correto, mas não vejo como se relaciona com as atrocidades cometidas em África. Não está a desviar-se do assunto?

— Talvez não — retorquiu Georgina Rowe, que se sentou mais direita no seu lugar. Era uma mulher entroncada, o cabelo com um corte masculino. — Estive a

rever o relatório da NATO e, embora os pormenores sejam ainda preliminares e longe de definitivos, não consigo deixar de pensar que o ataque teve mais a ver com a destruição do campo da Viatus Corporation, do que com uma qualquer rivalidade entre rebeldes e o governo do Mali.

— Concordo — disse Kat. — Os rebeldes tuaregues nunca chegaram a este grau de violência. Os seus ataques foram na sua maioria do tipo entrada e retirada rápida. Não esta carnificina total.

— E amarrar aquele pobre rapaz no meio de um campo de milho carbonizado e marcá-lo com aquele estigma. — Georgina abanou a cabeça com tristeza. — Tinha de ser um aviso contra o que aquela empresa estava ali a fazer, contra a sua pesquisa de alimentos geneticamente modificados. Com a minha experiência em bioengenharia, estou bem ciente da controvérsia que rodeia os alimentos geneticamente modificados. Há um movimento crescente contra tal manipulação da natureza. E embora derive em grande parte do receio e da falta de informação, combina-se igualmente com a deficiente supervisão governamental dessa indústria em eclosão. Posso dar-vos mais pormenores...

Painter parou em frente dela.

— Por agora, vamos concentrar-nos especificamente em como isso pode estar relacionado com este caso.

— É bastante simples. O movimento antimodificação genética é particularmente forte em África. A Zâmbia e o Zimbabué baniram recentemente toda a ajuda alimentar contendo alimentos geneticamente modificados, apesar de milhões de pessoas em ambos os países enfrentarem a fome. Basicamente, tratou-se de uma política disparatada de *antes morto do que alimentado*. Tal insanidade está em alta. Penso que a destruição do campo da Cruz Vermelha foi um ataque intencional à Viatus. — Ela apontou o símbolo no ecrã. — E penso que a descrição de Adam da etimologia daquele símbolo o suporta.

Painter começou a compreender.

— Um símbolo que representa a Terra.

Georgina firmou a voz para reforçar a sua convicção.

— Quem quer que tenha feito isto acredita estar a proteger a Terra. Penso que

estamos a lidar com um novo grupo de ecoterrorismo militante.

As sobancelhas de Kat franziram-se.

— Faz de facto um certo sentido. Pedirei às minhas fontes para se concentrarem nesse ângulo. Para ver se conseguimos perceber quem são esses terroristas e onde fica a sua base.

Painter voltou-se para Adam Proust, cujo discernimento propusera um ponto de partida.

— Cortámos-lhe a palavra. Há mais alguma coisa que queira acrescentar?

— Apenas uma. Sobre o círculo quadripartido e a espiral. Os dois símbolos são profundamente importantes e significativos para os pagãos da Europa Setentrional. Em particular para os druidas. Com efeito, quando as regiões nórdicas foram convertidas ao cristianismo, os símbolos foram incorporados na nova fé. A cruz druida tornou-se a cruz celta hoje usada.

Adam introduziu uma nova imagem no ecrã, estendendo a linha vertical do símbolo pagão para formar uma cruz cristã.



— De modo similar — prosseguiu Adam —, a espiral veio a representar Cristo, simbolizando a sua passagem da vida à morte e finalmente à ressurreição.

— E a importância de tudo isso? — inquiriu Kat, impaciente, claramente ansiosa por seguir as pistas deixadas pelas palavras de Georgina.

Mas Painter reconheceu onde Adam podia querer chegar com aquela última

avaliação. Perguntou ao criptologista:

— Então não lhe parece que esse grupo ecoterrorista esteja baseado em África?

Este abanou a cabeça.

— O círculo quadripartido, embora possa ser encontrado em algumas culturas africanas, representa na sua maioria um símbolo solar e não a Terra. Penso que devemos dirigir as nossas investigações para a Europa Setentrional. Especialmente, situando-se a sede da Viatus em Oslo, na Noruega.

Georgina sorriu.

— Por outras palavras, procuramos um bando de druidas agastados.

Adam não retribuiu o sorriso, encolheu simplesmente os ombros.

— Há um forte revivalismo pagão por toda a Europa. E na verdade muitos desses grupos são bastante antigos. O Círculo Druida do Vínculo Universal. A Antiga Ordem dos Druidas. Ambos remontam a sua organização a 1700, enquanto outros grupos reivindicam uma herança ainda mais antiga. Seja como for, o movimento tem crescido consistentemente nos últimos tempos e algumas seitas são definitivamente agressivas nas suas convicções e extremamente antiempresariais. Penso que a nossa investigação se deverá concentrar aí. Na Europa Setentrional.

Kat assentiu, ainda que um tanto a contragosto, já a planear na sua cabeça.

Painter contornou a mesa de volta ao posto central da sala de conferências.

— Parece-me que isto nos fornece um bom ponto de partida. Se todos...

O telemóvel tocou no seu bolso, interrompendo-o. Painter ergueu a mão, pedindo um momento, tirou o seu *BlackBerry* e verificou a identificação da chamada. Era o seu assistente. Painter sentiu uma pontada de inquietação. Ele pedira para não ser incomodado, a menos que se tratasse de uma emergência.

— O que se passa, Brant?

— Senhor, acabaram de ligar das operações. Registou-se uma afluência de chamadas de emergência com origem em Princeton. Parece ter-se verificado um tiroteio no Laboratório Carl Icahn.

Painter ficou impassível. Era o laboratório para onde se tinham dirigido

Monk Kokkalis e John Creed. Eles deviam ter chegado a Princeton há cerca de uma hora. Painter manteve o olhar deliberadamente desviado de Kat, a mulher de Monk.

— Entre em contacto com as autoridades locais e estabeleça uma ligação por satélite — disse Painter, simulando mais irritação do que alarme. — Vou já para aí.

Baixou o telefone e encarou a sala.

— *Okay*, todos sabem o que fazer. Vamos ao trabalho.

Painter girou sobre os calcanhares e dirigiu-se para a porta.

Sentia o olhar de Kat fixo nas suas costas. Ela estava desconfiada, mas, até que ele se inteirasse melhor da situação, não havia necessidade de a alarmar.

Especialmente, estando ela grávida de novo.

18h45

Monk conduziu os outros através da cave, mantendo a pistola apontada em frente. Dispunha apenas de dez tiros... e pelo menos três atacantes. Não muito boas probabilidades, especialmente com os outros empunhando metralhadoras de canos cerrados. Não ousava desperdiçar um único tiro. Tinha um segundo cartucho na sua pasta, mas deixara-a à porta do laboratório de Malloy.

— Há alguma outra saída? — perguntou a Andrea.

— Não... mas... — Ela perscrutou os dois lados do corredor. John Creed conservava uma mão no seu cotovelo para a manter em movimento.

— Mas o quê? — pressionou Monk.

— O edifício do laboratório foi construído para ser modular. Para facilitar a mudança de configuração dos espaços — disse ela precipitadamente, depois apontou para cima. — Há um amplo nível de manutenção entre os pisos. Com passadiços para as equipas de trabalho.

Monk olhou para o teto. Podia funcionar.

— Onde fica o ponto de acesso mais próximo?

Ela abanou a cabeça, ainda a debater-se com o choque.

— Não sei...

Monk deteve-se e agarrou-lhe o ombro com a sua mão protética.

— Andrea, respire fundo, acalme...

Fogo de metralhadora eclodiu. Uma figura surgiu na extremidade do corredor, a sua arma incandescente. Rajadas rasgaram chão e paredes. Monk empurrou Andrea com o ombro e disparou às cegas para o corredor, gastando munições preciosas. O atirador esquivou-se momentaneamente. Monk impeliu a mulher pela porta mais próxima. Creed rolou rapidamente atrás deles.

A porta conduzia a uma pequena antecâmara. Um segundo par de portas duplas apresentava-se diretamente à sua frente.

— Vamos! — gritou Monk.

Precipitaram-se pelas portas. As luzes tremularam automaticamente e revelaram um amplo espaço dividido por corredores de jaulas de aço inoxidável. O cheiro a urina animal e corpos almiscarados atingiu Monk de imediato. Recordou-se da descrição de Andrea da planta do nível da cave. Aquele devia ser o viveiro do laboratório, onde eram alojados os animais de investigação. Um cão ladrou de um dos corredores posteriores. Mais próximo, corpos mais pequenos agitaram-se — e corpos não tão pequenos.

Ao longo do corredor inferior de jaulas maiores, porcos bojudos resfolegavam e farejavam o ar, alguns guinchavam e giravam em círculos. Eram jovens, cada qual do tamanho de uma bola de futebol, dando novo sentido ao termo *pigskin*¹.

Monk empurrou os outros pelo corredor. Não tinham forma de barricar a porta e o atirador estaria em cima deles a qualquer momento.

— Há mais alguma saída daqui? — perguntou Monk a Andrea.

Ela assentiu e apontou para o outro lado da divisão.

— Depressa.

Monk ouviu sons metálicos atrás de si. Voltou-se e viu Creed a abrir as jaulas inferiores, enquanto os seguia. No seu rasto, pequenos corpos brancos e pretos precipitavam-se das suas prisões. Corriam em todas as direções, guinchavam e

grunhiam. Mais e mais porcos juntavam-se à confusão.

— O que é que está.... — começou Monk.

— Obstáculos — disse Creed, abrindo rapidamente mais jaulas.

Monk assentiu, compreendendo. Nada como juncar a sua retaguarda com uma imensidade de bolas de futebol guinchantes. Isso devia abrandar o inimigo.

Tinham quase alcançado a extremidade do viveiro, quando Monk ouviu as portas duplas abrir-se com estrondo atrás deles. Seguiu-se uma breve descarga de fogo, rapidamente terminada com um latido assustado, seguido da ruidosa queda de um corpo no chão.

Um ponto para os *pigskins*.

Monk impeliu Andrea para o fundo da divisão e por outro par de portas duplas. Instantes depois, estavam num novo corredor subterrâneo.

— Os tais pontos de acesso ao espaço de manutenção — pressionou Monk.
— Há algum aqui perto?

— O único que conheço com toda a certeza fica no laboratório do doutor Malloy.

Monk estudou os corredores que se cruzavam e o labirinto de salas. Estava perdido.

— Consegue levar-nos de volta?

— Sim. É por aqui.

Andrea avançou, menos abalada, mais determinada. Monk mantinha-se ao seu lado. Creed seguia-os. Monk notou que ele agarrava a parte de cima da coxa. A perna das calças estava ensopada.

Creed encontrou-lhe o olhar e fez-lhe sinal para continuar.

— Foi um ricochete. Apenas de raspão. Continuem.

Não tinham escolha. Após mais uma curva, Monk reconheceu subitamente a passagem. Tinham descrito um círculo completo de volta ao laboratório do doutor Malloy. Confirmando-o, Monk avistou a sua pasta caída no *hall* no exterior da porta aberta.

Avançaram nessa direção numa corrida rápida.

Do extremo oposto do *hall*, surgiu um outro atirador num turbilhão do seu

impermeável negro. A porta aberta do laboratório ainda se encontrava a dez metros de distância.

Monk manteve a posição do braço e disparou contra o atacante.

— Continuem! — gritou ele, quando Andrea e Creed abrandaram. — Corram para o laboratório!

Embora pudesse ser loucura correr *na direção* de um homem que empunhava uma metralhadora, a sala oferecia a única esperança de fuga.

Monk disparou mais dois tiros. Estava quase sem balas, mas os tiros mantinham o atacante desequilibrado. Infelizmente, o breve tiroteio não passara despercebido. Atrás deles, irrompeu uma nova barragem de fogo. Mais um atirador. Os atacantes estavam a tentar encurralá-los no fogo cruzado.

Mas por essa altura já eles tinham alcançado o laboratório.

Andrea e Creed lançaram-se para o seu interior. Monk baixou-se enquanto o silvo de uma bala lhe passava por cima da cabeça. Agarrou rapidamente a pasta abandonada e rolou de lado para dentro do laboratório.

Assim que entrou, Creed fechou a porta com força.

— Tranca automaticamente — disse Andrea, cruzando os braços em volta do peito. Mantinha-se bem afastada da cadeira onde o corpo do doutor Malloy permanecia amarrado.

Monk pôs-se de pé, segurando a pistola numa mão e a sua pasta *Tanner Krolle* na outra.

— O tal acesso da manutenção?

Andrea virou-se e apontou para o teto por cima de uma mesa do laboratório. Um painel quadrado exibia um símbolo de perigo elétrico.

Monk voltou-se para Creed.

— Faça-a subir. Rápido.

— E você?

— Não se preocupem comigo. Vou logo atrás. Agora mexam-se!

Enquanto Creed içava Andrea para cima da mesa, Monk baixou-se sobre o joelho. Precisava de conseguir tempo para os outros fugirem. Monk sabia que era vital pôr a mulher em segurança. O doutor Malloy devia ter-lhe dito alguma

coisa, alguma coisa que justificasse a sua morte. O que quer que fosse, Monk queria sabê-lo.

Creed já tinha o alçapão de manutenção aberto e usava ambas as mãos para empurrar Andrea por ele.

Abrigando-se atrás do corpo morto na cadeira, Monk agarrou na pasta e abriu-a no chão. Durante todo o tempo, manteve um olho na porta. Trancada ou não, ele sabia que a porta não ofereceria mais proteção do que uma folha de papel fino. Especialmente com o poder de fogo por detrás daqueles canalhas.

E Monk estava reduzido a dois tiros da sua pistola. Precisava do carregador novo que estava na pasta.

Enquanto o procurava, o puxador da porta explodiu para o interior da sala, a par de uma boa secção da ombreira. A porta abriu-se de rompante com o impacto.

Monk captou um vislumbre esvoaçante de um impermeável negro e disparou contra ele. Duas vezes. A correição da sua pistola bloqueou com a câmara vazia quando ficou sem munições.

O atacante desapareceu de vista.

Monk agarrou rapidamente o novo carregador, ao mesmo tempo que ejetava o carregador gasto. Pelo canto do olho, avistou um braço a agitar-se para lá da porta. Um objeto escuro de metal do tamanho de uma bola de baseball voou para dentro da divisão.

Merda...

Granada.

Monk largou a pistola e o carregador. Ainda sobre um joelho, ergueu a sua pasta aberta, fez deslizar a granada para o seu interior e fechou a pasta. Pondo-se de pé e balançando o braço, lançou a pasta de volta pela porta.

Ainda antes de esta passar pelo limiar, já Monk estava em movimento. Virou-se, saltou para cima da mesa, depois lançou-se diretamente para o alçapão aberto no teto. As botas de Creed tinham acabado de desaparecer à sua frente.

— Avancem!

Tarde demais.

A explosão foi ensurdecadora e ofuscante. A onda de deflagração projetou Monk para o interior do espaço reduzido entre pisos. Bateu com a cabeça nas condutas de ventilação e ar condicionado e desabou sobre Creed. Debateram-se uns instantes para se libertarem. Monk levou com um cotovelo no olho.

Praguejando e aturdido, Monk fez sinal aos outros para continuarem. Duvidava que os atacantes os perseguissem, mas, até estarem em algum lugar perfeitamente seguro, algum lugar recheado de armas, não ia baixar a guarda.

Cambalearam para a frente, meio cegos, meio surdos.

Como Andrea dissera, o espaço de manutenção estava equipado com passadiços para auxiliar as equipas de trabalho. Utilizando os passadiços, não demoraram muito a sair das entranhas do edifício para o caos que se desenrolava acima do solo. As forças policiais já haviam convergido para o local. Carros de patrulha, carrinhas da SWAT e um aglomerado do circo mediático acolheram-nos nos campos em redor do edifício.

Quando saíram aos tropeções para o exterior, a polícia rodeou-os de imediato. Antes que Monk pudesse encetar uma explicação, uma mão agarrou-o, puxou-o de parte e mostrou-lhe um distintivo.

— Segurança Interna — declarou a montanha de homem. — Doutor Kokkalis, temos ordens de Washington para os levar a todos para um local seguro.

Monk não protestou. Aquelas ordens pareciam-lhe perfeitas. Mas, quando estavam a ser conduzidos, olhou desolado para o edifício.

Kat ia matá-lo.

Aquela pasta tinha sido estupidamente cara.

¹ Designação referente à bola de futebol americano, que literalmente significa «pele de porco curtida». (N. da T.)

11 de outubro, 06h28

Fiumicino, Itália

Onde estava ela?

Gray deixou o terminal do aeroporto principal de Roma e encaminhou-se para a fila dos táxis. Buzinas ecoavam e autocarros turísticos rugiam. Mesmo àquela hora da manhã, o aeroporto estava entupido de tráfego e congestionado com viajantes a chegar e a partir.

Gray mantinha o telemóvel pressionado contra o ouvido, enquanto forçava o caminho por entre a multidão. O percurso era facilitado pelo compacto gigante que abria caminho à sua frente, como um búfalo-asiático passando a vau um rio transbordante. Gray seguia na esteira do seu guarda-costas. Joe Kowalski não era um viajante feliz. O antigo marinheiro preferia claramente o alto-mar às viagens aéreas. Continuou a resmungar enquanto se dirigiam para a fila dos táxis.

— Aqueles lugares não podiam ser mais apertados! — O pesado homem fez estalar o pescoço e exibiu uma expressão azeda. — Tinha praticamente os joelhos nas orelhas. Como se aquela companhia aérea me quisesse fazer um raio de um exame à próstata. E nem me teria importado se tivéssemos tido uma assistente de bordo. — Kowalski olhou para Gray atrás de si. — Aquela assistente de bigode não conta.

— Ninguém te obrigou a voluntariar-te — retorquiu Gray, enquanto aguardava a ligação no seu telemóvel.

— Voluntariar? — indignou-se Kowalski. — Por um salário e meio de pagamento? Foi como encostar-me uma arma às costas. Eu tenho uma namorada para sustentar.

Gray continuava a não perceber a relação entre o antigo marinheiro e a professora universitária, mas pelo menos ela levava-o a tomar banho com maior frequência. Até mesmo o restolho negro no cimo da cabeça de Kowalski estava disposto em linhas mais definidas.

Gray gesticulou para continuarem a avançar. Mantinha-se em espera com o gabinete do Comando Carabinieri Tutela Del Patrimonio Culturale, onde Rachel trabalhava. Antes de partir de Washington, o plano estabelecido fora encontrarem-se no exterior do terminal internacional, mas ela não estava em lado nenhum entre a aglomeração de pessoas. Gray ligara para o seu apartamento e para o telemóvel, mas não obtivera resposta. Pensando que estaria presa no tráfego, Gray esperara no terminal durante mais meia hora.

Durante a espera, aproveitara o tempo para contactar a Sigma. Passava pouco da meia-noite nos Estados Unidos. O diretor informara-o dos pormenores da operação que ocorrera em New Jersey. Monk tinha estado envolvido num tiroteio. Todo o caso tinha a ver com um possível grupo ecoterrorista, mas as informações ainda eram imprecisas.

Ao ouvi-lo, Gray sentiu-se tentado a apanhar o avião e voltar para trás, mas Painter insistiu que o assunto estava encerrado de momento. Uma pessoa de interesse crucial fora colocada em segurança e estava a ser interrogada. Foi ordenado a Gray que mantivesse a posição presente.

Por fim, uma voz austera de mulher falou ao ouvido de Gray, rapidamente pondo-o a par em italiano. Depois de uma relação de mais de um ano com Rachel, Gray adquirira alguma fluência na língua.

— A tenente Verona não se encontra no TCP. De acordo com o plano de escala, está de licença. Talvez um outro elemento o possa ajudar...

— Não, obrigado. *Grazie*.

Gray desligou e guardou o telemóvel no bolso. Ele sabia que Rachel planeava tirar algum tempo de licença, mas tinha esperança de que ela se encontrasse na

sede por alguma razão. A sua preocupação adensou-se. Onde poderia estar?

Kowalski chamou um táxi e entraram.

O parceiro olhou-o.

— Então e aquele hospital? — disse ele. — Onde o tio está a ser tratado?

— Tens razão — assentiu Gray. Devia ter pensado nisso. Talvez o tio tivesse piorado. Tal emergência teria afastado Rachel. Com a perturbação, facilmente se poderia ter esquecido do tempo.

Gray teclou no seu telemóvel e conseguiu a ligação ao serviço de receção do hospital. A tentativa de comunicar com o quarto de Vigor falhou. Mas conseguiu falar com uma enfermeira do piso.

— *Monsignor* Verona permanece nos cuidados intensivos — informou-o a mulher. — Qualquer informação adicional deverá ser obtida através da família ou da *polizia*.

— Queria apenas saber se a sobrinha está aí de visita. A tenente Rachel Verona.

A voz da mulher animou-se.

— Ah, a sua *nipote* Rachel. *Bellissima ragazza*. Passou aqui muitas horas. Mas saiu ontem à noite e ainda não voltou esta manhã.

— Se ela aparecer, pode dizer-lhe que liguei? — Gray deixou o seu número.

Guardando o telefone, deixou-se afundar no lugar. Fitou fixamente o cenário em movimento à medida que o táxi acelerava ao longo da autoestrada em direção à cidade de Roma. Rachel arranjava-lhe um quarto numa pequena pensão italiana com dormida e pequeno-almoço. Gray já lá tinha ficado. Quando andavam juntos.

Debatia-se para encontrar uma razão para Rachel não ter aparecido. Onde poderia estar? A preocupação abeirou-se do pânico. Desejou que o táxi fosse mais rápido.

Verificaria as mensagens deixadas no hotel, depois iria diretamente para o apartamento dela. Ficava a apenas alguns quarteirões do hotel.

Contudo, levaria tempo a lá chegar.

Demasiado tempo.

A cada quilómetro que passava, o seu coração batia mais forte, a mão esquerda cerrada sobre o joelho. Quando finalmente transpuseram um dos antigos portões da cidade e se dirigiram para o centro de Roma, o andamento do táxi tornou-se um arrastar. As ruas ficaram cada vez mais estreitas. Peões apressavam-se pelos passeios; uma bicicleta ziguezagueava entre os carros.

Por fim, o táxi virou para uma rua lateral e imobilizou-se em frente de um pequeno hotel. Gray saltou para fora, agarrou no seu saco e deixou Kowalski a pagar ao motorista.

O hotel parecia difícil de descrever visto da rua. Uma pequena placa de latão numa parede, não maior que a mão de Gray, indicava Casa di Cartina. O hotel era um prédio recuperado a partir de três edifícios contíguos, todos datados do século XVIII. Meio lanço de escadas conduzia a um pequeno átrio em baixo.

Gray desceu as escadas. A razão do nome do hotel tornou-se evidente assim que o toque da campainha suspensa anunciou a entrada de Gray. Todas as quatro paredes da divisão estavam cobertas por mapas antigos e símbolos de cartografia. Os proprietários descendiam de uma longa linhagem de viajantes e navegantes, estendendo-se a tempos anteriores a Cristóvão Colombo.

Um homem de idade encarquilhado, envergando um colete abotoado, acolheu Gray por detrás de um pequeno balcão de madeira.

— Há muito tempo, *signor* Pierce — disse o proprietário calorosamente em inglês, reconhecendo Gray.

— Há muito, Franco.

Gray trocou umas poucas amabilidades, o suficiente para Kowalski entrar no átrio com largas passadas. Os olhos do homem mais corpulento varreram as paredes. Com um passado na Marinha, acenou, aprovando a escolha do cenário.

— Franco, gostaria de saber se tem notícias de Rachel. — Gray forçou a sua voz a não parecer tensa. — Se ela deixou alguma mensagem?

O rosto do homem franziu-se, confuso.

— Uma mensagem?

Gray sentiu um aperto no peito. Claramente ela não deixara mensagem. Talvez tivesse voltado...

— *Signor* Pierce, porque haveria a *signorina* Verona de lhe deixar uma mensagem? Ela já se encontra no seu quarto à espera.

O alívio de Gray foi como uma torrente de água fria.

— Lá em cima?

Franco procurou num cubículo atrás do balcão, retirou uma chave e entregou-a a Gray.

— Quarto andar. Arranjei-lhe um quarto com uma agradável varanda. A vista do Coliseu é encantadora daí.

Gray assentiu e pegou na chave.

— *Grazie*.

— Quer que chame alguém para lhe levar as malas?

Kowalski arrebatou do chão o saco de lona de Gray.

— Eu trato disso. — E bateu com o saco nas costas de Gray para o pôr em movimento.

Gray agradeceu de novo a Franco e encaminhou-se para as escadas. Era um acesso estreito e tortuoso, mais escadote do que escada. Tinham de seguir em fila. Kowalski olhou-o em dúvida.

— Onde fica o elevador?

— Não há elevador. — Gray partiu escadas acima.

Kowalski seguiu-o.

— Deves estar a brincar comigo. — Lutou por se içar a si próprio e às malas. Após dois lanços, o seu rosto tornara-se vermelho ardente e uma torrente de impropérios fluía a um ritmo contínuo.

Ao alcançar o quarto piso, Gray seguiu as indicações na parede para achar o quarto. A disposição do espaço era um labirinto convoluto de curvas acentuadas e becos sem saída.

Finalmente chegou à porta certa. Embora fosse o seu quarto, bateu antes de usar a chave. Empurrou a porta, ansioso por ver Rachel, surpreendido com a intensidade do seu desejo. Tinha passado muito tempo... talvez demasiado tempo.

— Rachel? É Gray.

Ela estava sentada na cama, enquadrada pela janela, banhada pela luz da manhã. Levantou-se quando ele entrou rapidamente no quarto.

— Porque não ligaste? — inquiriu Gray.

Antes que ela pudesse responder, outra mulher fê-lo:

— Porque lhe pedi que não o fizesse.

Só então Gray reparou na algema que prendia o braço direito de Rachel à cabeceira da cama. Gray virou-se.

Uma figura esguia envolta num roupão irrompeu da casa de banho. O seu cabelo negro estava molhado, acabado de pentear para trás dos ombros. Uns olhos amendoados cor de jade fitaram-no. As suas pernas, nuas até meio da coxa, cruzaram-se despreocupadamente quando se encostou à ombreira da porta da casa de banho.

Com a mão livre, apontava-lhe uma pistola.

— Seichan...

01h15

Washington, D.C.

— Não lhe vamos conseguir arrancar mais nada — disse Monk a Painter, quando este se afundou no lugar do outro lado da mesa. — Ela está exausta e ainda em choque.

Painter estudou Monk. O homem parecia igualmente esgotado.

— O Creed terminou a sua avaliação dos dados genéticos?

— Há horas. Ainda quer reavaliar os dados com um estatístico para ter a certeza, mas por agora confirma a história de Andrea Solderitch. Ou pelo menos aquilo que podemos verificar.

Painter mantivera-se ao corrente dos relatórios da situação. A assistente do doutor Malloy descrevera uma conversa com o professor uma hora antes de ele ser assassinado. O professor estivera a compilar a análise genética que constituía a parte essencial do ficheiro que Jason Gorman enviara por correio eletrónico ao

pai. Essa análise revelara um mapa genético do milho colhido em África. Marcadores radioativos indicavam quais os genes que eram estranhos ao milho.

Dois cromossomas.

— E o ficheiro original? — inquiriu Painter. — Aquele que Jason Gorman enviou ao professor há dois meses? O que continha os dados genéticos das sementes *originalmente* plantadas nesse campo?

Monk passou uma mão pelo crânio calvo.

— Os técnicos de Princeton ainda estão a tentar recuperar os dados. Já verificaram em todos os servidores. O professor deve ter mantido esse ficheiro isolado no seu próprio computador. Aquele incinerado pelos assassinos. Todas as provas desapareceram.

Painter suspirou. Continuavam a deparar-se com becos sem saída. Até mesmo os atacantes tinham desaparecido. Não foram encontrados quaisquer corpos. Os assassinos deviam ter escapado à deflagração e passado despercebidos pelo cordão em torno do laboratório.

— Embora não tenhamos provas sólidas, acredito na história de Andrea — prosseguiu Monk. — Segundo ela, o professor descobriu apenas *um* cromossoma de ADN externo na semente original. Ele achava que os dois ficheiros mostravam que a modificação genética era instável no milho colhido.

— Mas sem esse primeiro ficheiro — disse Painter —, não podemos prová-lo.

— De qualquer forma, deve ter sido por essa razão que o professor foi torturado e assassinado. Os assassinos deviam ter ordens para destruir todas as provas desse primeiro ficheiro... e todos os que tivessem conhecimento dele. E quase o conseguiram.

Painter franziu o sobrolho.

— Todavia, tudo o que temos é a palavra da senhora Soldertich. E, segundo ela, mesmo o professor não estava inteiramente seguro quanto à instabilidade. As amostras podiam pertencer a dois híbridos genéticos diferentes. Podiam não ter qualquer relação entre si.

— Então qual é o próximo passo?

— Penso que é hora de ir até à origem de tudo isto.

Monk fitou o logótipo em forma de semente impresso no topo da pasta na secretária de Painter.

— A Viatus.

— Tudo parece remeter para a empresa norueguesa. Tu leste o relatório dos serviços de informação sobre a marca gravada a ferro no rapaz e no professor.

O rosto de Monk franziu-se de aversão.

— O círculo quadripartido. Um tipo de cruz pagã.

— A conjectura inicial é que possa representar um grupo ecoterrorista. E talvez assim seja. Talvez um grupo de lunáticos alimente uma vingança pessoal contra a Viatus. E aquele primeiro ficheiro continha alguma pista sobre tudo isso. — Painter suspirou e esticou-se. — Seja como for, é mais do que tempo de termos uma conversa com Ivar Karlsen, o CEO da Viatus International.

— E se ele não falar?

— Dois assassínios em dois continentes... é bom que fale. A publicidade negativa pode fazer afundar o valor das ações em bolsa mais depressa do que qualquer relatório de ganhos desfavorável.

— Quando é que quer...

Um bater apressado na porta interrompeu Monk. Ambos os homens se voltaram quando a porta se abriu. Kat irrompeu pela sala e dirigiu-se à secretária. Monk ergueu um braço, estendendo-lhe a mão, mas foi ignorado.

Painter endireitou-se. Aquilo não podia ser bom...

Os olhos de Kat estavam semicerrados de preocupação, as faces congestionadas como se tivesse corrido durante todo o trajeto até ali.

— Temos problemas.

— O que se passa? — perguntou Painter.

— Eu devia ter percebido mais cedo. — A sua voz estava tensa de frustração. — A nossa investigação e a da Interpol devem ter-se cruzado algures sobre o Atlântico e confundiram-se. Nenhuma das partes compreendeu que se tratava de dois incidentes separados. Uma estupidez. Como cães a perseguir a própria cauda.

— O que se passa? — insistiu Painter.
Monk pegou na mão da mulher.
— Acalma-te, querida. Respira fundo.
A sugestão só aumentou a sua fúria, mas manteve o aperto da mão dele.
— Um outro assassinio. Um outro corpo marcado com a cruz e o círculo.
— Onde?
— Roma — disse Kat. — No Vaticano.
Não teve de explicar mais.

07h30

Roma, Itália

— Vamos todos manter a calma — disse Seichan, conservando a pistola firme como uma rocha.

Atrás de Gray, Kowalski largou ambos os sacos e ergueu as mãos. A sua voz era azeda.

— Odeio viajar contigo, Gray. Mesmo.

Gray ignorou-o e encarou a ex-assassina da Guilda... isto é, se é que era *ex*.

— O que estás a fazer, Seichan?

As suas palavras abarcavam múltiplas questões. *O que estava ela a fazer em Roma? Porque mantinha Rachel refém? Porque lhe apontava uma arma? Como podia sequer estar ali?*

A informação de satélite fornecida pelo implante colocava-a em Veneza. Painter teria ligado a Gray de imediato se ela se tivesse deslocado de lá até ali.

Ela ignorou a pergunta dele e fez outra.

— Estão armados? — Gesticulou para incluir Kowalski.

— Não.

Seichan fitou Gray, como que pesando a verdade das suas palavras. E era a verdade. Tinham viajado num voo comercial e não tinham tido tempo de adquirir armas.

Por fim, Seichan encolheu os ombros, guardou a pistola e entrou no quarto. Movia-se com uma graça felina, toda pernas e força oculta. Gray não duvidava de que ela conseguisse sacar de novo a pistola num piscar de olhos.

— Nesse caso, podemos todos falar como amigos — disse ela ironicamente e lançou a Gray uma minúscula chave. Correspondia claramente à alga de Rachel.

Ele agarrou a chave, aproximou-se da cama e inclinou-se para abrir o fecho.

— Estás bem? — sussurrou ao ouvido de Rachel enquanto manuseava a chave, a sua face encostada à dela. A curva do seu pescoço emanava um odor familiar, despertando velhos sentimentos, acendendo brasas que Gray acreditava há muito frias. Ao endireitar-se, notou que ela deixara o cabelo crescer mais, abaixo dos ombros. Também emagrecera, tornando os ossos da cara mais proeminentes, acentuando a sua semelhança com uma jovem Audrey Hepburn.

Livre, ela friccionou o pulso. A sua voz estava áspera de fúria e tremia de embaraço.

— Estou bem. De facto, deverá interessar-te ouvir o que ela tem para dizer. — A voz baixou de tom. — Mas tem cuidado. Está mais tensa que uma corda de arco.

Gray virou-se para encarar Seichan. Esta caminhou lentamente até à janela, olhando para fora sobre os telhados de Roma. A curva do Coliseu desenhava-se contra o horizonte.

— Por onde queres começar, Pierce? — Não se deu ao trabalho de o fitar. — Não esperavas encontrar-me em Roma?

Ela deixou cair uma mão até ao lado inferior esquerdo. Não o fizera casualmente, mas acusadoramente. O detetor fora implantado durante uma cirurgia abdominal no ano antecedente. Naquele preciso local.

Ela confirmou o que Gray receava.

— Era bastante suspeito que eu tivesse escapado tão facilmente de Banguetcoque. Mas quando não houve perseguição insistente, soube que alguma coisa estava errada. — Voltou-se e ergueu uma sobancelha na direção de Gray. — Uma agente da Guilda foge, mas não há mais do que uma perseguição

descuidada?

— Descobriste o implante.

— Dou-vos os parabéns. Foi difícil de encontrar. Até mesmo uma ressonância magnética de corpo inteiro em São Petersburgo não o revelou. Há cinco meses, pedi a um médico que me submetesse a uma cirurgia exploratória, começando aqui, no ponto onde vocês me operaram.

Ali estava a falha no plano original de Painter. Eles tinham subestimado o grau de paranoia do alvo.

— A cirurgia demorou três horas — continuou, com um crescente tom cortante na sua voz. — Observei tudo por um espelho. Encontraram o implante enterrado na minha ferida tratada... uma ferida que sofri ao salvar a *tua* vida, Pierce.

A raiva endureceu-lhe o rosto, mas ele não deixou de notar uma leve dor nos seus olhos.

— Então removeste o detetor. — Gray recordou o percurso sinuoso no monitor de vigilância. — Mas conservaste-o contigo.

— Achei-o útil. Permitia-me esconder-me à vista de todos. Eu podia fixar o detetor algures num ponto e desaparecer sem ser seguida.

— Como em Veneza.

Ela encolheu os ombros.

— A cidade onde vivia o curador que tu assassinaste. Onde a sua família ainda vive.

Gray deixou a acusação em suspenso. Seichan abanou impercetivelmente a cabeça e desviou o olhar. Ele teve dificuldade em ler as emoções que passaram em flecha.

— A rapariga tinha um gato — disse ela, num tom mais apagado. — Um gato malhado com uma coleira de tachas.

Gray sabia que a *rapariga* devia ser a filha do curador. Então Seichan fora de facto investigar a família, aproximara-se o suficiente para observar a rotina das suas vidas, uma família abalada pela morte de um pai e marido. Ela devia ter colocado o detetor na coleira do gato. Era uma jogada inteligente. O vaguear do

gato pelas ruas e telhados das redondezas faria o detetor parecer ativo. Não admirava que os agentes no terreno não conseguissem encontrar vestígios dela no bairro veneziano. Com os cães a perseguir um rasto falso, a verdadeira presa tinha escapado.

Gray queria mais respostas daquela mulher. Uma pergunta adiantava-se na sua mente, uma conversa que nunca tinham terminado.

— E aquela alegação de seres agente dupla...

Seichan olhou-o ríspidamente. A expressão não se alterou, mas os olhos tornaram-se rocha dura, avisando-o para recuar. Ele estivera a ponto de questionar a sua afirmação de ser uma toupeira implantada na Guilda, uma agente dupla aí colocada por forças ocidentais, mas aquela era claramente uma conversa que ela não queria ter em público. Ou talvez ele interpretasse erradamente a sua expressão. Talvez o azedume naqueles olhos escarnecesse meramente da sua credulidade. Ele recordou as últimas palavras dela em Banguécoque.

Confia em mim, Gray. Ao menos um pouco.

Fitando-a agora, ele deixou a pergunta em suspenso.

Por enquanto.

— Porque estás aqui em Roma? Porquê encontrarmo-nos assim? — Gray gesticulou em direção a Rachel.

— Porque necessito de uma moeda de negociação.

— Algo para manobrar contra mim? — Gray olhou para Rachel.

— Não. Algo para oferecer à Guilda. Depois dos acontecimentos no Camboja, intensificaram-se as suspeitas quanto à minha lealdade. Pelo que sei, a Guilda tem andado a investigar em torno da recente deflagração na Basílica de São Pedro. Algo espicaçou o seu interesse. Então, ouvi que aquele monsenhor Verona estava envolvido no incidente...

— Incidente? — explodiu Rachel. — Ele está em coma.

Seichan ignorou-a.

— Assim, vim para aqui. Achei que podia beneficiar com a situação. Se eu conseguisse obter alguma informação vital sobre a explosão, poderia

reconquistar a confiança total do escalão superior da Guilda.

Gray estudou Seichan. Apesar da natureza insensível das suas palavras, condizia com a sua alegação de há dois anos. Ela fora supostamente enviada para a Guilda para exterminar os seus próprios líderes. A única forma de continuar a progredir na sombria hierarquia — na sangrenta cadeia alimentar — era produzindo resultados.

— Eu tencionava interrogar Rachel — explicou. — Mas, quando lá cheguei, encontrei alguém a revistar o apartamento.

Gray voltou-se para Rachel, que assentiu confirmando, mas o cintilar da fúria permanecia nos seus olhos.

— A Guilda determinou que os assassinos estavam atrás de algo que o padre assassinado tinha na sua posse, algo que queriam desesperadamente. Os assassinos provavelmente revistaram o corpo do homem, mas a explosão não lhes deixou tempo para muito mais. Como revistar o monsenhor.

— Então alguém assumiu que Vigor o devia ter — compreendeu Gray, que se voltou para Rachel. — E que a sobrinha poderia acabar por o obter depois de recolher os seus pertences no hospital.

Seichan assentiu.

— E foram procurá-lo.

Um estremecimento de terror apertou-lhe as entranhas. Se tivessem encontrado Rachel, teriam levado a cabo um interrogatório brutal e depois tê-la-iam matado. E se não encontrassem alguma coisa no seu apartamento, provavelmente estariam à procura dela naquele preciso momento, montando vigilância nos sítios mais prováveis: o apartamento, o local de trabalho, até mesmo o hospital.

Só havia uma forma de proteger Rachel.

— Temos de descobrir do que andam à procura — concluiu Gray em voz alta.

Rachel e Seichan trocaram um olhar.

— Eu tenho-o — disse Rachel.

Gray não conseguiu ocultar o choque.

— Mas não fazemos ideia do seu significado — disse Seichan. — Mostrelhe.

Rachel procurou num bolso do seu casaco e tirou uma pequena bolsa de couro, não maior que um porta-moedas. Descreveu sumariamente a sua descoberta, como encontrara o objeto suspenso do dedo de um esqueleto de bronze na Basílica de São Pedro.

— O tio Vigor conduziu-me até ela — terminou, estendendo a bolsa. — Mas Seichan e eu não conseguimos descobrir mais nada. Sobretudo quanto ao que se encontra no interior.

Seichan e eu...?

Pela informalidade da declaração, quase parecia que as duas eram parceiras, não raptora e vítima. Gray olhou brevemente na direção da casa de banho. Enquanto Rachel falava, Seichan desaparecera de vista, deixando a toalha no chão. Ouviu-a mover-se lá dentro e estava igualmente certo de que ela os ouvia. Qualquer tentativa de alcançarem a porta e estaria sobre eles.

— Estás mesmo bem? — sussurrou Gray a Rachel, prendendo o seu olhar.

Ela assentiu.

— Ela só me algemou quando foi tomar um duche. Não é exatamente do tipo confiante.

De momento, Gray apreciou a cautela de Seichan. Rachel era tão obstinada quanto ele. Surgindo a oportunidade, teria tentado reaver a liberdade. O que poderia ter terminado mal. Se os outros perseguidores a apanhassem, não seriam tão gentis.

Kowalski aproximou-se, agora que Seichan estava fora de vista. Apontou para a pequena bolsa.

— O que tem lá dentro?

Gray já alargara os fios de couro e esvaziava o conteúdo na sua mão. Sentiu o peso do olhar de Rachel sobre si, esperando pela avaliação.

— Isso é...? — Kowalski espreitara sobre o ombro de Gray. Recuou. — Céus, é doentio.

Gray não discordou, expressando o seu repúdio com o franzir do sobrolho.

— É um dedo humano.

— Um dedo mumificado — acrescentou Rachel.

A expressão de Kowalski azedou.

— E, com a nossa sorte, provavelmente amaldiçoado.

— De onde veio? — perguntou Gray.

— Não sei, mas o padre Giovanni estava a trabalhar nas montanhas no norte da Inglaterra. Numa escavação. Não havia mais pormenores no relatório policial.

Gray fez rolar o dedo coriáceo de volta para dentro da bolsa. Ao fazê-lo, notou a espiral grosseira gravada no couro. Curioso, voltou a bolsa e vislumbrou a marca do outro lado. *Um círculo e uma cruz*. Imediatamente, reconheceu-a da descrição de Painter dos acontecimentos ocorridos em Washington. Tinha havido dois assassinios em dois continentes e ambos os corpos exibiam a mesma marca.

Gray encarou Rachel.

— Este símbolo. Disseste que sabias que a bolsa devia estar ligada à explosão. Porque tinhas tanta certeza?

Obteve a resposta que queria.

— Os atacantes marcaram a ferro o padre Giovanni — ela tocou na testa — com o mesmo símbolo. Foi um pormenor deixado fora do relatório. A Interpol estava a investigar o seu significado.

Gray fitou a bolsa na sua mão.

Isso fazia *três* assassinios em *três* continentes.

Mas como estavam todas aquelas mortes ligadas?

Rachel devia ter lido algo no seu rosto.

— O que foi, Gray?

Antes que pudesse responder, o telefone do hotel tocou no seu descanso. Todos se imobilizaram por um instante. Seichan regressou ao quarto, vestindo umas calças pretas e uma blusa vermelho-escura. Pôs por cima um blusão de cabedal preto coçado.

— Alguém vai atender? — indagou Kowalski quando o telefone tocou de novo.

Gray aproximou-se da mesa e pegou no auscultador.

— Sim?

Era Franco, o proprietário do hotel.

— Ah, *signor* Pierce, queria apenas avisá-lo de que três visitantes estão a subir para o seu quarto.

Gray lutou por um instante para compreender. Era um costume na Europa anunciar as visitas, para o caso de os hóspedes não estarem disponíveis. E Franco sabia que Rachel e Gray eram ex-amantes. Não queria que fossem apanhados desprevenidos, por assim dizer.

Mas Gray não estava à espera de ninguém. Ele sabia o que significava. Balbuciou um apressado «*Grazie*», depois olhou para os outros.

— Temos companhia a caminho.

— Companhia? — inquiriu Kowalski.

Seichan compreendeu de imediato.

— Foram seguidos?

Gray rememorou. Estava tão preocupado com a ausência de Rachel que falhara em prestar a devida atenção ao tráfego envolvente. Recordou-se igualmente da inquietação anterior com os perseguidores, de como deviam estar a montar vigilância a todos aqueles ligados a Rachel. Gray fizera várias chamadas.

A sua preocupação devia ter chegado aos ouvidos errados.

Seichan leu a certeza crescente no seu rosto e girou para a porta. Sacou da pistola da cintura nas costas.

— Hora para uma saída antecipada, rapazes.

11 de outubro, 08h04
Oslo, Noruega

Ivar Karlsen observava a tempestade a formar-se do outro lado do fiorde. Adorava o tempo agreste e acolhia de braços abertos a tempestuosa passagem do outono para o inverno. Uma chuva gélida e nevões varriam já as noites mais frias. A geada saudava grande parte das manhãs. Mesmo agora, ele sentia o frio no rosto enquanto apoiava os nós dos dedos na pedra antiga e olhava para fora pela janela em arco.

Mantinha vigília no topo da Torre Munk. Era o ponto mais alto da Fortaleza de Akershus, um dos mais proeminente marcos de referência de Oslo. A imponente estrutura de pedra fora inicialmente construída do lado leste do porto pelo rei Haakon V, durante o século XIII, para defender a cidade. Com o tempo, fora reforçada com fossos adicionais, muralhas e ameias. A Torre Munk, onde agora se encontrava, fora construída no século XVI, quando foram adicionados canhões à defesa da fortaleza e do castelo.

Ivar endireitou-se e pousou uma mão num dos antigos canhões. O ferro frio recordou-o do seu dever, da sua responsabilidade de defender não apenas aquele país, mas o mundo. Fora por isso que escolhera a antiga fortaleza para acolher a Cimeira sobre a Alimentação Mundial da UNESCO desse ano. Era um bastião apropriado para os tempos difíceis que se aproximavam. Mil milhões de pessoas enfrentavam carências alimentares em todo o mundo e ele sabia que isso era

apenas o início. A cimeira era crítica para o mundo e para a sua empresa, a Viatus International.

Não permitiria que nada frustrasse os seus objetivos — nem o que acontecera em África, nem o que se estava a passar em Washington D.C. Os seus objetivos eram vitais para a segurança no mundo, para não mencionar o seu próprio legado familiar.

Em 1802, quando Oslo ainda era designada Christiania, os irmãos Knut e Artur Karlsen juntaram uma empresa de exploração florestal e uma fábrica de pólvora para fundar um império. A sua riqueza tornou-se lendária, elevando-os a verdadeiros barões da indústria. Mas, mesmo nesse tempo, o par temperava a boa fortuna com boas ações. Fundaram escolas, construíram hospitais, melhoraram as infraestruturas nacionais e, acima de tudo, apoiaram a inovação num país em rápido crescimento. Fora por essa razão que batizaram a sua empresa como *Viatus*, do latim *via*, significando «caminho», e *vita*, significando «vida». Para os irmãos Karlsen, a Viatus era o *Caminho da Vida*. O que sintetizava a sua convicção: de que o objetivo último da indústria era melhorar o mundo, de que a riqueza devia ser temperada pela responsabilidade.

E Ivar tencionava continuar esse legado, legado que se estendia à fundação da própria Noruega. Circulavam histórias de que a árvore genealógica da família Karlsen tinha as suas origens remotas nos primeiros colonos viquingues, de que as suas raízes se entrecruzavam com as da Yggdrasil, a árvore do mundo da mitologia nórdica. Mas Ivar sabia que essas alegações não passavam de contos fantasiosos narrados pelos seus *bestefar* e *bestemor*, histórias passadas de geração em geração.

Fosse como fosse, Ivar conservava o orgulho pela história da sua família e pela rica história viquingue da Noruega. Acolhia de bom grado a comparação. Tinham sido os viquingues a forjar verdadeiramente o mundo ocidental, esquadrinhando nos seus longos barcos de proa de dragão a Europa e a Rússia, e até mesmo a América.

Porque não havia Ivar Karlsen de se sentir orgulhoso?

Da sua posição privilegiada no alto da Torre Munk, vigiava as nuvens de

tempestade que se acumulavam nos céus. Derramariam chuva pelo meio-dia, saraiva gélida pelo fim da tarde, possivelmente o primeiro nevão sério pela noite. A neve chegara cedo nesse ano, um outro sinal dos padrões climáticos em mudança à medida que a natureza se enfurecia contra os danos provocados pelo homem, reagindo violentamente contra as toxinas sufocantes e a subida dos níveis de carbono. Os outros que questionassem a mão da humanidade naquela fusão global. Ivar vivia numa terra de glaciares. Ele conhecia a verdade. A massa de neve e de gelo permanente estava a derreter-se a um ritmo nunca antes atingido. Em 2006, os glaciares nórdicos tinham recuado mais rapidamente do que alguma vez registado.

O mundo estava a mudar, a derreter-se diante dos seus olhos. Alguém tinha de tomar uma posição para proteger a humanidade.

Mesmo que fosse um viquingue sangrento, pensou ele com um sorriso lúgubre.

Abanou a cabeça perante tal loucura. Especialmente na sua idade. Era estranho como a história pesava mais fortemente sobre o coração quando se envelhecia. Ivar aproximava-se do seu sexagésimo quinto aniversário. E embora o cabelo ruivo há muito se tivesse tornado branco, usava-o caído até aos ombros. Mantinha-se igualmente em forma através de uma rotina de exercício vigorosa, trabalhando em interiores aquecidos a vapor e no exterior com temperaturas glaciais, como a longa caminhada dessa manhã para alcançar aquele pouso elevado. Com os anos, a rotina deixara-lhe o corpo rijo, o rosto curtido como couro avermelhado.

Verificou o relógio. Embora a cimeira da UNESCO só começasse oficialmente no dia seguinte, tinha várias reuniões organizacionais a realizar.

Enquanto a tempestade se elevava no fiorde, Ivar iniciou a descida da torre. Vislumbrou os preparativos em baixo no pátio. Apesar da ameaça da chuva, estavam a ser instaladas tendas e mesas. Felizmente, a maioria das discussões e conferências iria decorrer nas grandes salas superiores e salões de banquete do Castelo de Akershus. Até mesmo a igreja da fortaleza medieval iria albergar uma série de concertos vespertinos, incluindo grupos corais de todo o mundo. Além

disso, os museus militares associados à fortaleza — o Museu da Resistência Norueguesa e o Museu das Forças Armadas — estavam a ser preparados para os grupos visitantes, bem como as secções inferiores do próprio castelo, onde guias conduziriam visitas às antigas masmorras e passagens obscuras, partilhando histórias de fantasmas e bruxas que desde sempre atormentavam a sombria fortaleza.

Naturalmente, a realidade de Akershus era igualmente lúgubre. Durante a Segunda Guerra Mundial, a fortaleza fora ocupada pelos alemães. Muitos cidadãos noruegueses foram torturados e assassinados no interior daquelas paredes. E, posteriormente, foram aí conduzidos julgamentos e levadas a cabo execuções, incluindo os do famoso traidor e colaborador nazi Vidkun Quisling.

Alcançando a base da torre, Ivar entrou no pátio. Com um pé no presente e outro no passado, não reparou no homem corpulento a bloquear-lhe o caminho até estar quase em cima dele. Ivar reconheceu de imediato Antonio Gravel. O atual secretário-geral do Clube de Roma não parecia satisfeito.

E Ivar sabia porquê. Ele esperara evitar o homem por mais algumas horas, mas claramente não seria possível. Os dois homens tinham colidido desde que Ivar se juntara às fileiras da organização.

O Clube de Roma era um espaço internacional de reflexão que reunia industriais, cientistas, líderes mundiais e mesmo membros da realeza. Desde a sua criação em 1968, tinha-se transformado numa organização englobando trinta países dos cinco continentes. O objetivo principal da organização era a consciencialização para as crises globais críticas que ameaçavam o futuro. O pai de Ivar fora um dos membros fundadores.

Depois da morte do pai, Ivar assumira a sua posição e descobrira que o Clube de Roma se adequava simultaneamente à sua personalidade e necessidades. Com o passar dos anos, subira na organização, tendo chegado a uma posição de liderança. Consequentemente, Antonio Gravel sentira-se ameaçado e tornara-se nos últimos meses um tormento crescente para Ivar.

Contudo, Ivar manteve uma expressão calorosa e acolhedora.

— Ah, Antonio, não disponho de muito tempo. Porque não me acompanha?

Antonio seguiu-o, enquanto ele iniciava a travessia do pátio.

— Terá de arranjar tempo, Ivar. Permitti que a conferência deste ano se realizasse aqui em Oslo. O mínimo que pode fazer é ouvir devidamente as minhas preocupações.

Ivar manteve a expressão impassível. Gravel não *permitira* nada, mas combatera Ivar em todos os passos do percurso. O homem queria que a cimeira se realizasse em Zurique, sede do novo secretariado internacional do clube. Mas Ivar manipulara o secretário-geral, atraindo a cimeira para Oslo, em grande parte graças a uma excursão especial que Ivar idealizara, programada para o último dia da conferência, uma viagem limitada ao escalão de topo envolvido na organização da cimeira.

— Enquanto secretário-geral do Clube de Roma — pressionou Antonio —, parece-me adequado que eu acompanhe os VIP que se dirigem a Spitsbergen.

— Eu compreendo, mas receio não ser possível, Antonio. Tem de perceber a natureza sensível do local para onde nos dirigimos. Se fosse por mim, é evidente que acolheria de bom grado a sua companhia, mas foi o governo norueguês que limitou o número de visitantes a Svalbard.

— Mas... — Enquanto Antonio lutava por encontrar um argumento apropriado, o desejo cru era evidente no seu rosto.

Ivar deixou-o entregue à angústia. Custara à Viatus uma fortuna conseguir uma frota de jatos particulares para transportar a elite da conferência até à remota ilha norueguesa de Spitsbergen, no oceano Ártico. O objetivo da viagem era uma visita privada ao Silo Internacional de Sementes de Svalbard. O vasto banco de sementes subterrâneo fora criado para armazenar e preservar as sementes de todo o mundo, especificamente sementes de cereais. Fora enterrado naquele lugar perpetuamente gelado e inóspito para o caso de um desastre global — natural ou outro. Se tal evento alguma vez ocorresse, as sementes congeladas e armazenadas seriam preservadas para um mundo futuro.

Era a razão por que Svalbard conquistara o cognome de Silo do Juízo Final.

— Mas... parece-me que numa tal viagem — prosseguiu Antonio —, o conselho executivo do Clube de Roma devia mostrar uma frente unida. A

segurança alimentar é absolutamente vital nos dias de hoje.

Ivar forçou-se a não revirar os olhos. Ele sabia que o interesse de Antonio Gravel nada tinha a ver com a segurança alimentar, mas tudo a ver com a sua aspiração de conviver com a futura geração de líderes mundiais.

— Tem toda a razão em relação à segurança alimentar — admitiu Ivar. — Com efeito, esse tópico constituirá o foco do meu discurso.

Ivar tencionava usar o seu discurso de abertura para lançar os recursos do Clube de Roma numa nova direção. Era tempo de uma verdadeira ação. Contudo, percebeu que a expressão de Antonio se ensombrou. A fúria substituiu o tom cordial do homem.

— Por falar no seu discurso — disse Antonio com azedume —, obtive um primeiro esboço dele e li-o.

Ivar estacou e voltou-se para o homem.

— Leu o meu discurso? — Ninguém devia conhecer o seu conteúdo. — Como o conseguiu?

Antonio ignorou a pergunta com um gesto.

— Não interessa. O que interessa é que não pode proferir tal discurso e continuar a esperar representar o Clube de Roma. Levei o assunto ao copresidente Boutha. E ele concorda. Esta não é a hora de divulgar alertas sobre um iminente colapso do mundo. É... é uma irresponsabilidade.

O sangue inflamou o rosto frio de Ivar.

— Então quando é essa hora? — indagou, forçando o maxilar cerrado. — Quando o mundo tiver mergulhado no caos e noventa por cento da sua população tiver perecido?

Antonio abanou a cabeça.

— É disso que estou a falar. Você vai fazer parecer o clube um bando de loucos e vaticinadores da desgraça. Não vamos tolerá-lo.

— Tolerá-lo? A essência do meu discurso deriva do próprio relatório publicado pelo Clube de Roma.

— Sim, eu sei. *The Limits to Growth*. Você cita-o vezes suficientes no seu discurso. Isso foi escrito em 1972.

— E hoje é ainda mais atual. O relatório descreve em grande detalhe o colapso para que o mundo está a convergir diretamente no presente.

Ivar estudara *The Limits to Growth* em grande pormenor, reavaliando os seus quadros e dados. O relatório estabelecia o modelo do futuro do mundo, em que a população continuava a crescer exponencialmente, enquanto a produção alimentar crescia apenas aritmeticamente. Por fim, a população acabaria por exceder a capacidade de produzir alimento suficiente para se sustentar. Atingiria esse ponto a uma velocidade vertiginosa, como uma locomotiva, e excedê-lo-ia. Quando isso acontecesse, seguir-se-iam o caos, a fome e a guerra, com o resultado final do aniquilamento da humanidade. Mesmo os modelos mais conservadores mostravam que noventa por cento da população mundial morreria em consequência. Os estudos tinham sido repetidos noutros lados com os mesmos resultados terríveis.

Antonio encolheu os ombros, descartando toda a questão. Ivar cerrou um punho e esteve a ponto de partir o nariz do homem.

— Esse discurso — afirmou Antonio, ignorando o perigo. — O que você advoga é um controlo radical da população. Isso nunca será aceite.

— Tem de ser — argumentou Ivar. — Não há forma de nos esquivarmos ao que está para vir. O mundo passou de quatro a seis mil milhões em apenas duas décadas. E não mostra sinais de abrandamento. Atingiremos os nove mil milhões nos próximos vinte anos. E isso numa altura em que o mundo está a ficar sem terra arável, em que o aquecimento global ameaça a devastação, em que os nossos oceanos estão a morrer. *Atingiremos* esse ponto limite mais cedo do que se espera.

Ivar agarrou o braço de Antonio, deixando transparecer a sua emoção.

— Mas nós podemos mitigar o seu impacto, planeando agora. Só há *uma* forma de evitar o colapso total a nível mundial... e é reduzindo progressiva e firmemente a biomassa humana deste planeta, *antes* de atingir esse ponto limite. O futuro da humanidade depende disso.

— Saberemos desenvencilhar-nos da situação — disse Antonio. — Ou não tem fé na sua própria pesquisa? Não devem os alimentos geneticamente

modificados patenteados pela sua empresa disponibilizar novas terras, produzir maiores colheitas?

— Mas mesmo isso só nos abrirá uma pequena janela de tempo.

Antonio olhou para o relógio.

— Por falar em tempo, tenho de ir. Já lhe transmiti a mensagem de Boutha. Terá de ajustar as suas palavras se quiser fazer o discurso de abertura.

Ivar viu o homem afastar-se a passos largos na direção da ponte levadiça que transpunha a entrada do Kirkegata.

De pé no pátio, Ivar permaneceu imóvel enquanto a chuva começava a cair debilmente do céu, o primeiro presságio de um dilúvio maior. Deixou que as gotas geladas acalmassem o bater do seu coração. Abordaria a questão com o copresidente do clube, mais tarde. Talvez devesse moderar a sua retórica. Talvez fosse melhor usar uma mão mais branda sobre o leme que guiava o destino do mundo.

De novo calmo e resoluto, atravessou o pátio em direção à massa da Igreja de Akershus com a sua grande janela de roseta. Já estava atrasado para a reunião. No Clube de Roma, Ivar reunira homens e mulheres com o mesmo espírito, dispostos a fazer escolhas difíceis, a manter-se fiéis às suas convicções. Embora Antonio e os dois copresidentes fossem as figuras de proa do Clube de Roma, Ivar Karlsen e a sua cabala interna mantinham o seu próprio pacto, um clube no interior do clube — um coração de ferro, batendo ao ritmo da esperança do planeta.

Cruzando o espaço até à igreja, Ivar viu que os outros já se encontravam reunidos na pequena nave de paredes de tijolo. As cadeiras tinham sido empurradas para um dos lados e fora instalado um palco para o coro à esquerda do altar. As janelas em arco deixavam passar uma luz sombria, enquanto um candelabro dourado vivamente iluminado procurava fornecer um débil toque de alegria.

Os rostos voltaram-se quando Ivar entrou.

Doze ao todo.

Aquele era o verdadeiro poder dentro do clube: líderes da indústria, cientistas

vencedores do Prémio Nobel, representantes governamentais das nações mais importantes, até mesmo uma celebridade de Hollywood, cujo apoio ativo atraía atenção e financiamento às causas do grupo.

Cada qual servia um propósito específico.

Mesmo o homem que se aproximava agora de Ivar. Vestia um fato escuro e exibia uma expressão atormentada.

— Bom dia, Ivar — disse o homem, e estendeu-lhe a mão.

— Senador Gorman, aceite as minhas condolências pela sua perda. O que aconteceu no Mali... eu devia ter investido mais na segurança do campo.

— Não se culpe. — O senador apertou o ombro de Ivar. — Jason conhecia os perigos. E sentia-se orgulhoso por estar envolvido num projeto de tamanha importância.

Apesar das suas palavras, o senador sentia-se claramente incomodado com o tópico, ainda ferido com a morte do filho. À distância, os dois homens quase passavam por irmãos. Sebastian Gorman era tão alto e curtido pelo tempo como Ivar, mas conservava o cabelo branco impecavelmente aparado, o fato engomado e vincado.

Ivar estava surpreso por encontrar ali o senador, mas talvez não devesse. No passado, Gorman revelara-se resoluto na sua determinação. O senador norte-americano fora muito útil na difusão da pesquisa e desenvolvimento de biocombustíveis por todo o mundo ocidental. Aquela cimeira era importante para os seus interesses. E, com as eleições a caminho, o senador teria de arranjar tempo para chorar o filho mais tarde.

No entanto, Ivar compreendia a dor do homem. Aos trinta anos, perdera a mulher e um filho durante o parto. A tragédia quase o destruía na altura. Nunca voltara a casar.

— Estamos prontos para começar? — perguntou o senador, afastando-se.

— Sim. É melhor começarmos. Temos muito terreno a abarcar.

— Ótimo.

Enquanto o senador encaminhava todos para um conjunto de cadeiras, Ivar fitou as suas costas. Não sentiu um pinga de culpa. A Viatus significava o

caminho da vida. E esse caminho era por vezes difícil, exigindo sacrifícios.

Como a morte de Jason Gorman.

O rapaz fora assassinado por ordem de Ivar.

Uma perda trágica, mas não podia alimentar arrependimentos.

11 de outubro, 08h14

Roma, Itália

Tinham menos de um minuto. Os inesperados *visitantes* que o proprietário do hotel anunciara estavam a subir. Gray não queria encontrar-se ali quando chegassem.

Conduziu todos apressadamente pelo corredor em direção à saída de incêndio do hotel. Ficava logo ao dobrar da esquina do quarto. Alcançando a janela, abriu-a rapidamente e desviou-se para deixar passar Rachel.

— Cabeça baixa — ordenou. — Mantém-te fora de vista.

Rachel trepou pela janela para a escada de ferro.

Gray apontou para Kowalski, batendo-lhe no peito.

— Fica com ela.

— Não precisas de me dizer duas vezes — respondeu este, e seguiu Rachel.

Seichan estava a dois passos de distância no corredor, as pernas afastadas, os braços estendidos, as mãos a empunharem uma *Sig Sauer* preta. Mantinha-a apontada para a outra ponta do corredor.

— Tens outra arma? — perguntou ele.

— Tenho a situação controlada. Mexam-se.

Vozes abafadas erguiam-se do fundo do corredor, a par do ranger do soalho de madeira. Os assassinos tinham alcançado o piso e dirigiam-se ao quarto. O desenho rebuscado do hotel provavelmente salvara-lhes a vida, oferecendo-lhes

tempo suficiente para escapar à emboscada.

Mas não muito mais que isso.

Gray recuou até à janela e mergulhou por ela. Seichan seguiu-o. Sem sequer se virar, ela recuou habilmente pela janela aberta, nunca baixando a guarda do corredor.

Rachel e Kowalski já tinham iniciado a descida. Encontravam-se um piso abaixo, quando subitamente tiros foram disparados na sua direção. Gray não ouviu as detonações, mas reconheceu o silvo dos ricochetes e as nuvens de pó de tijolo na parede.

Kowalski praguejou, puxou Rachel para trás de si e iniciou uma rápida retirada pela escada de incêndio acima.

Gray avistou o atirador, meio escondido por um contentor de lixo. Os canalhas já tinham a saída do beco coberta. Seichan ripostou. O atirador agachou-se, mas a pistola dela não tinha silenciador. As detonações feriram os ouvidos de Gray e eram decerto suficientemente sonoras para serem ouvidas pelos assassinos no interior.

— Tentem alcançar o telhado! — ordenou.

O atirador em baixo disparava ao acaso enquanto eles fugiam, mas Seichan mantinha-o imobilizado e a armação de ferro da escada de incêndio ajudava a protegê-los. Felizmente, não lhes faltava muito caminho. O hotel tinha apenas cinco pisos.

Chegando ao topo, Gray encaminhou todos para longe da extremidade do telhado. Fitou a extensão de excrementos de pombos, tubos de ventilação e equipamento de aquecimento e arrefecimento coberto de *graffiti*. Precisavam de outro meio de descida. Naquele preciso momento, ouviu o som de botas a aterrar com força na estrutura de ferro da escada de incêndio. Os outros subiam atrás deles.

Gray apontou para o lado distante do hotel. Um outro edifício encostava-se a ele. Tinha menos um piso. Eles tinham de sair de vista ou pelo menos de sair da linha direta de fogo.

Correram até ao muro baixo que separava os dois edifícios. Gray alcançou-o

primeiro e debruçou-se. Uma escada de metal branca estava aparafusada à parede lateral do hotel e conduzia ao telhado do edifício mais baixo.

— Vamos!

Rachel rolou pela berma e apressou-se degraus abaixo. Kowalski não se deu ao trabalho de aguardar a sua vez. Agarrou a berma do muro, suspendeu-se pelos dedos e simplesmente deixou-se cair. Aterrou de costas no telhado revestido a alcatrão.

Um tiro chamou a atenção de Gray.

Uma cabeça com um capuz preto agachou-se abaixo da escada de incêndio na extremidade distante.

— É agora ou nunca, Pierce! — avisou Seichan.

Ela disparou mais duas vezes, desencorajando mais alguém de se mostrar. Tirando vantagem da cobertura, Gray saltou sobre a berma do telhado, agarrou a escada e ignorou os degraus. Como um bombeiro num varão, deslizou até ao fundo.

Mais tiros ecoaram do alto.

Quando os seus calcanhares atingiram o alcatrão, olhou para cima. Seichan voou sobre o muro e estendeu um braço para a escada. A sua outra mão agarrava a pistola fumegante. Na pressa, falhou o degrau superior e iniciou uma queda de cabeça. Tentou um segundo ponto de apoio, largando a pistola e estendendo a mão. Os seus dedos seguraram-se por meio segundo. A pistola tombou e embateu no chão junto aos pés de Gray. O apoio momentâneo soltou-se.

Ela caiu.

Gray lançou-se para a frente e colocou-se sob ela. Ela aterrou pesadamente nos seus braços. O impacto derrubou-o sobre um joelho, mas agarrou-a. Momentaneamente aturdida, respirou pesadamente, uma mão aferrada ao pulso de Gray.

Kowalski recuperou a arma dela, depois ajudou-os a pôr-se de pé.

Seichan libertou-se rudemente dos braços de Gray, deu um passo vacilante, depois ganhou o equilíbrio. Voltando-se, arrancou firmemente a pistola dos dedos de Kowalski, antes que este pudesse reagir.

— Eh... — Kowalski fitou a sua mão vazia, como se o apêndice o tivesse traído.

— Há aqui outra escada de incêndio — chamou Rachel. Os seus olhos hesitaram momentaneamente entre Gray e Seichan.

Todos se apressaram. O cimo da escada de incêndio estava abrigado atrás de uma volumosa unidade de ventilação. Iniciaram uma rápida descida, saltando de patamar em patamar. Aquela escada desembocava num beco diferente. Permitir-lhes-ia ganhar algum tempo, mas Gray sabia que, qualquer que fosse a rede lançada em torno do hotel, estaria seguramente a ser alargada. Tinham de escapar antes que estivesse completamente fechada sobre eles.

No final do beco, abria-se uma rua. Encaminharam-se para ela. Sem forma de identificar os assassinos, ainda se encontravam em grave perigo. Podiam dirigir-se diretamente para um deles sem o saber. Tinham de se afastar da área, da cidade.

O olhar inquiridor de Gray deslizou de Rachel a Seichan.

— Alguém tem carro?

— Eu tenho — respondeu Rachel. — Mas está estacionado na esquina do hotel.

Ele abanou a cabeça. Era demasiado arriscado voltar atrás. E, considerando que as ruas já se tinham tornado um autêntico parque de estacionamento devido ao engarrafamento matinal, um carro poderia nem sequer lhes servir.

Um rugir à sua esquerda alertou-o do perigo. Gray saltou para trás, enquanto um motociclista acelerava por entre o tráfego parado, praticamente circulando pelo estreito passeio. Kowalski foi um segundo mais lento. O motociclista quase o atingiu, o que só enfureceu o gigante.

— Vai-te lixar, idiota!

Kowalski empurrou o homem com as duas mãos quando este passou.

O motociclista voou do seu assento. A mota bateu num carro estacionado e tombou de lado. Um segundo motociclista, que não vira a alteração e seguia o mesmo trajeto sinuoso, não conseguiu desviar-se a tempo. Foi forçado a largar a mota e deslizar ao longo da sarjeta.

Seichan fitou Gray e ergueu uma sobrancelha.

Serve, respondeu-lhe este silenciosamente.

Seichan correu para a primeira mota; Gray dirigiu-se à segunda.

Precisavam de um meio de transporte.

A pistola de Seichan desencorajou quaisquer reclamações do primeiro condutor. Compreendendo rapidamente, Rachel seguiu Gray. Sacou da sua identificação dos *carabinieri* e ergueu-a alto, gritando em italiano, em tom de comando. O segundo condutor afastou-se da sua mota caída.

Gray endireitou a mota e montou-a. Rachel trepou atrás dele, pondo um braço à volta da sua cintura.

Seichan já subira para a outra mota. Kowalski permanecia imóvel, incerto do que fazer. Seichan bateu no assento atrás de si.

— Deves estar a gozar comigo — disse ele. — Eu não vou atrás como uma gaja.

Seichan conservava a *Sig Sauer* na mão. Voltou-a e ofereceu a extremidade do punho a Kowalski. Ela não podia manobrar e disparar ao mesmo tempo.

Era como oferecer um osso a um cão.

Kowalski não podia resistir. Pegou na arma e trepou para trás dela.

— Assim está melhor.

Partiram quando soavam sirenes da polícia à distância. Gray tomou a dianteira. Guinando por entre o trânsito, contornava carros e esquivava-se das bicicletas. Rachel gritava-lhe direções ao ouvido, guiando-os para as vias mais largas onde o congestionamento não era tão intenso. Gradualmente, ganharam velocidade.

Mas não foram longe.

Um chiar de travões chamou a atenção de Gray.

Atrás deles, um *Lamborghini* preto irrompeu de uma rua secundária, com os pneus a fumegar, e apontou diretamente a Seichan e Kowalski. Uma figura de preto debruçou-se para fora da janela do passageiro do carro desportivo e ergueu uma arma de cano bojudo sobre o ombro. Visou o motociclo em andamento lento.

Gray reconheceu um lança-granadas M32.

Assim como Seichan.

Esta inclinou-se mais sobre o assento e acelerou, mas com o tráfego intenso não havia por onde fugir.

Com o alvo encurralado, o atirador disparou.

02h22

Washington, D.C.

Monk esperava com Kat no gabinete dela no Comando da Sigma. Partilhavam o sofá de pele, deitados juntos. Monk abraçava Kat, apreciando o calor do seu corpo, a suavidade do seu toque. Embora o Comando da Sigma dispusesse de uma série de salas com beliches, nenhum deles conseguiria dormir até terem notícias de Gray.

— Eu devia estar lá com ele — murmurou Monk.

— Ele tem o Kowalski.

Monk fitou-a.

— *Okay* — concordou ela. — Isso pode piorar as coisas. Mas não sabemos sequer se se passa alguma coisa de errado.

— Ele não atende o telefone.

Kat enroscou-se mais perto dele.

— Ele *ia* encontrar-se com Rachel — disse ela, e ergueu uma sobrancelha, deixando a implicação em suspenso.

Monk não aceitava a explicação.

Seguiu-se um longo silêncio, cada qual perdido nos seus pensamentos. Painter continuava a mexer todos os cordelinhos para tentar saber o que se passava em Roma. Kat fizera igualmente investigações adicionais sobre a explosão no Vaticano. Aguardava a chegada de um relatório extensivo da Interpol. Aquele momento de acalmia era simplesmente o olho da tempestade. Contudo, Monk aproveitava-o ao máximo.

Estendeu a mão e colocou a palma no ventre dela. A mão dela ergueu-se e cobriu a dele. Os dedos entrelaçaram-se.

— É errado desejar um rapaz? — perguntou ele.

Ela usou a outra mão para lhe bater ao de leve na perna.

— Sim...

Monk cerrou os braços em torno dela e brincou.

— Mas um rapaz... alguém com quem possa jogar à apanhada, meter uns cestos, ir pescar...

Kat contorceu-se, depois suspirou e encostou-se a ele.

— Tu podes fazer tudo isso com uma filha, seu sacana sexista.

— Chamaste-me *sexy*?

— Sexista... oh, não interessa.

Ele inclinou-se sobre ela e beijou-lhe os lábios.

— Gosto mais de *sexy*.

Ela murmurou entredentes. Monk não conseguiu perceber as palavras, mas passado um instante seguiu-se um silêncio satisfeito. Uma pancada na porta interrompeu-os. Desenlaçaram-se e endireitaram-se. Kat levantou-se e caminhou até à porta, alisando o uniforme. Fitou ferozmente Monk, como se fosse tudo culpa sua.

Kat abriu a porta, encontrando Painter do outro lado.

— Diretor...?

Painter cortou-lhe a palavra e apontou para o fundo do corredor.

— Estava a caminho da sala de comando das comunicações por satélite. Temos problemas em Roma.

Monk pôs-se de pé de um salto.

— Gray?

— Quem havia de ser? — retorquiu Painter e começou a percorrer o corredor.

Roma, Itália

O *Lamborghini* rodava direito ao motociclo em marcha lenta. Não havia nada que Gray pudesse fazer.

Ao mesmo tempo que o atirador disparava a sua arma, Kowalski fustigava ferozmente o veículo com a sua pistola. O para-brisas estilhaçou-se. O carro oscilou ligeiramente — o suficiente para desorientar a pontaria do atirador quando este apertou o gatilho.

Do lança-granadas dardejou um rasto de fumo, que passou sobre a cabeça de Kowalski e continuou estrada abaixo. Atingiu a esquina de um edifício no cruzamento seguinte.

Fumo, fogo e tijolos explodiram.

Peões em pânico fugiram em todas as direções. Carros chocaram no cruzamento. À frente deles, Gray alcançou primeiro o cruzamento. Meteu-se na confusão, acelerando e guinando através do caos e do fumo, aproveitando cada brecha para escapar.

Seichan e Kowalski encurtaram a distância.

Atrás deles, o *Lamborghini*, bloqueado pelo trânsito, desviou-se para cima do passeio. Acelerou, indiferente aos peões no caminho.

Passado o cruzamento, a estrada ficou desimpedia. Gray carregou no acelerador e disparou rua abaixo. Seichan mantinha-se do seu lado direito.

— Gray! — gritou Rachel ao seu ouvido. Solto um braço da cintura dele e apontou para a frente.

No outro extremo da rua, um segundo *Lamborghini* preto derrapou por uma curva e acelerou na sua direção. O primeiro carro aproximava-se por trás deles.

Rachel apontou à esquerda.

— Escadas!

Gray vislumbrou uma passagem pedestre em arco entre dois edifícios. Virou bruscamente, travando e derrapando com ambos os pneus por alguns metros, depois endireitou a mota. Com um rodar do acelerador, lançou-se na direção da escadaria de pedra. Seichan seguiu-o, descrevendo uma curva mais ampla, mas

mantendo o ritmo.

Gray ouviu uma torrente de imprecações vinda de Kowalski, pontuada pelos baques surdos da sua pistola à medida que disparava contra os dois carros desportivos.

Aproximando-se dos degraus, Gray reduziu a mudança e acelerou. Erguendo-se sobre o pneu traseiro, alcançou a escadaria e usou a velocidade adquirida, o equilíbrio e a mudança baixa para engrenar degraus acima. Felizmente, havia apenas um lanço e depois a passagem aplanava. Contudo, o caminho era estreito e sinuoso.

Gray lançou-se velozmente pela passagem. Não abrandou. Confiou que o rugir gutural dos dois motociclos desimpedisse o caminho de peões. Mesmo assim, arriscou olhar de relance para trás. Não via a rua, mas tinha a certeza de que um ou dois atiradores teriam sido largados em perseguição. Os carros estariam provavelmente a rodear a área para os apanhar na outra extremidade.

Mas onde conduzia a passagem?

Gray obteve a resposta quando o caminho desembocou subitamente numa ampla praça. Uma estrada rodeava o seu perímetro exterior. Enquanto se lançava em campo aberto, Gray contemplava assombrado a imponente estrutura antiga que preenchia o centro do espaço à sua frente. Erguia-se alto contra o céu.

O Coliseu.

Mas não tinha tempo para admirar as vistas.

— Temos companhia! — gritou Kowalski, apontando à direita.

Gray voltou-se. Os dois *Lamborghinis* derraparam para a estrada circundante.

— Gray! — disse Rachel, apontando à esquerda.

Um terceiro *Lamborghini*, igualmente preto e lustroso, surgiu. Alguém tinha dinheiro de sobra para gastar.

Sem escolha, Gray dardejou em frente pela estrada, atravessando todas as faixas de tráfego e cortando pela praça pedestre que circundava o Coliseu. Era um parque de passadeiras de cimento, relvados e extensões de asfalto. A mobilidade era a sua única esperança de fuga. E a velocidade.

Infelizmente, as mesmas características descreviam os *Lamborghinis*.

Todos os três carros desportivos deixaram a estrada, viraram em direção à praça e aproximaram-se dos fugitivos por ambos os lados.

Gray não tinha escolha.

Se era uma corrida que queriam...

02h23

Washington, D.C.

Inclinado diante do banco de monitores, Painter fitava as imagens de satélite enviadas pelo National Reconnaissance Office. Mostravam uma vista de uma ampla praça no centro de Roma. O antigo anfiteatro preenchia a área central. O Coliseu assemelhava-se a um olho de pedra gigantesco que fitava.

— Amplie a imagem — ordenou Painter ao técnico.

— Tem a certeza de que é Gray? — inquiriu Monk. Ele e Kat flanqueavam Painter de cada lado do monitor.

— A explosão deu-se a um quarteirão do hotel dele. Os relatórios da polícia descrevem uma perseguição no exterior do Coliseu.

A imagem no ecrã dilatou-se e esquadrinhou a praça. Os pormenores tornaram-se menos distintos. Mas dois carros negros seguiam a alta velocidade em torno da periferia do anfiteatro de pedra. À frente deles, um par de motociclos acelerava por passadeiras e relvados. Uma das motas lançou-se do cimo de uma escadaria, aterrou sobre o pneu traseiro e afastou-se velozmente.

— Sim — disse Monk, aprovadoramente. — Só pode ser Gray.

Os dois carros encurtavam rapidamente a distância.

— Ali! — disse Kat, apontando para o ecrã.

Um terceiro carro, vindo da direção oposta, seguia direito às duas motas. Uma pequena explosão irrompeu junto de um dos motociclos, projetando um caixote de lixo e uma secção de um muro de tijolo pelo ar.

— Granada — murmurou Painter.

O que se estava a passar?

Encurralados por três lados, os dois motociclos guinaram e fugiram pelo único caminho aberto que lhes restava.

A voz de Kat soou incrédula.

— Eles não... eles não podem pensar em...

Monk chegou-se mais perto.

— Sim, *definitivamente* é o Gray.

11 de outubro, 08h23

Roma, Itália

Gray inclinou-se firmemente sobre o guiador. Rachel abraçou-o com força. Ele apontou diretamente à imponente estrutura de pedra. Erguia-se a cerca de quinze pisos no seu ponto mais alto, elevando-se em camadas altaneiras de arcos imensos e colunas colossais. No nível mais baixo, cada entrada em arco era selada por um portão de aço, mas diretamente em frente abria-se a entrada principal, onde habitualmente se alinhavam os turistas.

Gray acelerou na sua direção.

O Coliseu ainda não abrira ao público àquela hora da manhã, mas os portões estavam abertos e as multidões já se tinham começado a reunir para entrar. O tiroteio e explosões haviam afastado a maioria. Contudo, grupos de pessoas tinham-se refugiado onde podiam. Um par de homens vestidos de gladiadores tinha mesmo trepado a uma das árvores da praça. A presença de turistas e de transeuntes mantinha igualmente a polícia armada que guardava o local desconfiada e cautelosa, desencorajando-a de disparar prontamente. Os guardas tinham abandonado a zona da entrada.

Com o caminho convenientemente desimpedido, Gray lançou-se para o portão principal.

Um único guarda surgiu à vista, pronto a defender o local. Apontou a sua arma e gritou-lhes um aviso. Rachel gritou-lhe de volta. Agitou um dos braços,

segurando alto as suas credenciais dos *carabinieri*.

O homem hesitou, o rosto sombreado pela confusão.

Era o suficiente.

Gray passou velozmente, enquanto ele saltava para o lado. Seichan seguiu-o. Dardejaram pela passagem externa que circundava a arena central. Delineado por arcadas e sustentado por colunas, o sombrio espaço enclausurado era cavernoso. O rugir dos motociclos ecoava pelas paredes, intensificando-se num crescendo ensurdecedor.

Um trepidar de disparos chamou a sua atenção para a esquerda. Um dos *Lamborghinis* seguia-os no exterior da praça banhada pelo sol. Um atirador disparava uma espingarda pelo vidro do passageiro. Mas as paredes de pedra e portões de aço serviam-lhes de escudo. Faíscas saltavam do aço.

Um sonoro estilhaçar soou atrás deles.

Gray olhou sobre o ombro. Um segundo *Lamborghini* forçara o caminho pela entrada e dava-lhes caça no interior do espaço. Este era infelizmente bastante amplo para acomodar o pequeno carro desportivo.

Uma violenta explosão chamou a atenção de Gray. Um dos portões de aço, torcido e fumegante, projetara-se na passagem à sua frente. O terceiro *Lamborghini* lançou-se pelos destroços e imobilizou-se com uma derrapagem, bloqueando o caminho.

Uma figura escura debruçou-se da janela, apontando-lhes diretamente a sua arma fumegante.

— Para a direita! — gritou Rachel, apontando uma rampa de pedra próxima.

Obedecendo, descreveu uma curva abrupta, inclinando-se sobre o joelho. A moto derrapou, enviesou-se precariamente, *demasiado* precariamente. Queimou a rótula na pedra enquanto a moto começava a cair por terra. Cerrando os dentes, forçou a moto a levantar-se.

No final, o ângulo salvou-lhe a vida. Um forte estrondo ensurdeceu-o e um rasto de fumo dardejou junto ao motociclo inclinado, falhando Gray por milímetros. Ele sentiu a queimadura da sua passagem na face.

A granada continuou o seu curso para longe e atingiu violentamente o para-

brisas do outro *Lamborghini*. Uma detonação flamejante fez explodir as janelas e virou o veículo de lado.

Enquanto o calor cauterizante se projetava para fora, Gray acelerou na direção da rampa. Seichan e Kowalski já tinham contornado uma das maciças colunas de suporte e convergiam para eles. Os dois motocicletos alcançaram a rampa juntos e lançaram-se por uma curta passagem sombria de volta à luz do Sol.

No fim da rampa, abriu-se toda a extensão do estádio. Elevava-se em quatro imponentes níveis, abarcando vinte e cinco mil metros quadrados. Embora o anfiteatro tivesse sido danificado ao longo dos séculos por vândalos, incêndios, tremores de terra e guerras, conservava uma grandiosidade intemporal, um testemunho do tempo e da história. Diretamente à frente deles estendia-se a arena propriamente dita, onde grandes batalhas haviam sido travadas e onde a morte fora um jogo. Há muito tempo, o pavimento original de madeira tinha apodrecido e exposto o labirinto subterrâneo de passagens e celas de pedra, que outrora abrigavam animais, escravos e gladiadores.

Uma moderna passadeira de pranchas elevada atravessava o poço aberto e terminava numa plataforma no lado distante. Gray aproveitou-a. Sem abrandar, acelerou pelo centro da estreita passadeira. O rugir de um par de motocicletos ecoou pelo espaço, despertando os espíritos de antigos espectadores aplaudindo e gritando por sangue.

E os espíritos não ficariam desapontados naquele dia.

Uma nova barragem de fogo irrompeu atrás deles. Pelo espelho retrovisor, Gray avistou um par de atiradores a tomar posição no extremo da passadeira. Empunhavam espingardas ao ombro. Depois da primeira salva de tiros, Seichan foi forçada a largar a mota, o pneu traseiro rebentado. A mota deslizou de lado. Seichan e Kowalski rolaram pelas pranchas.

Kowalski tentou erguer-se sobre os joelhos, mas Seichan agarrou-o antes que levasse um tiro na cabeça. Juntos, tombaram da passadeira e desapareceram no poço em baixo.

Era a única opção.

Expostos e em espaço aberto, Gray e Rachel nunca conseguiriam chegar ao outro lado. Logo que os assassinos assumissem as suas posições e estabilizassem a pontaria, a presa seria apanhada. Gray travou a fundo. Sabia que tinha menos de um segundo. Virou-se, agarrou Rachel pela cintura e fê-la rolar da mota para a passadeira.

Balas mastigaram as pranchas na sua direção.

Gray manteve o aperto e continuou a rolar. Transpuseram a borda da passadeira e precipitaram-se na escuridão do poço.

02h35

Washington, D.C.

Painter debruçou-se para mais perto do monitor.

— Consegue ampliar com mais precisão?

O técnico abanou a cabeça e recostou-se.

— Esta é a melhor resolução que consigo a partir do satélite. Posso passar os dados atuais por um filtro de alta resolução, mas vai demorar horas a compilar.

Painter voltou-se para Kat. Ela estava ao telefone. Ele encontrou-lhe o olhar.

— Tenho em linha as forças militares italianas — disse Kat. — Encontram-se a dez minutos do Coliseu. A polícia local tem a área encerrada.

Painter voltou a fitar o ecrã. Tinham perdido de vista os motociclistas, quando estes se lançaram no interior do Coliseu. Mas segundos depois reapareceram, acelerando pelo centro da arena. O detalhe era fraco, pouco mais que uma vaga representação. Mas, enquanto observavam, uma das motas rodopiou subitamente e deslizou até se imobilizar. Segundos mais tarde, a outra travou e estacou. Movimento enevoou a imagem, depois tudo pareceu ficar imóvel.

A resolução não era suficientemente precisa para determinar se havia corpos caídos na rampa.

Monk debruçou-se sobre o ombro do técnico.

— Senhor... — Ele apontou e chamou a atenção de Painter de volta ao ecrã.
— Parece-me ver alguma coisa. Na ponte.
O técnico assentiu.
— Parecem duas pessoas. Talvez três.
O seu dedo seguia o débil tremular dos píxeis no ecrã. Fluíam na direção dos motociclos tombados. Mesmo com tão baixa resolução, Painter reconheceu o padrão furtivo de verdadeiros caçadores.
Murmurou para o ecrã, meio súplica, meio prece.
— Sai daí, Gray...

08h36

Roma, Itália

Rachel apoiava-se no ombro de Gray. Cada passo enviava uma pontada de dor pela sua perna direita acima. Ela torcera o joelho ao cair para os subterrâneos do Coliseu. Enquanto coxeava ao lado dele, perscrutava o espaço em redor.

Com o Sol ainda baixo, sombras profundas encobriam-nos. Ela aprendera do tio Vigor que aqueles níveis inferiores eram designados por *hypogeum*, o hipogeu, que significava simplesmente *subterrâneo*. Era ali que outrora eram alojados todos os tipos de feras — leões, elefantes, tigres, girafas —, a par de escravos e gladiadores. Elevadores grosseiros erguiam e baixavam jaulas ou elaboradas peças de cenário.

Mas tudo o que restava do espetáculo eram as ruínas das paredes, cubículos sem saída e minúsculas celas. Sem cobertura, o nível superior ficava exposto ao sol e à chuva. Erva cobria o chão, enquanto um musgo espesso atapetava as paredes. Devido à natureza frágil das antigas estruturas e ao perigo de colapso súbito, o nível estava interdito aos turistas — mas não aos arqueólogos. O tio Vigor introduzira Rachel aí uma vez, furtivamente, quando ela era adolescente.

Se eu me conseguisse orientar...

Gray estacou subitamente. Um movimento furtivo ouviu-se atrás deles: o

roçar da pedra, o sopro pesado da respiração. Mergulharam numa das celas. Duas figuras surgiram.

Rachel sentiu Gray suspirar de alívio.

— Seichan...

A mulher sibilou e ergueu um dedo junto aos lábios. Kowalski seguia-a. O sangue cobria-lhe metade do rosto, fluindo abundantemente de um golpe abaixo do olho. Ergueu igualmente uma mão para os alertar para não fazerem barulho.

Rachel ouviu-o então.

O martelar de botas na passadeira em cima.

Os atiradores não tinham batido em retirada como Rachel esperara. Ainda perseguiam a sua presa.

Seichan apontou para cima, depois ergueu um braço na horizontal. A sua mímica era clara. Se se mantivessem diretamente debaixo das tábuas, seria menos provável serem descobertos. Mas isso significava mover-se o mais silenciosamente possível.

Gray acenou com a cabeça e começou a encaminhar-se para a ponta mais distante do hipogeu. Rachel apertou-lhe a mão com mais força e deteve-o. Ele voltou-se para trás inquisidoramente. Ela conhecia a planta daqueles níveis. Se seguissem a passadeira, iriam dar a uma parede sólida. Apenas uns poucos caminhos conduziam para fora do hipogeu.

Ela apontou ao longo do caminho que seguiam, fez o gesto de cortar no seu próprio braço e abanou a cabeça. Era a linguagem gestual militar para *beco sem saída*. Virando-se, ela apontou para uma saída que poucas pessoas conheciam. O tio mostrara-lha há muito. Mas, para chegar a esse ponto, teriam de abandonar a proteção da passadeira e percorrer o labirinto em campo aberto.

Gray estudou-a, o rosto franzido, os seus olhos duros pedaços de gelo azulado.

Tens a certeza?

Rachel assentiu. Os dedos dele apertaram-lhe o ombro, agradecendo-lhe, tranquilizando-a. Por um instante, desejou os braços dele à sua volta, apertando-a com a mesma força. Mas ele largou-a e agachou-se com Kowalski.

Sussurraram demasiado baixo para se ouvir.

Seichan colocou-se ao lado dela. Ela mantinha a atenção igualmente concentrada nos dois americanos. Rachel não duvidou que a mulher conseguisse ler-lhes os lábios e olhou-a de lado. Um hematoma violáceo começava a formar-se na face de Seichan. Rachel notou também que ela emagrecera desde que a conhecera alguns anos antes. O rosto estava mais magro, cavado, e o seu olhar era atormentado. Fazia-a parecer talhada em pedra, dura e inflexível. Contudo, um fogo frio mantinha-se no seu olhar de um verde profundo.

Gray deslizou para trás e fê-los agachar-se sob a passadeira. Olhou para cima, escutando, enquanto um dos perseguidores passava. Os atiradores vigiavam os dois lados do hipogeu. Qualquer indício de movimento e cairiam sobre eles. Da sua posição vantajosa em cima, seria como disparar contra peixes num barril.

Quando o assassino se afastou, Gray sussurrou:

— Vamos precisar de uma distração. Kowalski só tem uma bala na pistola. Não é muito, mas...

O cauteloso som de botas mudou subitamente de cadência. O lento caminhar tornou-se numa pesada corrida. As botas martelavam na sua direção.

O sussurro de Gray devia ter sido ouvido.

Kowalski ergueu a pistola, pronto a disparar, mas Seichan colocou uma mão admonitória no seu ombro.

O martelar passou pela posição deles e continuou pela passadeira, dirigindo-se para longe. Estavam a fugir. Algo devia tê-los afugentado.

— A polícia... — aventou Gray em voz alta.

— Já não era sem tempo — disse Kowalski.

Seichan não partilhava o seu alívio. A sua expressão azedou-se. Ela encontrava-se em diversas listas de vigilância terrorista, incluindo a da Interpol.

Antes que pudessem tomar uma decisão, um novo ruído intrometeu-se. Surgiu subitamente. O baque surdo de um helicóptero. Gray saiu de baixo da passadeira e olhou para cima. Rachel juntou-se-lhe.

Um helicóptero negro em forma de vespa varria o perímetro do Coliseu.

— Não é a *polizia* — disse Rachel.

De facto, não havia qualquer identificação no aparelho.

Quando se inclinou sobre o estádio, abriu-se uma porta lateral no helicóptero.

Gray agarrou o ombro de Rachel.

— Corre!

Era agora claro porque os atiradores tinham fugido. Não da polícia, mas de um novo nível de assalto. Porquê disparar contra peixes num barril, quando as cargas de profundidade funcionavam bem melhor?

— Por aqui! — gritou Rachel.

Ela correu, ignorando os protestos do joelho, a adrenalina a fazer esquecer a dor. Seguiu ao longo de uma parede curva que seguia junto às celas de pedra. Os outros foram no seu encalço.

— O que se passa? — gritou Kowalski.

Rachel tomou a primeira passagem da direita, depois a da esquerda. Terminou num beco sem saída.

— Para trás!

Recuaram desordenadamente. Rachel continuava agarrada ao ombro de Gray, a coxear. Embora soubesse onde se localizava a saída, não tinha aquele labirinto de ratos memorizado. Retrocedendo, virou no sítio certo dessa vez. À frente, uma passagem em linha reta terminava numa estreita arcada. Era ali! O arco marcava uma escadaria que conduzia a um nível inferior do hipogeu.

Começou a correr nessa direção, quando Gray a agarrou por trás e a empurrou para uma das celas laterais. Os outros lançaram-se igualmente no seu interior. Gray protegeu-a com o corpo quando ecoou um estrondo atoador que abalou as paredes e a pedra sob os seus pés. Instantes depois, uma onda de chamas ergueu-se sobre eles, arrastando fumo e tresandando a químicos venenosos.

Gray empurrou-a para fora do abrigo. Ela cambaleou, surda, os olhos lacrimejantes. Lá no alto, o helicóptero passou velozmente, turbilhonando fumo e fogo. Um cano escuro de metal surgiu à boca da escotilha aberta.

Oh, não...

Em pânico, sabendo o que se seguiria, Rachel apressou-se pela passagem, arquejando de dor enquanto transpunha pedras e secções de muro caídas. A abertura em arco abria-se a dez metros de distância. Centrada no objetivo, o seu calcanhar aterrou numa pedra incrustada no musgo. O pé escorregou e a perna torceu-se. Tropeçou — mas não chegou a atingir o solo.

Gray agarrou-a pela cintura e carregou-a nos últimos passos. Mergulharam juntos pela arcada. Corpos lançaram-se contra eles vindos de trás. Caíram todos juntos, tropeçando, descendo aos tombos o lanço de degraus de pedra.

Aterraram em cima uns dos outros no fundo, enquanto o mundo explodia acima deles.

A detonação próxima da abertura ensurdeceu-os de imediato. A pressão obstruiu os ouvidos de Rachel, parecendo esmagar-lhe o crânio. Pedras tombaram e oscilaram. Chamas irromperam pela garganta da escadaria, estendendo-se pelo teto. A pele queimava. Os pulmões não conseguiam inspirar ar.

Então, subitamente, a pressão desapareceu. As chamas foram sugadas para longe do túnel. Ar fresco fluíu dos níveis inferiores e derramou-se sobre eles.

Mãos empurravam e puxavam. Rastejaram para longe das escadas em direção às sombrias passagens mais baixas. Após alguns metros, puseram-se lentamente de pé. Rachel usou as paredes para se levantar. Arquejou, sentiu vômitos, lutou contra a náusea. Inspirou grandes golfadas de ar fresco.

— Continua — instou Gray.

Rachel apoiou-se à parede enquanto seguiam aos tropeções. Tinham de prosseguir. Os abalos e o fogo podiam fazer ruir sobre eles o nível superior. Tinham de se afastar.

— Consegues encontrar a tal saída?

Ela tossiu.

— Acho que... talvez....

Gray segurou-lhe o cotovelo.

— Rachel.

Ela acenou com a cabeça, recuperando o equilíbrio interior e exterior.

— Sim. Por aqui.

Tirou do bolso o telemóvel e abriu-o. O débil brilho não lançava muita luz, mas era melhor que nada.

Agarrando-se ao ombro de Gray, pôs-se em movimento. Não ficava longe, mas aquele nível era um labirinto de celas, passagens e ruínas. Continuou a andar, perdida entre o passado e o presente.

Recordou-se do tio Vigor a levá-la ali abaixo, entusiasmando-a com histórias de heróis e de monstros, de estranhas feras e de grande aparato. Ele falara-lhe igualmente de uma das encenações mais grandiosas, um evento raro realizado no Coliseu. Um espetáculo denominado *naumachiae*.

Falou em voz alta, enquanto conduzia os outros.

— Antes de serem construídos estes níveis subterrâneos, muito cedo no Império Romano, costumavam inundar esta área, criando um grande lago no meio do Coliseu. Eram aqui representadas batalhas navais famosas, a par de demonstrações de cavalos e touros a nadar.

Kowalski seguia em último, empoeirado, ensanguentado e queimado.

— Neste momento, um banho parece-me bastante bem.

— O que faziam com toda a água depois do espetáculo? — indagou Gray.

— Vais ver — disse Rachel.

Mais duas curvas e encontraram-se diante de uma parede. Um portão de ferro selava uma passagem baixa e estreita. Mesmo à luz débil, esta descia claramente num ângulo inclinado.

— Desimpediram esta área no ano passado, confirmando o que o tio Vigor já sabia. — Rachel destrancou o portão e abriu-o.

Antes que ela pudesse explicar mais, um som ribombante ecoou pelo espaço. Pó das rochas flutuou numa nuvem espessa e rolou sobre eles.

— As explosões estão a desencadear um aluimento — disse Rachel.

Mais próximo, um bloco de mármore caiu do teto a um metro de distância e bateu pesadamente no chão. Mais estrondos seguiram-se. Como peças de dominó, todo o nível estava a começar a ruir sobre eles.

— Por aqui — disse Rachel. — Depressa.

Mergulhou na passagem íngreme e conduziu a descida. Atrás dela, os outros seguiam em fila. Não tinham dado mais de meia dúzia de passos quando o chão abanou e se ouviu um estrondo ameaçador. Mais pó encheu o ar, sufocando-os e cegando-os.

Rachel apressou-se para diante, tapando a boca com o braço. Não via nada à sua frente. O chão tornava-se cada vez mais íngreme. Rachel tinha uma mão à volta do corpo, a outra empunhava o telemóvel iluminado.

— Quanto falta? — arquejou Gray.

Ela não respondeu. Não sabia.

Após um longo minuto de silêncio, chegou-lhe um eco gotejante. Precipitou-se para a frente. Com a pressa, perdeu o equilíbrio, aterrou de rabo e escorregou, largando o telemóvel. Este deslizou à sua frente — e desapareceu.

Incapaz de parar, ela seguiu-o. Por um momento de agonia, o mundo desabou sob ela. Caiu pelo espaço aberto. Deixou escapar um grito fraco, mas aterrou num estreito curso de água gelada. A queda fora de pouco mais de um metro.

— Cuidado! — gritou Gray.

Rachel rolou, enquanto os outros deslizavam, derrapavam e caíam na água junto dela. Rachel recuperou o telemóvel da berma do ribeiro. Ainda brilhava. Segurou-o ao alto.

Encontravam-se num longo canal de pedra, claramente feito pelo homem com lajes grosseiramente desbastadas. Um débil curso de água fluía pelo seu leito.

— Onde estamos? — indagou Gray.

— Nos antigos esgotos da cidade — respondeu Rachel, começando a seguir a corrente. — Era assim que os romanos de outrora drenavam o estádio inundado.

Os outros chapinharam atrás dela.

Kowalski suspirou pesadamente.

— Eu já devia calcular. Uma visita a Roma com Pierce só podia terminar no raio dos esgotos.

11 de outubro, 15h12

Washington, D.C.

Painter preparou-se para a batalha que se aproximava. Estava sentado à sua secretária, tão pronto quanto seria de esperar. Depois da longa noite, gozara de um curto sono, tomara um duche e mudara de roupa.

Horas antes, soubera que Gray e Kowalski estavam a salvo e a sair de Roma. O comandante Pierce já lhe fornecera um relatório preliminar dos acontecimentos em Itália, mas precisava de prosseguir caminho. O relatório completo seria enviado assim que se tivesse instalado num local seguro fora da cidade.

O intercomunicador do gabinete zumbiu. Brant falou num tom seco.

— Senhor, o general Metcalf para si.

Painter já fora alertado de que o diretor da DARPA se dirigia ao Comando da Sigma. Era uma visita rara. E geralmente não um bom sinal.

Painter premiu o botão do intercomunicador.

— Mande entrar o diretor, Brant.

Segundos depois, a porta abriu-se. Painter levantou-se, enquanto o general Metcalf entrava a passos largos no seu gabinete. Trazia o chapéu debaixo do braço e o rosto fechado.

Painter contornou a mesa para apertar a mão do homem, mas Metcalf dirigiu-se para a uma cadeira, lançou o chapéu sobre a mesa e fez sinal a Painter para

que se sentasse.

— Faz ideia da porra de tempestade política que sopra de Itália? — disse Metcalf como introdução.

Regressando ao lado oposto da secretária, Painter afundou-se na sua cadeira depois de Metcalf se sentar.

— Estou a par da situação, general. Estamos a monitorizar toda a comunicação através dos diversos canais dos serviços de informação.

— Primeiro, uma troca de tiros num hotel, depois uma perseguição pelas ruas com um rasto de carnificina atrás e, para rematar, uma das Sete Maravilhas do Mundo é bombardeada. E você diz-me que um dos nossos... dos *seus* operacionais se encontra no âmago de tudo isso?

Painter expirou pelo nariz. Mantinha as pontas dos dedos pousados na borda da mesa.

— Sim, senhor. Um dos nossos melhores agentes no terreno.

— Melhores? — proferiu Metcalf com nítido sarcasmo. — Não gostaria de ver os piores.

Painter deixou que alguma acidez lhe permeasse a voz.

— Ele foi emboscado. Fez o que foi necessário para proteger um operacional. Para os manter a todos vivos.

— A que preço? Pelo que consigo ver, ele investigava um caso que era da competência exclusiva dos serviços italianos. E os serviços de informação italianos e a Interpol tinham a situação controlada. Se o envolvimento do seu agente tiver exposto ou prejudicado...

Painter interrompeu-o.

— General, o caso tem implicações que ultrapassam em muito a Itália. Por isso lhe solicitei este encontro cara a cara. Até ao momento, ninguém sabe do envolvimento da Sigma e espero que assim continue.

Metcalf estudou Painter, à espera de mais pormenores. Painter deixou-o sofrer. Homens mais fracos quebrariam sob aquele olhar de aço. Painter não pestanejou.

Finalmente, Metcalf acalmou-se e recostou-se.

— Diga-me, então, o que aconteceu.

Painter permitiu que os ombros se relaxassem. Estendeu as mãos para a secretária, abriu um *dossier* e fez deslizar uma fotografia na direção do general.

— Esta é uma imagem forense da vítima morta no Vaticano.

Metcalf pegou na fotografia e examinou-a. As suas sobrancelhas franziram-se, o seu equivalente a um vivo choque.

— É a mesma marca — disse ele. — Gravada na fronte, tal como o filho do senador Gorman.

— E do professor de Princeton — concordou Painter. Ele sabia que Metcalf já tinha lido o relatório sobre os acontecimentos na universidade.

— Mas o que tem este padre a ver com o que aconteceu em África? Percebo a ligação com o professor universitário, mas isto? — Fez deslizar a fotografia de volta a Painter. — Não faz sentido.

— O agente no terreno em Itália, o comandante Gray Pierce, recuperou e protegeu uma peça vital deste *puzzle*. Uma peça pela qual alguém estava disposto a destruir o Coliseu de Roma.

— E nós temos essa peça.

Painter assentiu.

— O que é?

— Ainda estamos a tentar descobrir. Trata-se de um artefacto antigo com possível ligação a um local de escavação em Inglaterra. Eu preferia manter os pormenores em segredo, por agora. Limitados a quem tiver necessidade de os conhecer.

— E acha que eu não tenho necessidade de conhecer?

Painter olhou-o fixamente.

— Quer mesmo conhecê-los?

Os olhos de Metcalf inicialmente semicerrados de cólera desviaram-se com um divertimento dissimulado.

— Bem visto. Depois do que aconteceu em Roma, talvez não. A negação plausível pode ser a melhor conduta por agora.

— Fico-lhe agradecido — disse Painter. E era sincero. Era o maior grau de

latitude que alguma vez obtivera do homem.

E, contudo, precisava de mais.

— O que quer que esteja a acontecer ultrapassa largamente as fronteiras da Itália — prosseguiu Painter. — E a melhor forma de descobrir a verdade é manter o nosso envolvimento discreto.

Metcalf acenou em concordância.

— Antes de transpirem os acontecimentos em Itália, eu tinha chegado à conclusão de que necessitávamos de mais informação sobre o projeto genético que estava a ser conduzido no campo da Cruz Vermelha.

— A quinta dirigida pela Viatus.

— Até agora, as mortes dos dois americanos, Jason e o professor, estão relacionadas com esse projeto. Como e porquê não sabemos. Mas é aqui que precisamos de alargar a investigação. Precisamos de mais pormenores. Informação que só podemos obter num lugar.

— Está a falar da própria Viatus.

— Vai iniciar-se uma conferência amanhã em Oslo. A Cimeira sobre a Alimentação Mundial. O CEO da Viatus, Ivar Karlsen, irá discursar na conferência. Alguém precisa de o abordar, de o fazer falar, revelar a verdadeira natureza da investigação que estava a ser conduzida em África.

— Conheço a reputação de Karlsen. Não é pera doce. Um braço de ferro com ele não levará a lado nenhum.

— Compreendo.

— Além de que tem amigos poderosos... incluindo aqui nos Estados Unidos.

— Sei disso.

Painter dispunha de um *dossier* completo sobre o homem e a sua empresa. A Viatus tinha feito várias incursões nos Estados Unidos: o financiamento de um consórcio de biocombustíveis no centro do país, em parceria com uma importante companhia petroquímica que produzia fertilizantes e herbicidas, e, obviamente, a partilha de diversas patentes lucrativas com a Monsanto para estirpes de sementes geneticamente modificadas.

Metcalf continuou.

— Na verdade, já estou a par da cimeira em Oslo. Um nosso amigo mútuo vai estar presente. Alguém que tem usado a DARPA para obter respostas quanto à morte do filho.

— O senador Gorman? — Aquilo surpreendeu Painter.

— Ele já se encontra em Oslo. Apesar das circunstâncias em torno da morte do filho, continua a ser próximo de Ivar Karlsen. Não queremos enfurecer nenhum dos homens. Todo o interrogatório a Karlsen terá de ser conduzido com a máxima discrição.

— Compreendo. E esse facto sustenta a segunda razão por que pedi este encontro.

— E que é?

— Considerando a natureza delicada do assunto e a ameaça de ramificações internacionais, gostaria de conduzir pessoalmente a entrevista com Karlsen.

Metcalfe não esperava tal coisa. Levou um instante a digerir o pedido.

— Você quer ir para o terreno? Para Oslo?

— Sim, senhor.

— E quem dirigirá a Sigma enquanto estiver ausente?

— Kathryn Bryant. Ela tem atuado como segunda figura na escala de comando. Tem um passado na Inteligência Naval e conhecimentos em toda a comunidade internacional. É perfeitamente adequada para assumir o comando e dirigir quaisquer operações no terreno.

Metcalfe recostou-se, enquanto ponderava o plano.

Painter sabia que o homem defendia um código rigoroso em relação à responsabilidade pessoal. Fora a razão por que subira tão rapidamente nas fileiras das Forças Armadas. Painter insistia, agora, nesse ponto.

— Já me explicou a precariedade da base de sustentação da Sigma — disse com convicção. — Dê-nos a oportunidade de demonstrar o nosso valor. E, se as coisas não resultarem, que seja pelas minhas mãos. Eu assumirei total responsabilidade.

Metcalfe permaneceu em silêncio. Fitava de novo Painter com aquele olhar de aço. Painter retribuiu-o, com a mesma firmeza e inflexibilidade.

Um ligeiro aceno e o homem levantou-se. Desta vez, estendeu a mão. Painter apertou-lha do outro lado da mesa.

Antes de lhe largar a mão, Metcalf intensificou o aperto.

— Pise com pés leves, diretor Crowe. E fale com a mesma suavidade.

— Não se preocupe. É assim que os meus ancestrais são conhecidos. Como pés leves.

Aquelas palavras provocaram um ligeiro sorriso, enquanto Metcalf lhe largava a mão e se encaminhava para a porta.

— Talvez assim seja. Mas, neste caso, referia-me a Teddy Roosevelt.

Quando o general partiu, Painter permaneceu de pé. Tinha de dar crédito ao tipo. Ele tinha razão quanto a Teddy. O seu lema aplicava-se a qualquer agente preparado para a ação.

Falar com brandura — mas com um grande pau nas mãos.

16h10

— Foram essas as palavras que o diretor Crowe usou? — inquiriu Kat.

Monk postava-se à sua frente. Ela estava sentada no sofá do seu gabinete.

— As suas palavras exatas. Ele precisa de um grande pau.

— Mas tens de ser *tu* esse grande pau?

Monk aproximou-se dela e baixou-se sobre um joelho, nivelando o olhar com o da mulher. Ele sabia que ia ser uma negociação difícil. Falara com Painter trinta minutos antes. O diretor oferecera a Monk uma posição no terreno para acompanhar o grande homem a Oslo, na Noruega. Contudo, esperara até ao momento para arranjar coragem de abordar o assunto com Kat.

— Na verdade, não é mais do que uma gloriosa entrevista — prometeu Monk. — Como as que tenho feito aqui nos Estados Unidos, nestes últimos meses. Esta missão é só um pouco mais longe.

Ela evitava-lhe o olhar. Fitava as mãos em baixo, apertadas no colo. A sua voz era sumida.

— Pois, e vê como foi simples a tua última missão.

Monk aproximou-se dela e pôs-se entre os seus joelhos.

— Saímos todos em segurança.

De facto, acabara de se certificar sobre Andrea Solderitch. Ela já fora transferida para um local seguro, protegida pelos Serviços de Segurança Interna e pessoalmente vigiada por Scot Harvath, um agente em que Monk confiava plenamente para a manter a salvo.

— Essa não é a questão — disse Kat.

Monk reconhecia-o. Inclinou-se para diante, fez deslizar as mãos por baixo da blusa e acariciou-lhe meigamente o ventre despido. A pele estava ardente sob as suas mãos. Ela estremeceu ao toque.

— Eu sei qual é a questão — disse ele com voz rouca. — A minha memória pode ser como um queijo suíço, mas não esqueço o que é verdadeiramente importante, nem por um segundo de cada dia. E é por isso que me vou certificar de que nada me aconteça.

— Não podes controlar tudo.

Monk olhou-a.

— Nem tu, Kat.

O olhar dela permanecia magoado. Ele sabia o quanto ela lutara para cuidar dele durante a recuperação, o quanto ela odiava estar separada. Ainda agora. O seu instinto protetor resultava do puro medo. Durante meses, ela acreditara que Monk tinha morrido. Ele só podia imaginar como teria sido. Assim, embora não ajudasse nenhum deles, ele não pressionava.

Mesmo naquele momento, recusava-se a forçá-la.

Se ela não quisesse que ele fosse, não iria.

— Odeio a ideia de te ter no terreno — confessou Kat. Ela retirou as mãos dele da sua blusa e apertou-as estreitamente entre as suas. — Mas odiar-me-ia ainda mais por te dizer para não ires.

— Não precisas de mo dizer — disse ele calmamente, sentindo-se subitamente egoísta. — Tu sabes disso. Eu percebo. Haverá outras missões. Quando ambos estivermos preparados.

Kat fitou-o com dureza. Depois curvou-se ligeiramente, revirou os olhos e estendeu-se para lhe agarrar a nuca. Puxou-o para si. Os seus lábios procuraram os dele.

— Sempre o mártir, não é, Kokkalis?

— O quê...?

Ela silenciou-o com os lábios, pressionando os seus nos dele, entreabrindo a boca, saboreando-o. Depois recuou, deixando-o a arquejar, inclinado para a frente e desejando mais.

— Certifica-te simplesmente de que desta vez voltas com todas as partes intactas — disse ela, tocando-lhe a prótese com um dedo.

Sempre o mais lento dos dois, Monk procurava acompanhar-lhe os pensamentos.

— Estás a dizer...?

— Oh, por favor, Monk. Sim, podes ir.

A alegria, a par de alívio, percorreram-no. Abriu um imenso sorriso, que com a mesma instantaneidade se converteu em algo de mais lascivo.

Kat leu-lhe a mente e pressionou um dedo contra a sua boca.

— Não, nem um gracejo sobre seres o grande pau.

— Ora, querida... alguma vez o faria?

Ela retirou o dedo, debruçou-se e beijou-o de novo. Ele deslizou as mãos pelas costas dela e arrastou-a para o seu colo.

Sussurrou enquanto a puxava mais para si.

— Porque havia de o dizer, se o posso provar?

22h15

Terni, Itália

Gray mantinha guarda junto da janela, observando o jardim às escuras por trás da velha casa de quinta. Tinha igualmente vista sobre o parque de estacionamento e a Via Tiberina próxima. Tinham viajado cento e trinta

quilómetros para chegar àquela pequena vila na região da Úmbria, conhecida pelas suas antigas ruínas e banhos romanos.

Rachel sugerira o local. A casa de quinta de dois pisos fora convertida em hotel, mas conservava ainda muito do seu encanto original, com vigas de castanheiro, arcadas de tijolo e candelabros de ferro. Era igualmente remota e distante da estrada principal.

Contudo, Gray recusava-se a baixar a guarda. Depois dos acontecimentos em Roma, não estava disposto a correr riscos. E não era o único.

Em baixo, no jardim, viu o clarão de uma ponta de cigarro a arder. Não sabia que Seichan fumava — mas não era de admirar pois não sabia praticamente nada sobre ela. Ela representava uma incógnita e um risco desnecessário. Ele conhecia as ordens de Washington: capturá-la a qualquer custo.

No entanto, ela vigiara-lhes a retaguarda nesse dia, salvara-lhe a vida no passado.

Enquanto a observava a patrulhar o terreno, ouviu a água fechar-se na casa de banho contígua com um sonoro ressoar de canos. Rachel terminara o duche. Depois de uma hora nos esgotos, todos precisavam de algum tempo com sabonete e água bem quente.

Necessitavam também de algum tempo para se reorganizarem, decidirem um curso de ação. Instantes depois, Rachel saiu da casa de banho fumegante, descalça, apenas envolta numa toalha, o cabelo ainda a gotejar.

— Está livre — disse, depois olhou em volta. — Onde está o teu parceiro?

— Kowalski foi lá abaixo. Arranjar um jantar tardio à cozinha.

— Ah. — Permaneceu à entrada do quarto, os braços em torno do peito, subitamente desconfortável. Não fitou os olhos dele. Não tinham estado verdadeiramente sozinhos desde que se haviam reencontrado. Ele sabia que devia desviar o olhar, permitir-lhe um momento de privacidade, mas não conseguia.

Lentamente, ela caminhou até à cama, ainda poupando a perna esquerda. *Tylenol* e uma ligadura tinham aliviado o seu joelho magoado, mas precisava de pelo menos um dia de descanso. Sobre a cama estava uma pilha de roupa nova,

ainda etiquetada e envolta em papel: para ela, calças de ganga, uma blusa azul-escura e um casaco pelo joelho.

Enquanto caminhava, agarrava-se à toalha como um escudo. Não era necessário. Gray conhecia intimamente o que se encontrava por baixo. O que as suas mãos não tinham explorado, tinham-no os lábios. Mas não era apenas o corpo que o perturbava agora. Era a memória do calor, das palavras ternas a meio da noite, das promessas nunca cumpridas.

Por fim, teve de se voltar para a janela — retirando-se não por reserva, nem mesmo por delicadeza, mas por uma avassaladora sensação de perda de algo que podia ter sido.

Ouviu-a chegar à cama, ouviu o rasgar do papel. Ela não voltou à casa de banho para se mudar. Largou a toalha e vestiu-se atrás dele. Ele não pressentiu sedução na intrepidez, mas mais um ato de desafio, testando-o, sabendo que aquilo o feria e humilhava.

Por outro lado, talvez fosse tudo imaginação sua.

Uma vez vestida, juntou-se a ele junto à janela.

— Ainda em guarda, estou a ver — disse ela suavemente.

Ele não respondeu.

Ela permaneceu ao seu lado por um instante, em silêncio. Lá em baixo, nos jardins, a súbita chama de um fósforo iluminou a forma de Seichan, enquanto esta acendia outro cigarro. Gray sentiu Rachel retesar-se ao seu lado. Ela olhou-o, depois virou-se e retrocedeu de volta à cama.

Antes que algum deles pudesse falar, uma curta pancada na porta chamou-lhes a atenção. Kowalski entrou carregado com um amplo tabuleiro de madeira e duas garrafas de vinho debaixo de um dos braços.

— Serviço de quartos — disse.

Quando entrou, reparou rapidamente na toalha caída no meio do chão. Os seus olhos voaram entre Rachel e Gray, depois reviraram-se ligeiramente. Carregou o seu fardo até à mesa do quarto, assobiando baixinho.

Deixou o tabuleiro sobre a mesa, mas manteve as garrafas de vinho consigo.

— Se precisarem de mim, vou tomar um longo banho. E digo mesmo longo.

Sou capaz de demorar pelo menos uma hora.

Olhou significativamente Gray, naquilo que equivalia a subtileza para o corpulento homem.

O rosto de Rachel adquiriu um leve tom carmesim.

Gray foi salvo de maior embaraço pelo toque do seu telemóvel na mesinha de cabeceira. Verificou o relógio. Devia ser Painter. Pegou no telemóvel e regressou à janela.

— Aqui, Pierce — disse, assim que foi estabelecida a ligação segura.

— Então, já estão instalados? — perguntou o diretor.

— Por agora.

Gray ficou satisfeito por voltar a concentrar-se no caso em mãos. Kowalski dirigiu-se à casa de banho com as suas duas garrafas de vinho. Rachel sentou-se na cama e escutou aquele lado da comunicação. Nos quinze minutos que se seguiram, Gray e Painter compararam notas: três assassinios em três continentes, a violência perpetrada para encobrir o que se passava, o significado do símbolo pagão que parecia ligar tudo.

Painter descreveu o seu plano de viajar para a Noruega a fim de investigar a Viatus e o seu CEO.

— E o Monk vai contigo? — inquiriu Gray, simultaneamente surpreendido e satisfeito pelo amigo.

— Juntamente com John Creed, o nosso geneticista residente. Foi ele quem decodificou os dados do *e-mail* de Jason Gorman. — A voz de Painter adquiriu um tom mais grave. — O que nos leva ao que a tenente Verona descobriu e que aparentemente alguém quer ver destruído.

— O dedo mumificado.

Gray olhou para Rachel. Tinham tido uma longa conversa na viagem de comboio desde Roma. O padre Marco Giovanni havia trabalhado numa escavação no norte de Inglaterra, algures na região remota e montanhosa que bordejava a Escócia. Mas não dispunham de mais pormenores sobre a escavação. Tudo o que sabiam era que o antigo aluno de Vigor estivera a investigar as raízes do cristianismo celta quando a idolatria pagã se fundiu com o

catolicismo.

Gray já relatara alguns pormenores a Painter. Mas não se tinha alargado sobre o que Rachel divulgara no comboio.

— Diretor, talvez seja melhor ouvir tudo da própria tenente Verona. Não estou certo da sua importância, mas parece-me valioso, mais que não seja pelo rigor.

— Muito bem. Ponha-a em linha.

Gray regressou para junto da cama e passou o telefone a Rachel.

— Penso que é melhor informares Painter do que descobriste.

Ela assentiu. Ele permaneceu junto à cabeceira da cama. Depois de algumas cortesias, Rachel introduziu o estranho assunto da obsessão do sacerdote.

— Antes de tudo virar um inferno em Roma — explicou Rachel —, eu tinha adquirido uma lista de todos os artigos e tratados escritos pelo padre Giovanni, algo que remontava aos seus tempos de estudante. Era evidente que ele tinha uma fixação por uma mitologia específica da fé católica, uma encarnação da Virgem Maria conhecida como a Madona Negra.

Gray escutava semiatento enquanto ela explicava. Ele estava familiarizado com o assunto. Estudara religiões comparadas antes de se juntar à Sigma e conhecia a história e mistérios que rodeavam o culto da Madona Negra. Ao longo de séculos, remontando aos primórdios do cristianismo, tinham surgido estátuas e pinturas retratando a mãe de Cristo como negra ou de pele escura. Estas acabaram por ser reverenciadas e guardadas como tesouros valiosos. Ainda existiam na Europa mais de quatrocentas imagens, algumas datadas do século XI. E grande número delas ainda era adorada e venerada: a Madona Negra de Częstochowa na Polónia, a Senhora de Hermits na Suíça, a Virgem de Guadalupe no México. E a lista prolongava-se indefinidamente.

Apesar da veneração persistente, a controvérsia continuava a rodear aquelas Madonas únicas. Enquanto alguns alegavam propriedades milagrosas associadas a essas imagens, outros declaravam que a pele escura se devia simplesmente à fuligem acumulada de velas ou ao escurecimento natural das estátuas de madeira ou do mármore antigo. A igreja católica evitava reconhecer importância ou poder

espiritual a essas imagens.

Rachel prosseguia com a fixação do padre Giovanni.

— Marco estava convencido de que o cristianismo celta se alicerçou na Madona Negra, de que essa imagem representava a fusão entre a velha Mãe Terra pagã e o novo culto da Virgem Maria. Ele passou a sua vida a investigar essa ligação, a verdadeira origem por detrás da mitologia.

Rachel fez uma pausa, claramente a ouvir uma pergunta feita por Painter, depois respondeu.

— Não sei se ele alguma vez encontrou essa origem. Mas encontrou algo, algo por que merecia a pena morrer.

Rachel interrompeu-se de novo, à escuta, depois disse.

— Certo. Concorde. Vou passar de volta ao comandante Pierce.

Gray aceitou o telefone, levou-o ao ouvido e regressou à janela.

— Senhor?

— Considerando a história de Rachel, parece evidente qual deverá ser o próximo passo.

Gray não tinha dúvidas quanto à resposta correta.

— Investigar o local de escavação em Inglaterra.

— Precisamente. Não sei como é que os assassínios em África e em Princeton se ligam à investigação do padre Giovanni. Mas deve haver alguma relação. Eu prosseguirei em Oslo no que respeita à investigação genética... tu prosseguirás no que respeita ao dedo mumificado.

— Sim, senhor.

— Necessitas de pessoal adicional para esta missão? Ou consegues desenrascar-te com Joseph Kowalski e a tenente Verona?

— Penso que quanto mais discretos formos, melhor.

Apesar de se esforçar para isso não acontecer, um tom tenso permeou-lhe a voz. Havia um pormenor que nunca divulgara a Painter Crowe. Gray fitou em baixo o jardim, o clarão vermelho de um cigarro. Detestava mentir ao diretor, ainda que fosse apenas uma falta por omissão, mas, se Gray informasse o Comando da Sigma da sua nova aliada ali, Painter não teria escolha senão enviar

uma equipa para a capturar e despachá-la para um centro de detenção.

Gray não o podia permitir.

No entanto, hesitava.

Estaria a fazer a escolha certa? Ou estaria a colocar desnecessariamente toda a missão em risco?

Gray virou-se descobrindo Rachel a fitá-lo. Nos seus olhos, ele reconheceu que a sua decisão ameaçava mais do que apenas a sua vida. Contudo, recordou igualmente um pedido angustiado há dois anos, um pedido repleto de necessidade e de esperança.

Confia em mim, Gray. Ao menos um pouco.

Fitando de novo a janela escura, Gray contemplou o seu reflexo. Depois de um longo momento, falou para o telefone.

— Ficamos bem por nossa conta.

11 de outubro, 23h22

Oslo, Noruega

Ivar Karlsen empurrou a pesada porta de carvalho com as suas grossas tábuas unidas por ferro martelado. A neve rodopiava pela noite sem lua e castigava com rajadas súbitas a estreita entrada em arco. O frio beliscava-lhe as faces expostas e o manípulo de ferro estava tão gelado que lhe queimou os dedos ao abrir a porta com esforço. A tempestade diurna tornara-se de facto no primeiro nevão sério pelo início da noite.

O tempo agreste agitava Ivar, deixava-lhe o coração a bater com força, a respiração a fluir pesadamente. Talvez ele tivesse verdadeiramente sangue viquingue a percorrer-lhe as veias, como dizia a sua *bestemor*.

Mergulhou pela porta, bateu com as botas para desalojar a neve acumulada. Um vão de escadas sombrio abria-se à frente, conduzindo às profundezas do Castelo de Akershus. Ivar puxou para trás o capuz do seu casaco de pele de carneiro forrado e retirou uma lanterna do bolso. Acendendo-a, desceu as escadas.

Os degraus de pedra tinham sido talhados quando a fortaleza fora inicialmente edificada, datando do período medieval. Os seus passos ecoavam pelas paredes baixas. Tinha de se baixar para não bater no teto. Chegando ao nível inferior, as escadas terminavam numa antiga sala da guarda com os ganchos originais de ferro nas paredes e suportes de tocha ainda intactos.

Pesadas vigas sustentavam o teto.

Mais longe, uma arcada de tijolo abria para um corredor com minúsculas celas, onde nobres detidos e todo o tipo de criminosos foram mantidos em condições esqueléticas e miseráveis. Fora ali que os nazis tinham torturado os conterrâneos de Ivar, aqueles que tinham resistido à ocupação alemã. Ivar perdera mesmo um tio-avô ali em baixo. Honrando esse sacrifício, a Viatus continuava a doar grandes somas para a preservação e manutenção de Akershus.

Ivar varreu com a sua lanterna a garganta da lúgubre passagem das masmorras. Aquela secção estava encerrada às habituais visitas do castelo. Poucos sabiam sequer da sua existência... ou da sua história mais sombria. Fora ali que tinham sido mantidos aqueles que cometeram alta traição à coroa e ao país. O colaborador nazi Vidkun Quisling fora mantido encarcerado ali antes de ser executado. Muitos outros encontraram ali a morte ao longo dos séculos.

Os dedos de Ivar fecharam-se sobre uma moeda antiga no bolso do seu casaco. Tinha-a sempre consigo. Era uma moeda de quatro marcos de Frederico IV, datada de 1725 e cunhada por Henrik Christofer Meyer. Meyer também morrera ali, chicoteado e amaldiçoado por ter substituído prata por cobre na cunhagem do rei e meter ao bolso os lucros.

O rei Frederico IV — considerado na altura um líder benevolente e misericordioso — ainda se regia por um rigoroso código de honra. Corriam rumores de que sangue viquingue corria na sua linhagem. E, segundo o código viquingue, a traição, fosse de que tipo fosse, devia ser punida severamente.

Às ordens do rei, Meyer foi não apenas chicoteado no poste e sentenciado a prisão perpétua, mas marcado permanentemente como traidor à coroa. Meyer foi marcado com um ferro em brasa no meio da fronte. O rei usou uma das próprias moedas defeituosas do mestre cunhador, gravando a imagem na carne do homem.

A moeda no bolso de Ivar era uma dessas moedas. Estava na sua família há séculos e a história passara de geração em geração. Passou a representar o código da família Karlsen: pesar a misericórdia e a generosidade, contudo jamais tolerar a traição.

Ivar ouviu a porta em cima abrir-se e fechar-se com força, interrompendo o seu devaneio. Passos ecoaram enquanto alguém descia apressadamente os degraus.

Uma mulher esguia de longas pernas entrou na sala da guarda. Trouxe um pedaço do gelo invernososo com ela. A neve salpicava o seu cabelo cor de fogo, os olhos dourados refletiam a luz da lanterna. Vestia um longo casaco cinzento sobre roupa escura.

— Lamento o atraso, Ivar — disse ela. Agitou o cabelo, espalhando flocos de neve qual antiga deusa invernal.

Embora com apenas vinte e alguns anos, Krista Magnussen tinha-se tornado geneticista chefe da divisão de Culturas Biogenéticas da sua empresa. Ela subira rapidamente, demonstrando ao mesmo tempo brilhantismo e uma desenvoltura aparentemente sobrenatural. Fora apenas no ano anterior que Ivar descobrira a verdadeira base dessa *desenvoltura*. A revelação surgiu numa altura em que as coisas tinham começado a correr mal nos seus meticulosos planos. O castelo de cartas que ele edificara cuidadosamente começou a inclinar-se. O que exigiu um escoramento.

Krista provou novamente o seu valor, e Ivar ficou chocado ao descobrir que ela não era inteiramente quem aparentava ser. A espionagem empresarial era um lugar-comum em toda a indústria, mas ele nunca suspeitara de uma mulher tão jovem e brilhante. E nunca suspeitara da extensão das suas ligações. Ela trabalhava para uma rede obscura que respondia por inúmeras designações. A rede oferecia os seus serviços mercenários a troco de acesso à empresa e de uma percentagem em lucros futuros. No ano anterior, a organização provara o seu valor inquestionável no escoramento dos seus planos e mesmo na sua aceleração.

E fora a própria Krista a lidar com o delicado e infeliz assunto do filho do senador.

Ela aproximou-se, abraçou Ivar com firmeza e roçou-lhe a face com um beijo casto. Os seus lábios estavam ainda frios da tempestade.

— E lamento igualmente — disse ela — ter de o convocar tão repentinamente, a esta hora da noite.

— Se é importante...

— É importante. — Krista sacudiu o casaco, espalhando a neve que se derreteu em gotículas. — Acabei de saber que os nossos alvos em Roma sobreviveram.

— Estão vivos? Pensei que tinha dito o contrário.

— Subestimámo-los — disse Krista com um encolher de ombros. Não fez qualquer esforço para o justificar, ignorar ou evitar a responsabilidade. Como sempre, Ivar respeitou a sua franqueza.

— Ainda têm na sua posse o artefacto?

— Sim.

— Como sabe tudo isso? — perguntou com um franzir da testa.

Krista sorriu, contudo friamente.

— Parece que o nosso ataque chamou a atenção de alguém, alguém com algo a provar. Depois dos acontecimentos em Roma, fomos contactados. Foi-nos proposto um acordo. Temos agora alguém no interior.

— Pode-se confiar nele?

— Não deixo estes assuntos meramente à confiança, Ivar. A nossa organização permanecerá por perto, mantendo a vigilância.

— Não compreendo. Se têm alguém no interior, porque não lhe ordenam que se apodere do artefacto ou que o destrua?

— Essa pode não ser a opção mais sensata. — Os olhos dela faiscavam na obscuridade, cintilando com um brilho ofuscante.

— O que quer dizer?

— O padre Giovanni traiu-o. Ficou com o seu dinheiro, permitiu-lhe que financiasse a investigação dele. No entanto, quando encontrou o artefacto, roubou-o. Fugiu com ele.

Os dedos de Ivar fecharam-se sobre a moeda. *O padre pagara pelo seu crime.* Pouco depois de saber das ligações de Krista, Ivar contara-lhe a história sangrenta de Henrik Meyer, como lição e como aviso. Todavia, ela tomou a história à letra e sugeriu as mutilações, para ajudar a camuflar os assassinios, para os fazer parecer um ato de ecoterroristas. Ivar também sentiu uma certa

satisfação com o castigo, um retorno a uma forma antiga de justiça, em que aqueles que traíam o mundo eram marcados para que todos o vissem.

Krista prosseguiu.

— Mas com o artefacto de novo seguro, temos a oportunidade de procurar o que falta descobrir. Encontrar o que Giovanni procurava.

A atenção de Ivar concentrou-se inteiramente nela. Não conseguiu manter o desejo distante da voz.

— A chave do Juízo Final...

Tal descoberta não apenas salvaguardaria o seu plano, como poderia fazer história. A chave possuía o potencial de desvendar um mistério que durava há milénios.

Krista explicou o seu plano.

— Aqueles que têm o artefacto neste momento provaram o seu valor no passado. Com a motivação apropriada, poderiam conseguir o que o padre Giovanni não conseguiu.

Ivar dominou o seu vivo desejo e manteve o seu sentido prático.

— E está certa de poder controlar tal empreendimento?

— Não apenas eu. — Krista sorriu, desta vez calorosamente e plenamente confiante. — Como lhe prometi desde o início, terá todo o apoio da Guilda.

Aproximou-se dele.

— Não o desapontaremos. Eu não o desapontarei.

Movendo-se para os seus braços, beijou-o de novo. Não castamente desta vez, mas abertamente nos lábios. O seu cabelo roçou-lhe o pescoço, gelado e húmido, arrepiando-o, mas os lábios, boca e língua queimavam como fogo líquido.

Ivar esqueceu a moeda no seu bolso e agarrou-a pelo fundo das costas. Puxou-a para mais perto. Reconheceu que ela o estava a seduzir e suspeitou que ela sabia que ele não se deixava enganar. Mas nenhum dos dois se afastou.

Ambos sabiam o que estava em jogo, o que aguardava ser conquistado.

O futuro da humanidade.

E o poder de controlar esse destino.

SEGUNDA PARTE

FOGO E GELO

12 de outubro, 10h12
Hawkshead, Inglaterra

Parecia impossível que o assassinio pudesse ter tido a sua origem num cenário tão idílico.

Gray descia a estrada sinuosa emoldurada por montes ondulantes. A cada quilómetro galgado, o caminho estreitava-se até quase não acomodar o *Land Rover* alugado. Uma mancha de floresta densa projetava-se sobre a estrada, criando um túnel de ramos entrelaçados. Uma vez saídos dos bosques, a vista abriu-se de novo e revelou os cimos arredondados dos *fells* circundantes ou o que passava por colinas ali em Inglaterra. A neve cobria já as rochas escarpadas com um manto branco, uma vez que uma precoce tempestade de inverno se abatera sobre a região na noite anterior.

Mais próximo, prados e herdades delimitadas com cercas cortavam a paisagem numa colcha de terras cultivadas e terras de pousio. Ribeiros e regatos borbulhavam entre lagos espelhados e lagoas. O gelo orlava as margens de todos os cursos de água e a neve soprada pelo vento cobria toda a paisagem.

A beleza natural impelia ao silêncio.

Ou quase.

— Estás perdido, não estás? — acusou Kowalski do banco de trás.

— Não, não estou perdido — mentiu Gray.

Rachel amarrotou o seu mapa e fitou Gray desconfiada.

Pois, talvez estivessem um tanto desviados do caminho...

Tinham deixado Liverpool há duas horas e seguido as direções com bastante facilidade até ao Lake District, no norte de Inglaterra. As estradas principais estavam bem assinaladas, mas, assim que Gray deixou o percurso principal, viu-se numa paisagem de veredas labirínticas, estradas não referenciadas e um horizonte de montes, florestas e lagos.

Até mesmo o GPS se provou inútil. Nenhum dos caminhos equivalia à informação armazenada. Podiam perfeitamente estar a circular por um campo aberto.

O seu destino era a vila de Hawkshead, uma das muitas povoações adoráveis que se aninhavam no reino natural encantado do Lake District inglês. Deviam encontrar-se com um colega do padre Giovanni, um historiador da Universidade de Edimburgo, de nome Wallace Boyle. O doutor Boyle tinha organizado a escavação numa secção remota dos *fells* centrais e ainda supervisionava o sítio. Concordara em recebê-los num bar de hotel em Hawkshead.

Mas primeiro Gray tinha de encontrar o lugar.

Rachel estudava o mapa e procurava pela janela alguma referência. Atrás de Rachel, Seichan sentava-se ao lado de Kowalski e contemplava soturnamente os vales e pequenos montes. Mal dissera uma palavra desde que tinham deixado a Itália e continuava a pairar à margem do grupo, mantendo uma distância prudente.

— Se não chegarmos a algum maldito lugar rapidamente — continuou Kowalski —, vais ter de parar na próxima árvore ou arbusto. Os meus molares de trás estão a flutuar.

Gray acelerou pelo monte acima.

— Se não tivesses emborcado aquelas quatro canecas de cerveja em Liverpool...

— Não tenho culpa. Todos aqueles nomes incríveis. *Blackwater Brewery's Buccaneer. Cains Double Bock. Boddington's Bitters. Tetley's Cask*. Um tipo não sabe o que está a beber até o saborear. Levei algum tempo a encontrar uma boa.

— Mas bebeste-as todas até ao fim.

— Claro que bebi. Seria indelicado não o fazer.

Rachel dobrou o mapa e desistiu.

— Não pode ficar muito mais longe — disse com pouca convicção. — Talvez devamos parar e pedir indicações.

Instantes depois, tal provou-se desnecessário. Com um derradeiro solavanco, o *Land Rover* transpôs o cume seguinte e uma pequena povoação surgiu no vale à frente.

Gray olhou para Rachel. O alívio no rosto dela respondeu à sua pergunta. Tinha de ser Hawkshead. Veredas de pedra entrecruzavam-se passando por jardins vedados com cercas e casas atarracadas de madeira. A neve cobria os telhados de ardósia da vila e delgados fios de fumo elevavam-se das chaminés. Do lado oposto, uma velha igreja de pedra aninhava-se no cimo de um monte e vigiava a povoação, como um severo diácono pardo lançando um olhar carregado sobre a vila lá no fundo.

Enquanto serpenteavam em direção à localidade, muros de pedra erguiam-se ao longo da estrada. O *Land Rover* chocalhou por uma ponte de granito, entrando nos limites da vila. As casas e edifícios eram feitos de tábuas e argamassa com vigamento à vista, a construção tradicional de uma povoação tudoriana inglesa. Pequenos jardins à frente e nas janelas deixavam antever o esplendor que deviam ter ali a primavera e o verão, mas, depois da tempestade da noite passada, a neve acumulava-se nas floreiras e pátios criando um cenário glacial de Natal.

Gray abrandou o *Land Rover* até um lento arrastar, à medida que os pneus calcavam as pedras geladas. Dirigiu-se à praça principal, onde ficava o ponto de encontro — o Kings Arms Hotel. Estavam já vinte minutos atrasados. Alcançando a praça, Gray conduziu o SUV para um pequeno parque de estacionamento.

Quando saíram do veículo, o frio mordeu toda a pele exposta. A humidade de Liverpool e a longa viagem no carro aquecido não os tinham preparado para o ar glacial das elevações da região dos lagos. O fumo da madeira queimada perfumava cada lufada de ar frio. Envolvendo-se mais nos seus casacos

espessos, puseram-se em movimento.

O Kings Arms Hotel ficava no lado mais distante da praça principal. O atarracado edifício de telhado de ardósia acolhia viajantes há quinhentos anos, remontando à era isabelina. Um muro baixo de pedra delimitava uma esplanada na frente, as suas mesas e cadeiras agora cobertas por uma camada recente de neve, mas o brilho intenso que irradiava das janelas mais baixas do hotel prometia um calor fumegante e bebidas quentes. Apressaram-se para o interior.

Kowalski fechava o grupo.

— Ei, vejam só todos aqueles ursos... — A sua voz tinha um tom melancólico, tão incongruente como um touro que entoasse subitamente uma ária.

Gray voltou-se para ele. O olhar de Kowalski estava cravado na montra de uma loja. Por detrás do vidro gelado, a luz âmbar revelava uma encenação de ursos de peluche de todos os tamanhos e feitios. O dístico sobre a porta anunciava *Sixpenny Bears*.

— Há um vestido de pugilista! — Kowalski começou a desviar-se em direção à montra.

Gray chamou-o de volta.

— Já estamos atrasados.

Os ombros de Kowalski caíram. Com um derradeiro olhar de desejo para a loja, seguiu atrás deles.

Rachel olhava fixamente o corpulento homem com uma expressão desconcertada.

— O que foi? — disse Kowalski de mau humor. — Era para a Liz, a minha namorada. Ela... ela coleciona ursos de peluche.

Rachel fitou-o por mais uns instantes, descrente.

Kowalski resmungou e encaminhou-se pesadamente para o hotel.

Seichan colocou-se ao lado de Gray e tocou-lhe no cotovelo.

— Vocês entrem. Falem com o tal historiador. Eu fico a vigiar cá fora.

Gray encarou-a. Não era esse o plano. Embora o rosto dela permanecesse calmo e desinteressado, os olhos continuavam a vaguear pela praça,

provavelmente analisando a área à procura de pontos de ataque, caminhos de fuga e locais de abrigo. Ou talvez ela se recusasse simplesmente a enfrentar-lhe o olhar. Estaria verdadeiramente a protegê-los ou a manter uma distância fria?

— Há alguma coisa de errado? — inquiriu ele, abrandando o passo.

— Não. — Os olhos dela dardejaram na sua direção, quase zangada. — E pretendo que assim continue.

Gray não estava com disposição para discutir. Depois de tudo o que acontecera em Itália, talvez fosse melhor manter alguém de guarda no exterior. Seguiu no encalço de Kowalski e Rachel, enquanto Seichan se deixava ficar para trás.

Juntando-se aos outros, atravessou a esplanada gelada e alcançou a porta principal. Reparou numa placa próximo da entrada que dizia «São bem-vindos cães e crianças bem-comportados». O que provavelmente excluía Kowalski. Gray considerou ordenar ao parceiro que permanecesse no exterior com Seichan, mas isso apenas enfureceria ainda mais a mulher.

Gray empurrou a porta. Um calor estonteante jorrou para fora, acompanhado do aroma do malte e do lúpulo. O bar ficava logo à frente do átrio do hotel. Umas poucas vozes ecoavam até eles, a par de gargalhadas. Gray seguiu Kowalski para o bar. Este dirigiu-se logo à casa de banho com um acelerar do passo.

Gray parou à entrada e perscrutou o espaço. O bar do Kings Arms era pequeno, uma série de mesas e bancos corridos de madeira dispostos em torno de uma lareira de pedra. Um fogo trepidante fora atizado contra o frio. Ao lado da boca da lareira, estava um modelo de madeira em tamanho natural de um rei coroado, provavelmente o homónimo do hotel.

Uma nova explosão ribombante de riso chamou a atenção de Gray para uma mesa de canto, junto à lareira. Um par de habitantes locais, envergando roupa de caça e botas de cano alto, estava de pé diante de uma mesa e do seu único ocupante.

— Caiu em cheio no atoleiro, foi, Wallace! — cacarejou um dos caçadores, limpando um dos olhos com uma mão e erguendo um copo alto de cerveja preta

na outra.

— O traseiro no buraco! Direitinho. — O homem na mesa concordou, com um sotaque escocês a empastar-lhe a língua.

— Gostava de ter visto, oh, se gostava.

— Ah, mas o fedor que se seguiu, rapazes. Disso não gostariam de estar perto. De todo. — Uma nova gargalhada calorosa brotou do homem sentado à mesa.

Gray reconheceu o doutor Wallace Boyle da fotografia no *site* da Universidade de Edimburgo. Mas o professor na imagem estava perfeitamente barbeado e envergava um casaco formal. O homem ali presente exibia um restolho de barba acinzentada e vestia à semelhança dos companheiros caçadores um casaco de espinha puído sobre um colete acolchoado. Na mesa, repousavam um gorro de lã verde-escuro, um par de luvas sem dedos e um cachecol grosso. Ao seu lado, apoiada no banco, uma caçadeira dentro da respetiva capa de transporte.

O doutor Boyle reparou na atenção e aproximação de Gray.

— Tavish, Duff, parece que aqueles repórteres com que contava encontrarme chegaram.

Essa tinha sido a sua história de cobertura: um par de jornalistas internacionais a cobrir a explosão no Vaticano, na sequência da morte do padre Giovanni. Kowalski atuava como fotógrafo.

Os dois caçadores olharam na direção de Gray. Os seus rostos endureceram com a habitual suspeição dos habitantes locais em relação a estranhos, mas acenaram uma saudação cautelosa. Com um erguer final das bebidas, deixaram a mesa.

— Adeusinho, Wallace — disse um deles. — É melhor irmos andando. Está capaz de gelar as bolas lá fora.

— E vai ficar ainda pior — concordou Wallace, fazendo sinal a Gray e Rachel para se aproximarem da mesa.

Kowalski regressara da casa de banho, mas não foi além do bar. Os seus olhos ficaram cravados na ardósia suspensa sobre a lareira, que listava as

beberagens locais.

— *Copper Dragon's Golden Pippin*? Isso é uma cerveja ou algum tipo de bebida frutada? Não quero nada com fruta lá dentro. A menos que se possa chamar fruta a uma azeitona...

Gray desligou a atenção do parceiro enquanto se dirigia à mesa de Wallace. O professor levantou-se, desenrolando a sua estatura de mais de um metro e oitenta. Embora a meio dos sessenta, o homem permanecia robusto e de peito largo, como um jovem Sean Connery. Apertou-lhes a mão e o seu olhar demorou mais um pouco em Rachel. Os olhos do homem franziram-se por um instante, depois descontraíram-se, ocultando o que quer que o tivesse momentaneamente desorientado.

Rachel começou a deslizar para o primeiro banco, depois subitamente imobilizou-se. Estava ocupado. Uma cabeça de pelo de arame surgiu à vista e pousou o queixo sobre a mesa de madeira, não longe de uma travessa meio comida de salsichas e puré.

— Desce daí, *Rufus* — ralhou Wallace, mas sem grande ardor. — Dá lugar aos nossos convidados.

O *terrier* preto e amarelado bufou pelo nariz de exasperação, depois mergulhou e saiu vagorosamente de debaixo da mesa. Deslocou-se para mais perto do fogo, deu duas voltas sobre si mesmo, depois sucumbiu com um suspiro igualmente sonoro.

— O meu cão de caça — explicou o professor. — Um pouco mimado, é certo. Mas na sua idade é mais do que merecido. O melhor batedor de raposas das Ilhas Britânicas. E como não havia de ser? Foi nascido e criado aqui mesmo. Um verdadeiro *Lakeland Terrier*.

O orgulho ressoava na voz do homem. Não se tratava de um professor a caminho da reforma antecipada, nem de um erudito a descansar à sombra dos louros colhidos, que eram muitos segundo a biografia do homem. O doutor Wallace Boyle era considerado um dos maiores peritos na história das Ilhas Britânicas, em particular desde a era neolítica até à ocupação romana.

Instalaram-se todos. Gray colocou um pequeno gravador sobre a mesa,

mantendo o disfarce de jornalista. Após algumas cortesias sobre o tempo e a viagem, Wallace passou rapidamente ao assunto em questão.

— Então vieram até aqui para saber o que descobrimos nos *fells* — disse Wallace. O sotaque tornou-se menos cerrado, o discurso mais formal, ajustando-o à audiência. — Desde a morte do padre Giovanni, tenho andando a responder a perguntas e inquéritos ininterruptamente, nestes últimos dois dias. Contudo, ninguém achou apropriado vir até aqui pessoalmente. Mas, por outro lado, o próprio bom padre não estava aqui há meses.

— O que quer dizer? — inquiriu Rachel.

— O padre Giovanni partiu no final do verão. Em direção à costa, depois para a Irlanda, da última vez que tive notícias dele. — Wallace abanou a cabeça tristemente e martelou o seu copo de cerveja com a unha, à maneira de um brinde ao falecido. — Marco era um tipo brilhante. Verdadeiramente uma grande perda. A sua investigação e trabalho de campo sobre a cristandade céltica podiam ter mudado o modo de ver a história.

— Porque é que ele veio para aqui em primeiro lugar? — perguntou Gray. — Para o Lake District.

— Suponho que mais cedo ou mais tarde acabaria por chegar aqui. Mesmo que eu não o tivesse convocado após a minha descoberta nas montanhas.

— E porquê?

— A paixão de Marco... ou melhor a sua obsessão... levavam-no a esquadriñar toda e qualquer região onde o paganismo e o cristianismo se sobrepuseram. — Wallace ergueu um braço para abarcar o local em geral. — E a história desta região é uma narrativa desse conflito escrita em pedras e ruínas. Foram os nórdicos quem primeiro povoou esta região, cruzando o mar desde a Irlanda para se estabelecerem aqui, trazendo consigo todas as suas tradições. O próprio termo *fell* deriva do termo nórdico para *monte*. Com efeito, a localidade de Hawkshead foi fundada por um nórdico de nome Haukr, nome que ainda sobrevive nestas paragens. O que lhes deve dar uma ideia da longa história desta região.

Wallace gesticulou para lá da janela na direção da igreja que encimava a vila.

— Mas os tempos mudam. Durante o século doze, toda a região caiu na posse dos monges da Abadia de Furness, cujas ruínas se encontram não muito longe daqui. Os monges cultivaram a região, comerciaram lã e carneiros e regeram os supersticiosos habitantes com punho de ferro. Tensões arrastaram-se durante séculos entre as antigas tradições pagãs e a nova religião. Os velhos rituais continuaram a ser realizados em segredo, frequentemente nos locais pré-históricos que juncam a região.

— O que quer dizer com locais *pré-históricos*? — indagou Rachel.

— Lugares datados do período neolítico. De há cinco mil anos. — Wallace enumerou-os pelos dedos. — Antigos círculos de pedra, elevações tumulares, dólmenes, fortificações. Embora Stonehenge possa ser o mais famoso, é apenas um entre as muitas centenas de locais semelhantes espalhados pelas Ilhas Britânicas.

— Mas o que interessou o padre Giovanni nesta escavação específica? — indagou Gray, procurando trazer o professor para mais perto do ponto central da investigação.

Wallace ergueu uma sobrancelha.

— Ah, bem, isso terão de descobrir por vocês mesmos. Mas posso dizer-vos o que *me* conduziu a esta região.

— E o que foi?

— Uma simples referência num livro antigo. Um texto do século onze chamado Domesday Book.

Kowalski aproximou-se da mesa. Carregava um copo alto de cerveja *pilsner* em cada mão, bebendo dos dois. Interrompeu-se a meio de um trago ao ouvir as palavras de Wallace.

— O Juízo Final — disse ele. — Fantástico. Como se já não tivéssemos problemas de sobra.

Seichan percorreu toda a extensão da praça. Na sua mente, formou-se um mapa do local. Cada pormenor, tijolo a tijolo, cada rua, beco, edifício e carro estacionado. Tudo foi fixado no seu cérebro.

Reparou em dois homens com equipamento de caça, que abandonavam o bar. Seguiu-os furtivamente, enquanto caminhavam sem pressa até um camião no parque de estacionamento. Certificou-se de que se afastavam.

Depois disso, encontrou um bom ponto de onde observar o Kings Arms Hotel. Era a entrada de uma loja de brindes fechada. A reentrância da entrada permitia-lhe abrigar-se da ocasional rajada violenta e manter-se fora de vista. À sua direita, a montra da loja exibia um diorama em tons pastel de pequenos animais de cerâmica vestidos com minúsculos trajes: porcos, vacas, patos e, evidentemente, pequenos coelhos... montes e montes de coelhos. O Lake District era a terra natal de Beatrix Potter e da sua criação Peter Rabbit.

Apesar da necessidade de vigiar o hotel, a atenção de Seichan desviou-se para a montra da loja. Recordava-se de muito pouco da sua infância e o pouco que recordava gostava de poder esquecer. Nunca conhecera os pais e fora criada num orfanato nos arredores de Seul, na Coreia do Sul. Era um lugar miserável com poucos confortos. Mas houvera alguns livros, incluindo os de Beatrix Potter, trazidos anos antes por um missionário católico. Esses livros e outros tinham constituído a sua verdadeira infância, um lugar para onde escapar da fome, do abuso e da negligência. Enquanto menina, fizera mesmo um coelho de brincar com um pedaço de serapilheira cheio com arroz seco. Para o impedir de ser roubado, mantivera-o escondido atrás de uma prancha solta da parede, mas uma ratazana acabara por encontrá-lo e comera-lhe o enchimento. Ela chorara durante um dia inteiro, até que uma das mulheres do internato lhe batera, recordando-lhe que mesmo a dor era um luxo.

À entrada da loja, Seichan voltou as costas à montra, apagando aquelas memórias. No entanto, não era só o passado que a magoava. Através da janela, observava Gray a conversar com um homem mais velho em traje escocês. Devia ser o doutor Wallace Boyle. Seichan estudou Gray. O seu cabelo negro estava mais comprido, mais ralo em torno da testa. O rosto tornara-se mais duro,

fazendo sobressair os maldres. Até mesmo os seus olhos de um azul gelado exibiam mais rugas nos cantos — não do riso, mas do passar de anos difíceis.

De pé ao frio, açoitada pela neve, Seichan recordou os seus lábios. Num momento único de fraqueza, ela beijara-o. Não houvera ternura por detrás, apenas desespero e urgência. Contudo, ela não esquecerá o calor, a aspereza da sua barba por fazer, a firmeza dos seus braços. No entanto, no final, nada significara para nenhum deles.

A mão no bolso do seu casaco tocou a cicatriz no ventre.

Tinham estado simplesmente a dançar um jogo de traição.

Tal como agora.

Uma vibração no bolso alertou-a da chamada.

Finalmente.

Era a verdadeira razão para ter ficado ali fora ao frio. Agarrou no telemóvel e abriu-o.

— Fale — disse.

— Ainda têm a encomenda? — A voz ao telefone era calma e segura, mas seca na entoação, com um sotaque americano. Era o seu único contacto, uma mulher de nome Krista Magnussen.

Seichan indignava-se por ter de acatar as ordens de alguém, mas não tinha escolha. Precisava de provar o seu valor.

— Sim. O artefacto está seguro. Eles estão neste momento reunidos com o contacto.

— Ótimo. Agiremos assim que estiverem no sítio da escavação nas montanhas. A equipa colocou as cargas em posição na noite passada. O nevão recente deverá encobrir quaisquer pistas.

— E o objetivo?

— Mantém-se inalterado. Atiçar o fogo debaixo deles. Neste caso, literalmente. O sítio arqueológico é neste momento mais um capital passivo do que ativo. Mas a destruição tem de parecer natural.

— E você tem isso garantido.

— Temos isso garantido. O que a deixa livre para se centrar plenamente no

seu objetivo.

Seichan percebeu a ameaça por detrás das palavras. Não haveria desculpas para o fracasso. Não se quisesse sobreviver.

Enquanto escutava os pormenores específicos da missão, continuava a vigiar a janela do hotel. Já não centrando-se em Gray, fitava agora a mulher italiana sentada ao seu lado. Rachel sorria com algo que o professor dissera, os seus olhos cintilando calorosamente mesmo àquela distância fria.

Seichan não tinha nada contra Rachel Verona — mas isso não a impediria de envenenar a mulher.

11h11

Rachel ouvia à medida que a conversa prosseguia. Embora a lição de história do professor fosse intrigante, ela pressentia algo de mais profundo ali presente — em relação à história do padre Giovanni e algo mais, algo ainda não proferido. O olhar do homem continuava a demorar-se sobre ela, não lascivamente, mas mais como se a avaliasse. Ela tinha dificuldade em manter o contacto visual com ele.

O que se estava a passar?

— Continuo a não compreender — disse Gray ao seu lado. — O que tem esse Domsday Book a ver com a sua descoberta nas montanhas?

Wallace ergueu uma mão, pedindo paciência.

— Primeiro que tudo, o verdadeiro título do livro não era Domsday, mas *Domesday*. Segundo a antiga raiz inglesa *dom*, que significava «cálculo» ou «avaliação». O livro foi encomendado pelo rei Guilherme I como meio de avaliar a importância das terras recentemente conquistadas, de forma a calcular a tributação. Mapeou toda a Inglaterra, incluindo todas as cidades, vilas, povoações e propriedades, e recenseou os recursos locais, desde o número de animais e arados nos campos até ao número de peixes nos seus lagos e rios. Até hoje, o livro permanece uma das melhores descrições da vida nesse tempo.

— Isso está tudo muito bem — pressionou Gray, claramente querendo apressá-lo. — Mas mencionou uma referência *única* que conduziu à sua atual escavação. De que estava a falar?

— Ah, aí está o busílis! É que o Domesday Book foi escrito numa forma críptica de latim e compilado por um único escriba. Permanece algum mistério quanto à necessidade de tal nível de segurança. Alguns historiadores interrogam-se se não existiria um segundo propósito nesta extraordinária compilação, um registo oculto. Em particular, quando alguns dos lugares listados no livro são ominosamente assinalados com uma única palavra em latim que significa *devastado*. A maior parte desses locais concentra-se na região noroeste da Inglaterra, onde as fronteiras estavam em constante mudança.

— Por noroeste — indagou Rachel —, quer dizer esta região, o Lake District?

— Exatamente. O condado da Cúmbria era fértil em guerras fronteiriças. E muitos dos lugares listados como *devastados* eram lugares onde o exército do rei tinha destruído uma vila ou povoação. Foram assinalados porque não era possível tributar o que já não existia.

— É mesmo? — inquiriu Kowalski, contemplando com ar carregado os seus dois copos de cerveja. — Então nunca ouviu falar do imposto por morte?

Wallace olhou de Kowalski para Gray.

— Ignore-o, por favor — recomendou Gray.

Wallace aclarou a garganta.

— Um estudo mais apurado do Domesday Book revelou uma ponta do mistério. Nem todos os locais *devastados* tinham sido resultado da conquista. Uma série de referências não tinham explicação. Esses poucos lugares estavam assinalados a tinta vermelha, como se alguém perseguisse o rasto de algo significativo. Procurei uma explicação e passei perto de dez anos a investigar uma dessas referências, a de uma pequena povoação nas terras altas que já não existe. Procurei registos do lugar, mas era como se este tivesse sido apagado. Quase desisti até que encontrei uma estranha alusão no diário de um oficial da Coroa de nome Martin Borr. Descobri esse livro em Saint-Michel.

Wallace gesticulou na direção da igreja sobranceira no limite da povoação.

— O livro foi descoberto numa cave de tijolo durante uma renovação. Borr foi enterrado no cemitério de Saint-Michel e os seus bens doados à Igreja. Embora o seu relato não diga exatamente o que aconteceu àquela aldeia, o homem deu de facto a entender algo de terrível, sugerindo que *juízo final* seria verdadeiramente um título mais cabal para o grande livro. Ele marcou mesmo o seu diário com um símbolo pagão, que foi o que me atraiu inicialmente ao livro.

— Um símbolo pagão? — A mão de Rachel deslizou na direção do bolso do casaco, onde guardava a bolsa de couro com o seu macabro conteúdo.

Gray pousou a palma da mão sobre os dedos dela e comprimiu-os gentilmente, a sua intenção clara. Até saber mais sobre aquele homem, não queria que Rachel lhe mostrasse o que encontrara. Rachel engoliu em seco, demasiado consciente do calor da mão de Gray sobre a sua pele. Retirou a mão e colocou-a sobre a mesa.

Wallace não notou a comunicação silenciosa.

— O símbolo era definitivamente pagão. Vejam. — Mergulhou um dedo no seu copo de cerveja e desenhcou sobre a mesa de madeira, com uns poucos traços hábeis, um círculo e uma cruz. Um símbolo familiar.

— Um círculo quadripartido — disse Gray.

As sobrancelhas de Wallace ergueram-se e fitou Gray mais fixamente.

— Exato. Este símbolo pode ser encontrado gravado em muitos locais antigos. Mas o facto de encontrar um diário cristão com esse símbolo chamou a minha atenção.

Rachel pressentiu que se estavam a aproximar do cerne do mistério.

— E esse diário ajudou-o a encontrar a aldeia perdida nas montanhas?

— Na verdade, não. — Wallace sorriu. — O que eu encontrei foi ainda mais excitante.

— O que quer dizer? — perguntou Rachel.

Wallace recostou-se, cruzou os braços e passeou o olhar por todos eles.

— Antes de responder a isso, que tal dizerem-me primeiro o que se está a passar? Como o que estão aqui a fazer?

— Não compreendo — disse Gray, fingindo confusão, procurando manter a história de serem jornalistas.

— Não me tomem por tolo. Se vocês são repórteres, eu sou um perfeito idiota. — O olhar de Wallace pousou decididamente em Rachel. — Além de que a reconheci logo, minha jovem. Você é a sobrinha de monsenhor Verona.

Em choque, Rachel encarou Gray. Ele parecia ter levado um soco no estômago. Kowalski simplesmente revirou os olhos, pegou no seu copo e esvaziou o resto do seu conteúdo de um trago.

Rachel não via razão para manter o subterfúgio. Enfrentou o professor. Agora compreendia porque o homem a fitara tão estranhamente.

— Conhece o meu tio?

— Aye. Não muito bem, mas sim, conheço. E lamento que esteja em coma. Conhecemo-nos num simpósio há alguns anos e iniciámos uma correspondência regular. O seu tio tinha bastante orgulho em si... uma *carabiniere* encarregada do furto de antiguidades. Ele enviou-me fotografias e na minha idade não se esquece uma cara bonita como a sua.

Rachel lançou um olhar apologético a Gray. Ela desconhecia aquela ligação pessoal.

Wallace continuou.

— Não compreendo a razão para este tipo de subterfúgio, mas, antes de avançarmos, exijo uma explicação.

Antes que alguém pudesse falar, o *terrier* do professor emitiu um rosnar baixo vindo do fundo da garganta. O cão ergueu-se sobre as patas ao lado do fogo e fixou a entrada do hotel. Quando a porta se abriu de rompante, o rosnar intensificou-se.

Uma figura penetrou no átrio, sacudindo a neve das botas.

Era apenas Seichan.

12 de outubro, 13h36

Oslo, Noruega

O almoço terminou com um aviso.

— A humanidade não pode esperar mais para responder a esta crise — dizia Ivar Karlsen, de pé num estrado na ponta do salão. — O colapso global ameaça esta geração ou a próxima.

Painter partilhava a mesa do fundo da sala com Monk e John Creed. Tinham chegado a Oslo há apenas uma hora, quase falhando o almoço de abertura da Cimeira sobre a Alimentação Mundial.

A grande sala de jantar do Castelo de Akershus parecia tirada de um livro de história medieval. Vigas de madeira talhadas à mão sustentavam o teto e, sob os pés, um pavimento de carvalho desenhava um padrão em espinha. Lá no alto, candelabros cintilavam sobre longas mesas cobertas de linho.

A refeição incluía cinco pratos, uma ironia para uma cimeira que se reunira para discutir a fome no mundo. O almoço constituía uma lição de cozinha norueguesa, incluindo medalhões de rena num molho de cogumelos e um prato picante de *lutefisk*, uma especialidade norueguesa de peixe branco. Monk ainda arrastava a sua colher em volta da taça de sobremesa, em busca da última amora mergulhada em natas batidas. Creed simplesmente embalava uma chávena de café nas mãos e ouvia atentamente o discurso do orador.

Com o estrado na outra ponta da sala, Painter tinha dificuldade em fazer uma

leitura de Ivar Karlsen, mas, mesmo àquela distância, a paixão e sinceridade do homem eram evidentes.

— Os governos mundiais serão demasiado lentos a responder — prosseguia Ivar. — Só o setor privado possui maleabilidade para atuar com a rapidez e inovação necessárias para tornear esta crise.

Painter teve de admitir que o cenário descrito por Karlsen era assustador. Todos os modelos por ele apresentados terminavam da mesma maneira. Quando o crescimento descontrolado da população atingisse o ponto de estagnação da produção alimentar, o caos resultante levaria à aniquilação de noventa por cento da população do mundo. Parecia haver uma única solução, uma solução definitiva não dissemelhante da de Hitler.

— O controlo da população deve ser iniciado imediatamente. O tempo de agir é agora, ou melhor, foi *ontem*. A única forma de evitar a catástrofe é travar a taxa de crescimento da população, acionar os travões antes de embater no muro. Contudo, não se iludam. *Embateremos* no muro. É inevitável. A única questão é se matamos todos os passageiros ou se nos levantamos com apenas alguns arranhões. Para o bem da humanidade, para o bem do nosso futuro, é imperativo agir agora.

Com aquelas palavras finais, Karlsen ergueu uma mão a um esboço de aplauso. Estava longe de ser entusiástico. Para a abertura da cimeira, lançava seguramente um manto de pessimismo.

Um dos homens sentados na mesa da frente levantou-se e pegou no microfone. Painter reconheceu o economista sul-africano de rosto severo, o doutor Reynard Boutha, copresidente do Clube de Roma. Embora Boutha saudasse Karlsen enquanto tomava lugar no estrado, Painter percebeu a tensão e irritação na expressão do copresidente. Ele não estava satisfeito com o tom do discurso de abertura.

Painter não prestou grande atenção às palavras de Boutha. Eram sobretudo conciliatórias, mais otimistas, um reconhecimento dos grandes passos já dados no sentido da resolução da fome no mundo. Painter mantinha-se focado em Karlsen. O rosto do homem permanecia impassível, mas apertava violentamente

o seu copo de água e mantinha o olhar desviado de Boutha, recusando aceitar a mensagem de esperança do outro.

Monk fez a mesma avaliação.

— O tipo parece capaz de desferir um golpe em alguém.

A conclusão de Boutha pôs termo ao almoço. Painter pôs-se imediatamente de pé. Voltou-se para Monk e Creed.

— Regressem ao hotel. Eu vou trocar algumas palavras com Karlsen, depois encontramo-nos lá.

John Creed levantou-se.

— Pensei que a nossa reunião era só amanhã de manhã.

— E é — reconheceu Painter. — Mas um cumprimento nunca fez mal a ninguém.

Impeliu-se contra a vaga de pessoas a deixar o encontro. Um pequeno grupo de admiradores rodeava Karlsen, felicitando-o, questionando-o, apertando-lhe a mão. Painter aproximou-se. À parte, ouviu Boutha a falar com um homem de nariz de falcão e um fato pouco favorecedor.

— Antonio, pensei que tivesse avisado o senhor Karlsen contra tal discurso inflamatório.

— Avisei — respondeu o outro, o rosto rubro e sarapintado. — Mas ele alguma vez ouve? Pelo menos, atenuou a pior parte. O discurso original apelava ao controlo de natalidade compulsivo para os países do Terceiro Mundo. Consegue imaginar como isso seria acolhido?

Boutha suspirou e afastou-se com o outro homem.

— Pelo menos, ele estará afastado do início da cimeira amanhã.

— Esse é um pequeno consolo. Ele estará em Svalbard com alguns dos nossos maiores patrocinadores e financiadores. Imagino o que lhes irá dizer quando se encontrar sozinho com eles. Talvez se eu fosse também...

— Você sabe que os voos previstos estão completos, Antonio. Além disso, eu acompanharei a viagem para extinguir eventuais fogos.

Passaram por Painter sem um olhar, deixando aberto o caminho até Karlsen. Painter avançou e pegou no braço do CEO com um aperto duplo, uma mão na

mão dele, a outra no pulso.

— Senhor Karlsen, achei por bem aproveitar o momento para me apresentar. Sou o capitão Neal Wright do Gabinete de Inspeção Geral dos Estados Unidos.

O homem retirou a mão, mas o sorriso acolhedor não esmoreceu.

— Ah, o investigador do Departamento de Defesa. Deixe-me assegurar-lhe a minha total cooperação no que respeita à tragédia no Mali.

— Certamente. E sei que a nossa entrevista só está agendada para amanhã. Mas queria apenas dizer-lhe que achei o seu discurso fascinante. — Painter jogou com o que acabara de ouvir. — Embora me interrogue se não estaria talvez a conter o seu criticismo.

— Como assim? — O interesse casual no seu rosto avivou-se.

— Parecem ser necessários métodos drásticos para refrear o crescimento da população. Eu esperava que tivesse passado ao pormenor em lugar de referir meras generalidades.

— Talvez tenha razão, mas é um assunto controverso, que é melhor tratar com delicadeza. Demasiadas vezes, a linha esbate-se entre o controlo da população e a eugenia.

— Como quanto a quem deve ser permitido procriar ou não?

— Precisamente. Não é um assunto para aqueles reféns de interesses políticos ou da opinião pública. Por isso os governos do mundo nunca resolverão este problema. É uma questão de vontade e de *timing*. — Karlsen consultou o relógio. — E, falando em tempo, infelizmente estou atrasado para um outro compromisso. Mas terei muito gosto em conversar mais sobre isto quando nos encontrarmos amanhã no meu gabinete.

— Muito bem. Agradeço-lhe de novo as palavras elucidativas.

O homem assentiu enquanto se afastava, a sua mente já a focar-se na próxima tarefa em mãos.

Painter observou-o. Quando Karlsen se aproximou da entrada, Painter agarrou o telemóvel no seu bolso e premiu o botão lateral. Uma curta frequência de rádio irrompeu do telemóvel e ativou o recetor polissintético implantado no interior do seu ouvido.

Uma cacofonia de vozes, a par do retinir de pratos a serem levantados das mesas, chegou-lhe de imediato ao ouvido. Os sons eram amplificados pela escuta que fixara no interior da manga do casaco de Ivar Karlsen quando apertaram as mãos. O dispositivo de vigilância eletrônica não era maior que um grão de arroz. Fora desenvolvido pela DARPA, com base num desenho do próprio Painter. Podia ser agora o diretor da Sigma, mas começara como operacional no terreno. A sua especialidade era a microengenharia e a vigilância.

Painter viu Karlsen estacar subitamente à porta do salão. Apertou as mãos de um homem de cabelo grisalho da sua estatura. Painter reconheceu o senador Gorman. Esforçando-se por ouvir a conversa, Painter pôs de parte o ruído de fundo e concentrou-se na voz de Karlsen.

— ... vi, senador. Conseguiu apanhar o discurso de abertura?

— Apenas o final. Mas conheço bem os seus pontos de vista. Como foi recebido?

Karlsen encolheu os ombros.

— Receio que tenha caído em ouvidos surdos.

— Isso mudará.

— Desafortunadamente verdade — disse Karlsen, um tanto pesaroso. Depois deu uma leve pancada no ombro do senador Gorman. — A propósito, devo dizer-lhe que acabei de conhecer o investigador de Washington. Parece-me um tipo bastante capaz.

Painter permitiu o esboço de um sorriso. *Nada como causar uma primeira boa impressão...*

O olhar do senador varreu o salão. Painter manteve o rosto desviado e deslizou subtilmente para junto de um grupo de pessoas. O nível de informação do senador não era suficientemente elevado para conhecer alguma coisa sobre a Sigma. Tanto quanto o senador sabia, Painter era meramente um investigador do Departamento de Defesa. Contudo, preferia o anonimato. O general Metcalf alertara-o para não o perturbar. O senador tinha um temperamento irascível e pouca paciência, como agora demonstrava.

— É um desperdício disparatado de recursos enviar alguém até aqui —

lamentou-se Gorman. — A investigação devia concentrar-se no Mali.

— Estou certo de que apenas estão a ser rigorosos. Não vejo qualquer inconveniente.

— Você é demasiado generoso.

Com essas palavras, os dois homens saíram juntos.

Painter manteve o microrrecetor ativo no ouvido e caminhou a passos largos para a saída. Continuou a escutar a conversa.

Era agradável ter o trunfo, por uma vez.

Num espaço afastado do salão, Krista Magnussen sentava-se diante de um computador portátil aberto. Ela estudava a imagem de um homem imobilizada no ecrã com um interesse moderado. Era notavelmente atraente com o seu corpo sólido, cabelo negro e faiscantes olhos azuis. Durante o almoço, ela observara todos os que estabeleceram contacto com Ivar Karlsen. Uma discreta câmara sem fios estava situada num dos ângulos da sala, centrada na parte dianteira do espaço. Não houvera registo áudio, mas a vigilância permitia-lhe fazer passar a imagem por um programa de reconhecimento facial e cruzá-la com a base de dados da Guilda.

Enquanto aguardava, o rosto do homem foi digitalizado numa centena de pontos de referência e carregado. Instantes depois, o ecrã cintilou a vermelho com uma única palavra, a par de um código operativo por baixo.

A palavra gelou-a.

Sigma.

Ela conhecia igualmente bem o código operativo.

Terminar após visualização.

Krista voltou a ligar a alimentação direta da câmara. Inclinou-se sobre o monitor. O homem tinha desaparecido.

Antonio Gravel estava a ter um dia difícil.

À espera no átrio, ele tencionara emboscar Ivar Karlsen após o almoço, para tentar uma última vez convencer o filho da mãe a deixá-lo acompanhá-los na viagem a Svalbard. Estava até disposto a fazer alguma concessão, a conquistá-lhe a simpatia se necessário. Em vez disso, Ivar deparou-se com o senador norte-americano. Antonio aguardara à margem para ser apresentado, mas, como sempre, o filho da mãe ignorara-o deliberadamente. Os dois homens partiram embrenhados numa conversa.

Antonio mal conseguia respirar após o insulto. A irritação cresceu para fúria pura. Virou-se repentinamente e chocou em cheio com uma mulher que saía apressada de uma porta lateral. Vestia um longo casaco de pele, o cabelo envolto por um lenço. Atingiu-a com tal violência que um par de grandes óculos escuros *Versace* deslizaram do seu rosto. Apanhou-os prontamente e voltou a empoleirá-los sobre o nariz.

— *Entschuldigen Sie bitte* — desculpou-se Antonio. Ficara tão aturdido e mortificado que reverteu ao seu dialeto nativo suíço-alemão... sobretudo quando uma perturbadora centelha de reconhecimento o percorreu.

Quem...?

Ignorando-o, ela empurrou-o para o lado, olhou para o interior do salão e depois apressou-se pelo átrio com um esvoaçar do seu casaco comprido. Estava claramente atrasada para algum compromisso.

Ele viu-a desaparecer pelas escadas mais próximas abaixo. Irritado, abanou a cabeça e começou a afastar-se na direção oposta.

Então, subitamente, recordou-se.

Deu um salto e girou sobre si mesmo.

Impossível.

Tinha de estar enganado. Apenas se encontrara com a geneticista uma vez, numa reunião organizacional relativa ao projeto de investigação da Viatus em África. Não se recordava do nome dela, mas estava certo de que era a mesma mulher. Ele passara a maior parte da entediante reunião a fitá-la e a despi-la com o olhar, imaginando como seria submetê-la à força.

Tinha de ser ela.

Mas devia ter morrido, vítima do massacre do Mali. Não tinha havido sobreviventes.

Antonio continuou a fitar o vão de escadas. O que estava ela a fazer ali, viva e intacta? E porque se escondia, as suas feições encobertas pelo lenço?

Os seus olhos semicerraram-se à medida que se avivava uma lenta compreensão. Algo se passava, algo que ninguém devia saber, algo ligado à Viatus. Durante anos, ele procurara alguma informação suja sobre Ivar, uma forma de submeter o filho da mãe à sua vontade.

Finalmente, aquela parecia ser a sua oportunidade.

Mas como usá-la a seu favor?

Antonio voltou-se, já a maquinar o jogo. Ele sabia que carta jogar em primeiro lugar. Um homem que perdera o filho naquele massacre. O senador Gorman. O que pensaria o senador norte-americano se soubesse que tinha havido um sobrevivente do ataque, alguém que Ivar mantinha em segredo?

Com um sorriso sinistro, afastou-se.

O dia clareara subitamente.

15h15

Painter passou pela arcada de tijolo que atravessava as muralhas de Akershus. Embora passasse pouco das três da tarde, o Sol já ia baixo no céu naquela latitude próxima do Ártico. Para lá da arcada, abria-se o porto do fiorde. A neve ainda cobria os canhões manchados de verdete que ladeavam o caminho e apontavam para o mar, prontos a proteger a cidade de navios guerreiros. Embora, de momento, apenas houvesse um navio de cruzeiro da Cunard atracado.

Enquanto as gaivotas picavam e guinchavam por entre o ar contaminado de carburante, Painter prosseguia ao longo da massa altaneira do navio de cruzeiro, dirigindo-se para a cidade propriamente dita. Na última hora, vigiara Ivar Karlsen, escutando as suas conversas. Com a escuta, ele tivera uma boa

oportunidade de descobrir mais pormenores sobre o CEO, informações que seriam valiosas para a entrevista do dia seguinte.

As conversas tinham sido maioritariamente sobre assuntos triviais, mas mesmo assim era evidente que o homem estava profundamente empenhado em enfrentar os problemas da fome e da população excessiva. Karlsen era todo soluções realistas e sentido prático. Essa era claramente a missão do homem na vida.

Painter captou igualmente um intrigante excerto de conversa sobre espécies de trigo resistentes à seca em desenvolvimento pela Viatus, uma versão daquilo que fora testado no campo de pesquisa do Mali. Desde a semana anterior, carregamentos maciços de sementes estavam a ser enviados para lugares de todo o mundo, desencadeando um pico nos preços das ações da Viatus. E mesmo assim Ivar não estava satisfeito. Ele prometia que a divisão de Culturas Biogenéticas da sua empresa continuaria a produzir novas espécies com características desejáveis: trigo resistente aos insetos, citrinos tolerantes ao gelo, sementes de soja eliminadoras de ervas daninhas. A lista prolongava-se indefinidamente, incluindo uma espécie de colza capaz de produzir óleo essencial para o fabrico de plástico biodegradável.

Mas a conversa terminara com um tom mais lúgubre. Karlsen evocara uma citação de Henry Kissinger. Fizera-o em resposta a uma questão sobre a mudança de foco da sua empresa dos petroquímicos para as sementes modificadas. Ele dissera, parafraseando Kissinger: «Quando se controla o petróleo, controla-se as nações, mas, quando se controlam *os alimentos*, controla-se toda a população do mundo.»

Karlsen acreditaria verdadeiramente nisso?

Alguns instantes mais tarde, o homem subiu para uma limusina da empresa e partiu para o seu complexo de investigação nos arredores de Oslo. O microtransmissor tinha um alcance limitado, pelo que Painter teve de abandonar de momento a sua espionagem. E bastante convenientemente. As palavras de Karlsen sobre a divisão de cultura biogenética tinham levado Painter a agir. Mal sentia o frio enquanto cruzava a sombra do gigantesco navio e passava por entre

os passageiros que vagueavam pelo cais de embarque.

Tinha de se preparar para uma nova faceta da investigação, uma faceta que exigia mais alguma ação furtiva nessa noite.

Enquanto se movia por entre os passageiros, uma figura corpulenta envergando um casaco de capuz chocou com ele. Vislumbrando o impacto uma fração de segundo antes, Painter desviou-se instintivamente para o lado. Uma dor violenta trespassou-o de lado.

Rodou para se afastar, captando de relance o brilho prateado de uma faca segura baixa na mão do homem. Se não se tivesse desviado no último momento, a lâmina tê-lo-ia atingido em cheio no estômago. Não podia contar duas vezes com essa sorte. O homem voltou à carga.

Até aí, mais ninguém notara o ataque.

Painter arrebatou rapidamente a máquina fotográfica do pescoço de um dos turistas distraídos. Segurando na correia de ombro, girou a pesada *Nikon SLR* e atingiu o atacante em cheio no ouvido. Quando o homem caiu de lado, Painter aproximou-se, prendeu a tira de couro em torno do pulso do homem e usou-a para empurrar o corpo que se debatia contra o chão.

O rosto do homem embateu no cimento. Um osso fraturou-se no braço manietado. A faca tombou no chão.

À medida que irrompiam gritos em volta, Painter inclinou-se sobre o corpo derrubado, estendendo o braço para a arma. Antes que a pudesse agarrar, a faca agitou-se subitamente, emitindo um silvo agudo e deslocando-se como um foguete pelo chão gelado. Painter hesitou, reconhecendo a arma letal.

Uma faca de injeção WASP.

O punho da arma continha uma ampola de gás comprimido, tornando a lâmina duplamente perigosa. Uma vez a vítima apunhalada, o premir de um botão detonava uma carga de ar frio do tamanho de uma bola de baskete através da lâmina introduzida e até às entranhas da vítima, congelando de imediato todos os órgãos internos, pulverizando-os. Podia matar um urso com um só golpe.

Impulsionada pela detonação do gás, a faca disparou por entre o emaranhado de botas e pernas. O caos irrompeu no cais. Alguns fugiam do local da luta;

outros aproximavam-se. Alguém gritou:

— Aquele tipo roubou-me a câmara!

Uma série de agentes de segurança do navio desceu ruidosamente a plataforma. Mais uns tantos forçaram caminho por entre a multidão.

Painter apertou o ferimento com a mão e mergulhou no caos da turba agitada. O grosso casaco e o desvio do último momento tinham-lhe salvado a vida. Contudo, sangue quente brotava por entre os seus dedos. Um fogo inflamava-lhe o flanco. Não podia ser apanhado. No entanto, não não tinha de se preocupar apenas com os seguranças. Enquanto corria, vigiava a multidão à sua volta.

O atacante agira sozinho?

Pouco provável.

À medida que Painter cambaleava por entre passageiros e turistas, perscrutava os rostos que o rodeavam e vigiava as mãos. Quantos mais haveria dissimulados como o primeiro, introduzidos na multidão e guardando aquela saída de Akershus?

Uma coisa sabia ao certo. Não se tratara de um ataque casual. Não com o atacante brandindo um injetor WASP. De alguma forma, o seu disfarce fora descoberto. Uma rede fora lançada em torno da área da fortaleza.

Tinha de se afastar das docas, de pôr alguma distância entre si e o inimigo. A multidão tornou-se menos densa à sua volta enquanto coxeava para o parque que ladeava o porto. A neve gelada cobria o solo e rangia sob as suas botas. Gotas vermelho-vivo derramavam-se sobre a neve. Estava a deixar um trilho fácil de seguir.

Uns quinze metros à frente, um outro homem vestindo um casaco de capuz saltou a cerca e correu decididamente na sua direção. Acabara-se a aproximação subtil. Não sabendo se o homem tinha uma arma, Painter voltou-se e fugiu para a mancha de pinheiros ao fundo do parque. Tinha de arranjar cobertura.

O assassino seguia o trilho recente de marcas na neve. Corria agachado, a sua lâmina segura na mão esquerda. Alcançou a linha de árvores e manteve um olho

sobre o trilho, o outro no espaço envolvente. Debaixo das árvores o rasto tornou-se difuso, mas não o suficiente para o perder. Ninguém ali estivera desde o último nevão. Um único conjunto de pegadas maculava a neve virgem.

A par de um rasto de gotas de sangue.

O trajeto ziguezagueava por entre as árvores. O alvo receava claramente uma arma de fogo e assumia um padrão defensivo. Um esforço desperdiçado. O assassino correu em linha reta pela floresta, acompanhando a fuga sinuosa.

À frente, abria-se uma clareira. O trilho de pegadas seguia diretamente pelo meio da clareira. A presa abandonara a cautela e tentava chegar às ruas da cidade para lá do parque. Apertando com mais força a faca, apressou-se para encurtar a distância.

Quando alcançou o limite da clareira, o ramo baixo de um pinheiro próximo fustigou-o subitamente. Atingiu-o nas canelas com a força de um aríete. As pernas fugiram-lhe de baixo de si. Caiu de bruços na neve. Antes que se pudesse mover, um peso bruto aterrou nas suas costas e retirou-lhe o ar restante.

Ele percebeu o erro. O homem tinha recuado, escondendo-se atrás do pinheiro, e emboscara-o, arremessando para trás o ramo que se quebrara nas suas canelas.

Foi o seu último erro.

Uma mão disparou para baixo e agarrou-lhe o queixo. A outra imobilizou-lhe o pescoço contra o solo. Uma torção rápida. O pescoço estalou. A dor surgiu como se o crânio tivesse explodido — depois a escuridão.

17h34

— Fica quieto — resmungou Monk. — Só falta mais uma sutura.

Painter estava sentado na borda da banheira de *boxers*. Sentiu a agulha penetrar-lhe a pele. O *spray* anestésico apenas entorpecia o nível mais intenso da dor. Ao menos, Monk operava rapidamente. Já desobstruíra e limpara a ferida, enchera-o de antibióticos profiláticos e, com um hábil torcer final da agulha,

fechou a laceração de dez centímetros do lado esquerdo da caixa torácica de Painter.

Monk largou tudo para dentro de um pacote cirúrgico esterilizado no chão da casa de banho, pegou num rolo de gaze e de fita adesiva e começou a envolver o peito de Painter.

— Então e agora? — perguntou Monk. — Mantemos o plano?

Depois do ataque, Painter escapara para a cidade, demorando alguns minutos extra a certificar-se de que não era seguido. Então, ligara a Monk. Como precaução, ordenou-lhes que mudassem de hotel e que se registassem sob outros nomes. Painter reuniu-se-lhes aí.

— Não vejo razão para o alterar — disse Painter.

Monk gesticulou em direção à ferida.

— Eu vejo cerca de dez centímetros de razões.

Painter abanou a cabeça.

— Eles foram desleixados. Quem quer que tenha desencadeado o ataque deve tê-lo feito apressadamente. De alguma forma fui descoberto, mas não me parece que estejamos mais expostos que isso.

— Mesmo assim, é exposição suficiente.

— Significa simplesmente que a partir de agora vão ser necessárias precauções adicionais. Terei de evitar a cimeira. Manter-me fora de vista. O que quer dizer apoiar-me mais intensamente em ti e em Creed.

— Então mantemos o reconhecimento das instalações de investigação para hoje à noite?

Painter assentiu.

— Eu supervisionarei a operação via rádio. Nada de extraordinário. Introduzir-se no interior, aceder aos servidores e sair rapidamente.

Era uma operação simples. Por cortesia das fontes de Kat Bryant, dispunham de cartões de identificação, chaves eletrónicas e um plano esquemático completo das instalações da Viatus. Introduzir-se-iam depois da meia-noite, quando o local estava praticamente deserto.

John Creed entrou apressadamente na casa de banho. Vestia uma bata de

laboratório com o logótipo da Viatus no bolso. Devia estar a experimentar o seu disfarce.

— Painter, o teu telefone. Está a zumbir.

Painter estendeu uma mão e pegou no telemóvel. Leu a identificação e franziu o sobrolho. Era o número do general Metcalf. Porque ligava? Painter evitara informar Washington sobre o que acontecera até saber mais pormenores. Ver a operação terminada antes de a iniciar não convinha a ninguém.

Especialmente a Painter.

Abriu o telemóvel e falou.

— General Metcalf?

— Diretor Crowe. Presumo que ainda se estejam a instalar, pelo que serei breve. Acabei de receber uma chamada do senador Gorman. Ele estava muito agitado.

Painter debatia-se por entender. Não fizera nada que provocasse o senador.

— Gorman recebeu uma chamada encriptada há meia hora. Alguém alegando possuir informações sobre o ataque em África. O autor da chamada afirmou ter notícias de um sobrevivente do ataque.

— Um sobrevivente?

Painter não conseguiu esconder a sua própria surpresa.

— O autor da chamada quer encontrar-se no bar do hotel onde está instalado o senador. Para lhe fornecer mais dados. Apenas se encontrará com o senador a sós.

— Não me parece sensato.

— Também não nos parece. É por essa razão que você vai estar nesse bar. O senador sabe que um investigador do Departamento de Defesa já se encontra em Oslo. Ele solicitou pessoalmente a sua presença ali. Deverá manter-se discreto, apenas intervindo se necessário.

— Quando é o encontro? — indagou Painter.

— Hoje, à meia-noite.

Claro, só podia.

Painter terminou a chamada e lançou o telemóvel de volta a Creed.

— E? — perguntou Monk.

Painter explicou, o que só acentuou a expressão carregada de Monk.

Creed deu voz ao receio que todos partilhavam.

— Pode ser uma armadilha. Destinada a atraí-lo de novo a campo aberto.

— Devíamos cancelar a operação na Viatus — sugeriu Monk. — Ir contigo como reforço.

Painter considerou a ideia. Monk estivera fora de ação durante algum tempo e Creed mal se iniciara. Seria arriscado enviá-los por sua conta às instalações de investigação. Painter estudou Monk, pesando as variáveis.

Monk adivinhou o propósito da atenção.

— Podemos ainda fazê-lo, se é isso que estás a pensar. O miúdo pode estar verde, mas executaremos o plano.

Painter ouviu a certeza na voz do homem. Com um suspiro, parou de reanalisar a situação. Já não estava à sua secretária em Washington. Aquilo era trabalho de campo. Tinha de confiar nos seus instintos. E os seus instintos diziam-lhe que os acontecimentos estavam a escalar rapidamente para fora de controlo.

A demora não era uma opção.

— Mantemos o plano — disse energicamente, não aceitando argumentos contra. — Precisamos de aceder àquele servidor. Pelo ataque de hoje, é evidente que alguém está a ficar mais arrojado e nervoso. Uma má combinação. Não nos podemos permitir ficar de fora. Sendo assim, esta noite vamos ter de nos separar.

Creed aparentava preocupação, mas não por si.

— Senhor, e se é atacado de novo?

— Não se preocupe. Eles tiveram a sua oportunidade de me apanhar. — Painter estendeu a mão para o lavatório e pegou na faca WASP que confiscara ao assassino no parque. — Esta noite, quem vai à caça sou eu.

Envolta num casaco de pele de raposa forrado com capuz, Krista caminhava a passos largos pela álea central do Frogner Park, na parte ocidental de Oslo. Possuía um apartamento com vista sobre o parque coberto de neve, mas não suportava esperar mais dentro de paredes. Levava o telemóvel consigo.

O Sol pusera-se e a temperatura baixara.

Tinha o parque só para si.

Continuou ao longo da álea através do jardim das esculturas. O seu hálito quente gelava no ar. Precisava de se manter em movimento, mas a tensão mantinha-a hirta.

Espalhadas à sua volta estavam mais de duzentas esculturas criadas por Gustav Vigeland, um tesouro nacional norueguês. A maior parte das esculturas eram figuras de pedra nuas imobilizadas em diversas combinações e poses retorcidas. Naquele momento, as esculturas estavam cobertas de neve, como que envoltas em andrajosos mantos brancos.

À frente, erguia-se a imensa escultura central. Ficava no ponto mais alto do parque e era iluminada de noite. Intitulava-se Monólito. Recordava sempre a Krista algo extraído do *Inferno* de Dante, especialmente à noite. Talvez por isso tivesse sido atraída àquela hora.

A escultura era uma torre circular de quatro níveis talhada num único bloco de granito. Toda a sua superfície era uma massa contorcida de figuras humanas, entrelaçadas, enleadas, enredadas, uma obscura orgia de pedra. Devia representar o ciclo eterno da humanidade, mas a ela parecia-lhe um túmulo colossal.

Fitou a sua massa imponente, sabendo o que estava por vir.

O que estamos prestes a libertar...

Estremeceu no seu casaco e apertou o capuz forrado de pele mais junto do pescoço. Não era o remorso que a fazia tremer, mas a absoluta enormidade do que se estava a desenrolar. Já estava em curso há mais de uma década, mas nos dias seguintes não haveria mais como voltar atrás. O mundo estava prestes a mudar e ela desempenhara um papel central em tudo aquilo.

Mas não atuara sozinha.

O telemóvel, ainda dentro do bolso, vibrou. Inspirou fundo e expirou uma

torrente de névoa branca. Falhara naquele dia. Qual seria a punição? Os seus olhos varreram o parque escuro em volta. Estariam já a cercá-la? A morte não a assustava. O que a aterrorizava era ser retirada do jogo naquele momento, naquele último momento. Na sua pressa e ânsia, agira precipitadamente. Devia ter contactado os seus superiores antes de tentar abater o operacional da Sigma por sua conta.

Ergueu o telefone e enfiou-o dentro do capuz.

— Sim? — respondeu.

Sozinha no parque, não tinha de se preocupar em ser escutada. Além de que a ligação por satélite estava encriptada. Preparou-se para o que estava por vir.

Contudo, não estava preparada para a voz em linha. Todo o calor se esvaiu de si. Era como se estivesse despida no parque gelado.

— Ele está vivo — disse a voz, num tom monocórdico. — Já devia saber o que faz.

Com o ar preso no peito, não conseguia falar. Apenas ouvira aquela voz após o recrutamento, depois de uma iniciação brutal, em que levara a cabo um assassinio, matando uma família inteira, incluindo um recém-nascido. O político venezuelano apoiara uma investigação de uma empresa farmacêutica francesa, investigação que tivera de ser impedida. Ela fora atingida por uma bala na perna de um dos membros da segurança do homem, mas mesmo assim escapara sem deixar rasto. Nem uma gota do seu sangue.

Durante a recuperação, recebera uma chamada felicitando-a.

Do homem que agora se encontrava ao telefone.

Dizia-se que era um dos líderes da Guilda, aqueles meramente conhecidos como «Echelon».

Finalmente, recuperou a voz.

— Senhor, assumo total responsabilidade pelo fracasso.

— E imagino que tenha aprendido com o erro. — O tom permanecia monocórdico. Ela não conseguia perceber se o interlocutor estava ou não irritado.

— Sim, senhor.

— A partir daqui, deixe o assunto connosco. Estão a ser tomadas medidas. Mas surgiu uma nova ameaça, mais imediata do que a Sigma a sondar à nossa volta. Algo que é melhor tratar aí no terreno.

— Sim?

— Alguém sabe que houve um sobrevivente do massacre do Mali. Vai encontrar-se hoje à noite com o senador Gorman.

Os dedos de Krista crispavam-se em torno do telefone. Como era possível? Ela fora extremamente cuidadosa. Recordou velozmente os últimos dias. Mantivera-se bem escondida. A raiva avivou-se por entre o terror.

— Esse encontro não deve acontecer — alertou o interlocutor, que lhe forneceu os pormenores da reunião à meia-noite.

— E o senador?

— Dispensável. Se lhe chegar a informação antes de conseguir calar o assunto, elimine-o. Sem deixar rasto.

Ela sabia não ser necessário responder.

— Quanto à operação em Inglaterra — prosseguiu o homem —, está tudo a postos?

— Sim, senhor.

— Sabe como é importante encontrar a chave para o Doomsday Book.

Ela sabia. Fitou a torre contorcida de corpos do Monólito lá no alto. A chave podia salvá-los ou condená-los.

— Confia no seu contacto no terreno? — indagou ele.

— É claro que não. A confiança nunca é necessária. Apenas o controlo e o poder.

Por uma vez, um laivo de divertimento tingiu as palavras dele.

— Foi bem ensinada. — A ligação foi terminada. Mas não antes de umas poucas palavras crípticas. — O Echelon tem os olhos postos em si.

Krista permaneceu de pé diante do Monólito. Com o telefone ainda junto do ouvido, estremeceu de novo — com alívio, com terror, mas acima de tudo com uma certeza.

Não podia falhar.

12 de outubro, 16h16
Lake District, Inglaterra

Gray fitou o seu transporte, na dúvida.

O transporte fitou-o de volta, igualmente inseguro, escoiceando o chão, enfático.

— O pónei-do-fell — disse o doutor Wallace Boyle, enquanto manobrava entre a massa equídea reunida. — Não há pónei mais robusto em toda a verdejante terra de Deus. É perfeito para a montanha. De passo seguro e forte como um touro.

— Chama a estas coisas *póneis*? — inquiriu Kowalski.

Gray compreendia a consternação do parceiro. O garanhão preto-acinzentado que estava a ser selado para Gray devia ter catorze palmos, quase um metro e cinquenta na cernelha. Resfolegava no ar frio e raspava um casco na lama semigelada.

— *Ack*, fica quieto, *Pip* — ordenou o tratador, enquanto apertava melhor a sela.

O grupo partira de Hawkshead de carro há cerca de uma hora. Wallace conduzira-os até àquela herdade de cavalos no coração das montanhas. Aparentemente, a única maneira de chegar ao sítio de escavação era a pé ou no dorso de um cavalo. Wallace ligara antecipadamente e providenciara o transporte de quatro patas.

— O pónei-do-fell tem uma longa tradição na região — prosseguiu ele, enquanto as montadas eram aparelhadas. — Os ferozes pictos usaram-nos contra os romanos. Os agricultores viquingues usaram-nos como cavalos de tração para os seus arados. E os normandos que vieram mais tarde fizeram deles animais de carga para transportar chumbo e carvão.

Wallace afagou o pescoço da sua montada acastanhada e subiu para a sela. O *terrier*, *Rufus*, trotou por entre os cavalos reunidos e ergueu uma pata junto de um poste da cerca. A desconfiança inicial do cão em relação a Seichan parecia ter amainado numa trégua prudente. Ele evitou-a claramente quando ela enfiou um pé no estribo e saltou agilmente para cima de uma égua baia com um ar robusto.

— Vai ter de desculpar o velho *Rufus* — explicara Wallace no bar. — Tem um espírito obstinado. E tenho de admitir que é um pouco intolerante. Mordeu um estudante paquistanês na primavera passada.

Rachel exibia uma expressão horrorizada.

Seichan não reagiu sequer. Limitou-se a olhar fixamente para o cão até a sua cauda baixar e ele recuar para a sombra do dono. Então, juntara-se a eles à mesa.

Rachel, ao ser reconhecida, revelara as suas verdadeiras intenções a Wallace, embora mantivesse alguns pormenores imprecisos. Não mencionara o dedo mumificado.

O professor escutara sobriamente, depois encolhera os ombros.

— Não há motivo para preocupação, miúda. O seu segredo está seguro comigo. Se eu puder ajudar a apanhar os imbecis que mataram Marco e enviaram o seu tio para o hospital, tanto melhor.

Assim, partiram.

Mas, mesmo agora, ainda tinham um longo caminho a percorrer.

Gray montou o seu garanhão, *Pip*, e, após algum arrastar de cascos, deixaram a herdade e puseram-se a caminho. O doutor Boyle ia na dianteira em cima do seu cavalo. Seguiram em fila única por um trilho sinuoso.

Gray não subia para o dorso de um cavalo há anos. Levou-lhe uma boa milha a sentir-se confortável, a encaixar-se num ritmo suave com a sua montada. À sua

volta, os *fell*s elevavam-se e adensavam-se. À distância, a crista coberta de neve da montanha mais alta de Inglaterra, Scafell Pike, cintilava numa derradeira chama rubra enquanto o Sol se punha.

À medida que prosseguiam, um silêncio gelado cobria as terras altas. Tudo o que se ouvia era o ranger da neve sob os cascos dos póneis. Gray teve de admitir que a consideração de Wallace pelas suas montadas não era pura jactância. *Pip* parecia saber onde colocar os cascos, mesmo através da neve. Ao descer pela encosta, o garanhão nunca perdeu o apoio e manteve perfeitamente o equilíbrio.

Mais duas milhas e o trilho alargou-se o suficiente para Gray pôr a sua montada ao lado de Rachel e Seichan. As duas conversavam em voz baixa.

Quando Gray se lhes juntou, Rachel lutava para desprender o seu cantil de plástico. Seichan reparou na sua dificuldade e baixou as rédeas. Guiando o cavalo com as pernas, desprendeu uma garrafa térmica e desenroscou a tampa.

— Chá quente — disse Seichan, e estendeu a Rachel uma caneca.

— Obrigada. — Rachel bebeu um gole, com o vapor a molhar-lhe o rosto. — Ah, é bom. Aquece de imediato.

— É uma mistura especial de ervas criada por mim.

Rachel acenou de novo o seu agradecimento, enquanto terminava o chá, e devolveu a caneca.

À frente, Kowalski seguia indolente na sua sela, meio adormecido, a cabeça a oscilar, confiando que o seu pónei acompanhasse o de Wallace.

Atravessaram uma floresta esparsa de amieiros e carvalhos, sobre um solo repleto de fetos, numa paisagem de turfa coberta de neve e fios de água gelados. Gray sentia-se satisfeito por se encontrar sobre o dorso do cavalo e não a pé. Ao contrário de *Rufus*, que parecia não se importar enquanto trotava ao lado deles, saltitando de montículo em montículo nas zonas mais húmidas. O ar tornou-se mais frio à medida que o Sol se afundava.

— Quanto mais achas que falta? — indagou Rachel. Mantinha a sua voz sussurrada. Era o efeito do silêncio gelado do lugar.

Gray abanou a cabeça. Wallace recusara-se a fornecer mais pormenores, além de «muito mais acima nos ermos do *fell*». No entanto, Gray não estava

preocupado com o caminho de regresso. Antes de partirem, ligara uma unidade manual de GPS no seu bolso. Esta monitorizava o trajeto, deixando umas poucas migalhas digitais para seguir.

Rachel envolveu-se mais no seu casaco grosso. O ar que expirava fazia nuvens no ar frio.

— Talvez devêssemos ter esperado pela manhã.

Seichan falou com voz cava.

— Não. Se houver aqui algumas respostas, quanto mais depressa as encontrarmos e seguirmos, melhor.

Gray concordou, mas naquele momento um fogo crepitante afigurava-se-lhe bastante bom. Contudo, notou uma tensão nos lábios de Seichan. Ela mantinha os olhos fixos em frente.

Deixando-se ficar para trás, Gray observou verdadeiramente as duas mulheres. Eram um estudo em contrastes. Rachel cavalgava com facilidade, balançando de um modo descontraído mas expedito, adaptando-se ao novo meio envolvente. Passava grande parte do tempo a olhar em redor, absorvendo tudo. Enquanto que Seichan se movia como um soldado pronto para a batalha. Era claramente uma cavaleira hábil, mas notou como ela corrigia o mais ligeiro passo em falso do seu pônei. Como se tudo se tivesse de curvar à sua vontade. Tal como Rachel, absorvia tudo em redor, mas o seu olhar dardejava, calculando.

No entanto, apesar das diferenças, as duas mulheres apresentavam similaridades impressionantes. Cada uma delas era fortemente determinada, confiante, desafiadora. E, em certos momentos, conseguiam tirar-lhe o fôlego com um simples olhar.

Gray forçou a sua atenção a desviar-se, quando compreendeu que havia outro traço partilhado por ambas as mulheres. Ele não tinha futuro com nenhuma delas. Encerrara esse capítulo com Rachel há muito tempo e esse era um livro que preferia não abrir com Seichan.

Perdido nos seus pensamentos, o grupo prosseguia silenciosamente pelas montanhas. Na hora seguinte, o trilho tornou-se um borrão de escarpas rochosas, penhascos cobertos de neve e retalhos de floresta negra. Por fim, alcançaram um

cume e abriu-se à sua frente um vale profundo. A descida era vertiginosamente íngreme.

Wallace fê-los estacar.

— Estamos quase lá — disse.

Sob um céu puro e coberto de estrelas, tinham tido pouca dificuldade em cavalgar na escuridão, mas em baixo estendia-se uma verdadeira noite. Um bosque tenebroso cobria o vale.

Mas não era tudo.

Contra esse pano de fundo negro, uns quantos clarões rubros pontuavam a floresta, como minúsculas fogueiras. Facilmente teriam passado despercebidos durante o dia.

— O que são aqueles clarões lá em baixo? — perguntou Gray.

— Turfa a arder — disse Wallace, soprando para as palmas enluvadas numa tentativa de aquecer o gelo na sua barba. — Uma grande parte dos *fells* está coberta de turfa. Principalmente pântanos com pouca profundidade.

— O que traduzido quer dizer o quê? — indagou Kowalski.

Wallace explicou, mas Gray estava suficientemente familiarizado com a turfa. Tratava-se de uma acumulação de matéria vegetal decomposta: árvores, folhas, musgos, fungos. Formavam-se pilhas desse material nas áreas húmidas. Os depósitos eram comuns em lugares onde os glaciares tinham recuado e talhado uma paisagem montanhosa, como ali no Lake District.

Wallace apontou para o vale em baixo.

— Lá no fundo, há uma floresta a crescer num dos pântanos de turfa mais profundos da região. Estende-se por milhares de quilómetros quadrados. A maioria dos depósitos de turfa da região tem apenas cerca de três metros. O vale aqui tem pontos dez vezes mais profundos. Trata-se de um pântano muito antigo.

— E os fogos? — indagou Rachel.

— Aye, isso é uma boa coisa em relação à turfa — disse Wallace. — É que arde. A turfa tem sido recolhida como fonte combustível desde o aparecimento do homem. Para cozinhar, para aquecer. Suspeito que fogos naturais como aqueles ali em baixo tenham sido o que deu ao homem primitivo a ideia de

começar a queimar aquela maldita coisa.

— Há quanto tempo ardem estes fogos no vale? — perguntou Gray.

Wallace encolheu os ombros.

— Não sei dizer. Já estavam em combustão quando aqui cheguei pela primeira vez há três anos. Alastrando lentamente pelo subsolo, são impossíveis de abafar. Simplesmente ardem e ardem, alimentados por um poço de combustível ilimitado. Alguns fogos de turfa ardem há séculos.

— São perigosos? — indagou Rachel.

— Aye, miúda. Tem de se ter cuidado onde se põe os pés. O solo pode parecer sólido, mesmo coberto de neve, mas alguns metros abaixo pode existir um inferno ardente. Bolsas ardentes de turfa e rios de fogo.

Wallace espicçou a sua montada com os calcanhares e iniciou a descida em direção ao vale.

— Mas não se preocupem. Eu conheço os trilhos seguros. Não se ponham a vaguear por vossa conta. Sigam no meu encalço.

Ninguém argumentou. Até mesmo *Rufus* se chegou para mais perto do flanco do dono. Gray tirou a sua unidade de GPS, certificando-se de que ainda seguia a rota deles. No pequeno ecrã desenhava-se um mapa topográfico. Uma linha de pequenos pontos vermelhos traçava o seu caminho até fora dos *fells*. Satisfeito, Gray devolveu o dispositivo ao bolso do casaco.

Viu Seichan a observá-lo. Ela desviou o olhar, um tanto precipitadamente, quando apanhada.

Wallace conduziu-os por um caminho ziguezagueante até ao vale. Cascalho solto e turfa quebradiça tornavam a descida traiçoeira, mas Wallace manteve-se fiel à sua palavra. Levou-os em segurança até ao fundo do vale.

— Mantenham-se no trilho a partir daqui — avisou Wallace, e adiantou-se.

— Qual trilho? — resmungou Kowalski.

Gray compreendeu a confusão do parceiro. À frente, abria-se uma extensão plana de terreno coberto de neve. As únicas marcas eram uns poucos montículos de urze e um punhado de blocos de pedra cobertos de líquenes, que pareciam gigantes de pedra amontoados. Ao longe e à esquerda, um brilho rosado

irradiava de uma mancha de turfa negra contornada por musgo de esfagno verde. Fumo elevava-se contra o pano de fundo branco. O ar frio cheirava a presunto queimado.

Wallace inspirou fundo.

— Lembra-me a minha casa — disse impetuosamente, ao expirar, o sotaque acentuando-se. — Nada como o aroma da turfa a arder a acompanhar um bom copo de *scotch*.

— A sério? — Kowalski animou-se, de nariz no ar.

Wallace conduziu-os numa rota sinuosa por entre as grandes pedras. Apesar dos avisos, parecia pouco preocupado. A maioria dos fogos situava-se nos limites do vale. Alguns ficavam mesmo nos montes mais altos. Gray sabia que tais pontos quentes eram geralmente iniciados por fogos espontâneos que ardiam no subsolo e que aí ficavam num estado de latência durante anos. Os limites dos depósitos de turfa eram os mais vulneráveis a essa penetração.

Para lá do espaço aberto, erguia-se a parede da sombria floresta. Ramos carregados de neve refletiam a luz das estrelas, mas, abaixo das copas das árvores, o caminho era negro como breu. Wallace preparara-se para isso. Debruçando-se, acendeu uma lanterna presa à sua sela. Tal como numa caverna, o feixe de luz tinha um longo alcance.

Entraram na floresta, mantendo-se ainda em fila única. O ar tornou-se menos fumarento. A floresta era um misto de murta, vidoeiros e pinheiros, a par de carvalhos maciços que pareciam ter centenas de anos. Os seus troncos eram nodosos, os ramos ainda incrustados de folhas castanhas secas. Bolotas juncavam o solo sobre a neve, o que explicava a quantidade de esquilos a guinchar e a escapular-se do seu caminho.

Gray viu algo de maior dimensão debandar, junto ao chão.

Rufus esboçou uma investida abortada, mas Wallace bradou:

— Deixa-o! Aquele texugo é capaz de te arrancar o focinho.

Kowalski observou a floresta escura com suspeição.

— Então e ursos? Há ursos em Inglaterra?

— É claro — disse Wallace.

Kowalski conduziu o seu pónei para mais perto do homem com a caçadeira.

— Temos imensos ursos nos nossos zoos — prosseguiu Wallace com um sorriso. — Mas nenhum nas florestas desde a Idade Média.

Kowalski lançou um olhar carregado ao homem por tê-lo assustado, mas não se afastou dele.

Continuaram pela velha floresta por mais uma meia hora. Cavalgando no escuro, Gray sentiu-se verdadeiramente perdido. A floresta densa eclipsava quaisquer pontos de referência.

Por fim, as árvores ficaram para trás e abriu-se um novo campo. A luz das estrelas banhava uma ampla superfície côncava pouco funda, de quase quatro mil metros quadrados. Ervas e fetos despontavam da neve recente que a cobria, a par de troncos de árvores abatidas para desimpedir a área.

Não tinha outros sinais distintivos — mas não estava vazia.

De um dos lados, erguiam-se duas tendas escuras de um material grosso estendido sobre uma estrutura de aço. Junto destas, quadrados de turfa escavada empilhavam-se em pequenas pirâmides, prontas a arder para aquecer as tendas. Mas não havia ninguém. Durante os meses de inverno, o local era abandonado devido à ameaça de fortes nevões.

No entanto, não foi o acampamento às escuras que atraiu a atenção de todos. Gray fitava o centro da concavidade. O sítio de escavação estava delimitado por fitas amarelas que entrecruzavam a área numa vasta grelha. Como que presas nessa rede de fita, pedras gigantescas elevavam-se do solo num círculo grosseiro. Cada uma tinha o dobro da altura de Gray. Sobre duas delas assentava uma laje maciça, formando uma entrada tosca para o interior do círculo.

Gray recordou-se da descrição de Wallace dos locais neolíticos que ponteavam a região. Aparentemente, encontrara mais um, perdido durante décadas naquela floresta de turfa.

— Parece um pequeno Stonehenge — disse Kowalski.

Wallace deslizou da sela e levou o seu pónei pela rédea.

— Só que este lugar é mais antigo que Stonehenge. Bem mais antigo.

Desmontaram todos. Havia um tosco cercado abrigado próximo das tendas,

para onde encaminharam os seus póneis, e começaram a retirar as selas e a escovar as montadas. Kowalski foi buscar água a um ribeiro próximo.

Wallace explicou a descoberta, como pistas encontradas no Domesday Book o tinham conduzido ali, a um lugar assinalado em latim como «devastado».

— Não encontrei vestígios da povoação em si. Deve ter sido arrasada por completo. Mas durante uma caçada deparei-me com este círculo de pedras. Estava meio enterrado na turfa. Um olho não treinado podia tê-las confundido com vulgares blocos de pedra, sobretudo porque estavam cobertos de líquenes e musgo. Mas estes blocos eram de um tipo de pedra azulada não originária dos *fells*.

O seu entusiasmo crescia à medida que falava. Com os póneis abrigados, Wallace conduziu-os ao círculo de pedra. Carregava a sua lanterna. Gray retirara igualmente a sua do alforge. Em grupo, transpuseram as fitas de sinalização e esmagaram a neve que lhes dava pelo tornozelo. O círculo de pedra inscrevia-se num quadrado de solo escavado. Com os anos, equipas de arqueólogos tinham libertado lentamente as pedras das camadas de turfa.

— As pedras estavam meio enterradas quando tropecei nelas pela primeira vez. O seu peso monstruoso afundou-as no pântano com o passar dos milénios.

— Milénios? — indagou Rachel. — Que idade tem este lugar?

— Datei-o como dois mil anos anterior a Stonehenge. O que corresponde ao tempo em que os primeiros colonos se instalaram nas Ilhas Britânicas. Para lhes dar alguma perspetiva, isso equivale a mil anos *antes* da construção das Grandes Pirâmides.

Quando alcançaram o obscuro círculo, Gray projetou a sua luz sobre a pedra mais próxima. Limpa de musgo e líquenes, não havia dúvida de que fora feita pela mão do homem. Petróglifos grosseiros tinham sido gravados na face voltada para Gray. As marcas cobriam toda a superfície exposta — mas sempre com o mesmo motivo.



— Espirais — murmurou Gray, chamando a atenção de Rachel.

Ela juntou-se-lhe, assim como Wallace.

— Um símbolo pagão bastante comum — disse o professor —, que representa o percurso da alma. Este exemplo é quase uma réplica exata de gravações na pedra encontradas em Newgrange, um complexo tumular pré-celta na Irlanda. Newgrange foi datado de cerca de 3200 antes de Cristo, aproximadamente a idade deste círculo, sugerindo a sua provável construção pela mesma tribo.

— Os druidas? — inquiriu Kowalski.

Wallace fuzilou-o com o olhar.

— *Och*, onde aprendeu história, meu jovem? Os druidas eram sacerdotes tribais celtas. E só surgiram em cena cerca de três mil anos depois. — Agitou um braço para abarcar o anel de pedra neolítico. — Isto é obra da primeira tribo que se instalou nas Ilhas Britânicas, um povo que aqui chegou muito antes dos celtas e dos druidas.

Kowalski limitou-se a encolher os ombros, não se ofendendo ante a desconsideração pelos seus conhecimentos.

Wallace suspirou.

— Mas compreendo porque a maioria das pessoas comete esse erro. Os celtas reverenciaram este povo perdido, acreditaram-nos como deuses, incorporaram mesmo esta cultura na sua própria cultura. Prestaram culto nestes locais antigos, fundiram-nos com a sua mitologia, acreditando que as velhas pedras eram o lar dos seus deuses. Na verdade, o que hoje se considera como

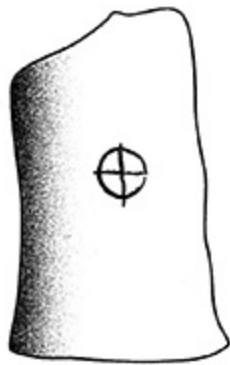
arte celta superior baseia-se nestas antigas gravações pagãs. Em última análise, tudo remonta aqui. — Wallace apontou as imponentes pedras em volta. — Mas permanece a questão maior, *quem* eram esses antigos construtores de círculos?

Gray sentiu o entusiasmo de Wallace crescer. Parecia ter mais a dizer, algo que ainda não divulgara, sempre o homem do espetáculo. Mas, antes que pudesse prosseguir, Rachel interrompeu.

— É melhor verem isto.

Ela circundara a pedra até ao lado oposto e encontrava-se no interior do anel. O seu braço apontava para a superfície da pedra nesse lado.

Gray e os outros transpuseram as fitas de delimitação para se juntarem a ela. Gray ergueu a lanterna. Havia um único símbolo gravado na rocha desse lado. Virando-se, fez incidir a luz nas outras pedras eretas — doze no total, notou. Cada qual marcada com o mesmo símbolo.



— O círculo quadripartido — disse Gray.

Wallace assentiu.

— Agora percebem porque eu tinha tanta certeza de que o diário daquele estudioso medieval, Martin Borr, apontava diretamente para aqui. O símbolo foi registado no seu livro.

Gray contornou lentamente o espaço.

O que significava tudo aquilo?

Virando-se de novo para a primeira pedra, Gray refletiu. Espirais de um lado, uma cruz pagã do outro. Compreendeu que era o mesmo padrão utilizado nos

dois símbolos gravados a fogo na bolsa de couro: *uma espiral de um lado, uma cruz do outro.*

Gray olhou para Rachel. Leu a mesma compreensão nos seus olhos. E soube também o que ela pensava. Se quisessem respostas, era altura de abrir o jogo com o doutor Wallace Boyle.

20h42

Wallace estudava o artefacto. Estava sentado a uma mesa numa das tendas, a lanterna junto ao cotovelo. Rachel sentava-se ao seu lado. Aquecia as suas mãos numa caneca de chá. Era o último da garrafa térmica de Seichan. Bebericou-o, apreciando o calor apesar da ligeira acidez. Teria preferido algumas natas com ele, mas o chá contribuiu em muito para expulsar o último resquício de gelo do seu corpo.

A equipa passara duas horas lá fora ao frio, tirando fotografias e efetuando medições, registando tudo. Mas com que fim?

Rachel fitou Gray do outro lado da mesa. À medida que iam trabalhando, Gray tornara-se mais introspetivo. Conhecia-o suficientemente bem para reconhecer quando ele estava perturbado, quando sentia que faltava alguma coisa. Ela conseguia ler os cálculos na sua mente, conhecia a questão primeira que o atormentava.

O que tinha aquele local de tão importante?

Seichan sentava-se ao lado de Gray. Contribuíra pouco para o trabalho desse dia, como se lhes abandonasse a tarefa de resolver aquele *puzzle*. Agora, todos aguardavam a avaliação do professor. Um par de camas de campanha preenchia a parte traseira do espaço. Kowalski estava estendido numa das camas com um braço sobre os olhos, protegendo-os da luz da lanterna. Uma vez que os seus roncos não agitavam a lona da tenda, ainda devia estar acordado.

— Não sei o que pensar — disse finalmente Wallace com um abanar da cabeça. Segurava a bolsa de couro. Já examinara o dedo mumificado. — Não sei

onde Marco o encontrou nem porque alguém mataria por isto.

— Então vamos voltar ao início — disse Gray. — Porque é que o padre Giovanni veio para aqui em primeiro lugar. O que esperava ele ganhar com a visita ao local.

— Os corpos — murmurou Wallace, ainda a tatear a bolsa.

Rachel endireitou-se.

— Corpos? Que corpos?

Wallace pousou finalmente a bolsa e recostou-se na cadeira.

— O que têm de compreender é que, durante séculos, os pântanos de turfa foram reverenciados pelos antigos celtas e pelos seus druidas. Eles enterravam ou afundavam objetos de culto nos pântanos. Tais locais provaram ser preciosos achados arqueológicos. Espadas, coroas, joias, cerâmicas, mesmo carros inteiros. Mas também se encontraram restos humanos.

O professor deixou a ideia assentar, enquanto se levantava e abeirava de um pequeno fogão portátil, onde aqueceu as mãos sobre um briquete de turfa ardente. Gesticulou na direção do fogão.

— A turfa era a fonte de vida, pelo que tinha de ser honrada. E essa veneração assumia por vezes a forma do sacrifício humano. Os celtas matavam as suas vítimas e lançavam os corpos nos pântanos de turfa para aplacar os deuses. — Voltou o rosto de novo para a mesa. — E o que entra na turfa acaba por ser preservado para a posteridade.

— Não compreendo — disse Rachel.

Gray explicou.

— A natureza acídica e a ausência de oxigénio na turfa impedem a decomposição.

— Aye. Foram encontrados potes de manteiga nos pântanos, com centenas de anos de idade. E a manteiga continua fresca e comestível.

Kowalski gemeu de aversão e rolou de lado.

— Lembre-me de não comer torradas em sua casa.

Wallace ignorou-o.

— Da mesma forma, os corpos sacrificados foram preservados. Eles são

conhecidos como «múmias dos pântanos». A mais famosa foi a do Homem de Tollund, encontrado na Dinamarca. Está tão bem preservado que parece ter caído no pântano ontem. A pele, órgãos, cabelo e pestanas estão intactos. Até as impressões digitais ainda são discerníveis. O seu exame revelou ter sido estrangulado ritualmente. A corda enlaçada ainda se encontrava em volta do pescoço. E sabemos que foram os druidas que o mataram, porque o estômago do homem estava cheio de visco-branco, uma planta sagrada para os sacerdotes celtas.

— E encontrou aqui uma múmia dos pântanos? — inquiriu Gray.

— Na verdade, duas. Uma mulher e uma criança. Descobrimo-las quando escavávamos o círculo de pedra. Foram encontradas no centro, enlaçadas na morte.

Seichan fez a primeira pergunta. Os seus olhos pousaram brevemente em Rachel, depois desviaram-se de novo.

— Foram sacrificadas?

Wallace animou-se com a pergunta.

— Foi exatamente o que nos perguntámos. É hoje comumente aceite que os círculos de pedra eram calendários solares, mas também serviam de locais de sepultura. E este lugar deve ter sido especialmente reverenciado. Um círculo de pedra no interior de um pântano sagrado. Precisávamos de saber se se tratava de um enterro natural ou de um assassinio.

Esta última parte foi proferida com uma nota de culpa.

— Tínhamos instruções para deixar os corpos intactos, enviá-los para a universidade incorruptos, mas precisávamos de saber. Não havia corda em torno dos seus pescoços, mas havia outra forma de descobrir se se tratava de um sacrifício ritual.

Rachel compreendeu.

— Visco-branco no estômago.

Wallace assentiu.

— Levámos a cabo um pequeno exame. Bem documentado, devo acrescentar. — Deslocou-se até à sua mochila, abriu-a e retirou uma pasta.

Encolheu os ombros enquanto regressava à mesa. — Não era suposto eu conservar uma cópia material.

Vasculhou a pasta e extraiu um conjunto de fotografias. Uma mostrava uma mulher e uma criança enroscadas sobre um solo escuro. A mulher embalava a criança nos braços. Estavam aconchegadas juntas como se estivessem a dormir. Os corpos apresentavam-se escanzelados e macilentos, mas o cabelo negro da mulher ainda lhe emoldurava o rosto. A imagem seguinte mostrava a mulher nua sobre uma mesa. Era visível uma mão, segurando um escalpelo.

— Antes de enviarmos o corpo para a universidade, queríamos ver se havia pólen de visco-branco no seu estômago. Tratava-se de uma violação menor.

— Encontraram-no? — indagou Rachel, subitamente não se sentindo tão bem.

— Não. Mas encontrámos algo bastante perturbador. Se tiver um estômago fraco, é melhor desviar o olhar.

Rachel forçou-se a continuar a ver.

A imagem seguinte mostrava uma incisão em forma de Y no abdómen. O ventre fora aberto, revelando a massa dos órgãos internos. Mas algo estava claramente errado. Wallace passou a uma nova imagem, mostrando o plano aproximado de um fígado amarelado. Excrescências brotavam da sua superfície, cobrindo-o como um campo sinistro.

Wallace explicou.

— Encontrámo-los a crescer na cavidade abdominal.

Rachel tapou a boca.

— Isso é o que eu estou a pensar?

Wallace assentiu.

— São cogumelos.

Chocado e enojado, Gray recuou. Lutava por compreender o que se estava a passar, o que estava ali a ser descoberto. Necessitava de alguma base onde assentar a investigação, pelo que regressou ao início.

— De volta ao padre Giovanni — começou Gray. — Disse que os corpos o atraíram aqui.

— *Aye*. — Wallace voltou ao seu lugar e escarranchou-se na cadeira. — Marco soube da nossa descoberta. Num lugar onde o cristianismo e as tradições pagãs ainda se encontravam em conflito.

— Contudo, não foi esse conflito que o atraiu verdadeiramente — disse Gray, e fitou a primeira imagem da mulher com a criança. Não havia equívoco quanto ao quadro. Como uma Madona e o Menino. E não uma Madona qualquer. Os taninos da turfa tinham tingido a pele da mulher de um castanho-escuro profundo.

— Enviei-lhe uma fotografia das múmias. Ele veio no dia seguinte. Interessava-se por qualquer manifestação ou referência à Madona Negra. Ao encontrar tal conjunto de corpos num local de sepultura pagão sagrado, numa zona onde o cristianismo e as tradições pagãs ainda se confundiam, ele tinha de ver por si próprio se havia alguma relação com a mitologia da deusa negra.

— E havia? — indagou Rachel.

— Foi isso que Marco passou os últimos anos a investigar. Levou-o a esquadrinhar todas as Ilhas Britânicas. No último mês, contudo, pude perceber que alguma coisa o agitava particularmente. Mas nunca revelou o que era.

— E qual é a sua opinião sobre as múmias? — perguntou Gray.

— Como eu disse, não encontrámos visco-branco. Penso que os corpos já estavam mortos quando foram sepultados no pântano. Mas quem os sepultou e porquê? E por que razão Martin Borr marcou o seu livro com este símbolo pagão? Isso era o que eu gostava de saber.

— E? — pressionou-o Gray. O homem era irritantemente ambíguo nas suas respostas, provocando-os para criar maior efeito.

— Tenho a minha hipótese — admitiu Wallace. — Que remonta ao ponto onde iniciei a minha investigação. O Domesday Book. Algo causou a devastação da aldeia ou povoação próxima. Algo de suficientemente terrível para arrasar por completo o lugar, apagar todos os registos dos mapas. Todos os registos, exceto a críptica referência no grande livro e a menção no diário de Martin Borr. O que

aconteceu que justificasse tal reação? Eu avançaria algum tipo de praga ou doença. Não querendo que se espalhasse, para manter o segredo, o lugar foi destruído.

— Então e estes corpos? — Rachel gesticulou em direção às imagens.

— Feche os olhos e coloque-se naquela povoação. Um lugar isolado e assolado por uma qualquer terrível enfermidade. Um lugar com devotos cristãos e aqueles que praticavam as tradições antigas em segredo, que certamente terão tido conhecimento desse círculo de pedra próximo da sua aldeia, que talvez ainda ali prestassem culto. Uma vez a maldição abatida sobre o vale, cada lado terá provavelmente apelados aos seus deuses pela salvação. E alguns provavelmente terão aumentado as suas probabilidades combinando as duas fés. Pegaram numa mãe e na criança rapaz, representativos da Madona e do seu filho, e enterraram-nos neste antigo local pagão. Penso que estes são os únicos corpos que escaparam à feroz purga, os únicos que restaram dessa antiga praga.

Wallace tocou na imagem da dissecação com um dedo.

— O que quer que tenha assolado aquela aldeia foi verdadeiramente estranho. Não tenho conhecimento de nada do género nos anais da medicina geral ou legal. Os corpos ainda estão sob investigação e têm sido mantidos em segredo. Nem sequer me informaram do que descobriram.

— Mas não devia ser mantido ao corrente? — questionou Gray. — Você não é professor da Universidade de Edimburgo?

As sobrancelhas de Wallace crispavam-se em confusão, depois descontraíram-se.

— Ah, não, compreendeu-me mal. Quando falei na *universidade* que ficou com os corpos, não me referia a Edimburgo. A minha subvenção veio de outra fonte. Não é uma prática incomum. Para os estudos de campo, vamos buscar fundos onde podemos.

— Então quem ficou com os corpos?

— Eles foram enviados para a Universidade de Oslo, para um primeiro exame.

Gray sentiu um soco no estômago. Demorou mais alguns instantes a reagir.

Oslo. Aí estava a primeira ligação sólida entre os acontecimentos ali e o que Painter Crowe estava a investigar na Noruega.

Enquanto Gray considerava as implicações, Wallace prosseguiu.

— Parece-me que em última análise tudo se resume aos extremófilos.

A estranheza da falta de sequência trouxe de volta a atenção de Gray.

— De que está a falar?

— Do meu financiamento — disse Wallace, num tom que o fazia parecer óbvio. — Como eu disse. Neste trabalho, vamos buscar o dinheiro onde podemos.

— E como se encaixam os extremófilos em tudo isso?

Gray tinha perfeito conhecimento do termo. Os *extremófilos* eram organismos que viviam em condições extremas, condições consideradas demasiado severas para suportar a vida. Eram na sua maioria bactérias, encontradas vivas em ambientes tóxicos como riftes oceânicos em ebulição ou crateras vulcânicas. Tais organismos únicos ofereciam potenciais novos compostos ao mundo.

E as indústrias mundiais certamente tomaram nota do facto, gerando um novo negócio denominado *bioprospeção*. Mas em lugar de prospetarem ouro, procuravam algo de igualmente valioso: novas patentes. E revelava-se um negócio em expansão. Os extremófilos já estavam a ser usados para patentear novos detergentes, produtos de limpeza e medicamentos industriais altamente resistentes e até mesmo uma enzima largamente usada por laboratórios criminais na identificação de ADN.

Mas o que tinha tudo isso a ver com as múmias dos pântanos em Inglaterra?

Wallace procurou explicar.

— Tem a ver com a minha hipótese inicial, hipótese que expus aos meus potenciais patrocinadores. Uma hipótese sobre o Domsday Book.

Gray notou que, desta vez, ele o designara como Domsday e não Domesday. Imaginou que o professor, com o habitual pendor pelo dramático, procurara o financiamento usando uma designação mais colorida do livro.

— Conforme mencionei, aqueles poucos lugares no livro assinalados em

latim como «devastados» pareciam ter sido apagados do mapa... literal e figurativamente. O que levaria esses antigos recenseadores a fazê-lo, senão algo de terrível que tivesse atingido esses lugares?

— Como uma doença ou uma praga — disse Gray.

Wallace assentiu.

— E potencialmente algo nunca antes visto. Aqueles eram lugares isolados. Quem sabe o que poderia ter saído do pântano? Os pântanos de turfa são caldos de estranhos organismos. Bactérias, fungos, bolores.

— Então contrataram-no como arqueólogo e como bioprospector.

Wallace encolheu os ombros.

— Não sou o único. As maiores indústrias estão a recorrer a arqueólogos de campo. Estamos a mergulhar em lugares antigos, sítios arqueológicos há muito encerrados. No ano passado, uma importante empresa química norte-americana descobriu um extremófilo num túmulo egípcio recentemente aberto. É a grande tendência, está a ver.

— E para esta escavação, a Universidade de Oslo financiou-o.

— Não. A Universidade de Oslo tem tão poucos recursos como qualquer universidade. Hoje em dia, a maioria das subvenções são geradas por patrocinadores empresariais.

— E que empresa o contratou?

— Uma empresa biotecnológica, que trabalha com organismos geneticamente modificados. Cereais e afins.

Gray agarrou o bordo da mesa. *É claro*. As empresas de biotecnologia eram os principais atores na caça aos extremófilos. A bioprospeção era o fluxo vital da sua atividade. Elas lançavam batedores em todas as direções, por todos os campos de estudo. Incluindo, ao que parecia, a arqueologia.

Gray não tinha dúvidas sobre *quem* financiara a investigação de Wallace.

Proferiu o nome em voz alta.

— A Viatus.

Os olhos de Wallace arregalaram-se.

— Como sabia?

Seichan estava no exterior da tenda. Segurava um cigarro na mão, apagado e esquecido. As estrelas eram tão puras como vidro talhado no céu noturno. Fios de névoa gelada subiam entre as árvores. Inalou profundamente, aspirando o odor da turfa que emanava dos fogões do acampamento e dos fogos latentes no subsolo.

O círculo de pedras, orlado de gelo, lembrava blocos de prata.

Imaginou os dois corpos sepultados no centro. Por alguma razão, pensou no curador que assassinara em Veneza — ou melhor, na mulher e na filha. Imaginou as duas ali enterradas. Sabendo ter origem na culpa, abanou a cabeça contra tão ridículo sentimentalismo. Ela tinha uma missão a cumprir.

Mas nessa noite a culpa agravara-se até um limite desconfortável.

Olhou para baixo, para a sua outra mão. Segurava uma garrafa térmica de metal. Contivera o seu chá quente. O calor também mantinha a sua biotoxina incubada. O grupo falara extensamente sobre extremófilos depois da revelação da origem de financiamento do doutor Boyle. A origem da toxina que lhe fora fornecida era uma bactéria descoberta num respiradouro vulcânico no Chile. Sensível ao frio, tinha de ser mantida quente.

Ninguém notara que só Rachel bebera o chá.

Seichan apenas fingiu bebê-lo.

Guardando o cigarro, caminhou até um banco de neve varrido pelo vento e começou a encher a garrafa com punhados de neve. O frio esterilizaria a garrafa, matando qualquer bactéria restante. Uma vez cheia, atarraxou a tampa de novo. Os seus dedos tremiam. Quis imputá-lo ao frio. Aparafusou mal a tampa e esta encravou. Lutou com ela durante um instante, à medida que a fúria se inflamava violentamente. Frustrada, atirou a garrafa para a floresta.

Por alguns segundos, respirou pesadamente, provocando nuvens de vapor.

Não chorou — e por alguma razão isso ajudou-a a concentrar-se.

Uma abertura foi afastada na outra tenda. Ela partilhava a sua tenda com Rachel; os homens dividiam a outra. Desviou-se para o espaço aberto para ver

quem mais ainda estava a pé.

A corpulência e o porte pesado identificaram prontamente o homem. Kowalski avistou-a e ergueu um braço. Apontou o polegar para o cercado.

— Tenho de ir falar com alguém sobre um cavalo — disse e desapareceu na esquina.

Levou uns instantes a perceber que ele não se ia encontrar verdadeiramente com alguém ao pé dos póneis. Estava *tão* fora de si. Ouviu-o assobiar enquanto se aliviava.

Verificou o relógio. Faltavam poucos minutos para a meia-noite. Os dados estavam lançados. Não havia retorno. Eles tinham tido tempo suficiente para examinar o lugar. A Guilda apenas lhes daria latitude suficiente para a equipa de Gray localizar o rasto do padre Giovanni e descobrir a chave antes de quaisquer outros. Ela batera-se por mais tempo, mas fora-lhe recusado. Que assim fosse. Teriam de se manter em movimento.

Olhou na direção da outra tenda. Era bom que Kowalski não demorasse muito. Não demorou. Passado um minuto, regressou pesadamente, ainda a assobiar baixinho.

— Não consegue dormir? — perguntou-lhe ele.

Ela ergueu os dedos com um cigarro como explicação suficiente.

— Essa coisa vai acabar por matá-la. — Levou a mão ao bolso, tirou uma ponta de charuto e imitou-lhe o gesto. — Então mais vale que seja rapidamente.

Prendeu a ponta mastigada entre os molares, puxou de uma antiquada caixa de fósforos e riscou habilmente dois contra o tecido da tenda. Acenderam-se duas chamas. Ele passou-lhe uma. Claramente já o fizera antes.

Falou com a ponta do charuto na boca.

— Gray acabou de se deitar. Passou quase duas horas a tentar extrair mais coisas do velho professor. Eu tive de sair dali, apanhar ar fresco. Aquele cão estava sempre a empestar o lugar. E não admira. Viu o que ele dá a comer ao maldito animal? Salsichas e cebolas. Que raio de comida de cão é essa?

Seichan acendeu o seu cigarro. Deixou o tipo divagar, grata pela conversa fácil. Infelizmente, a conversa encaminhava-se aparentemente para algum fim —

e de uma forma nem por isso subtil.

— E então — disse ele —, o que há entre si e Gray?

Seichan engasgou-se enquanto inalava.

— Enfim, ele está sempre a observá-la. E você atravessa-o com o olhar como se ele fosse um fantasma. Como dois miúdos de liceu apaixonados.

Seichan retraiu-se ante a insinuação, pronta a negar, desconfortável com a proximidade da verdade. Felizmente, foi salva de responder.

Ao cair da meia-noite, o vale explodiu.

Por entre a floresta, jatos de fogo dispararam em direção ao céu, um após outro. Foram acompanhados por pequenos abalos, fáceis de passar despercebidos a menos que se estivesse à espera. As cargas incendiárias, acopladas a um catalisador térmico de rubídio que transformava a água num acelerador, tinham sido profundamente implantadas na turfa húmida, sincronizadas para detonar à meia-noite. Todo o vale devia arder.

Mais próximo, três outras explosões irromperam do centro do círculo de pedra. Espirais de fogo contorceram-se alto no céu.

Mesmo à distância, o calor queimou-lhe o rosto.

Os outros saíram das tendas atrás deles. Kowalski praguejava ao seu lado.

Ela não se voltou, hipnotizada pelas chamas. O seu coração batia com força. A conflagração começou a estender-se para fora — rapidamente, *demasiado* rapidamente —, ali e na floresta. As cargas acionadas deviam apenas afugentar a equipa de Gray — atizar um fogo debaixo deles, literal e figurativamente —, ao mesmo tempo que destruiriam quaisquer indícios.

Observou as chamas a crescer.

Alguém fizera um erro de cálculo, subestimara a combustibilidade da turfa. Por um instante, uma centelha de desconfiança perpassou-a. Teria sido traída? Estariam destinados a morrer ali?

Valendo-se de uma lógica fria, apagou mentalmente tais dúvidas. Não havia ganho com as suas mortes. Pelo menos, não daquela vez. Tinha de ser um erro de execução. Os velhos fogos, latentes há anos, deviam ter deteriorado a estabilidade dos leitos de turfa, transformando todo o vale numa mecha para a

tocha certa.

Contudo, o resultado era o mesmo.

Enquanto olhava, o fogo fechava-se num círculo em torno deles.

Nunca saíam dali com vida.

12 de outubro, 23h35

Oslo, Noruega

Monk atravessava energicamente o parque das instalações de investigação. Debaixo do seu casaco grosso, envergava um uniforme de segurança da Viatus. Ao seu lado, John Creed estava identicamente agasalhado contra o frio, mas levava uma bata de laboratório dobrada no braço.

Não tiveram dificuldade em passar pelos portões principais do *campus* da Viatus, exibindo os seus cartões de identificação falsos. Tinham estacionado o carro no parque dos funcionários e atravessaram a pé o terreno. A Viatus tinha instalações em todo o mundo, mas Oslo era a base principal. O *campus* estendia-se por quatrocentos mil metros quadrados com várias divisões e edifícios de escritórios. Todas as estruturas eram brilhantes e modernas, claramente influenciadas pelo minimalismo escandinavo.

No centro do *campus*, erguia-se uma sala de reuniões inteiramente feita de vidro. Brilhava como um diamante. Através do vidro podia ver-se a massa arrebatadora de um navio viquingue. Não se tratava de um modelo, mas de uma peça histórica autêntica. O navio fora descoberto conservado no gelo algures na região ártica da Noruega. Custara milhões a resgatá-lo e preservá-lo, tudo financiado por Ivar Karlsen.

Devia ser bom ser assim tão rico.

Monk prosseguiu pelo *campus*. O laboratório de investigação de Culturas

Biogenéticas situava-se num recanto remoto, distante do parque de estacionamento.

Monk puxou o capuz do seu casaco mais para a frente.

— E então, miúdo — disse ele, tentando distrair-se do frio —, o que fizeste exatamente para seres corrido das forças armadas e terminares na Sigma?

Creed ignorou-o e resmungou:

— Não pergunte. — Não queria claramente falar sobre o assunto. E estava irritado.

Além de que chamar-lhe miúdo provavelmente não ajudava.

Creed não era exatamente do tipo falador, mas Monk tinha de admitir que o homem era astuto. Já adquirira um conhecimento superficial de norueguês com um sotaque razoável. Monk só conhecia outra pessoa assim tão rápida. Imaginou o sorriso dela, a curva das suas costas e o volume ainda pouco perceptível do seu ventre. Pensar em Kat ajudou-o a manter o calor o tempo suficiente para chegar ao destino.

O laboratório de Culturas Biogenéticas assemelhava-se a um ovo prateado pousado sobre uma das extremidades. Era todo de vidro espelhado e refletia o terreno em volta, dando às instalações uma aparência surreal, como se o edifício estivesse em processo de mergulhar numa nova dimensão.

O edifício do laboratório era uma construção relativamente recente, concluída há apenas cinco anos. Fora equipada com um sofisticado sistema de segurança que exigia muito pouco pessoal durante a noite.

O que não era um obstáculo para alguém munido dos últimos brinquedos da DARPA.

Monk carregava uma mochila num dos ombros e uma pistola *Taser XREP* acondicionada debaixo do outro. A arma disparava um pequeno dardo eletrificado que podia imobilizar um alvo durante cinco minutos. Era uma precaução que esperava não ter de usar.

Creed dirigiu-se à entrada principal.

Monk tocou a garganta. Tinha um microfone implantado sobre a laringe e um auricular no ouvido.

— Senhor, vamos entrar no edifício neste momento.

Painter respondeu-lhe de imediato.

— Algum problema?

— Nada até agora.

— Ótimo. Mantenham-me a par.

— Sim, senhor.

Creed aproximou-se do leitor de cartões eletrónicos. Fez deslizar um cartão pela ranhura. Um arame delgado ligava o cartão a um dispositivo preso em volta do pulso. Era um dispositivo pirata que usava algoritmos quânticos para abrir qualquer fechadura, basicamente o equivalente a uma gazua digital. A fechadura cedeu e Creed abriu a porta.

Penetraram no interior.

A entrada estava fracamente iluminada e a mesa do rececionista vazia. Monk sabia que uma segurança ocupava um posto de monitorização no andar de cima. Desde que não acionassem nenhum alarme, não deviam ter dificuldade em chegar aos servidores nos níveis subterrâneos. A sua missão era abrir uma porta das traseiras no processador central. Com um pouco de sorte, estariam fora dali em menos de dez minutos.

Enquanto Monk atravessava o átrio, mantinha o rosto desviado das câmaras. Tal como Creed. Os dois tinham memorizado as posições das câmaras pelos esquemas fornecidos por Kat.

Encaminharam-se juntos para a zona dos elevadores. Creed caminhava um tanto apressadamente. Monk tocou-lhe o braço e forçou-o a abrandar, a não agir tão tomado de pânico.

Alcançaram o átrio dos elevadores, onde carregaram no botão, abrindo-se um par de portas. Entraram. Um outro leitor de cartões cintilava com uma luz vermelha. O elevador só se deslocaria com o cartão adequado.

Monk fez pairar um dedo sobre o botão B2 — Nível Subterrâneo 2 —, onde se localizavam os servidores. Creed aguardava para inserir o seu cartão falso. Monk hesitou antes de premir o botão.

— O que foi? — articulou Creed em silêncio com a boca, receoso de falar

inglês no caso de o elevador ser vigiado.

Monk apontou os botões abaixo do seu dedo. Iam do B2 ao B5. De acordo com os esquemas fornecidos, não era suposto haver níveis abaixo do B2.

O que haveria nesses níveis?

Monk sabia que tinham uma missão, mas havia um subtexto na operação daquela noite: descobrir o que se passava realmente na Viatus. Era uma hipótese remota que a empresa mantivesse algo de incriminatório nos seus servidores. Qualquer aspeto verdadeiramente sujo estaria provavelmente enterrado mais fundo.

Como no subsolo.

Monk desviou o dedo para baixo e premiu o B5. Creed olhou-o, questionando claramente o que ele estava a fazer.

Apenas uma pequena improvisação, respondeu ele silenciosamente. A Sigma não se pautava pela execução cega de ordens, mas pelo raciocínio do momento.

Creed precisava de aprender isso.

Monk apontou para o leitor de cartões e fez sinal a Creed para introduzir o seu cartão eletrónico. O desvio demoraria apenas mais um minuto. Simplesmente deitaria uma olhadela lá em baixo. Se fosse meramente um nível de manutenção ou algum tipo de espaço de lazer dos funcionários, saltariam rapidamente para o nível B2, acederiam aos servidores e sairiam dali.

Com um suspiro exasperado, Creed inseriu o cartão. Passado meio segundo, a luz mudou para verde.

O elevador iniciou a descida.

Nenhum alarme soou.

Os níveis sucederam-se e o elevador abriu para um átrio fechado. Uma porta selada apresentava-se diretamente à sua frente. Monk parou, subitamente com dúvidas.

O que faria Gray?

Monk abanou mentalmente a cabeça. Desde quando seguir o exemplo de Gray era boa coisa? O homem tinha uma inquietante tendência para sarilhos.

Quando o elevador se começava a fechar, Monk agarrou Creed pelo cotovelo

e saltou para o átrio.

— Enlouqueceu? — sibilou Creed em voz baixa, libertando-se da mão de Monk.

Provavelmente.

Monk aproximou-se para examinar a porta. Não tinha leitor de cartões. Apenas um painel cintilante que se destinava claramente a ler a palma da mão.

— E agora? — sussurrou Creed.

Sem receio, Monk colocou a sua mão protética sobre o leitor. Sensível à pressão, a placa intensificou o seu brilho. Uma barra de luz percorreu-a para cima e para baixo. Conteve a respiração — então, ouviu os ganchos da fechadura soltarem-se.

Um nome cintilou sobre o leitor.

IVAR KARLSEN

Creed franziu o sobrolho ao ler o nome, depois fitou Monk, irritado por não ter sido informado daquela precaução adicional.

Fora ideia de Kat. Ela obtivera os registos completos do CEO, incluindo uma impressão da palma. Levara apenas uns segundos a digitalizar os dados e a inseri-los no equivalente a uma impressora a laser. O dispositivo gravara depois uma cópia da impressão na palma sintética de Monk, riscando a pele em branco numa correspondência perfeita.

Se alguém tinha pleno acesso às instalações era certamente o seu CEO.

Monk aproximou-se da porta desbloqueada.

Vamos lá ver o que Ivar esconde aqui em baixo.

23h46

Painter mantinha a vigilância sobre o outro lado da rua do Grand Hotel Oslo. Estava sentado num banco com uma vista desafogada sobre a entrada. Não admirava que o senador Gorman tivesse escolhido aquele lugar como residência. Construído num extravagante estilo revivalista Luís XVI, o hotel elevava-se por

oito pisos e ocupava todo um quarteirão, com uma torre central de relógio a dominar a entrada. Além disso, ficava convenientemente localizado em frente dos edifícios do parlamento norueguês.

Uma escolha perfeita para um senador norte-americano de visita.

E um lugar improvável para uma emboscada.

No entanto, Painter tencionava ser cuidadoso. Estava ali há uma hora, vestindo um casaco grosso, chapéu e cachecol. Deslocava-se igualmente com um certo arquear de costas, que apenas era meio fingido. A ferida da faca começara a doer à medida que os anestésicos deixavam de fazer efeito. Na última hora, percorrera todas as áreas públicas do hotel, incluindo o Limelight Bar, onde Gorman devia encontrar-se com o seu misterioso contacto. Como precaução adicional, Painter tinha a faca WASP furtada presa na parte de trás do cinto e uma pequena *Beretta* de 9 mm num coldre de ombro.

Mas até ao momento tudo parecia calmo.

Painter olhou para cima, para a torre do relógio. Faltavam poucos minutos para a meia-noite. *Tempo de o espião sair do frio.*

Levantando-se, começou a atravessar a rua, tão preparado quanto possível.

Monk já entrara em contacto e, mais cedo nessa noite, Painter mantivera uma curta mas produtiva conversa via satélite com Gray. Soubera que a Viatus Corporation financiara a escavação em Inglaterra. Estavam a fazer bioprospeção de novos organismos para explorar na sua investigação genética. Se tinham encontrado alguma coisa? Gray descrevera a macabra descoberta, dentro de um círculo neolítico, de corpos enterrados e preservados na turfa, corpos crivados de algum tipo de fungo.

Se isso era significativo?

Painter recordou que o geneticista de Princeton assassinado acreditava que os novos genes inseridos nas amostras de trigo da Viatus não eram de origem bacteriana. Poderiam ser *fúngicos*, genes extraídos daqueles cogumelos? E se sim, porquê todo o secretismo e banho de sangue para esconder o facto?

Painter afastou essas questões momentaneamente. Precisava de se concentrar na tarefa imediata em mãos. Entrou no átrio e observou circunspectamente em

redor. Comparou os rostos dos funcionários do hotel com os da sua incursão anterior e certificou-se de que não havia estranhos entre eles.

Satisfeito, caminhou a passos largos para o bar do hotel. O Limelight era sombrio e ricamente apainelado, iluminado apenas pelo brilho de lanternas de parede. Poltronas individuais e sofás de couro vermelho dividiam o espaço. Cheirava vagamente a charuto.

Àquela hora, o estabelecimento estava esparsamente povoado. Não foi difícil descobrir o senador Gorman junto ao bar. Em particular com o corpulento homem sentado ao seu lado, envergando um fato demasiado pequeno para o seu volume. Mais valia ter *guarda-costas* impresso na testa. O guarda estava sentado de costas para o bar e, sem qualquer subtilidade, perscrutava a clientela à procura de ameaças.

Painter observou-os pelo canto do olho. Passou por entre as cadeiras e sentou-se num banco junto à entrada. Uma empregada de bar anotou o seu pedido.

Agora restava ver quem, se é que alguém, aparecia.

Não teve de esperar muito.

Surgiu um homem envergando um pesado sobretudo pelo tornozelo. Estudou o bar, depois o seu olhar fixou-se no senador. Painter ficou surpreendido ao perceber que já vira o homem antes, no final do almoço de abertura da cimeira. Ele estivera a queixar-se ao copresidente do Clube de Roma.

Painter procurou lembrar-se do nome.

Qualquer coisa como Anthony.

Rememorou a conversa na sua mente.

Não... Antonio.

Um sorriso satisfeito faiscou na expressão do homem quando avistou o senador. Tinha de ser o tipo. Pela conversa anterior, o homem claramente não tinha afeição por Karlsen. O sorriso de Antonio desapareceu quando viu o guarda-costas. As instruções tinham sido que o senador viesse sozinho. Antonio hesitou junto da entrada.

Era altura de agir.

Painter deslizou lentamente do seu lugar e atravessou-se diante de Antonio. Agarrou o cotovelo do homem com uma mão e impeliu a sua *Beretta* contra as suas costelas. Manteve um sorriso no rosto.

— Vamos conversar — disse Painter, e guiou-o para longe do bar.

Era sua intenção interrogar o homem em privado. Quanto menos o senador Gorman fosse envolvido no assunto, tanto melhor.

Antonio deixou-se levar sob a ameaça da arma, o seu rosto uma máscara de terror.

— Trabalho para o governo norte-americano — disse contundentemente Painter. — Vamos ter uma breve conversa antes de se encontrar com o senador.

O terror desapareceu-lhe dos olhos, embora não completamente. Painter guiou-o na direção de um canapé numa área deserta do átrio. Ficava parcialmente abrigado por uma parede baixa e um feto envasado.

Nunca lá chegaram.

Antonio tropeçou subitamente e caiu sobre um joelho. Gorgolejou e engasgou-se. As suas mãos agitaram-se em volta do pescoço. Da garganta saía a farpa pontiaguda de uma flecha. Sangue salpicou o chão de mármore, enquanto Antonio sucumbia de gatas.

Painter notou uma pequena luz intermitente na nuca do homem, aninhada nas penas de plástico da flecha. O corpo de Painter reagiu antes de a ideia se formar sequer.

Bomba.

Saltou para a frente e mergulhou por cima da parede baixa. Aterrara atrás desta, quando a carga explodiu. Soou tão forte como um trovão numa cave. A dor comprimiu-lhe o crânio. Ficou momentaneamente surdo — depois o som regressou.

Gritos, berros, choros.

Os sons eram cavernosos, surdos.

Rolou para se pôr de pé, mantendo-se abrigado atrás da parede. O fumo toldava o átrio, iluminado por poças de fogo. A explosão escurecera uma grande secção do pavimento. O corpo de Antonio fora desfeito em destroços

flamejantes. O ar sobreaquecido ardia com um odor químico.

Termite e fósforo branco.

Painter tossiu e perscrutou o átrio. Pela posição de Antonio, a flecha teria de ter vindo do interior do hotel, do lado esquerdo. Dessa direção, duas figuras mascaradas corriam através do fumo vindas das escadas. Uma outra figura irrompeu pela porta principal.

Corriam pesadamente em direção ao Limelight Bar.

Iam atrás do senador.

00h04

Monk parou diante da porta aberta. Para lá do limiar, estendia-se um longo corredor. As luzes acenderam-se, uma após outra, iluminando o caminho.

— Vamos dar uma vista de olhos rápida — sussurrou Monk. — Depois desandamos daqui.

Creed esperou que Monk tomasse a dianteira, depois seguiu-o. O miúdo mal respirava e definitivamente não pestanejava.

A meio caminho do corredor, abriam-se portas duplas à esquerda e à direita. Monk dirigiu-se a elas. O lugar cheirava a desinfetante, como um hospital. O chão liso de linóleo e as paredes incaracterísticas acentuavam a sensação de esterilidade.

Notou igualmente que não havia câmaras naquele espaço. Aparentemente, a empresa depositava total confiança no nível adicional de segurança eletrónica ali existente.

Monk alcançou as portas. Tinham um fecho acionado pela palma da mão, tal como a outra. Monk pressionou a mão contra o painel. Certamente não haveria áreas vedadas a Karlsen.

Tinha razão.

A fechadura abriu-se com um pequeno estalido.

Monk entrou e viu-se num átrio fechado e outro par de portas. A antecâmara

era de vidro. Para lá das portas abria-se um amplo espaço. Acenderam-se luzes veladas de um tom âmbar suave.

Tentou o próximo par de portas. Estavam desbloqueadas. As portas não se destinavam claramente a manter alguém *de fora*, mas a manter os ocupantes *lá dentro*.

Quando Monk penetrou no espaço seguinte, contemplou assombrado as paredes de ambos os lados. Estendendo-se ao longo da vasta sala, viam-se janelas do chão até ao teto. Um zumbido cavernoso enchia o espaço, como um rádio sintonizado entre estações.

Creed seguia nos seus calcanhares.

— Isso são...

Monk assentiu.

— Colmeias.

Por detrás do vidro, uma sólida massa de abelhas contorcia-se e agitava-se num padrão hipnótico, as asas tremulantes, os corpos a dançar. Filas e filas de favos elevavam-se até ao teto. As colmeias encontravam-se divididas por secções ao longo da sala. Cada apiário estava assinalado por um código críptico. Ao estudá-los, Monk reparou que cada número era precedido pelas mesmas três letras: IMD.

Não compreendeu o significado, mas as abelhas eram claramente usadas nalgum tipo de pesquisa.

Ou talvez Ivar tivesse simplesmente uma pancada por mel fresco.

Monk deslocou-se com Creed até à parede mais próxima. O zumbido tornou-se mais forte, a agitação mais frenética. As luzes, embora veladas, deviam tê-las perturbado.

— Penso que são abelhas-africanas — disse Creed. — Veja como são agressivas.

— Não me interessa de onde são. Mas sim o que está a Viatus a fazer com elas.

E porquê toda aquela segurança?

Creed estendeu a mão para uma pequena gaveta na parede vidrada da

colmeia.

— Cuidado — alertou Monk.

Creed franziu as sobrancelhas e abriu a gaveta.

— Não se preocupe. Já trabalhei com abelhas antes na quinta da minha família no Ohio.

A gaveta revelou uma caixa selada com uma extremidade de rede. Uma única abelha de grande dimensão repousava no interior.

— A rainha — disse Creed.

As abelhas agitaram-se ainda mais na sua prisão.

Monk notou que a caixa estava assinalada com o mesmo código críptico da colmeia de vidro. Enquanto Creed repunha a gaveta no lugar, Monk retirou uma pequena câmara em forma de caneta. Pressionando um botão, filmou um pequeno vídeo digital. Registou as colmeias e os números sobre cada uma delas.

Podia ser importante.

De momento, o melhor que podiam fazer era documentar tudo e sair dali. Terminada a gravação, Monk verificou o relógio. Ainda queria inspecionar a sala do outro lado do átrio, antes de se dirigirem aos servidores e concluírem a missão original.

— Vamos — disse Monk, e conduziu o parceiro de volta ao átrio.

Atravessando-o, pressionou a sua palma contra o outro leitor de entrada. Quando a porta abriu, penetrou no interior. Passou a uma antecâmara semelhante à do outro laboratório. Mas ali máscaras respiratórias pendiam de ganchos na parede de um dos lados. À frente, as luzes acenderam-se, tal como anteriormente. A sala para lá da porta era da mesma dimensão.

Mas ali não havia abelhas.

O espaço continha quatro compridos canteiros elevados que se estendiam ao longo da sala. Mesmo do lugar onde se encontrava, Monk reconheceu os pequenos chapéus carnudos que cresciam nos canteiros em tumultuosa exuberância.

— Cogumelos — disse Creed.

Monk passou à sala seguinte. A porta abriu-se com o baque surdo de um

fecho hermético. A sala tinha pressão negativa para manter o ar no interior. Monk compreendeu de imediato porquê.

Creed tapou a boca e o nariz.

O fedor atingiu-os como um soco na cara. O ar era húmido, quente, e cheirava a uma mistura de salmoura, peixe morto e carne em decomposição. Monk queria virar costas e fugir dali, mas Painter relatara a sua discussão com Gray.

Sobre cogumelos.

Não podia ser coincidência.

Monk pegou na câmara, pronto a documentá-lo. Creed juntou-se-lhe, passando-lhe uma máscara respiratória da antecâmara. Monk pô-la sobre o rosto, agradecido.

Ao menos havia alguém que pensava...

Os filtros da máscara atenuaram o fedor. Capaz de respirar, encaminhou-se para o canteiro mais próximo. Os cogumelos cresciam numa matéria escura aquosa de aspeto oleoso.

Creed calçou um par de luvas de látex e juntou-se-lhe. Abriu uma outra gaveta.

— É melhor retirar uma amostra do fungo.

Monk assentiu e começou a filmar.

Creed estendeu a mão para um dos cogumelos. Delicadamente, agarrou-o pela base e puxou-o para cima. Libertou-se facilmente — mas com ele veio um pedaço carnudo de alguma coisa. Creed estremeceu e largou-o com repugnância. Esparrinhou-se na matéria húmida, fazendo tremular a superfície como uma sopa de gelatina.

Só então Monk reconheceu o meio de crescimento dos cogumelos.

Sangue coagulado.

— Você viu...? — gaguejou Creed. — Aquilo era...?

Monk reconhecera o que viera agarrado ao cogumelo de Creed. Um rim. E, pelo tamanho, provavelmente humano.

Monk gesticulou a Creed para que regressasse à macabra tarefa.

— Retira uma amostra.

Com a câmara a gravar, Monk deslocou-se ao longo do extenso canteiro de cogumelos. Os mais pequenos ficavam junto à porta. Eram brancos como osso. Mas os cogumelos cresciam de tamanho ao longo do percurso, adquirindo um tom mais rico de carmesim.

Monk notou uma série de talos acastanhados a sair do sangue. Baixou a câmara para um plano mais aproximado. Não eram talos. Com um arrepio gelado, percebeu que eram dedos humanos.

Estendeu o braço e agarrou um dos dedos com a sua mão protética. Puxou-o para cima, arrastando uma mão para fora do repugnante muco. Enquanto a erguia, viu que estava ligada a um antebraço. Cogumelos cresciam da carne.

Rangendo os dentes, baixou lentamente o membro de volta ao tanque. Não precisava de ver mais. Corpos inteiros jaziam sepultado no sangue, fertilizante para os cogumelos.

Reparou igualmente na pele castanho-escura do braço, uma visão incomum na branca Noruega. Monk recordou-se da quinta em África, aquela destruída numa noite de carnificina e fogo.

Teria sido colhido mais do que *cereais*?

Monk percebeu que respirava mais pesadamente. Moveu-se rapidamente para a ponta da sala. Ali, os cogumelos tinham amadurecido para grossos caules encimados por cápsulas caneladas. Pareciam carnudos e fibrosos.

Com a sua prótese, Monk tocou levemente numa das cápsulas. Quando o fez, o bolbo contraiu-se. Do seu topo, lançou um denso fumo polvorento que rapidamente se espalhou pelo ar.

Esporos fúngicos.

Monk saltou para trás, grato pelas máscaras. Não queria respirar aqueles esporos.

Como que ao sinal da primeira cápsula, outras começaram a lançar os esporos. Monk recuou, perseguido pelas rodopiantes nuvens de pó.

— Temos de sair daqui! — gritou Monk para o outro lado da sala, a voz abafada pela máscara.

Creed acabara de extrair uma amostra do cogumelo e atava-a no interior da sua luva de látex solta. Olhou para Monk, sem perceber. Mas os seus olhos arregalaram-se quando mais bolas de pó explodiram no ar.

Tinham de sair dali para o átrio.

Subitamente, talvez acionadas por um sensor biológico, aberturas no teto deixaram passar espuma num fluxo maciço. Esta espalhou-se pelo chão e subiu rapidamente. Monk passou a correr por uma das aberturas e quase foi derrubado pela sua força. Escorregou e deslizou.

Quando alcançou Creed, a espuma chegava-lhe à cintura.

— Embora! — bradou Monk, apontando para a porta.

Juntos, lançaram-se pela primeira porta para a antecâmara. Estava igualmente repleta de espuma até ao teto. Tiveram de abrir caminho por ela às cegas.

Monk embateu na primeira porta do átrio.

Impeliu o manípulo e empurrou a porta com o ombro. Esta recusou-se a mexer. Empurrou uma e outra vez, mas sabia a verdade.

Estavam presos.

00h08

À medida que o fumo se tornava asfixiante no átrio do hotel, Painter saltou por cima da parede baixa. Fogos ainda ardiam pelo chão. O sangue tornara o mármore escorregadio. Com a pistola em punho, patinou direto ao homem armado que tinha irrompido pela porta principal. Concentrado no bar, o assaltante não viu Painter a tempo. Painter disparou à queima-roupa contra o seu peito.

O impacto fez girar para longe o atacante, o sangue a brotar.

Menos um.

As pessoas gritavam e fugiam para a rua ou escondiam-se atrás dos móveis. Painter lançou-se numa corrida veloz pelo meio do átrio.

À frente, à entrada do Limelight Bar, surgiu o guarda-costas do senador pronto a disparar, os braços estendidos, empunhando a arma de serviço. Refugiara-se atrás de uma planta envasada. Não foi abrigo suficiente. Os outros dois atiradores já tinham o olhar cravado na entrada.

Folhas de feto esfrangalharam-se sob uma barragem de fogo de metralhadora. O homem foi derrubado de costas no chão. Painter nunca abrandou. Saltou para cima de uma cadeira no exterior do bar e mergulhou de cabeça no espaço. Aterrou num dos sofás de couro e rolou sobre os ombros para se pôr de pé.

Tinha apenas segundos.

Uma torrente de fogo irrompeu pelo espaço, atingindo a parede de fundo do bar, estilhaçando garrafas e espelhos.

Painter abarcou a sala com um olhar.

O senador não estava à vista.

O guarda-costas não o teria deixado em espaço aberto. Só havia uma porta de saída. Os lavabos nas traseiras. Painter correu para aí e lançou-se pela porta. Uma bala rasou-lhe a orelha. O tiro viera do interior da casa de banho.

O senador Gorman estava de costas contra uma fila de lavatórios, com uma pistola na mão apontada a Painter.

Painter levantou as mãos.

— Senador Gorman! — declarou com firmeza. — Eu sou o homem do general Metcalf!

— O investigador do Departamento de Defesa? — Gorman baixou a pistola, o rosto descontraindo-se de alívio.

Painter precipitou-se para a frente.

— Temos de sair daqui.

— E o Samuels? — O senador olhou para trás na direção da porta.

Painter adivinhou tratar-se do guarda-costas.

— Morto, senhor. — Fez sinal ao senador indicando a janela de vitral nas traseiras dos lavabos.

— Está barrada. Eu verifiquei.

Painter subiu a janela de guilhotina. Uma série de barras de ferro trabalhadas bloqueavam de facto a passagem. Deu uma pancada com a palma da mão contra elas e a grade soltou-se e girou sobre os gonzos. Durante a incursão anterior pelo local do encontro, ele retirara os parafusos da grade.

Nunca era demais assegurar uma saída pelos fundos.

— Saia! — ordenou Painter, oferecendo ao senador um joelho para trepar.

Gorman aceitou a ajuda e içou-se até à janela.

Enquanto Painter empurrava o senador, ouviu uma pancada seca atrás de si. Um breve olhar revelou uma ponta de seta preta cravada na grossa porta dos lavabos.

Oh, merda...

Painter fez o senador voar pela janela e seguiu nos seus calcanhares. Literalmente — levou com um mocassim italiano no olho esquerdo. Mas isso era um dano menor, considerando a explosão que se seguiu.

Chamas e fumo irromperam da janela aberta.

O calor rolou sobre eles.

Painter empurrou o senador para longe. Quando a torrente de chamas se extinguiu, Painter precipitou-se para a janela, baixou a vidraça inferior e repôs as barras de ferro na sua posição.

Eles que se questionassem como tinham escapado de uma sala fechada.

A confusão poderia proporcionar-lhes alguns minutos extra, enquanto os perseguidores continuassem a revistar o hotel.

Painter regressou para junto do senador.

— Tenho um carro escondido a dois quarteirões de distância.

Fugiram juntos.

Gorman arquejava ao seu lado, apertando um ombro magoado. Depois de um quarteirão, fitou Painter e fez-lhe uma pergunta existencial:

— Quem é você afinal?

— Um mero funcionário público — murmurou Painter, enquanto se concentrava numa outra tarefa. Reajustou o microfone de garganta ao pescoço e ligou-o. — Monk, como vão as coisas por aí?

Monk ouviu algumas palavras fragmentadas, mas, depois de se libertar da máscara, lutava contra uma torrente de espuma. Lançou-se de novo contra a porta, esperando que se abrisse milagrosamente. Devia ter sido bloqueada uma vez acionada a espuma.

Talvez houvesse outra saída.

Antes que se pudesse mover, água quente caiu de cima. A espuma desfez-se de imediato. Todo o seu volume ruiu por si mesmo. Levou menos de trinta segundos.

Monk olhou para Creed. Estava ali como um reluzente cão encharcado à espera para se abanar. Os olhos do homem estavam vidrados com o choque.

— Espuma contra risco biológico — explicou Monk. — Usada como agente de combate contra micro-organismos patogénicos aéreos. Devemos ficar bem.

Provando-o, o fecho abriu-se sob o cotovelo de Monk. Devia estar programado para um ciclo de esterilização. Rodou o manípulo e saiu para o átrio.

Quando o fez, ecoaram vozes no fundo do corredor. Tinha uma vista desimpedida da zona dos elevadores. A porta estava meio aberta, enquanto alguém argumentava algo em norueguês. Monk reconheceu o braço uniformizado de um segurança.

O protocolo de segurança automático tinha convocado o pessoal de guarda.

Monk imobilizou-se. Não podia recuar para o laboratório dos cogumelos. Esse seria certamente o primeiro lugar a ser revistado. Tinha apenas outra opção. Caminhando a descoberto, apressou-se para o lado oposto do átrio e colocou a palma sobre o leitor ao lado da outra porta. Susteve a respiração enquanto o dispositivo a lia, vigiando a porta distante, rezando para que ninguém se voltasse naquela direção.

Finalmente, a fechadura soltou-se. Com um mudo suspiro de agradecimento, abriu rapidamente a porta. Ele e Creed lançaram-se no interior da sala.

Monk manteve a porta aberta o suficiente para vigiar o átrio.

Um grupo de guardas, quatro no total, era conduzido por um técnico envergando uma bata de laboratório. O homem parecia ter acabado de acordar.

Aparentemente, o acesso ali requeria um certo nível de autorização.

Monk deixou a porta deslizar até fechar, embora mantendo-se debruçado a escutar. A outra porta de laboratório abriu-se e fechou-se. Alguns homens permaneceram no átrio. Monk ouvia-os falar em voz baixa. Não sabia quantos eram. Pelo menos três, calculou.

E agora?

— Dê-me algum espaço — disse Creed atrás dele.

Monk voltou-se. O parceiro tinha despido o casaco e vestido a bata de laboratório. Secara igualmente o cabelo e penteara-o com os dedos de volta ao lugar. Creed dirigiu-se à antecâmara. Enquanto Monk controlava a porta, o parceiro tinha ido para a grande sala com os apiários de paredes de vidro.

— O que estás a fazer? — indagou Monk, fitando-o de cima a baixo.

Creed desviou-se para o lado. Para lá da porta interior fechada, um movimento chamou a atenção de Monk. Na sala exterior, uma nuvem de abelhas rodopiava e engrossava.

— O que é que fizeste? — indagou Monk.

Creed ergueu um braço. Na sua mão, segurava uma gaveta fechada com rede.

— Roubei a rainha. — Creed apontou para a esquerda. — E quebrei o selo da colmeia.

Monk franziu o sobrolho. De um dos apiários, uma densa coluna de abelhas fervilhava pelo sítio onde costumava estar a gaveta.

— Mas porquê? — insistiu Monk.

Para lá da porta, as abelhas reuniam-se num enxame crescente.

— São definitivamente africanas — disse Creed, enquanto contemplava a rainha capturada. — Muito agressivas.

— Isso está tudo muito bem, mas... *porquê?*

— Para nos tirar daqui. — Creed apontou para a porta interior da antecâmara. — Abra-a quando eu disser *agora*. Mas mantenha-se atrás da porta.

Monk começou a compreender. Trocou de lugar com Creed e dirigiu-se à porta interior da antecâmara. Creed tomou posição junto da porta do átrio e vigiou o enxame crescente das abelhas.

A nuvem agigantava-se agora contra a porta e as paredes de vidro da antecâmara, atraída pelo rasto da rainha. O zumbir tornou-se tão forte que fez arrepiar a pele de Monk.

Creed continuava à espera. Pousou no chão a gaveta com a rainha. Na sala contígua, o enxame era tão cerrado que bloqueava a luz.

— Prepare-se — disse Creed, voltando a endireitar-se.

Monk agarrou o manípulo da porta.

Passando de novo os dedos pelo cabelo, Creed pôs-se à frente da porta e abriu-a. Monk não conseguia ver o que se passava, mas ouviu as exclamações sobressaltadas dos guardas no átrio.

Creed arvorou um ar irritado e interpelou-os ríspidamente em norueguês.

Enquanto os guardas se debatiam para decidir se o novo técnico era ou não uma ameaça, Creed pontapeou a gaveta pelo chão na sua direção.

— Agora! — bradou.

Monk abriu rapidamente a sua porta, abrigando-se atrás dela.

O enxame lançou-se de imediato na antecâmara como um punho furioso.

Creed recuou e abriu por completo a sua porta. Com o caminho livre até à rainha, o enxame precipitou-se para o átrio numa nuvem compacta. Em pânico, um dos guardas disparou um tiro cego.

Um erro.

Monk conhecia o suficiente sobre abelhas-africanas para saber que eram sensíveis a ruídos fortes.

Seguiram-se gritos, que só pioraram a situação.

Creed lançou-se para a frente e agarrou a manga do casaco de Monk. Tempo de partir. Monk seguiu Creed porta fora. Não havia necessidade de agir furtivamente. Quatro guardas contorciam-se no meio do enxame, densamente cobertos por uma massa contundente. As abelhas enchiam bocas e penetravam por narizes.

Monk e Creed correram velozmente.

Umás poucas abelhas ambiciosas perseguiram-nos. Monk foi picado por várias vezes, mas o enxame mantinha-se próximo da rainha. Com as suas longas

pernas, Creed alcançou primeiro o átrio dos elevadores. Lançou-se para lá. Monk fechou firmemente a porta atrás de si.

Creed chamou o elevador e as portas abriram-se de imediato. A cabina ainda se encontrava naquele nível. Apressaram-se. Sem tempo para chegar aos servidores, Monk abandonou a missão original e premiu o botão do piso da entrada. Era altura de saírem dali. Creed não argumentou.

Monk fitou-o enquanto o elevador subia.

— Portaste-te bem, miúdo.

— A sério? — resmungou azedo. — Mas ainda sou miúdo?

Monk encolheu os ombros, enquanto saíam do elevador e se apressavam pelo átrio principal. Ele não queria que o sucesso do miúdo lhe subisse à cabeça. Ao saírem, uma voz sussurrou-lhe subitamente ao ouvido, irritada e urgente.

— Monk, responde. — Era Painter.

Monk ligou o microfone de garganta.

— Painter, estamos a sair do local.

Seguiu-se um pesado suspiro de alívio.

— E a missão?

— Tivemos uma pequena dificuldade com abelhas.

— Abelhas?

— Explico-te mais tarde. Encontramo-nos no hotel?

— Não. Estou a ir para aí. Levo companhia.

Companhia?

— Houve uma mudança de planos — disse Painter. — As coisas ficaram demasiado quentes aqui em Oslo, por isso, vou levantar acampamento e mudar-me para um sítio mais fresco.

Ainda ensopado pelo banho de espuma, Monk sentia a noite glacial penetrá-lo até aos ossos. *Mais fresco?*

Enquanto Monk atravessava o *campus* empresarial, imaginou Gray abrigado numa tenda aquecida, com um fogo a arder num fogão de campanha.

Filho da mãe com sorte.

13 de outubro, 00h22
Lake District, Inglaterra

Enquanto a floresta ardia, Gray agarrou as rédeas do seu garanhão. Ele e os outros tinham selado rapidamente os cavalos. Não havia um instante a perder.

Depois da tempestade de fogo inicial, as chamas tinham-se reduzido a clarões infernais a toda a volta. Um manto de fumo espesso cobria o vale, obscurecendo as estrelas. Uma fogueira singular assinalava uma secção da floresta que se tinha incendiado. Como uma velha armadilha, seca e pronta a arder. O resto da floresta coberta de neve resistira às chamas até ao momento.

Mas estavam longe de estar salvos.

— Montem! — gritou aos outros.

Tinham de partir naquela hora. Cada segundo contava à medida que um perigo mais insidioso se fechava à sua volta. Fogos de turfa alastravam pelo subsolo, espalhando-se para fora em canais ardentes e poços de fogo mais profundos. Embora os bosques estivessem escuros, escondiam uma conflagração enraivecida sob eles.

Wallace estimou que todo o vale seria consumido em menos de uma hora. Nenhum meio de salvamento os poderia alcançar a tempo. Gray usara o seu telefone de satélite para contactar Painter, explicar-lhe brevemente a situação e passar-lhe as coordenadas de GPS, mas até mesmo o diretor concordara que o apoio aéreo não poderia ser mobilizado a tempo de chegar até eles.

Estavam por sua conta.

Enquanto Gray subia para a sua sela, uma das pedras maciças do círculo tombou quando a turfa sob ela ardeu e cedeu. Quando atingiu o solo escuro, irrompeu um jorro de chamas. Outras pedras já tinham tombado, algumas desaparecendo por completo em poços de fogo.

Não se tratava de um fogo de turfa natural.

Alguém o ateara, claramente tencionando destruir o local de escavação — e quem quer que ali se encontrasse.

Rachel segurava o seu pônei próximo de Gray, mantendo-o firmemente preso pelas rédeas. Os olhos da sua montada rolavam à beira do pânico. Rachel não parecia menos assustada.

Todos conheciam o perigo.

Quando os fogos irromperam, um dos pôneis soltara-se do cercado. Desvairado e sacudindo a cabeça, fugira para a floresta. Instantes depois, ouviram um estrondo, o irromper de um novo jato de chamas e um horrível relincho.

Gray contemplou a pedra tombada enquanto esta se afundava lentamente no atoleiro ardente, recordando-o do perigo sob os seus pés. Qualquer passo em falso e acabariam como o pônei desorientado.

Seichan apressou-se para junto do garanhão de Gray. Fora a sua montada que fugira e morrera. Gray debruçou-se, agarrou-lhe o antebraço e içou-a para a sela atrás dele.

— Vamos! — Apontou na direção da secção mais escura da floresta, onde não havia clarões de momento. Tinham de passar pelo círculo de fogo e subir pelos montes.

Gray liderava o caminho com Wallace ao seu lado.

À frente deles, trotava o *terrier*, *Rufus*.

— Ele vai encontrar-nos um trilho seguro — disse o professor, o seu rosto pálido. — A turfa arde quando completamente madura. O seu faro pode sentir o que não podemos ver.

Gray esperou que ele estivesse certo, mas todo o vale cheirava a turfa

ardente. Era uma hipótese exígua que um cão pudesse distinguir o subtil indício de fumo dos fogos subterrâneos. Mas que alternativa tinham?

E talvez o cão farejasse de facto alguma coisa. Enquanto seguiam, o *terrier* ziguezagueava pelos bosques, com paragens e viragens súbitas.

Gray mantinha o andamento num trote lento, combinando velocidade e cautela. O cão saltitou pela neve e sobre um ribeiro gelado. Parecia impossível que numa noite tão fria, com o solo coberto de neve e gelo, pudesse haver um inferno por baixo.

Mas foram recordados do perigo quando um veado vermelho saltou pelo seu trilho, assustado pelos fogos. Fugiu com passo seguro por entre as árvores, depois aterrou numa ravina coberta de neve. O chão cedeu sob ele. Os quartos traseiros afundaram-se num poço ardente, lançando alto uma espiral de chamas e cinza incandescente. O pescoço esticou-se numa postura silenciosa de agonia, depois o corpo ficou flácido e desapareceu de vista. Fumo ergueu-se no céu. Uma onda de calor rechaçou o frio da noite.

Era uma lição de prudência.

— Cristo no espeto — murmurou Kowalski do cimo do seu pónei.

Os braços de Seichan apertaram-se em volta da cintura de Gray.

Enquanto prosseguiram pelos bosques fumegantes, novos jatos de chamas irrompiam da floresta à medida que o inferno em expansão incendiava árvores secas como tochas. Passaram ao largo de uma dessas árvores. Era um velho carvalho, quebradiço e fendido pelos relâmpagos. As chamas dançavam entre os seus ramos esbranquiçados, um sinal do perigo que fluía sob as suas raízes.

Até *Rufus* começou a abrandar. Parava constantemente, a cabeça a girar, o nariz a farejar o ar, ganindo, claramente menos seguro. Mas mantinha-os a avançar, por vezes tendo de retroceder, dançando por debaixo das pernas das montadas irrequietas.

Contudo, por fim, imobilizou-se. Próximo de um antigo leito de rio seco, um pequeno declive serpenteava à frente deles. Não parecia haver ameaça, mas o cão hesitava de um lado para o outro da margem mais próxima. Esboçou uma tentativa de descer até ao canal, depois pensou melhor e recuou. Algo o

assustava. Regressou à dianteira da fila de póneis imóveis. O seu baixo gemer tornou-se um tenebroso ganido.

Virando-se na sela, Gray olhou os bosques. A toda a volta, o fogo no subsolo começava a surgir à superfície, mostrando a sua verdadeira e feroz face. Não longe, um grande pinheiro tombou na floresta, arrastando consigo árvores de menor porte. Esmagou-se levantando uma onda rodopiante de chamas. Mais e mais árvores sofriam o mesmo destino. Secções inteiras sucumbiam agora no pântano incandescente, derrubadas à medida que as raízes eram consumidas ou vencidas pelo seu próprio peso quando o chão se transformava em cinzas ardentes.

Tinham de continuar. Quanto mais esperassem, piores seriam as circunstâncias. Precisavam de alcançar os montes.

— Vá lá, meu velho cobarde. — Wallace instigava o cão numa censura gentil. — Tu consegues, *Rufus*. Vá, rapaz. Encontra-nos um caminho para casa.

O cão olhou para o dono em cima, depois para o canal em baixo. Tremendo, sentou-se. Continuou a tremer, mas a sua decisão era firme. Não havia caminho seguro em frente.

Gray deslizou da sela e passou as rédeas a Seichan.

— Fica aqui.

— O que vais fazer? — perguntou Rachel.

Gray caminhou até uma pedra coberta de musgo ao lado do trilho. Ele tinha de ter a certeza. Ajoelhando-se, soltou a pedra e arrastou-a até à margem coberta de neve. Balançando os braços, lançou a pedra num arco baixo. Aterrou no meio do canal — e atravessou-o até ao pântano incandescente por baixo. Chamas ergueram-se. A neve derreteu em torno das margens e fervilhou com um silvo de vapor.

A fenda alastrou de imediato, ramificando-se em gavinhas de fogo. Outros pontos explodiram ao longo do canal. Lançar o bloco de pedra fora como deitar um seixo a um lago. Ondas incandescentes espalhavam-se para fora num efeito de cascata, à medida que o oxigénio fresco atingia o inferno subterrâneo. Irromperam chamas e o vapor adensou-se, transbordando, seguindo o curso do

antigo leito do rio.

— Tinha de ser — disse Kowalski. — Não podia deixar as coisas como estavam.

Gray ignorou-o e dirigiu-se a outra pedra. Içou-a e, usando todo o corpo, balançou-a e atirou-a para a outra margem. Ficava a menos de sete metros de distância. A pedra embateu na margem distante e aterrou com um baque. Ali ficou, cravada na turfa e na neve.

— Ainda está sólido. Se conseguíssemos chegar ao outro lado... — Gray voltou-se para Wallace. — Quão bons são estes póneis a saltar?

O professor contemplou o rio flamejante.

— São bons — disse hesitantemente. — Mas é um salto muito grande.

— Não me parece que tenhamos grande escolha — comentou Kowalski.

Uma outra árvore desabou no bosque atrás deles.

— Aye, lá isso é verdade — reconheceu Wallace.

— Eu vou primeiro. — Gray apressou-se de volta à sua montada. Ergueu um braço na direção de Seichan para a ajudar a descer.

— Eu vou contigo — disse ela.

— Não. O nosso peso tornará mais difícil...

— Vês algum cavalo livre por aí? — ripostou Seichan, interrompendo-o. — Tenho de ir com alguém. E o teu garanhão é o maior.

Gray compreendeu que ela tinha razão.

Içou-se para a sela. Os outros desviaram-se para o lado, enquanto ele recuava o cavalo.

— Segura-te bem — disse Gray.

Ela obedeceu, com os braços à sua volta e pressionando a face contra as costas dele.

— Vai — sussurrou ela.

Inclinando-se para a frente sobre a sela, ele assentou os calcanhares e estalou as rédeas. O garanhão, já retesado como que adivinhando o que o cavaleiro queria, disparou com um trovejar de cascos. Acelerou rapidamente para um galope pleno.

Gray sentiu o poder do garanhão sob a sela. A sua respiração pesada deixava para trás um rasto branco. O seu pescoço estendia-se à medida que ganhava velocidade — depois alcançou a margem.

Com um retesar de músculos, saltou alto. Gray ficou sem peso, erguendo-se da sela com Seichan firmemente agarrada a si. Elevaram-se sobre o fogo. Sentiu a onda de calor vinda do fundo.

Depois atingiram a margem oposta.

Gray voltou a cair sobre a sela, equilibrando com perícia o peso sobre os estribos. O garanhão trotou alguns passos para diminuir a velocidade adquirida. Gray puxou as rédeas e rapidamente fez girar a montada.

Seichan continuava fortemente agarrada a ele.

Regressou à margem ardente e deu um suspiro de alívio. Agitou um braço para que os outros o seguissem, ainda não confiando na voz. Um tremor percorreu-o, mas os braços de Seichan seguraram-no com firmeza.

— Conseguimos — murmurou ela nas suas costas.

Os outros seguiram-se rapidamente. Wallace veio a voar com *Rufus* agarrado no seu colo. Gray teve de dar crédito ao tipo. Ele sabia definitivamente montar.

Rachel saltou a seguir. Recuou o cavalo e disparou numa corrida regular até ao rio. Gray podia ter o pônei maior, mas Rachel tinha o mais rápido. Alcançou a margem, mas algo correu mal.

Um dos cascos escorregou quando a berma se esboroou sob ele.

Gray soube de imediato que havia problema. O salto foi demasiado baixo, o corpo do pônei inclinou-se para um dos lados.

Nunca chegariam à outra margem.

Rachel lutava por se manter na sela. Quando a égua saltou, sentiu de imediato o centro de gravidade mudar debaixo de si. Firmou as pernas para não cair. Puxou as rédeas junto ao peito e inclinou-se decididamente sobre o arção.

Meio de lado, fitou o coração incandescente do fogo em baixo. Não ia conseguir. O pônei já estava a baixar. Um calor escaldante lambeu-a.

Ouviu gritos de alarme.

Depois atingiram o chão. Os cascos dianteiros aterraram em turfa sólida, chegando à margem oposta, mas os quartos traseiros da égua esmagaram-se contra a berma fumegante do rio de fogo.

O impacto projetou Rachel sobre o estômago contra o pônei. Ficou sem ar, perdeu as rédeas e o suporte dos estribos e deslizou em direção ao fogo.

Debaixo dela, a pobre égua relinchava de agonia e lutava por se libertar, o que atiçava ainda mais as chamas.

Enquanto deslizava, Rachel agarrou-se à ponta da sela. O calor queimava-lhe a sola das botas. A esgotada égua, enlouquecida pela dor, ameaçava atirá-lo para o chão. Pior, a égua começou a rolar.

— Aguenta-te! — bradou uma voz.

Ela olhou para cima. Era Seichan. A mulher mergulhou para a frente e agarrou a cabeça da égua. Gray surgiu pelo outro lado e tentou chegar ao cimo do cabresto.

Juntos, lutaram para impedir a égua de rolar.

Seichan enrolou a rédea no seu braço, baixou-se e enterrou os calcanhares no chão. Gray não conseguiu agarrar o cabresto quando a égua sacudiu a cabeça, relinchando. Tentou de novo.

— Tire-a dali! — gritou Seichan, enquanto ela própria era arrastada para o rio.

Foram necessárias todas as forças de Rachel para não cair. Sentiu as pernas a arder, imaginou as suas calças em fogo. Então, dedos agarraram-lhe o pulso. Gray estava ali, estendido sobre a cernelha da égua. Puxou-a com um braço, o outro abraçado ao arção da sela. Içou-a até ao seu peito, o rosto congestionado e tenso.

— Trepá por mim! — ordenou-lhe, fitando-a nos olhos.

A determinação de ferro daqueles olhos azuis contagiou-a.

Arquejando, estendeu os braços e agarrou-se ao casaco dele. Puxou-se para cima de Gray, alcançou o cinto com a outra mão e rastejou pelo corpo dele. Por fim, deixou para trás a berma do rio e rolou de cima dele, aterrando sobre as

mãos e os joelhos na neve.

Gray recuou apressadamente, deixou-se cair ao lado dela, depois agarrou-a com um braço e içou-a margem acima. Sucumbiram juntos na neve. Ela abraçou-o, subitamente a soluçar.

Atrás deles, soou um tiro.

Girando rapidamente, ela viu Seichan de pé mais abaixo, de costas para eles. Segurava uma pistola fumegante. Os relinchos da égua cessaram enquanto o seu corpo escorregava e se afundava cada vez mais no fogo.

Seichan deixou-se cair na margem coberta de neve, com a pistola aninhada nas mãos.

Lindo.

Ainda do outro lado do rio em chamas, Kowalski viu a égua de Rachel tropeçar. O pônei ainda ardia na berma do rio. Como ia conseguir atravessar? A sua montada, um cavalo castrado, não era tão imponente como o garanhão de Gray, nem tão rápido como a égua de Rachel. Mais, não tinha tomates, o que só por si o inquietava.

Kowalski levou uma mão ao estômago. Devia ter seguido aquela dieta que Liz lhe impingia.

Gray chamou da margem distante.

— De que estás à espera?

Kowalski ergueu um dedo. Afagou o pescoço do seu pônei

— Tu consegues fazer isto... certo?

O pônei sacudiu a cabeça e revirou um olho assustado na sua direção.

Estou contigo, companheiro.

Fez o pônei recuar, indo um pouco mais longe, dando-lhe mais espaço de arranque. Contudo, hesitava. O pônei hesitava, também. Recusava-se a imobilizar-se, dançando nervosamente sobre os cascos. Ambos tinham muito a perder.

Só temos de nos acalmar, levar um momento a...

Um pinheiro explodiu precisamente atrás deles. Disparou como um foguete. Destroços flamejantes voaram alto, bombardearam-lhe as costas do casaco e atingiram a garupa do pônei.

Com aquele impulso ardente, o cavalo partiu com um súbito retesar de músculos, impulsionado pela adrenalina. Kowalski quase caiu, mas recuperou rapidamente o equilíbrio, cavalcando de pé sobre os estribos. O pônei trovejou debaixo dele, alcançou a margem e saltou no ar.

Se Kowalski fosse mais destemido, teria gritado de excitação. Ou se tivesse um chapéu de *cowboy* poderia tê-lo agitado. Em vez disso, inclinou-se bem baixo e agarrou-se firmemente ao pônei com ambos os braços.

Lá no fundo, como que sabendo que o último deles escapava, todo o leito ruiu para um inferno de fogo. As chamas projetaram-se a grande altura à volta deles.

Kowalski fechou os olhos, banhado pelo calor escaldante.

Então, alcançaram a margem distante com um bater de cascos sobre chão sólido. O impacto lançou-o sobre a cabeça do pônei. Voou e foi aterrar num banco de neve. Ficou deitado de costas durante um instante aturdido e fez o inventário.

Ainda vivo...

Içou-se sobre os cotovelos e pôs-se de pé. Cambaleou até à sua montada, as pernas de ambos ainda a tremer. Chegado ao lado do pônei, lançou-lhe os braços em volta do pescoço e abraçou-o com força.

— Adoro-te, minha maravilha sem tomates.

Vinte minutos mais tarde, o extenuado grupo trepava por um trilho rochoso para fora do vale. As chamas faziam dançar as suas sombras do outro lado da encosta. Lá no fundo, todo o vale fumegava e ardia.

Seichan, dorida e exausta, seguia atrás de Kowalski. Fitava Gray e Rachel. Eles seguiam juntos no ganhã dele. Rachel tinha os seus braços em torno da cintura de Gray, a cabeça sobre o seu ombro. Depois da queda quase fatal, ela

permanecera perto de Gray, retirando energia da sua solidez e força.

Seichan tentava não escarnecer da vulnerabilidade dela.

Mas não podia afastar com tanta facilidade uma outra angústia.

Ela notara como os dois se fundiam tão rapidamente, como se tornavam um. Quando montara com ele antes, também abraçara Gray, aspirara o odor almiscarado do seu suor, sentira o calor do seu corpo. Mas não sentira nada da parte dele. Ela podia ser um simples alforge.

Contudo, agora, enquanto os observava, Gray acariciava o braço de Rachel. Era um gesto de conforto, feito reflexivamente, enquanto continuava a vigiar o trilho rochoso.

Seichan desviou o olhar, a raiva a crescer. Não contra Gray, mas contra a sua própria insensatez. Recordou-se das palavras de Kowalski antes de a floresta explodir. *Dois miúdos de liceu apaixonados*. Ela pensava que tinha dissimulado bem os seus sentimentos. Mas e a observação do homem em relação ao parceiro? Poderia estar certo quanto a Gray?

Permitiu-se por um momento acreditar que era verdade. Mas só por um momento. Fitou-o e reconheceu que não podia haver futuro para eles. O fosso era demasiado fundo, demasiado largo.

E tornar-se-ia mais fundo e mais largo.

Especialmente, depois do que teria de acontecer a seguir.

Longe dos bosques, era tempo de passar à próxima fase do plano.

02h07

Gray impôs uma paragem para que pudessem descansar e dar de beber aos cavalos. Tinham alcançado um pequeno lago azul-gelo, um dos muitos que ponteavam a região como pingos de mercúrio.

Também queria examinar as queimaduras de Rachel. Ele cobrira-lhe as pernas de neve imediatamente após o incidente, para retirar todo o calor residual. A sua pele estava de um rosa vivo e alguns pontos poderiam empolar à

superfície, mas ele queria verificar uma segunda vez.

O grupo desmontou dos seus pôneis. Estavam todos doridos das selas e encrespados do calor nas extremidades. Mesmo depois de abandonar o rio a arder, o desastre continuava próximo.

Se não fosse Rufus a guiá-los no resto do caminho...

Gray viu o professor agarrar num pedaço de salsicha seca e dá-la ao seu *terrier*. *Rufus* merecia travessas carregadas de salsichas. Contudo, o *terrier* estava mais do que satisfeito por receber uma boa coçadela por um trabalho bem feito.

Wallace inclinou-se e coçou o flanco do cão.

— Bom trabalho, meu cachorro sarnento.

A cauda do cão agitou-se furiosamente.

Até Seichan atirou a *Rufus* um pedaço de queijo enquanto esticava as pernas. O *terrier* apanhou-o habilmente. Parecia ter vencido a sua desconfiança inicial em relação a ela. Ela vagueou até ao lago gelado e ficou aí iluminada pelo luar refletido na água.

Gray estudou-a.

Quando Rachel estivera a ponto de cair nas chamas, Seichan fora a primeira a sair da sela, correndo em sua ajuda. Até mesmo Gray estivera meio passo atrás. Nunca lhe agradecera devidamente.

Mas primeiro tinha de tratar de alguns pormenores.

Kowalski aticara uma pequena fogueira com alguns galhos e fósforos. Apesar de tudo o que acontecera, a noite estava fria e uma fogueira continuava a ser bem-vinda. Todos se aproximaram como traças fatigadas atraídas por uma chama.

Gray levou um instante a aquecer as mãos. Depois, com um suspiro, libertou-se da mochila e baixou-se sobre os quadris. Correu o fecho de uma das bolsas e retirou o telefone via satélite.

— Vais ligar para casa? — perguntou Kowalski.

— Tenho de pôr Painter a par. Dizer-lhe que escapámos daquele buraco do inferno.

Quando Gray ergueu o telefone, Seichan falou atrás dele.

— Não me parece.

Ele voltou-se e viu-a apontar-lhe uma arma à cara.

— O que estás a fazer? — inquiriu ele.

— Passa-me o telefone.

— Seichan...

— Fá-lo.

Gray compreendeu a futilidade de resistir. Ele sabia como aquela mulher atirava bem. Lançou-lhe o telefone. Ela apanhou-o suavemente, a pistola nunca vacilando, depois arremessou o telefone por baixo até ao lago.

— É altura de desaparecermos de circulação — disse ela.

Gray conseguia adivinhar o que ela queria dizer. Se ele não comunicasse, Painter pensaria que não tinham escapado da floresta incandescente. Os investigadores levariam semanas a esquadrihar as cinzas.

Mas o que Gray não compreendia era *porquê*.

A pergunta no seu rosto devia ser óbvia.

Seichan explicou:

— O nosso objetivo é encontrar a chave que o padre Giovanni procurava. No passado, mostraste-te bastante capaz, Pierce. — Ela ergueu uma sobrancelha na direção de Gray. — A Guilda tem total confiança em ti.

Gray abanou a cabeça, compreendendo. Ele suspeitara que ela pudesse usar os acontecimentos em sua vantagem, para a ajudar a voltar às boas graças dos seus anteriores patrões — reais ou enquanto agente dupla. De qualquer forma, pensara que ela agiria mais tarde. Tinha baixado a guarda. Mas, na verdade, era mais do que isso. A fúria crescia dentro de si. Uma parte dele confiara nela.

Deixou transparecer alguma da raiva.

— Como é que nos vais fazer cooperar? Não podes apontar-nos uma arma o tempo todo.

— Tens razão. — Ela guardou a pistola no coldre.

O gesto inquietou ainda mais Gray. As palavras seguintes confirmaram o seu receio.

— Foi por isso que envenenei Rachel.

O choque silenciou Gray.

Rachel deu um passo em frente.

— O quê?

— No chá. — Seichan nem olhou para ela. Mantinha a sua atenção em Gray.

— Uma biotoxina criada. Mata em três dias. Infelizmente, os sintomas intensificar-se-ão. Náuseas, dores de cabeça e, por fim, hemorragias.

Rachel gaguejou por um momento, claramente não acreditando.

— Mas tu salvaste-me a vida. Na floresta.

Gray compreendeu.

— Ela precisava de ti viva.

Seichan encolheu os ombros.

— Existe um antídoto. Uma enzima especificamente desenvolvida para esta toxina. Uma fechadura e uma chave, por assim dizer. Não há outra cura. E, para esclarecer, eu não conheço o antídoto, não sei onde pode ser encontrado ou como obtê-lo. O antídoto ser-te-á dado contra a entrega da chave.

— Não compreendo. De que *chave* estás a falar?

— Daquilo que o padre Giovanni procurava verdadeiramente. A chave do Domsday Book.

Wallace sobressaltou-se com as suas palavras.

— Isso não passa de um mito.

— Para o bem de Rachel, é melhor que não seja. Temos três dias para a encontrar.

— E que garantia temos de que cumprirás a tua parte do acordo? — perguntou Gray.

Ela revirou os olhos.

— Preciso mesmo de te responder?

Gray lançou-lhe um olhar carregado. Ela tinha razão. Não precisava. Não havia garantia e não havia necessidade de lhes oferecer uma. Com a vida de Rachel em risco, não tinham escolha.

Kowalski cruzou os braços e fitou Gray.

— Da próxima vez, Pierce, dá ouvidos ao cão.

13 de outubro, 03h23

Oslo, Noruega

Krista não dormira.

Tinha sido uma longa noite, com os acontecimentos a irem de mal a pior. Mas talvez tudo acabasse bem. Saberla dentro de poucos minutos.

Estava de pé diante de um fogo crepitante, envergando um robe de caxemira italiana. A lareira era suficientemente alta para se entrar nela sem se curvar. Os seus pés descalços enroscavam-se no tapete de zibelina no chão. Uma série de janelas góticas, com caixilhos de ferro, dava para o pátio coberto de neve do Castelo de Akershus. O luar fundia o mundo em prata, embora espelhando as chamas da fogueira.

E o seu reflexo surgia entre os dois.

Entre o gelo e o fogo.

Um fragmento de poesia de Robert Frost cruzou-lhe a mente, enquanto aguardava. Recordava-se de o memorizar na escola católica de raparigas nos arredores de Boston, no tempo em que o pai a visitava à noite quando a mãe se embebedava.

*Some say the world will end in fire,
Some say in ice.¹*

Krista não se importava com qual, desde que se encontrasse do lado dos vencedores. Regressou à contemplação das chamas, mas visualizou um outro fogo. Um fogo que quase arruinara tudo. Recebera um relatório atualizado pouco depois da meia-noite de um informador nos *fells* britânicos. Ele relatara o sucesso das cargas incendiárias colocadas. Mas o fogo ficara rapidamente fora de controlo, ameaçando tudo. Foi obrigada a esperar mais duas horas, antes de ter a confirmação de que os outros tinham escapado dos bosques. De que a operação prosseguia conforme planeado.

Se eu falhasse aí...

Um arrepio percorreu-a.

Teria sido um desastre, especialmente tendo em conta como as coisas tinham corrido no Grand Hotel. Levara-lhe muito tempo a descobrir que fora Antonio Gravel quem contactara o senador e ele acabara por ser um alvo mais astuto do que antecipara. Depois de contactar o senador, o homem desaparecera. Não se encontrava no hotel nem na cimeira. Só demasiado tarde é que ela soube da sua predileção por jovens prostitutas, daquelas que não se importavam com uma atuação bruta. Incapaz de o encontrar suficientemente cedo, fora forçada a preparar uma emboscada no hotel. Fora mais às claras do que ela gostaria, mas tinha pouco tempo para subtilezas. E contara igualmente abater dois alvos de uma só vez. Dera instruções aos homens para matar Antonio assim que ele entrasse no hotel, depois para usarem o caos e a confusão para assassinar o senador.

A morte do senador Gorman não fora especificamente ordenada. Só devia ser morto se Antonio falasse com ele, mas Krista não gostava de pontas soltas. Especialmente, de pontas soltas que a pudessem reconhecer. Jason Gorman, perdido de amores pela nova namorada, enviara fotografias ao pai.

Tal exposição preocupava-a.

E ela não gostava de se preocupar.

No final, o senador escapara e não por qualquer falha da sua parte. Ela fora especificamente instruída para *não* perseguir o operacional de cabelo escuro da Sigma. Não era culpa dela que ele tivesse aparecido.

Contudo, a ansiedade mantinha-a tensa e fria. Permaneceu perto do fogo, o cinto do robe estreitamente apertado.

Por fim, o telefone vibrou. Imediatamente, levou-o ao ouvido.

— Sim — disse ela.

— Soube que a operação em Inglaterra prossegue conforme planeado.

— De facto. — Ela deixou transparecer uma nota de orgulho.

— E que o senador Gorman escapou.

Semicerrou os olhos. Toda a sua confiança anterior se evaporou ao ouvir o tom de voz do homem.

— Sim — conseguiu pronunciar.

O silêncio prolongou-se. O coração de Krista batia-lhe na garganta.

— Então podemos prosseguir com a segunda parte do plano.

Krista dissimulou um longo suspiro de alívio, mas ficou igualmente confusa.

— Segunda parte?

— Iniciar a limpeza para preparar a jogada final.

— Senhor?

— O Echelon reuniu-se e reavaliou os cenários iminentes. Em última análise, parece haver pouca necessidade de uma relação continuada com a Viatus. Ivar Karlsen começa a tornar-se uma desvantagem. Especialmente depois dos estranhos acontecimentos da noite passada nas suas instalações de pesquisa. O seu melhor uso agora é como bode expiatório, alguém para afastar o fogo de nós.

Krista deixou a sua mente acalmar-se, recalibrando o seu papel.

O homem prosseguiu.

— Dispomos de toda a pesquisa pertinente. O que Ivar Karlsen pôs em movimento não pode ser invertido e ser-nos-á útil no final, com ou sem ele.

— O que devo fazer?

— Irá acompanhá-lo a Svalbard conforme planeado e aguardará novas instruções. Soube que ele decidiu partir mais cedo do que o previsto.

— Uma nova tempestade está a formar-se mais rapidamente do que o esperado. Ele quer ter a certeza de que não interferirá com os seus planos.

— Bastante sensato. Porque uma tempestade está de facto a formar-se. — O

homem baixou a voz. — Tem as suas ordens.

A ligação morreu.

Krista baixou o telefone e cerrou-o entre as mãos. Aproximou-se do fogo, mas não encontrou calor. Ficou ali, paralisada, perdendo a noção do tempo. A sua respiração tornou-se pesada.

Finalmente, uma voz falou atrás de si.

— Não te vens deitar, Krista?

Ela olhou por cima do ombro. Ivar Karlsen estava nu à entrada do quarto. Na sua idade, permanecia sólido, o ventre liso, as pernas fortes e musculadas. E, mais do que isso, não necessitava de comprimidos para desempenhar.

— Está tudo bem? — perguntou ele.

— Não podia estar melhor.

Ela voltou-se para o encarar de frente. Largando o telefone num dos bolsos, soltou o cinto do seu robe e deixou-o deslizar-lhe dos ombros para se amontoar sobre o tapete de pelo. Ela estava de costas voltadas para as chamas, perfeitamente consciente do fogo, perfeitamente consciente do frio glacial do quarto do castelo.

Estava no lugar que lhe cabia.

Entre o gelo e o fogo.

¹ Alguns dizem que o mundo terminará em fogo // Alguns dizem que terminará em gelo.

TERCEIRA PARTE

AS SEMENTES DA DESTRUIÇÃO

13 de outubro, 08h43
Sobre o mar da Noruega

O Sol permanecia baixo no céu, enquanto o jato privado cruzava o Círculo Polar Ártico. Durante os últimos meses de outono, havia poucas horas de luz no local para onde se dirigiam. O arquipélago de Svalbard ficava a meio caminho entre a costa setentrional da Noruega e o Polo Norte. Com mais de metade da sua massa terrestre sepultada debaixo de glaciares, era o lar de pouco mais que renas e ursos-polares.

Até mesmo São Nicolau teria dificuldade em chamar àquele lugar lar.

Mas, de momento, Painter deliciava-se com a cabina de couro e mogno do jato privado, um *Citation Sovereign* conseguido por Kat. Ela alterara igualmente o manifesto de voo para indicar que eram executivos de um consórcio de carvão. Era um disfarce credível. A principal indústria do arquipélago era a extração de carvão.

A cabina do jato acomodava sete passageiros, pelo que havia espaço suficiente para os quatro se deitarem. Todos tinham conseguido dormir um pouco, necessitando-o depois de uma longa noite, mas aterrariam em menos de uma hora em Longyearbyen, a maior povoação nas ilhas de Svalbard.

Painter recostou-se na sua poltrona de couro. Estava sentado do outro lado de uma mesa, diante do senador Gorman. Monk e Creed partilhavam um sofá contíguo. Era altura de porem as respetivas cartas sobre a mesa, a fim de decidir

o plano de atuação possível para o confronto que se aproximava.

Painter sabia que tinham de agir rapidamente, saltar para o terreno assim que as rodas atingissem o alcatrão. Tinham fugido de Oslo cientes de duas coisas. Primeiro, que com a descoberta do disfarce de Painter e a perseguição ao senador o local tornara-se demasiado quente. Segundo, que o seu principal suspeito já abandonara a cidade e se dirigia para as mesmas ilhas geladas. Era a sua melhor oportunidade de encurralar Karlsen e obter algumas respostas sinceras.

O CEO da Viatus conduzia um grupo de líderes da cimeira em visita ao famoso Silo Internacional de Sementes de Svalbard. Tratava-se da Arca de Noé das sementes, destinada a proteger a sua preciosa carga — mais de trezentas mil espécies de sementes — de guerras, epidemias, ataque nuclear, terremotos e mesmo mudanças climáticas drásticas. Projetado para durar vinte mil anos, aquele Silo do Juízo Final estava sepultado a mais de cento e cinquenta metros de profundidade, sob uma montanha, naquele que era considerado o local povoado mais remoto da Terra.

Se quisessem ter uma conversa privada com Karlsen, longe de olhares indiscretos, aquele era o lugar. Mas o encontro não deixava de implicar um risco significativo.

— Senador — pressionou Painter uma última vez —, continuo a achar melhor que fique em Longyearbyen. Se precisarmos de si, podemos convocá-lo para a investigação.

Painter continuava a manter o ardil de que os três pertenciam ao gabinete do inspetor-geral, trabalhando para o Serviço de Investigação Criminal de Defesa. Possuíam mesmo os distintivos para o comprovar.

— Eu vou consigo — afirmou o senador Gorman, equilibrando uma chávena de café sobre os joelhos.

Painter reparara que ele o reforçara com um pouco de *brandy* do bar bem abastecido. Não que Painter o censurasse. Gorman sofrera alguns golpes duros nas últimas horas. Ele fora um aliado muito próximo de Karlsen, quase um amigo.

A voz de Gorman endureceu.

— Se Ivar teve verdadeiramente alguma coisa a ver com a morte do meu filho...

— Ainda não sabemos o que o liga diretamente a ele — argumentou Painter pouco consistentemente.

O senador não se deixou convencer.

— O canalha apertou-me a mão. — Gorman esmurrou a mesa, fazendo chocalhar chávenas e pires. Olhou ferozmente para o outro lado da mesa. Claramente, o senador não seria dissuadido de ir. Painter podia imaginar a dor da sua perda, seguida de tal traição, mas naquele momento não necessitava de alguém descontrolado.

No entanto, o homem tinha um argumento sólido e voltou a reforçá-lo.

— Vocês precisam de mim para se aproximarem de Ivar.

Painter cruzou as mãos no colo, reconhecendo a verdade. Karlsen partira com uma hora de avanço, correndo à frente de uma tempestade que soprava do polo. Provavelmente já se encontraria no silo de sementes quando aterrassem. E a segurança aí era apertada, em particular com a chegada dos dignitários da cimeira.

O senador Gorman prosseguiu.

— Para entrar lá dentro, precisarão de mim e do meu passe. Mesmo os vossos distintivos não conseguirão passar pela segurança. Com o meu convite, posso introduzir pelo menos um de vocês no silo.

Já fora decidido que Painter seria esse *um*. Monk e Creed manteriam um perímetro defensivo no exterior, fornecendo apoio.

Painter revira igualmente a segurança no silo de sementes. O lugar ficava selado atrás de portas reforçadas de aço, monitorizadas por um sofisticado sistema de videovigilância, para não falar no patrulhamento dos milhares de ursos-polares que deambulavam pela ilha. Adicionalmente, para o evento em questão, um contingente do exército norueguês estaria de plantão para reforçar a segurança.

Assim, penetrar naquela festa sem o senador seria tão difícil como entrar em

Fort Knox.

Reconhecendo tudo aquilo, Painter finalmente cedeu. Endireitou-se na sua cadeira e olhou para os outros.

— Então, antes de aterrarmos, vamos recapitular o que sabemos... e, igualmente importante, o que não sabemos. Uma vez atingido o chão, precisaremos de agir rapidamente.

Monk assentiu.

— Por onde começamos?

— Pelo nosso principal alvo, Ivar Karlsen. — Painter centrou-se em Gorman. — Trabalhou com ele durante anos. O que nos pode dizer sobre ele?

O senador recostou-se, claramente procurando dominar a sua raiva, mas a sua expressão permaneceu sombria.

— Se me tivesse perguntado isso ontem, ter-lhe-ia respondido que ele era um tipo inflexível, duro, alguém que sabe como ganhar dinheiro, mas que conhece igualmente a responsabilidade por detrás dessa riqueza. Uma combinação de Rockefeller com Franklin D. Roosevelt.

— E como se conheceram?

— Através do Clube de Roma. Eu aderi simplesmente para estabelecer contactos políticos e empresariais. Que melhor forma de firmar a minha carreira do que conviver com um grupo internacional de industriais, políticos e celebridades? — Encolheu os ombros, sem vergonha da sua ambição. — Mas então conheci Ivar. A sua paixão era eletrizante, a sua retórica mobilizadora. Ele acredita firme e piamente na preservação do mundo, na salvaguarda do futuro da humanidade. É certo que algumas das suas sugestões para gerir o crescimento da população podem ser extremas. O controlo da natalidade compulsiva, a esterilização, o pagamento às famílias para não terem filhos. Mas alguém tem de fazer essas escolhas difíceis. Foi o que me atraiu em primeiro lugar. O seu sentido prático e a sua sensibilidade. Mas não fui o único a fazer parte do seu círculo íntimo.

O interesse de Painter aguçou-se.

— O que quer dizer?

— No quadro do Clube de Roma, Ivar reuniu pessoas com pensamento semelhante, pessoas que acreditam igualmente ser necessárias escolhas difíceis. Formávamos uma espécie de clube dentro do clube. Cada um de nós trabalhava para ele em projetos particulares. O meu, como lhe disse, era usar a minha influência política para expandir o desenvolvimento dos biocombustíveis. Mas havia outros projetos dirigidos por diferentes membros do círculo.

— Como com abelhas? — indagou Monk, referindo-se às colmeias que vira no laboratório subterrâneo. Friccionou uma marca de ferroada na face.

O senador encolheu os ombros.

— Não sei dizer. Cada um de nós dirigia um projeto separado.

— Então vamos falar do projeto que deu início a toda esta confusão — disse Painter. — Onde todo este banho de sangue parece ter tido origem. Tudo remonta à pesquisa genética realizada na Viatus, especificamente a experimentação do seu trigo resistente à seca. Sabemos que a Viatus financiou a busca de extremófilos e que foi descoberto algum organismo fúngico em múmias preservadas na turfa britânica. — Painter gesticulou na direção de Monk. — E sabemos que a pesquisa prossegue e que aqueles corpos encontrados no laboratório dos cogumelos vieram provavelmente do campo de testes em África.

Painter já pusera em marcha um mandado de busca para aqueles laboratórios subterrâneos. Mas a Viatus era uma das maiores empresas da Noruega, com importantes ligações globais e financeiras. Quando algum juiz aprovasse a busca, Painter suspeitava que a empresa teria limpado tais laboratórios, deixando para trás meros espaços vazios e esterilizados.

— Como tal, parece-me seguro concluir — terminou Painter — que os misteriosos genes detetados nas sementes de trigo pelo professor Malloy em Princeton tinham essa origem fúngica. E que aparentemente esses genes são instáveis. Possivelmente, tornando o trigo perigoso para consumo.

Gorman abanou a cabeça.

— Mas porquê massacrar o campo? O trigo nem sequer se destinava ao consumo humano.

Painter tinha uma explicação.

— Tratava-se de um campo de refugiados. A comida era escassa. Pessoas famintas tornam-se desesperadas. Suponho que alguns dos refugiados se tenham esgueirado de noite para os campos e roubado uma espiga ou duas de trigo para as suas famílias. E talvez aqueles que dirigiam a quinta fizessem vista grossa a tais delitos. O que proporcionaria à empresa a oportunidade perfeita para conduzir estudos com seres humanos reais sem necessidade de o admitir.

— Só que ninguém antecipou que o gene se alterasse — disse Monk com um esgar. — Depois de o perceberem, tinham de limpar o registo, mas não antes de recolher uns tantos sujeitos do teste pelo caminho. Quem daria por falta de um ou dois refugiados, especialmente num campo bombardeado?

Painter notou que o senador empalidecera, o seu olhar distanciando-se. A dor ensombrava-lhe a visão. Mas era mais do que isso.

— A Viatus já está a exportar a sua nova semente de trigo resistente à seca — disse Gorman. — Estão a fazê-lo desde a última semana. Já estão a ser plantados campos em grande parte do hemisfério sul e em latitudes equatoriais. Milhões de quilómetros quadrados.

Painter pressentiu algo pior. Gorman perdera a cor. Subitamente, Painter compreendeu. A produção em massa da semente para distribuição global. A Viatus já a devia estar a produzir e a colher algures.

Mas onde?

— Os campos de produção para essa nova semente de trigo — inquiriu Painter. — Onde ficam?

Gorman evitou-lhe o olhar.

— Eu ajudei a concretizar o negócio para a Viatus. A produção de sementes geneticamente modificadas é uma indústria consumidora de milhares de milhões de dólares. É como lançar dinheiro em áreas ávidas de moeda. — A sua voz tornou-se embotada do choque. — Eu distribuí o dinheiro. Por toda a cintura cerealífera dos Estados Unidos... Iowa, Illinois, Nebraska, Indiana, Michigan... milhares e milhares de quilómetros quadrados, numa miscelânea por todo o Midwest.

— E esse é o mesmo trigo testado em África? — perguntou Monk.

— Não exatamente, mas encontra-se na mesma linha genética.

— E provavelmente com a mesma instabilidade — acrescentou Painter. — Não admira que deitassem fogo ao campo experimental em África. O gato já estava de rabo de fora.

— Mas não compreendo — disse Monk. — Como podia a semente já estar a ser produzida? E os estudos de segurança?

Gorman abanou a cabeça.

— Os estudos de segurança sobre alimentos geneticamente modificados são uma anedota. Até os *aditivos* alimentares são mais testados. Os alimentos geneticamente modificados não dispõem de linhas de orientação formais para avaliação dos riscos e dependem em grande parte de autorregulação. As aprovações baseiam-se em relatórios filtrados ou abertamente fraudulentos produzidos pela indústria. Para lhes dar uma ideia, dos quarenta cereais geneticamente modificados aprovados no ano passado, apenas oito publicaram estudos de segurança. E, no caso das sementes exportadas pela Viatus, elas não se destinam ao consumo humano, pelo que são ainda menos controladas. Além de que... ajudei à sua aprovação.

O senador fechou os olhos e abanou a cabeça.

Não admira que Karlsen precisasse dele, pensou Painter.

— No entanto, se o trigo não se destina ao consumo humano — disse Monk —, talvez o perigo possa ser contido.

Creed falou finalmente e depressa extinguiu essa esperança.

— Continuará a chegar à cadeia alimentar humana.

Todos os olhos se voltaram para ele.

O mais recente membro da Sigma pareceu encolher-se um pouco debaixo da atenção combinada, mas aguentou-se.

— Depois do ocorrido em Princeton, investiguei um pouco mais a fundo os cereais geneticamente modificados. Em 2000, um trigo geneticamente modificado designado StarLink, um trigo não aprovado para consumo humano tal como a espécie desenvolvida pela Viatus, acabou por contaminar produtos alimentares por todo o país. Mais de trezentas marcas. Foi suspeito de

desencadear reações alérgicas e resultou numa retirada maciça do produto do mercado. A Kellogg teve de encerrar a sua linha produtiva durante duas semanas para eliminar toda a contaminação.

O senador assentiu.

— Eu recordo-me. O governo teve de comprar todo o *stock* da Kellogg para impedir a falência da empresa. Custou-nos milhares de milhões.

— E esse foi apenas um dos muitos casos de produtos geneticamente modificados que acabaram por entrar na cadeia alimentar humana. — Creed olhou para Painter. — Mas há uma preocupação ainda maior em torno de tudo isto.

— Que é?

— A migração do pólen e a contaminação genética.

Carregando o semblante, Painter fez-lhe sinal para que se explicasse melhor.

— Não há forma de conter o movimento do pólen de um cereal geneticamente modificado. Flui com o vento, é levado para campos vizinhos. Algumas sementes foram encontradas a crescer a trinta milhas de uma plantação. Por isso não se iludam. Onde quer que seja plantado o trigo da Viatus, ele espalhar-se-á a partir daí.

— E a contaminação genética?

— É ainda mais preocupante. Houve casos de modificações genéticas que passaram de espécies criadas para espécies selvagens, alargando a contaminação a nível genético à biosfera. E com a instabilidade notada pelo doutor Malloy na amostra de trigo da Viatus, a probabilidade parece-me ainda maior.

— Então o que estás a dizer é que todo o Midwest pode ser contaminado? — perguntou Monk.

— É demasiado cedo para dizer — declarou Painter. — Até termos mais respostas.

Contudo, Painter recordou o que Gray descobrira em Inglaterra. As múmias na turfeira estavam crivadas de cogumelos, tal como os corpos encontrados no laboratório. Teria Karlsen intencionalmente libertado esse organismo no mundo?

Pior: e se não tivesse sido acidente?

Karlsen manipulara claramente o senador para os seus próprios fins. Mas qual era o seu propósito em tudo aquilo?

Só um homem podia responder a isso.

O piloto interrompeu-os.

— Iniciámos a descida para Longyearbyen. Por favor, apertem os cintos para a aterragem.

Painter olhou pela janela, enquanto o Sol começava finalmente a erguer-se. Era altura de ter uma conversa com o tal homem. No entanto, verificava o relógio. Tinha uma outra preocupação à medida que o jato mergulhava em direção ao arquipélago gelado, preocupação que se adensava à passagem de cada hora.

11h01

Spitsbergen, Noruega

— Ainda nenhuma notícia de Gray? — perguntou Monk, enquanto esperavam no parque de estacionamento gelado. Vestia um fato de neve, botas, luvas, óculos de proteção e tinha um capacete debaixo do braço.

Painter abanou a cabeça, apertando na mão o seu telemóvel de satélite.

— Esperava ter tido notícias dele pelo nascer do dia. Ou das patrulhas. Partiram helicópteros às primeiras horas de luz para fazer buscas nas terras altas. As equipas de bombeiros relataram que todo o vale era uma ruína fumegante. Também verifiquei com Kat. Ele não contactou o Comando da Sigma.

Monk leu a angústia no rosto do diretor.

— Ele conseguiu seguramente sair dali. Talvez haja uma razão para o silêncio.

Pela sua expressão, Painter retirou pouco consolo das palavras de Monk. Se Gray ficara silencioso, era porque estava metido nalguma complicação. O diretor fixou o olhar à distância.

O Sol ainda se mantinha baixo no horizonte, refletindo-se dolorosamente na

neve e no gelo que cobriam a ilha de Spitsbergen. Dentro de um mês, o arquipélago mergulharia numa noite ártica permanente, que se prolongaria por quatro meses. Mesmo ao meio-dia, a temperatura elevava-se a apenas dezoito graus Celsius negativos. Era um lugar estéril, sem árvores e de picos afiados e fendas. O nome daquela ilha do arquipélago de Svalbard — *Spitsbergen* — traduzido do norueguês significava «montanha denticulada».

Não era uma paisagem que inspirasse esperança.

Especialmente com os céus sombrios que se acercavam do norte.

— Não há nada mais que possamos fazer deste lado — disse finalmente Painter, a voz firmando-se de novo. — Tenho a Kat a monitorizar os relatórios das equipas de bombeiros e de resgate. Ela fará tudo o que puder para coordenar uma busca mais alargada. Até lá, temos o nosso próprio objetivo aqui.

Painter encontrava-se ao lado do *Volvo* SUV que os transportara desde o aeroporto. Monk seguia num segundo veículo, puxando um reboque. Creed estava junto desse naquele momento a soltar as duas motas de neve. Tinham alugado os dois veículos *Lynx V-800* a uma agência de viagens, que oferecia safaris de inverno nas áreas selvagens do arquipélago. O logótipo da agência estava vivamente pintado nas suas laterais.

No interior do *Volvo*, o senador Gorman estava sentado no lugar do passageiro. O plano era o senador e Painter seguirem diretamente para o silo de sementes de Svalbard. Monk e Creed tomariam uma rota mais sinuosa nas suas motas de neve. O par aproximar-se-ia o mais possível do silo sem levantar suspeitas, o que era a razão de ser dos veículos alugados.

De acordo com o operador turístico, a sua empresa realizava regularmente excursões noturnas às montanhas para observar a vida selvagem que habitava o lugar. Mas desde a construção do Silo do Juízo Final, o local amplamente publicitado tornara-se uma paragem turística frequente. A sua presença não atrairia um olhar mais atento. Monk e Creed estariam a postos para o caso de ser necessário maior poder de fogo ou uma evacuação rápida.

Uma porta dos fundos para fora do silo, como o descreveu Painter.

O rugir de um motor irrompeu atrás do veículo de reboque.

— Vamos — ordenou Painter. Tocou o antebraço de Monk num aperto caloroso. — Mantém-te em segurança.

— Você também.

Os dois homens seguiram em direções opostas. Painter voltou ao seu SUV; Monk reuniu-se ao parceiro junto das motas de neve. Creed sentava-se em cima de uma delas, equipado tal como Monk com um fato de neve e capacete.

Monk dirigiu-se ao seu veículo e passou uma perna por cima deste.

Enquanto Painter deixava o parque de estacionamento, Monk verificou a espingarda automática presa ao lado do assento. Creed dispunha de uma arma semelhante. Não se deram ao trabalho de esconder as armas. Ali em Spitsbergen, onde os ursos-polares excediam em número os seres humanos, tal poder de fogo era um requisito. Até mesmo a lustrosa brochura turística em que Monk pegara na agência de aluguer afirmava: «Leve sempre uma arma quando viajar para fora dos locais habitados.»

E Monk não estava disposto a infringir a lei norueguesa.

— Pronto? — gritou, erguendo um braço na direção de Creed.

O parceiro acelerou o motor em resposta.

Colocando o capacete, Monk rodou a chave na ignição. A besta ganhou vida debaixo de si. Acelerando, Monk dirigiu a sua mota para o vale coberto de neve para lá do parque de estacionamento. O pneu traseiro da sua máquina mordida o gelo com segurança. O par de patins deslizava suavemente, enquanto mergulhava para o vale e descia velozmente.

Creed seguia na sua esteira.

À frente, erguia-se a montanha de Plataberget, onde ficava o Silo do Juízo Final. O seu pico denteado riscava um céu ameaçador. Por trás, o mundo era apenas nuvens negras.

Definitivamente, um lugar sinistro.

Sobretudo quando Monk recordou o aviso final impresso na brochura turística. Que sintetizava bastante bem aquela terra inóspita.

Atire a matar.

11h48

Painter estacionou o veículo no lugar designado. Tiveram de passar por dois postos de controlo guardados por militares noruegueses na única estrada que subia a encosta da montanha. Outros camiões e um grande autocarro já ocupavam o pequeno parque de estacionamento, provavelmente o transporte usado pelo contingente da Cimeira Mundial da Alimentação.

Quando Painter desceu do SUV aquecido para o frio glacial, reparou igualmente num veículo de neve do tamanho de um pequeno autocarro, equipado com lagartas maciças à semelhança de um tanque. Era um *Hagglund*, o veículo oficial para a exploração da Antártida, pintado com a bandeira norueguesa e as insígnias do exército. Alguns soldados estavam junto do veículo a fumar. Havia também um *Sno-Cat*, um veículo mais pequeno de dois lugares, identicamente marcado, a patrulhar o perímetro. Embora de momento, a julgar pela forma como se inclinava e girava, alguém devesse estar a fazer um pequeno passeio clandestino com ele.

O senador Gorman, envolto num casaco grosso com capuz, juntou-se a Painter e encaminharam-se para a entrada do silo de sementes. A única secção da instalação que ficava à superfície era um bloco maciço de cimento. Sobressaía da neve em ângulo, como a proa de um navio cravado no gelo. E talvez de certa forma assim fosse. Enterrada por baixo estava a Arca de Noé das sementes.

A entrada elevava-se a nove metros, uma superfície plana de cimento decorada no topo por uma placa de espelhos e prismas à maneira de uma janela, iluminados por fibra ótica turquesa. Cintilavam no dia escuro. As nuvens tempestuosas já rolavam sobre a montanha, pressionando o céu sobre elas. Uma rajada de vento levantou um redemoinho de cristais de gelo e de neve cortante.

Encolhidos contra o frio e o vento, apressaram-se para a entrada.

Atravessando uma pequena ponte, chegaram às portas exteriores blindadas que selavam a construção. Um outro par de guardas armados verificou o passe do senador e introduziu a sua identificação.

— Estão muito atrasados — disse um dos guardas num inglês hesitante.

— Tivemos problemas com o voo — respondeu Gorman. Sorriu condescendentemente ao jovem guarda e estremeceu com o frio. — Até para aqui, as companhias aéreas conseguem perder a bagagem. E o frio... *brrr...* não sei como aguentam. Vocês são feitos de material mais robusto do que eu.

O soldado correspondeu ao sorriso aberto de Gorman, bem como o seu parceiro, que provavelmente nem falava inglês. O senador tinha simplesmente esse dom. Painter foi forçado a admiti-lo — o tipo tinha carisma. Ele conseguia ativá-lo e desativá-lo como uma lanterna. Não admirava que tivesse tanto sucesso em Washington.

A porta foi-lhes aberta. Painter sabia que mais três fechos maciços garantiam a segurança do silo. Como salvaguarda adicional contra ataques maliciosos, ninguém no planeta dispunha simultaneamente das três chaves.

Uma vez passadas as portas, os ventos cessaram, o que foi bem acolhido, mas o ar no interior não era mais quente. Mantido a uma temperatura constante de dezoito graus Celsius negativos, era como penetrar num congelador de tamanho gigante.

Ao fundo de uma curta rampa, estendia-se um longo túnel circular, suficientemente largo para acomodar um comboio subterrâneo. Debaixo dos pés, lajes de cimento; sobre a cabeça, filas de luzes fluorescentes e uma grade aberta de tubos e condutas. As paredes — de cimento reforçado a aço injetado com fibra de vidro — eram grosseiramente texturadas, conferindo ao espaço uma aparência cavernosa.

Painter estudara a planta das instalações. O desenho era simples. O túnel descia cento e cinquenta metros e terminava em três silos maciços de sementes, cada um deles selado por uma câmara de vácuo. A outra única característica era um conjunto de salas de serviço junto aos silos.

Vozes ecoaram até eles. Luzes mais vivas cintilavam à frente.

Enquanto desciam o túnel, o senador Gorman falou em voz baixa, agitando um braço na direção das paredes.

— Ivar foi um dos maiores financiadores deste silo. Ele acreditava firmemente na preservação da biodiversidade natural do mundo e considerava

todos os outros bancos de sementes inadequados ou ineficazes.

— Estou a ver. O homem gosta de ter o controlo.

— Mas, neste caso, provavelmente tem razão. Há cerca de mil silos de sementes espalhados por todo o mundo, mas a maioria está ameaçada. O banco nacional de sementes do Iraque foi pilhado e destruído. No Afeganistão, passou-se o mesmo. Os talibãs assaltaram o armazém, não pelas sementes, mas para roubar os contentores de plástico. E outros bancos de sementes são identicamente frágeis. Uma má gestão, economias miseráveis e equipamento em mau estado ameaçam tais entrepostos. Mas acima de tudo a falta de visão.

— E Karlsen interveio?

— O silo foi idealizado pelo Fundo Mundial para a Diversidade Agrícola. Mas, quando Ivar ouviu falar do projeto, prestou-lhe todo o seu apoio... financeiro e pessoal. — O senador friccionou as têmporas com as pontas dos dedos enluvados. — Ainda não consigo combinar esse homem com o monstro que parece ser. Não faz sentido.

Prosseguiram em silêncio. Painter escutara o vestígio de dúvida na voz de Gorman. Depois do choque inicial da traição, o ceticismo começara a regressar. Era a natureza humana. Ninguém queria pensar o pior do seu melhor amigo ou enfrentar a sua própria ingenuidade e cegueira.

Mais à frente, um grupo de pessoas encontrava-se perto do final do túnel. A reunião decorria numa atmosfera de festa. Ao longo de uma das paredes, alinhava-se uma série de esculturas de gelo, iluminadas por baixo com um brilho invulgar: um urso-polar, uma morsa, um modelo da montanha, até mesmo um símbolo da Viatus. Do outro lado, ficava um *buffet* frio e um bar fumegante de café.

Gorman retirou um copo alto de champanhe de uma bandeja transportada por uma empregada. Esta usava *mukluks* e um casaco grosso. Naquele evento, o casaco grosso era o equivalente ao fato e gravata de cerimónia. Duas dúzias de convidados encasacados enchiam o túnel, mas, pelo número de empregados e pilhas de comida intocada, a afluência ao evento era menor do que a esperada.

Painter sabia que o ataque ao Grand Hotel — atribuído a terroristas —

afastara vários participantes.

No entanto, para uma festa a apenas um passo do Polo Norte, era um sucesso estrondoso. A um microfone, uma figura familiar estava a meio do discurso. Reynard Boutha, copresidente do Clube de Roma, falava alongadamente sobre a importância de preservar a biodiversidade.

— Encontramo-nos no meio de uma Chernobyl genética. Há cem anos, o número de variedades de maçãs cultivadas nos Estados Unidos elevava-se a mais de sete mil. Hoje, o número desceu para trezentas. As espécies de feijão perfaziam quase setecentas. Hoje, estão reduzidas a trinta. Setenta e cinco por cento da biodiversidade mundial desapareceu em apenas um século. E a cada dia extingue-se uma nova espécie. Temos de agir agora para preservar o que pudermos, antes que se perca para sempre. Por isso o Silo Internacional de Sementes de Svalbard é tão importante, por isso temos de continuar a angariar fundos e a consciencializar...

Enquanto Boutha prosseguia, Painter avistou Karlsen entre a multidão. Estava ladeado por duas mulheres. Uma era alta e esguia, de longo cabelo louro, o seu rosto quase escondido dentro do capuz do casaco grosso. A outra era mais velha e inclinava-se ao ouvido de Karlsen, enquanto Boutha discursava.

— Quem é? — perguntou Painter, indicando a mulher que falava com Karlsen.

— É a antiga presidente do Rockefeller's Population Council e membro do círculo interno de Ivar. São amigos há anos.

Painter conhecia o Population Council. Eram os principais defensores do controlo da população através do planeamento familiar e do controlo da natalidade e, a acreditar em alguns rumores e retórica mais furiosos, alguns dos seus métodos roçavam a eugenia.

Não admirava que Karlsen fosse tão amigo dela.

Gorman apontou algumas outras figuras na multidão, que eram membros da cabala interna.

— Aquele tipo imponente com barriga de cerveja ali ao fundo representa uma importante empresa farmacêutica e química alemã. A Viatus tem

desenvolvido investigação no sentido de incorporar um dos seus inseticidas numa nova geração de cereais geneticamente modificados. Se for bem-sucedido, isso reduzirá radicalmente a carga pesticida necessária nos campos, tornando a produção de cereais mais barata e aumentando o rendimento.

Painter foi acenando com a cabeça, à medida que Gorman enumerava outros. O círculo de Karlsen parecia consistir naqueles que procuravam resolver o problema da crise do excesso de população ou que procuravam formas de aumentar a produção alimentar. O senador tinha razão. O homem parecia de facto visar o bem-estar do mundo.

Então, como se conjugava isso com um homem que ordenara o massacre de uma população e que instigava à difusão em massa de uma ameaça genética que poderia contaminar e corromper a biosfera?

A observação anterior do senador estava correcta.

Não fazia sentido.

Painter voltou a dirigir a sua atenção para Karlsen. Antes de confrontar o homem, queria conhecer todos os intervenientes.

— E aquela outra mulher — perguntou —, a loura pendurada no braço de Karlsen?

Gorman semicerrou os olhos.

— Não sei. Parece-me vagamente familiar, mas não é membro do círculo interno. Talvez seja simplesmente uma *amiga*.

Satisfeito, Painter acotovelou Gorman e abriu caminho por entre a multidão. Com tal envolvimento, era de duvidar que Karlsen tentasse diretamente alguma coisa contra eles. Para onde poderia fugir?

Desviando-se por entre os convidados, Painter em breve se encontrou diante de Karlsen. O homem estava momentaneamente só, tendo terminado a conversa com a presidente do Population Council. Até mesmo a mulher pendurada do seu braço se afastara em direção à mesa do *buffet*.

Karlsen não reconheceu Painter. O seu olhar passou por ele e parou no senador Gorman. O rosto do norueguês iluminou-se de imediato de prazer, enquanto estendia uma mão.

Por reflexo, Gorman apertou-lhe a mão.

— Deus do céu, Sebastian — disse Karlsen. — Quando chegou? *Como* chegou? Tentei ligar para o seu hotel quando não apareceu no aeroporto. Com toda a confusão depois do ataque da noite passada, não consegui ligação. Pensei que tivesse voltado para casa.

— Não. A segurança transferiu-me para outro hotel — explicou Gorman, calmamente. — Não consegui chegar ao aeroporto a tempo e não quis empatar toda a gente. Por isso, reservei outro voo.

— Não precisava de fazer isso. Insisto em que a Viatus cubra as despesas.

Painter estudava a interação entre os dois. Embora o senador estivesse a fazer uma boa representação, encontrava-se claramente alterado, nervoso e inquieto.

Karlsen, por outro lado, parecia genuinamente satisfeito por ver o senador. A sua expressão era sincera. Painter não conseguia detetar sinal de que o homem ali presente ordenara o assassinio do senador na noite anterior. Ou Karlsen não estava verdadeiramente envolvido ou era um tipo assustadoramente frio.

Gorman olhou para Painter. A expressão do senador irradiava uma dúvida crescente. Gaguejou por um instante, depois ergueu uma mão na direção de Painter.

— Penso que já conhece o investigador do gabinete do inspetor-geral.

O olhar implacável do norueguês pousou em Painter. Um momento de confusão deu lugar ao reconhecimento.

— É claro, peço desculpa. Falámos brevemente ontem. Terá de me perdoar. Foram vinte e quatro horas de loucura.

A quem o dizes, pensou Painter.

Enquanto apertava a mão de Karlsen, continuava a estudar o rosto do homem, procurando falhas no seu comportamento. Se o homem sabia que Painter era mais do que um simples agente do DCIS, não o mostrava.

— O senador teve a amabilidade de me permitir acompanhá-lo — disse Painter. — Pensei que talvez ainda pudéssemos ter aquela entrevista. São apenas umas perguntas, para unir algumas pontas soltas. Prometo não lhe tomar muito tempo. Talvez haja algum lugar privado onde possamos conversar.

Karlsen pareceu incomodado, mas olhou para Gorman. Talvez por um segundo, Painter vislumbrou uma centelha de culpa. Fora o filho do senador que morrera no massacre em África. Como podia ele dizer que não diante de um pai enlutado?

Karlsen verificou o relógio, depois indicou com a cabeça uma saída à direita.

— Há algumas salas ali atrás. O *catering* ocupou metade delas, mas há uma pequena sala de conferências que deve estar desocupada.

— Servirá perfeitamente.

Encaminharam-se juntos para lá.

Do outro lado da multidão, Painter reparou na mulher loura a observá-los. Embora a sua expressão fosse impassível, era mais gelada que a temperatura ártica no silo. Apanhada, desviou o olhar.

Abandonada na festa, não parecia muito feliz.

Krista observou o trio entrar na área de administração do silo. Aquilo não podia ser bom.

Momentos antes, quase se engasgara com uma azeitona a flutuar no seu vodka tónico, com o choque de ver o operacional de cabelo escuro da Sigma surgir de lado nenhum. Com o senador Gorman a reboque. Quase não se afastara a tempo.

Viu a porta fechar-se. Como podiam estar ali? Ela pensava tê-los deixado bem para trás em Oslo.

Subitamente, sentindo-se como se todos os olhos estivessem postos em si, ajustou o capuz do casaco para que a borda debruada a pele de marta escondesse melhor o seu rosto. Sentiu-se satisfeita por ter tomado a precaução extra de usar uma peruca loura para a excursão até ali. Não queria mais complicações como a de Antonio Gravel.

Recuou para o túnel. Este terminava num cruzamento que se ramificava para os três silos de sementes, cada qual selado por uma câmara de vácuo. Com todos ainda a ouvir os discursos, tinha o espaço só para si e a oportunidade de se

recompor.

Apoiando as costas contra uma das portas seladas, agarrou o telemóvel dentro do bolso. Não tivera notícias do seu superior. O que devia fazer? Ele dissera-lhe ter tratado do operacional da Sigma, contudo ali estava ele com o senador. Deveria atuar por sua conta? Aguardar ordens? Ao seu nível no quadro da organização, esperava-se que ela pensasse por si própria, improvisasse quando necessário.

Inspirou fundo por diversas vezes e deixou cristalizar um plano. Se tivesse de atuar, atuaria. Por agora, veria apenas como as coisas se desenrolavam. No entanto, isso não queria dizer que não tomasse precauções.

Pegou no telemóvel. Tão fundo no subsolo não havia esperança de ter sinal. Mas depois de chegar ali arranjava uma desculpa para se afastar de Ivar e encontrara uma linha exterior na sala dos computadores da área dos escritórios. Ligara um amplificador à linha para poder usar o telemóvel ali em baixo.

Fez a ligação só com uma mão. Tinha homens de plantão em Longyearbyen. Era altura de os chamar. Quando a ligação foi estabelecida, falou secamente, ordenando-lhes que vigiassem todos os caminhos da montanha. Não queria surpresas.

Feito isso, desligou e sentiu-se mais calma. Era a espera que a desgastava mais do que tudo. Sabia exatamente como agir, mesmo daquela forma tão menor. Puxou uma madeixa de cabelo louro de volta ao lugar. Dirigir-se-ia aos lavabos e retocaria a maquilhagem.

Mas, antes que pudesse dar um passo, o telemóvel vibrou na sua mão. Todo o seu corpo gelou e estremeceu em sintonia com o telemóvel. Levou-o ao ouvido.

— Sim? — atendeu.

Uma voz familiar respondeu e deu-lhe finalmente as ordens. Eram simples e diretas.

— Se quiser viver, saia daí agora.

13 de outubro, 10h13
Aberdaron, País de Gales

Gray fazia rolar o SUV monte abaixo em direção à igreja junto ao mar. Tinham viajado toda a noite, fazendo turnos ao volante, descansando nos intervalos. Todos pareciam exaustos.

Pelo espelho retrovisor, Gray observou Rachel a olhar para lá da janela. Ela não dormira de todo. Os seus olhos pareciam cavados. Frequentemente pressionava uma palma contra o ventre, claramente assustada com o que fermentava dentro de si, uma biotoxina que a podia matar em três dias.

Do outro lado do veículo, a mulher que a envenenara parecia impassível. Seichan dormira a maior parte da noite. Não estava preocupada com que fugissem. Nem sequer podiam correr o risco de pedir ajuda. Se Seichan fosse presa, Rachel morreria.

— Professor — disse Gray suficientemente alto para despertar Wallace, que dormitava entre as duas mulheres. *Rufus*, acordando no compartimento traseiro, esticou o pescoço.

— Chegámos? — indagou Wallace de mau humor.

— Quase.

— Já não era sem tempo.

Fora uma longa noite. Tinham saído do Lake District de pónei, seguindo por trilhos apenas conhecidos pelo doutor Boyle. Muito antes do nascer do dia,

tinham chegado à povoação altaneira de Satterthwaite, onde deixaram os cavalos no campo de um lavrador. Gray fizera uma ligação direta num velho *Land Rover* para servir de transporte.

Mas antes disso, durante a longa viagem de cavalo, Gray questionara extensamente o professor sobre o objeto que tinham de encontrar: *a chave do Doomsday Book*. Segundo Wallace, um mito que rodeava o livro alegava que escondido no seu críptico texto latino havia um mapa, que conduzia a um fabuloso tesouro.

— Não passa de lenda, é o que lhe digo — concluía Wallace num tom cético, fitando contundentemente Seichan.

Ela encolhera os ombros. Também tinha as suas ordens.

Precisando de alguma pista a seguir, Gray pressionara Wallace sobre as viagens do padre Giovanni, especificamente sobre o local para onde o arqueólogo do Vaticano se tinha dirigido depois de visitar o círculo de pedras na turfeira. Wallace conhecia poucos pormenores, uma vez que o padre Giovanni se tornara cada vez mais reservado com o passar do tempo. O professor ofereceu apenas uma pequena pista a seguir.

— Depois do que encontrámos no Lake District, Marco partiu para explorar um outro lugar assinalado como «devastado» no Domesday Book, a mais antiga das referências.

Wallace explicou depois como uma ilha no mar da Irlanda fora a primeira a ser descrita no Domesday Book dessa estranha forma. A ilha de Bardsey ficava na costa do País de Gales. Segundo Wallace, o padre Giovanni tinha ido falar com um sacerdote que conhecia bastante bem a história dessa ilha.

Era para aí que se dirigiam. Depois de deixar o Lake District, tinham viajado para sul durante toda a noite, regressando a Liverpool, depois prosseguindo para o País de Gales. O seu destino situava-se na ponta de uma península galesa, um dedo de terra a apontar para a Irlanda.

A ilha de Bardsey ficava algumas milhas para lá da costa. Gray vislumbrou a sua corcova verde-acinzentada contra o céu escuro. Era uma ilha pequena, de apenas dois quilómetros de largura. Uma torrente de chuva varria o seu cume e

dirigia-se lentamente para a costa.

Felizmente, de momento, o seu objetivo imediato ficava bastante mais próximo. A Igreja de Saint Hywyn aninhava-se sobre a praia, enfrentando o vento e as ondas. Fora ali que o padre Giovanni iniciara a sua busca.

Gray virou para o parque de estacionamento.

A igreja era toda de pedra cinzenta com uma cobertura de telhas. Grandes janelas góticas davam para o lúgubre cemitério. A igreja ficava sobranceira a uma aldeia de pescadores de casas de pedra coloridas e ruas tortuosas.

Precipitaram-se para fora do carro, esticando as pernas e encolhendo-se face ao vento forte e gelado que soprava do mar. As ondas rolavam pesadamente de encontro à praia. O ar cheirava a algas e a sal.

— Eu fico ao pé do carro — disse Seichan. — Não quero que alguém o roube de novo.

Gray nem se deu ao trabalho de lhe responder. Disfarçou a fúria — não para evitar provocá-la, mas porque ela não merecia qualquer tipo de resposta.

Satisfeito por se ver livre dela, Gray conduziu-os à volta da igreja até à residência. Na viagem até ao País de Gales, ele usara o telefone de Seichan para ligar antecipadamente para Saint Hywyn e marcar um encontro com o padre Timothy Rye. O sacerdote ficara satisfeito com o interesse, até conhecer a razão por detrás da visita.

— Marco morreu? — dissera o padre Rye. — Não posso acreditar. Ainda há poucos meses estive com ele.

Gray esperava que o sacerdote tivesse alguma informação que pudessem usar.

Antes de chegarem à porta da residência, esta abriu-se. O sacerdote era mais velho do que parecia ao telefone. Era magro como uma vara, com umas poucas madeixas de cabelo branco no cimo da cabeça. Agasalhado numa camisola de lã excessivamente larga, correu a saudá-los apoiado numa bengala nodosa, mas o seu sorriso era caloroso e amigável.

— Saiam do vento antes que congelem. — O padre Rye agitou um braço magro para os apressar pela porta. — Tenho uma chaleira ao lume e a velha

Maggie deixou um prato dos seus *scones* de arando. Os melhores em todo o País de Gales.

Foram introduzidos numa sala de chão de madeira com vigas de teto tão baixas que Kowalski teve de se agachar. As paredes eram da mesma pedra da igreja e um fogo acolhedor dançava numa pequena lareira. Uma mesa comprida fora posta para um chá matinal tardio.

O estômago de Gray roncou ao sentir o aroma dos *scones* acabados de fazer, mas ele queria manter a visita breve. O tempo comprimia-lhe o peito. Procurou Rachel. O velho sacerdote já se afeiçoara a ela, praticamente arrastando-a até à mesa pela mão.

— Sente-se aqui. Ao pé de mim.

O padre Rye arrastava um pouco os pés. Wallace ainda se encontrava à porta com *Rufus*, claramente não sabendo se devia deixar o cão lá fora ao frio.

— Mas de que estão à espera? — repreendeu o sacerdote. — Saiam do frio.

O convite era para ambos. *Rufus* entrou ainda antes de Wallace se mover. O *terrier* foi direito ao fogo, enroscou-se e deixou-se cair com um suspiro.

Uma vez instalados, Gray começou a falar.

— Padre Rye, pode dizer-nos porque o padre Giovanni...

— Pobre rapaz. — O padre interrompeu-o e fez o sinal da cruz. — Que descanse em paz. — Voltou-se e bateu levemente na mão de Rachel. — E rezarei igualmente pelo seu tio em Roma. Sei que era um bom amigo de Marco.

— Era de facto e agradeço-lhe.

O sacerdote virou-se para Gray.

— Marco... deixe-me ver. Ele veio aqui à igreja pela primeira vez há uns três anos.

— Deve ter sido logo após visitar pela primeira vez a minha escavação — acrescentou Wallace.

— Voltou bastantes vezes depois disso, calcorreando todo o País de Gales. Falávamos sobre todo o tipo de coisas, é um facto. Mas em junho passado ele voltou bastante agitado da ilha de Bardsey. Como se algo o tivesse assustado mortalmente. Rezou durante toda a noite na igreja. Ouvi-o... não que tivesse

feito por isso, como é evidente... a pedir repetidamente perdão. Quando acordei na manhã seguinte, tinha partido.

Gray voltou à primeira visita.

— O padre Giovanni disse-lhe a razão da sua vinda?

— *Aye*. Ia em santa peregrinação até à ilha de Bardsey. Como tantos outros antes dele. Para prestar homenagem aos mortos.

Gray procurava classificar o que ouvia. Claramente o bom padre não fora totalmente honesto com o sacerdote mais velho. Mas algumas palavras faziam sentido.

— De que mortos está a falar?

— Dos vinte mil santos enterrados em Bardsey. — O velho homem apontou para uma pequena janela que dava para o mar. A ilha estava tudo menos perdida de vista, enquanto a chuva caía violentamente sobre ela. — Marco queria saber tudo sobre a história dos mortos.

Também Gray queria.

— O que lhe disse?

— O que digo a todos os peregrinos. Que a ilha de Bardsey é um lugar sagrado. A sua história é muito antiga, remontando aos primeiros povos que chegaram a estas terras aprazíveis. Aqueles que ergueram as pedras e construíram os dólmenes.

Wallace animou-se aí.

— Está a falar da tribo neolítica que habitou em primeiro lugar as Ilhas Britânicas.

— *Aye*. Ainda se podem ver as suas ruínas circulares em Bardsey. Era um lugar sagrado já nessa altura. Berço da realeza. Conhecem as lendas celtas dos fomorianos?

Gray abanou a cabeça. Os olhos de Wallace semicerraram-se. Ele claramente compreendia, mas queria ouvir mais do que o velho padre tinha para dizer.

— O que são os fomorianos? — indagou Rachel.

— Não *o que* são, mas quem são. De acordo com as lendas irlandesas, quando os celtas chegaram pela primeira vez a estas ilhas, encontraram-nas

ocupadas por uma raça antiga, bastante monstruosa. Eram supostamente descendentes de Ham, que fora amaldiçoado por Noé. Os celtas e os fomorianos lutaram pela Irlanda e pelas suas ilhas durante séculos. Embora não tão hábeis com a espada, os fomorianos eram tidos como capazes de lançar pragas sobre os seus invasores.

— Pragas? — indagou Gray.

— *Aye*. Para citar uma ode irlandesa, eles lançavam uma «terrível morte debilitante sobre os inimigos».

Gray olhou para Rachel e Wallace. Poderia ser o mesmo que aniquilara a aldeia das terras altas?

— Outras histórias abundaram ao longo dos séculos — prosseguiu o padre Rye —, de grandes guerras e de uma paz frágil entre esses dois povos. Os contadores de histórias irlandeses admitem de facto que foram os fomorianos que passaram o conhecimento da agricultura aos celtas. Mas no final travou-se uma última grande batalha na ilha de Tori, da qual resultou a morte do rei fomoriano.

— Mas o que tem tudo isso a ver com a ilha de Bardsey? — perguntou Wallace.

O sacerdote ergueu uma sobrancelha.

— Segundo se diz, Bardsey foi o berço da antiga realeza. De acordo com as histórias locais, foi em Bardsey que a rainha fomoriana estabeleceu a sua residência. Ela era uma grande deusa que tinha o poder de curar os enfermos, até mesmo de curar as pragas.

Wallace murmurou em voz baixa.

— Não admira que Marco insistisse em aqui voltar.

Gray quis perguntar a Wallace o que queria ele dizer, mas o padre Rye estava embalado.

— E então os celtas tomaram posse de todas as terras. Mas até mesmos os seus sacerdotes, os druidas, reconheceram a sacralidade desta região. Estabeleceram o seu centro de aprendizagem próximo da ilha de Anglesey. Estudantes de toda a Europa reuniam-se aí para aprender. Conseguem imaginar?

Mas era a ilha de Bardsey que os druidas consideravam como a mais sagrada. Só era permitido aos druidas mais cultos serem sepultados aí. Incluindo o mais famoso druida de todos os tempos.

Wallace devia conhecer a lenda.

— Merlin.

Seichan estava de pé do lado abrigado do vento do *Land Rover*. Abria e fechava uma faca de mola, vigiando a porta da residência. Não receava que alguém tentasse fugir ou sequer usar o telefone do sacerdote. Embora, para se assegurar dessa última parte, ela se tivesse esgueirado e cortado os fios.

Podia simplesmente ter entrado com eles, mas juntar pedaços de história não era a sua especialidade. Observou a faca na sua mão. Ela conhecia os seus talentos. E não queria que Gray se distraísse. Seichan sentia a fúria irradiar dele, avivando-se à sua aproximação. Por isso se mantinha afastada. Precisava que ele se concentrasse.

Para o bem de todos.

Ela vira o *Audi* deslizar para a cidade próxima, pouco depois de chegarem ali. Estavam a ser vigiados à distância. O seu contacto, Magnussen, mantinha-a sob rédea curta, seguindo-os desde as montanhas. Os perseguidores trocavam astutamente de veículo. Ela contara pelo menos três. A menos que se estivesse à espera, teriam sido impossíveis de detetar.

Mas não para ela.

Com um rodar do pulso, fechou a lâmina de mola e guardou-a no bolso. Sentindo olhos sobre si mesmo naquele momento, necessitava de se mexer. Abandonou o veículo e caminhou a passos largos até à porta da velha igreja. A sua fachada de pedra era fria e imponente, tão dura quanto as pessoas que ganhavam ali a vida com o mar. O peso dos séculos era palpável. Até mesmo a porta era maciça, marcada por cicatrizes e pelo passar dos anos. Experimentou o manípulo e descobriu que a igreja fora deixada aberta.

Surpreendia-a sempre encontrar uma porta não trancada.

Parecia-lhe de algum modo errado, um estado de coisas não natural.

Antes de pensar melhor, abriu a porta. O vento intensificava-se. Não sabia quanto tempo os outros iam demorar. Entrou na igreja e penetrou na nave. Esperando um interior carregado e sombrio, surpreendeu-se ao descobrir um espaço arejado e de traves altas. As paredes tinham sido pintadas de um branco suave que capturava e sustentava a escassa luz do dia que fluía pelas janelas em arco. Bancos de madeira polida flanqueavam ambos os lados e uma vibrante passadeira azul conduzia pela álea central.

A igreja estava vazia, mas viu-se incapaz de avançar mais na nave. Subitamente exausta, Seichan deslizou para o banco mais próximo e sentou-se. Fitou a cruz. Não era religiosa, mas reconhecia a dor na imagem crucificada de Cristo.

Conhecia essa agonia.

A sua respiração tornou-se pesada, enquanto fitava a imagem. A visão toldou-se-lhe repentinamente. As lágrimas vieram de rompante, brotando de algum lado bem fundo dentro de si. Cobriu o rosto como que tentando detê-las, escondê-las, negá-las.

Por um longo momento, permaneceu curvada no banco, incapaz de se mover. Uma pressão nasceu-lhe dentro do peito. Cresceu até um ponto excruciante, como algo de imenso a tentar espremer-se por uma passagem estreita. Esperou que passasse, rezou para que cessasse — e acabou por passar, deixando-a vazia e desapontada. Um estremecimento percorreu-lhe o corpo, um único. Respirou então profundamente, secou os olhos e levantou-se.

Voltou costas à cruz e encaminhou-se para fora da nave e para fora da igreja. O vento frio atingiu-a e fechou a porta com estrondo atrás de si. O que lhe lembrou uma importante lição.

As portas devem ser mantidas trancadas.

Gray tentou não troçar.

— Está a dizer que Merlin está sepultado na ilha de Bardsey?

O padre Rye sorriu e bebericou o seu chá.

— É claro que todos gostamos de contar essa história por estes lados. Diz-se que ele está sepultado num túmulo de vidro na ilha. É certamente fantasioso, mas dá uma história fantástica, não acham? — Piscou o olho a Rachel. — Embora muitos acreditem de facto, incluindo alguns historiadores, que as lendas arturianas de Avalon têm origem em Bardsey.

Kowalski falou com a boca cheia de *scones*.

— O que é Avalon?

Gray acotovelou Kowalski por debaixo da mesa. Não queria que o velho sacerdote se desviasse do tema principal. Tinham de descobrir mais sobre o padre Giovanni.

Mas foi demasiado tarde.

— Ah, segundo a lenda celta — explicou o padre Rye —, Avalon era um paraíso terrestre. Foi onde foi forjada a *Excalibur*, a espada do Rei Artur. Onde reinava a feiticeira Morgan le Fay. Era uma ilha de macieiras raras, que davam o nome ao lugar, do termo galês *afal*. Avalon era considerada um lugar de cura e longevidade. E, no final do ciclo arturiano, o rei Artur foi levado para lá a fim de ser tratado por Morgan le Fay depois da Batalha de Camlann. E é claro, como já disse, é onde está sepultado o mago Merlin.

A expressão de Wallace tornou-se mais azeda com a narrativa.

— Tretas — disparou finalmente. — Todos pensam que Avalon ou Camelot fica nas traseiras da sua casa.

O padre Rye não se ofendeu com a explosão do professor.

— Tal como disse, é apenas uma lenda. Mas à semelhança de Avalon, a ilha de Bardsey foi durante muito tempo considerada um lugar de cura. Um livro de viagens de 1188 atesta-o. O autor descreve a população de Bardsey como invulgarmente livre de doenças e «pouca morte exceto por idade muito avançada». E depois, obviamente, não podemos esquecer as maçãs mágicas.

— Maçãs? — inquiriu Kowalski.

— Talvez devamos pôr de parte os mitos — observou Gray, tentando redirecionar a conversa de volta ao padre Giovanni.

— Não se trata de mitos. — O padre Rye levantou-se, dirigiu-se a uma taça sobre um balcão, agarrou numa maçã e atirou-a a Gray. — Isto parece-lhe um mito, meu jovem? O filho de Maggie apanhou-a de uma árvore que cresce na ilha na semana passada.

Gray fitou com ar carregado o fruto do tamanho de um punho.

— Não há maçã igual a essa em toda a Terra — disse com orgulho o padre Rye. — Há alguns anos, umas poucas maçãs dessa árvore foram levadas para a National Fruit Collection, em Kent. Eles testaram a maçã de Bardsey e determinaram duas coisas. Primeiro, que a árvore pertencia a uma variedade nunca vista. E, segundo, que a maçã era invulgarmente isenta de apodrecimento ou doença. Testaram a própria árvore velha e nodosa e determinaram-lhe a mesma saúde. Os arboristas acreditam que a árvore pode ser o único espécime sobrevivente de um pomar que os monges de Saint Mary plantaram na ilha há mil anos.

Gray fitou a pequena maçã na sua mão, sentindo a passagem do tempo e da história que representava. Independentemente do que se acreditasse, parecia de facto haver uma longa e estranha história de cura ligada àquela ilha: primeiro a rainha fomoriana, depois as lendas celtas de Avalon e agora, na sua mão, algo que fora cientificamente provado ser invulgarmente saudável.

Olhou para lá da janela a extensão de terra verde.

O que tinha aquela ilha de tão especial?

Aparentemente, o padre Rye não tinha terminado a sua lição de história.

— Avançando no tempo, tudo tem de ter um fim — disse ele. — E os celtas não foram exceção. Os romanos acabaram por os vencer, mas só depois de anos de luta feroz. Durante esse tempo, os romanos alegaram que os druidas lançavam maldições sobre as suas tropas, tal como o tinham feito os fomorianos aos celtas muito tempo antes. E depois de os druidas partirem, a Igreja veio e povoou estas terras pagãs. Erigiram uma abadia na ilha no século treze. Ainda hoje se podem ver as ruínas da sua torre.

Wallace deu uma volta completa à conversa.

— E os vinte mil santos que mencionou no início?

O padre Rye bebericou o seu chá, acenando ao mesmo tempo, mas de alguma forma nunca entornando uma gota.

— Bardsey é conhecida como a Ilha dos Vinte Mil Santos. Um nome que assinalava o número de cristãos perseguidos aí sepultados.

— Tantos? — insistiu Wallace. — Certamente não há prova arqueológica de tal sepultamento maciço?

— Tem razão. Imagino que a lenda seja mais alegórica do que literal. Embora o folclore local sussurre de facto sobre uma grande morte que se abateu sobre Bardsey, uma doença debilitante que matou a maioria das populações e dos monges. Os seus corpos foram queimados e as cinzas lançadas ao mar.

Gray reconheceu o padrão da história. Tal como na aldeia das terras altas. Todas as provas queimadas e varridas, deixando apenas o rumor e uma referência críptica no Domesday Book.

— Seja como for, a ilha tem sido considerada terreno sagrado desde que a Igreja aqui chegou. Bardsey tornou-se local de peregrinação desde tempos idos até hoje. O Vaticano declarou que três viagens a Bardsey eram o equivalente a uma viagem a Roma. Não um mau negócio, se querem saber a minha opinião. E muitos outros pensaram o mesmo.

O padre Rye apontou na direção da sua igreja.

— A parte mais antiga de Saint Hywyn data de 1137. Pelas suas portas passaram milhares e milhares de peregrinos a caminho de Bardsey. Incluindo a maioria dos santos irlandeses e ingleses da altura.

Como que em resposta às palavras do sacerdote, a porta da residência abriu-se de rompante e um rapaz alto irrompeu pela sala com todo o vigor dos seus treze anos. O rapaz tirou rapidamente o boné revelando um cabelo tão rubro que parecia prestes a incendiar o espaço.

— Aí estás tu, Lyle — disse o padre Rye e levantou-se. — O teu pai já tem o barco pronto para os nossos convidados?

Lyle fitou o grupo.

— Sim, senhor padre. Ele mandou-me a correr buscá-los. Mas é melhor despacharem-se. O vento já está a soprar forte.

O padre Rye pousou as mãos nas ancas, parecendo desolado por perder os seus hóspedes.

— É melhor irem. Não querem certamente ser apanhados a meio caminho, quando aquela tempestade rebentar.

Gray assentiu.

— Vamos. — Instigou todos em direção à porta.

— O meu cão pode ficar consigo? — perguntou Wallace ao sacerdote. — Se há coisa que o estômago de *Rufus* não suporta, são barcos.

O sorriso do padre Rye regressou.

— Com todo o gosto. Pode vir buscá-lo no regresso.

Rufus pareceu satisfeito com a decisão. Baixou a cabeça de novo sobre as patas, deitado junto ao fogo.

Quando Gray se dirigia à porta, o padre Rye chamou:

— Lyle, quando chegares à ilha, não te esqueças de lhes mostrar a Caverna do Eremita.

Gray olhou para trás.

O padre Rye piscou-lhe o olho.

— Onde Merlin está sepultado.

11h22

Rachel olhava a embarcação duvidosa. O pequeno barco parecia suficientemente sólido. Era um catamarã de casco duplo, com uma cabina de piloto coberta na dianteira e um convés aberto na popa. Ela estivera em barcos semelhantes antes, quando fizera mergulho no Mediterrâneo. Eram notoriamente estáveis e seguros.

Contudo, enquanto o observava a oscilar e empinar-se na ondulação, Rachel preocupava-se. Com uma mão a cingir o casaco ao pescoço, fitava por entre o vento agreste. Conseguia sentir o cheiro da chuva. Embora ainda estivesse seco, uma pesada carga de água caía em direção à costa.

A sua expressão devia ser fácil de ler.

— O *Benlli* é um bom barco — asseverou o capitão. Protegido por uma camisola grossa e um impermeável amarelo, era o pai de Lyle, Owen Bryce. O rapaz movia-se pelo convés flutuante com a agilidade de um macaco de pelo ruivo. O pai observava-o orgulhoso. — Não se aflija, menina. Levamo-la até lá em segurança. Esta máquina desliza baixo e muito inclinada.

Rachel não sabia o que ele queria dizer, mas confiou no vocabulário. Ele parecia saber do que falava.

Lyle aproximou-se e ofereceu-lhe a mão. Ela aceitou-a enquanto saltava do pontão para o barco. Gray e Wallace já estavam a bordo, as cabeças juntas. Kowalski seguiu atrás de Seichan.

Rachel mantinha-se afastada de Seichan e sentou-se junto a Gray. No entanto, sentia a presença da mulher — não porque a fitasse, mas porque propositadamente não o fazia. O que a enfurecia. Sentia merecer no mínimo não ser ignorada.

Para deixar de pensar em Seichan e no barco oscilante, centrou-se em Gray. Este tinha de falar alto enquanto os motores gémeos do catamarã gorgolejavam furiosamente.

— Lá atrás no vicariato — disse Gray —, ouvi-o dizer qualquer coisa sobre não estar surpreendido pelo regresso insistente do padre Giovanni a estas paragens.

Rachel ouvira o mesmo. Fora quando o padre Rye falara da rainha pagã.

Wallace assentiu.

— *Aye*. Enquanto historiador do neolítico britânico, estou bastante familiarizado com as lendas irlandesas dos monstruosos fomorianos que supostamente habitaram primeiro estas terras. Dizia-se que eram gigantes que comiam pessoas vivas. Mas foi a sua descrição pelo vigário como *descendentes de Ham*, uma figura extraída da Bíblia, que deve ter atiçado a curiosidade de Marco e tê-lo mantido centrado aqui.

— Como assim? — indagou Gray.

— Para começar, as lendas celtas eram todas transmitidas oralmente.

Espalhadas pela palavra dita. Só as conhecemos porque os monges irlandeses que sobreviveram à devastação da Idade das Trevas em reclusão passavam os seus dias a decorar e a iluminar meticulosamente manuscritos. Eles preservaram a essência da civilização ocidental ao longo da Idade Média. Incluindo a preservação de lendas e sagas irlandesas, registrando-as por escrito pela primeira vez. Mas o que deve compreender é que os monges continuavam a ser cristãos, pelo que, no seu recontar, muitas dessas narrativas adquiriram um pendor bíblico.

— Como a descrição dos fomorianos como descendentes de Ham — disse Gray.

— Precisamente. A Bíblia nunca indica a raça desses descendentes amaldiçoados de Ham, mas os primeiros estudiosos judeus e cristãos interpretaram a maldição dizendo que os descendentes de Ham eram de pele negra. Foi assim que a escravidão foi em tempos justificada.

Gray recostou-se, a compreensão despontando no seu rosto.

— Então o que está a dizer é que os celtas descreveram a rainha fomoriana como *de pele negra*, pelo que os monges a fizeram descendente de Ham.

Wallace concordou.

— Uma rainha de pele escura que curava os enfermos.

— E para Marco ela era possivelmente uma primeira encarnação pagã da Madona Negra. — Gray olhou na direção da ilha, enquanto o barco embatia nas águas mais agitadas. — Talvez até mesmo as lendas da feiticeira Morgan le Fay e de Avalon remontem à mesma mitologia. Uma outra mulher possuindo poderes curativos mágicos.

Os olhos de Rachel abriram-se de espanto.

— Não admira que o padre Giovanni estivesse obcecado por este lugar.

— Por essa razão e também pela chave. — Wallace cruzou os braços e oscilou tranquilamente com o balancear do barco.

— A chave do Doomsday Book? — indagou Rachel. — Pensei que tinha dito que era um disparate.

— Eu posso ter pensado que era um disparate, mas Marco não. Todas as

lendas sobre a chave sugerem que ela revelava um imenso tesouro, um tesouro que podia salvar o mundo. Marco acreditava que eu me encontrava no caminho certo ao estudar os lugares assinalados como «devastados». E começo a pensar que ele tinha razão.

— Porquê? — perguntou Gray.

— As histórias do padre Rye. Ele disse que os fomorianos combatiam os invasores celtas lançando pragas sobre eles. Diz-se que os druidas fizeram o mesmo quando os romanos os invadiram. O que me faz pensar se os celtas não terão aprendido algo mais dos fomorianos conquistados, algo mais do que a agricultura. Um novo meio de guerra, uma nova arma. Talvez haja um fundo de verdade por detrás dessas histórias. Uma verdade enterrada no Domesday Book.

Rachel começou a vislumbrar onde ele queria chegar, mas Gray percebeu primeiro.

— Você acha que essa capacidade de lançar pragas sobreviveu até ao século onze. Talvez uma forma arcaica de guerra biológica.

Rachel visualizou o estado das múmias. Esquálidas, com cogumelos a crescer internamente.

— Poderia alguém ter envenenado essas povoações com algum tipo de parasita fúngico? — inquiriu Gray. — E se sim, quem?

— Como eu referi anteriormente, todas as povoações anotadas no Domesday Book se localizavam em zonas de fricção entre cristãos e pagãos. E penso ser especialmente revelador que o primeiro lugar atingido tenha sido a ilha de Bardsey. Terreno sagrado para os druidas. Eles não podem ter gostado da presença de monges e cristãos aí.

— Então pensa que uma seita secreta de druidas os aniquilou?

— E que depois disso levaram a sua luta até ao continente. Suspeito que tenham começado a lançar essas pragas nas áreas fronteiriças, na esperança de que se alastrasse a toda a Inglaterra.

Wallace teve de se agarrar quando a embarcação colidiu com uma onda imensa. Reequilibrando-se, continuou:

— Talvez o propósito oculto do Domesday Book fosse fazer um

levantamento dessas incursões, manter a vigilância. Os recenseadores que compilaram o livro foram enviados a todos os cantos da Grã-Bretanha, recolhendo informação de habitantes de cidades e aldeias, seguramente atuando também como espões.

— E resultou? — indagou Rachel, atraída pela história.

— Bem, esses pontos quentes não alastraram — disse Wallace com um encolher de ombros. — Alguém deve ter encontrado forma de frustrar os ataques. Depois enterrou-a em segurança.

— A chave do Doomsday Book — disse Gray. — Você acredita ser algum tipo de cura.

Wallace tocou a ponta do nariz, reconhecendo-o.

— E estamos na rota certa? — indagou Gray, olhando significativamente para Rachel. Tinham pouca margem para erros.

A sua mão deslizou para a dela, apertou-lhe os dedos, depois largou-a. Ela desejou que ele a tivesse mantido. A sua pele era quente, o aperto tranquilizador.

Wallace respondeu à pergunta de Gray.

— Marco acreditava com toda a certeza na chave. E a julgar por aquela pequena lembrança macabra, descobriu alguma coisa. E sabemos que começou aqui em Bardsey.

O professor acenou em direção à massa crescente da sombria ilha. Estava sepultada na tempestade. E, um instante depois, também eles o estavam. Os ventos enfureceram-se, lançando chicotadas geladas de água contra o barco. A chuva castigou repentinamente a embarcação, como que tentando afogá-los no mar. A visibilidade baixou para poucos metros.

— Segurem-se bem! — gritou Kowalski da cabina do piloto, onde seguia com o capitão. — Ondas tremendas adiante!

A proa do barco ergueu-se alto, apontada ao céu — em seguida caiu como uma pedra. Depois disso, tudo se tornou confuso. A embarcação guinou e volteou, oscilou e inclinou-se.

Sem aviso, o estômago de Rachel fez o mesmo. Uma onda quente percorreu-a. As suas mãos tornaram-se húmidas e frias. Não tinha tempo de chegar aos

sanitários do barco. Rodou no assento, dobrou-se sobre a amurada e esvaziou o estômago num único colapso brutal do seu corpo. Deixou-a tão esgotada que teve dificuldade em se manter agarrada à amurada molhada.

Em baixo, o mar subia e descia, parecendo prestes a engoli-la e arrastá-la. As mãos escorregaram-lhe. Sentiu-se cair.

Então, braços fortes fecharam-se à sua volta, segurando-a firme mas gentilmente.

— Estás segura — disse Gray.

Encostou-se a ele, o estômago ainda a revolver-se com as ondas. O resto da viagem não foi mais brando, mas ele nunca deixou o seu lado.

Depois do que pareceram horas, a terra encheu o mundo à frente deles. A tempestade tornou-se menos brutal. A chuva diminuiu para um chuvisco. Uma longa rampa de cimento estendia-se do pequeno porto, ao lado de um pontão de pedra. O capitão fez deslizar habilmente o barco para junto da doca, enquanto Lyle corria e lançava amortecedores entre o pontão e o barco. Instantes depois estavam atracados.

Rachel trepou aliviada para fora da embarcação oscilante. As pedras sólidas sob os seus pés nunca lhe pareceram tão reconfortante.

— Estás bem? — perguntou Gray.

Ela teve de fazer um breve inventário antes de assentir lentamente.

— Acho que sim. Ainda bem que deixámos as ondas.

Gray tocou-lhe o braço. A preocupação era visível nos seus olhos.

— Tens a certeza de que foram apenas as ondas?

Rachel quis assentir de novo. Mas pousou uma mão sobre o ventre, recordando o que Seichan dissera do veneno. Um dos primeiros sintomas era a náusea.

Voltou a olhar de relance para o barco.

E se não tinham sido as ondas?

Ilha de Bardsey, País de Gales

O trator subia o monte vindo do porto. Arrastava um atrelado atrás, cujo estrado juncado de palha transportava um grupo de pessoas ensopadas. Uma lona armada sobre o atrelado abrigava-os das rajadas de chuva, mas não oferecia proteção contra o vento cortante.

Gray encolhia-se debaixo das laterais do atrelado, tentando esquivar-se das rajadas mais persistentes. O pior da tempestade diminuía de momento, mas o céu a ocidente tornava-se mais escuro, ameaçando a chegada de um temporal ainda mais violento.

À medida que subiam o monte, abriu-se uma vista panorâmica da pequena ilha. Por trás do atrelado, na ponta da ilha, erguia-se um altaneiro farol riscado a vermelho e branco. Cintilava no meio da tempestade com o girar regular da sua lâmpada. Entre o farol e o monte estendia-se a terra cultivada. Havia apenas uma dúzia de residências permanentes na ilha de Bardsey, na sua maioria de lavradores e daqueles que alugavam casas aos excursionistas, observadores de pássaros e peregrinos de visita.

As únicas estradas eram de terra. Os únicos veículos, tratores.

Penetravam nitidamente numa outra era.

Quando se aproximaram do topo da elevação, o veículo abrandou até parar. Lyle saltou do trator para o estrado. Era o seu condutor e guia oficial. Agachou-se no meio do estrado, enquanto um trovão ecoava sobre o cume.

Lyle esperou que passasse, depois falou.

— O padre Rye disse que podiam querer visitar a velha Caverna do Eremita. É só um bocadinho a pé. Posso mostrar-lhes.

Kowalski apalpou os bolsos à procura de um charuto.

— Não me apetece verdadeiramente fazer uma visita ao eremita.

Gray ignorou Kowalski e juntou-se a Lyle.

— Disseste que ajudaste o padre Giovanni anteriormente e que ele esteve a maior parte do tempo nas ruínas da velha abadia. Ele passou algum tempo nessa caverna?

— Nem por isso. Só uma vez no início. Acho que não voltou depois.

Gray sabia que era melhor dar uma olhadela para ser rigoroso.

— Mostra-me.

— Eu vou consigo — ofereceu-se Wallace. — Seria uma pena fazer toda esta viagem e não prestar os meus respeitos ao saudoso Merlin.

Nitidamente, a sua voz destilava sarcasmo.

Gray olhou para Rachel. Ela abanou a cabeça. Ainda parecia um pouco nauseada, embora ele não tivesse a certeza se seria do movimento, da toxicidade ou de algo entre os dois.

Saltou do estrado e ficou surpreendido ao ver Seichan saltar também. Sem uma palavra, seguiu atrás de Wallace e do rapaz.

Gray suspeitou que o interesse de Seichan residisse menos na caverna do eremita do que no desejo de não ser deixada a sós com Rachel. Colocando a mochila ao ombro, Gray seguiu os outros por um trilho lateral.

Seichan abrandou o suficiente para ficar ao lado dele.

— Precisamos de falar — disse ela, sem o encarar.

— Não temos nada para falar.

— Deixa de ser estúpido. Apesar do que possas pensar, não quero estar nesta posição mais do que tu. Não foi minha escolha envenenar Rachel. Sabes disso, certo?

Finalmente, encarou-o.

Ele não se deixou convencer.

— O resultado final é o mesmo — disse ele. — Tu consegues o que queres e os outros pagam o preço. — Deixou transparecer o seu desprezo. — E então, que tal *foi* a sua visita à família do curador veneziano?

Os olhos dela semicerraram-se. Magoada, furiosa, desviou o olhar. A sua voz tornou-se mais débil.

— O que quer que se esteja a passar aqui suscitou o interesse da Guilda, a todos os níveis. Eles estão a investir uma quantidade incrível de recursos para encontrar essa chave perdida. Só os vi assim mobilizados uma única vez. Quando procurávamos as ossadas dos Reis Magos.

— E porquê? — Gray odiava envolver-se com ela, mas, se Seichan dispunha de informações, não se atrevia a desperdiçá-las.

— Não sei. Mas o que quer que se passe na Viatus, é apenas a ponta do icebergue. Suspeito que a Guilda tenha manipulado e explorado a empresa meramente como recurso. É o que fazem melhor. Eles são como um parasita que invade um corpo, o suga até ao tutano e depois o abandona.

— Mas qual é o objetivo final?

— Encontrar a tal chave. Mas a questão crucial é *porque é a chave tão importante para a Guilda?* Descobri-lo é ficar um passo mais próximo de a encontrar.

Ela calou-se, deixando a informação assentar. Gray tinha de admitir que Seichan tinha razão. Talvez ele devesse considerar o problema da perspetiva contrária, trabalhar no sentido contrário.

Finalmente, ela prosseguiu.

— Sabemos que a Viatus pegou naquelas múmias e as submeteu a experiências. Mas os corpos foram descobertos há três anos. Portanto, há anos que o projeto se tem desenvolvido à margem de deteção. Eu não tive qualquer conhecimento disso. Contudo, assim que o padre Giovanni correu para o Vaticano, a Guilda entrou em campo. Qualquer um com um ouvido colado ao chão como eu o pôde perceber. Nas últimas vinte e quatro horas, eles expuseram-se mais do que alguma vez os vi fazer antes. Foi o que me levou a Itália em primeiro lugar, o que me fez procurar Rachel.

Gray percebeu um ínfimo tremor na sua voz à menção do nome de Rachel. Depois, ela calou-se.

Gray quebrou o silêncio.

— Wallace pensa que a chave pode ser um agente contra alguma forma arcaica de guerra biológica. Se a Guilda controlar a chave, controlará a arma.

— Podes ter razão, mas o interesse da Guilda vai mais fundo. Confia em mim.

Gray debateu-se para não reagir às suas últimas palavras.

Confia em mim.

Aquelas eram palavras que ela não tinha o direito de proferir.

Foi salvo de responder quando Wallace ergueu um braço e apontou para o chão.

— É aqui!

— Pensa nisso — terminou Seichan. — Vou voltar ao trator.

Gray continuou sozinho até à caverna. Lyle tinha-se esgueirado por ela. A entrada era mais estreita que a cintura de Gray e abria para uma pequena cova. Ajoelhando, Gray tirou uma lanterna da sua mochila e fez a luz incidir no seu interior. Era uma caverna natural e, à exceção de uma lata de cerveja amolgada e algum lixo, era incaracterística.

Se aquele era o local de descanso final de Merlin, este devia apresentar queixa pelo alojamento. Não admirava que o padre Giovanni não lhe tivesse prestado mais atenção.

— Não há aqui nada — concluiu por fim Wallace.

Gray concordou.

— Vamos continuar a subir o monte.

Regressaram rapidamente, ao mesmo tempo que a chuva começava a cair com mais força. Uma vez chegados ao trator, partiram de novo. Lyle conduziu o veículo sobre o cume e pela outra vertente abaixo.

Terras baixas estendiam-se à frente deles, igualmente parceladas em terrenos agrícolas e campos de pasto. Mas no sopé do monte erguia-se o seu destino. Era uma torre quadrada, parcialmente em ruínas, que se elevava no meio de um cemitério. Era tudo o que restava da Abadia de Saint Mary. Uma capela e residência mais recentes surgiam mais afastadas. Daquele ponto alto, Gray conseguia igualmente vislumbrar alguns muros originais da antiga abadia.

Quando desciam, Lyle apontou uma pequena casa à distância.

— Plas Bach! — exclamou, designando o lugar. — Podem alugá-la. É também a morada da nossa famosa macieira.

Gray procurou num dos bolsos do casaco e percebeu que ainda tinha a maçã lançada pelo padre Rye. Enquanto fitava o fruto rosado, pensou nos residentes da abadia. Tanto a macieira como os monges eram descritos em diferentes círculos

como invulgarmente saudáveis e de impressionante longevidade. Teriam os monges de Saint Mary algum segredo? Seria o mesmo segredo que todos procuravam agora, a chave do Doomsday Book? E, se assim era, como o tinham obtido?

Com um derradeiro soluço do tubo de escape, tresandando a combustível, o trator imobilizou-se na base do monte, ao lado do cemitério. Cruzes celtas ponteavam o terreno, incluindo uma particularmente alta à sombra da torre em ruínas da abadia.

O grupo desceu do atrelado e sacudiu pedaços desgarrados de palha. A carga de água quase cessara, o que era um alívio. Mas relâmpagos dardejavam a norte. O trovão anunciava mais chuva. Era melhor despacharam-se.

Gray aproximou-se de Lyle.

— Disseste que o padre Giovanni passou a maior parte do tempo aqui. Sabes o que estava ele a fazer? Há algum ponto em que ele se concentrasse mais?

Lyle encolheu os ombros.

— Ele andava por todo o lado das ruínas. Sobretudo a medir.

— A medir?

Um aceno respondeu-lhe.

— Ele fazia medições com fita e... como é que lhe chamam? — Representou com os braços, mantendo-os oblíquos e olhando-os de cima. — Pequenos telescópios para calcular a que altura as coisas estão.

— Instrumentos topográficos — compreendeu Gray em voz alta. — Há algum sítio onde ele tenha passado muito tempo a medir?

— Aye. Junto às cruzes e ao pé das velhas ruínas de pedra.

— Ruínas? Queres dizer, a abadia?

Wallace aproximou-se do outro lado de Lyle.

— Penso que o rapaz quer dizer as ruínas dos antigos, não é?

— Exato, senhor.

— Podes mostrar-nos?

— Claro. — E começou a andar.

Seguiram em grupo, atravessando o cemitério. Lyle apontou cada cruz celta

por onde passavam. Terminou na mais alta de todo o cemitério. Erguia-se sobre um pequeno monte de terra.

— Esta assinala a sepultura de Lord Newborough — disse Lyle. — Um dos mais famosos nobres de Bardsey e um grande benfeitor da Igreja.



Gray contemplou-a lá no alto. O padre Giovanni conhecia seguramente o significado das cruzes celtas, como estas eram modificações das antigas cruzes druídicas, que por sua vez tinham sido inspiradas nos antigos que ocuparam inicialmente as Ilhas Britânicas e que gravaram esse símbolo nas suas pedras verticais. Um símbolo que ligava as três culturas, fluindo do passado remoto até ao presente.

Teria a chave seguido o mesmo curso? Dos antigos aos celtas e aos cristãos?

Wallace olhou para o cemitério.

— O padre Giovanni mediu todas as cruzes?

— Mediu.

— E dizes que ele fez o mesmo a umas ruínas de pedra?

— Por aqui. — Lyle contornou os fragmentos da torre sineira da abadia e caminhou pelo campo verdejante. Pontapeou o chão, como que à procura de alguma coisa. — O padre Giovanni investigou todas as antigas ruínas circulares. A maioria fica deste lado da ilha.

Wallace seguia ao lado de Gray.

— Não admira que os monges tivessem erigido a sua abadia aqui. Era comum nos primórdios da Igreja construir sobre locais sagrados. Impondo a sua religião sobre uma outra, como forma de a aniquilar, mas também para ajudar os recém-convertidos a uma transição suave para a nova fé.

— Aqui! — chamou Lyle, alguns metros à direita. — Acho que é este!

Gray juntou-se-lhe com Wallace. O rapaz encontrava-se no centro de um círculo grosseiro de blocos de pedra meio enterrados na erva. Gray percorreu a sua circunferência.

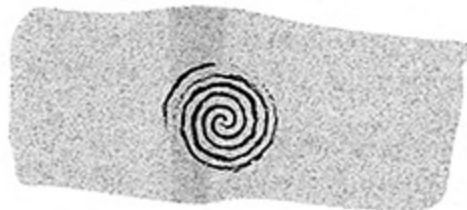
Wallace coçava o queixo.

— Tens a certeza de que este é o círculo de pedra correto? Aquele em que o nosso amigo estava interessado?

Lyle pareceu subitamente não tão certo.

Gray parou diante de uma das pedras. Ajoelhou-se e afastou a erva. Observou a pedra em baixo e soube que estavam no lugar certo.

No bloco tosco estava gravado um símbolo.



Uma espiral.

Gray olhou para o outro lado do campo. Verificou com a sua bússola. Num linha reta para leste a partir dali, onde o Sol se ergueria a cada novo dia, ficava o marco da sepultura de Lord Newborough, uma cruz celta gigantesca, cujas origens remontavam aos mesmos artesãos que tinham gravado a espiral tosca no bloco aos pés de Gray.

— É aqui — murmurou.

— O quê? — perguntou Wallace, não percebendo.

Gray continuou a estudar a cruz distante. Não precisava de instrumentos de medição, embora talvez não o tivesse compreendido tão depressa se Lyle não lhe

tivesse falado da pesquisa meticulosa ali empreendida pelo padre.

— Eu sei onde o padre Giovanni procurou — disse Gray.

Rachel aproximou-se.

— Onde?

— Entre a espiral e a cruz — disse Gray e apontou para o marco da sepultura de Lord Newborough. — Como nas pedras na sua escavação, Wallace. Cruzes de um lado, espirais do outro.

— E como na bolsa de couro — recordou-lhe Rachel.

Gray assentiu.

— Embora Marco nunca tivesse essa vantagem. Ele teve de perceber tudo isto sozinho. Baseando-se unicamente no que viu no local de escavação, o significado daquilo deve ter despontado nele. Possivelmente de forma literal. O padre Rye disse que Marco ficou agitado em junho passado, o que quer dizer que ele esteve aqui durante o solstício do verão. O dia mais longo do ano. Um dia sagrado para os pagãos, em particular para os adoradores do Sol.

Apontou para a cruz e traçou uma linha até aos seus pés.

— Aposto, e seriam necessários cálculos para o provar... algo que Marco provavelmente fez... que, na manhã do solstício, os primeiros raios de sol atingiriam aquela cruz projetando uma sombra que apontava diretamente para aqui.

— E isso conduziu à descoberta de Marco? — pressionou Wallace.

— Talvez. Posso medi-lo com passos para ter a certeza, mas não penso ser necessário. Vejam o que fica exatamente a meio caminho entre a cruz e a espiral.

Gray apontou a pilha de pedras esboroadas.

— A torre de Saint Mary — disse Wallace, depois voltou-se para ele. — Acha que o que quer que Marco tenha encontrado estava escondido debaixo da torre?

— Você próprio o disse. A Igreja construiu os seus edifícios de culto sobre antigos locais sagrados. A ilha está crivada de cavernas. Cavernas que os druidas consideravam sagradas. E perduram até hoje histórias de alguma poderosa magia, personificada por Merlin, sepultado numa caverna na ilha. E se se

enganaram na caverna?

A voz de Wallace tornou-se abafada.

— Não a Caverna do Eremita, mas algo escondido debaixo da abadia.

Rachel fez uma pergunta pertinente.

— Mas como procuramos lá em baixo?

— O padre Giovanni seguramente não veio de escavadora até aqui — acrescentou Kowalski.

Ambos tinham razão. Não havia sinais de escavação em volta das ruínas da torre.

— Tem de haver outra maneira de lá chegar — disse Gray, voltando-se para a melhor fonte para essa informação. — Lyle, há outros túneis ou cavernas algures por aqui perto?

— Aye. Montes de cavernas. Mas nenhuma assim tão perto.

Levar-lhes-ia meses a explorar todas. Gray olhou para Rachel. Os seus braços estavam cruzados. Não dispunham de meses.

— Mas posso mostrar-lhes o que mostrei ao padre Giovanni! — disse Lyle, animando-se. — Não é uma caverna, mas é parecido.

— O que é? — perguntou Gray.

— Venham ver. Eu e os meus amigos brincámos muitas vezes lá em baixo. — Lyle partiu como um tiro. Tiveram de correr para o acompanhar.

— Não temos assim tanta pressa — resmungou Kowalski.

— Fala por ti — disse Rachel.

Lyle conduziu-os de novo ao outro lado da torre. Desta vez, foi na direção oposta. Descreveu quase um círculo completo, mas depois parou não muito longe da cruz celta mais alta. Apontou para uma abertura quadrada no chão, delimitada por pedras.

— O que é? — indagou Wallace.

Gray ajoelhou-se e olhou para baixo. As paredes laterais eram de tijolo. Próximo do fundo, um nicho escuro abria-se numa das paredes.

— Como eu disse — retorquiu Lyle —, não é uma caverna.

Gray agarrou na lanterna.

— É uma cripta.

— *Aye*. O túmulo de Lord Newborough. É claro que ele já não está lá em baixo. Pelo menos, eu acho que não.

— Temos de ir ver — disse Gray.

Kowalski abanou a cabeça e recuou alguns passos.

— Não, não *temos*. Sempre que te metes por um buraco, acontece algo de mau.

13 de outubro, 12h41
Svalbard, Noruega

Monk enviou uma silenciosa prece de agradecimento aos engenheiros que tinham inventado manípulos aquecidos para as motas de neve. A temperatura diurna continuava a baixar à medida que a tempestade polar avançava pelo arquipélago ártico. Mesmo agasalhado com fato de neve, capacete, luvas e camadas de roupa interior térmica, Monk apreciou os avanços tecnológicos dos veículos de neve modernos.

Creed e ele pararam as suas máquinas num vale coberto de neve abaixo da entrada para o Silo Internacional de Sementes de Svalbard. A duzentos metros de distância, o abrigo angular de cimento sobressaía da encosta do monte Plataberget. Era o único sinal do vasto entreposto subterrâneo.

Isso e o patrulhamento do exército norueguês.

A voz de Creed chegou-lhe pelo rádio incorporado no capacete.

— Temos companhia.

Monk virou-se no assento. Atrás deles, um *Sno-Cat* para dois homens avançava contornando uma escarpa gelada. As suas lagartas mastigavam o terreno e projetavam uma esteira de neve e gelo.

Na última hora, ele e Creed tinham jogado um cauteloso jogo do gato e do rato com as patrulhas no exterior. Tentavam manter uma distância prudente, sem parecer que era isso que tentavam fazer. O logótipo da agência de aluguer nos

flancos das motas permitia-lhes essa margem de manobra.

— O que fazemos? — perguntou Creed.

— Ficamos quietos.

As suas máquinas de menor porte provavelmente venceriam em perícia o maciço *Sno-Cat*, mas fugir naquele momento atrairia a atenção do exército norueguês sobre eles. Em vez disso, Monk ergueu um braço, saudando-os.

Mais valia cumprimentar os vizinhos.

Na última hora, Monk estivera a observar os soldados, registando o seu comportamento. Passavam a maior parte do tempo a conversar entre si em grupos. Viu alguns cigarros a cintilar. Ocasionalmente, o som de uma gargalhada ecoava pela montanha e chegava até eles. Reconheceu o padrão geral: o aborrecimento. Ali nas regiões interiores do norte gelado, os soldados depositavam claramente uma total confiança no isolamento e na agrura do terreno.

Não havia razão para perturbar essa atitude.

— Mantém-te frio — disse Monk para o rádio.

— Mais frio do que isto e estaria a cagar cubos de gelo.

Monk olhou-o. Creed estava a fazer uma piada? Monk ergueu as sobrancelhas. Talvez ainda houvesse esperança para o miúdo.

A porta lateral do *Sno-Cat* abriu-se. Vapor flutuou para fora da cabina aquecida. O soldado nem se deu ao trabalho de puxar para cima o capuz do casaco grosso. De facto, manteve o casaco desapertado. Com o seu cabelo louro e faces rosadas, parecia saído de um catálogo da Ralph Lauren, versão norueguesa.

Os noruegueses no seu habitat natural...

Monk tirou o capacete, para parecer menos intimidativo. Creed fez o mesmo. O soldado acenou-lhes e falou em norueguês. Monk não compreendeu as palavras, mas o ponto essencial era claro.

O que estão a fazer aqui?

Creed respondeu por sua vez, um tanto hesitante na língua. Monk percebeu a palavra *american*. O miúdo devia estar a debitar a história de cobertura. Monk

reforçou-o, tirando do bolso do casaco um guia de campo sobre aves que trouxera da agência de aluguer. Mostrou igualmente os binóculos em torno do pescoço.

Apenas observadores de aves.

O soldado assentiu e tentou falar em inglês.

— Vir tempestade — alertou o norueguês. Gesticulou com o braço para trás na direção de Longyearbyen. — Dever ir.

Monk não podia exatamente contrariá-lo.

— Já vamos regressar — prometeu. — Parámos para descansar.

Esfregou o traseiro para criar um maior efeito — estava na verdade dorido, depois de andar na mota pela paisagem glacial fragmentada.

O que suscitou um sorriso no soldado. Junto ao *Sno-Cat*, a outra porta abriu-se. O condutor saltou para fora, gritou um aviso, depois levou um apito aos lábios e sacou da arma de ombro. Enquanto soprava um guincho estridente, apontou a arma na direção deles.

Que diabo?

Creed e o outro soldado lançaram-se de bruços sobre a neve. Monk hesitou. O soldado disparou três vezes. Monk girou ao mesmo tempo e vislumbrou uma imensa forma pesada a desaparecer para lá de um amontoado de pedras à distância. Os tiros do homem faiscaram na pedra.

— Urso-polar — disse Creed desnecessariamente, quando o som dos estampidos se dissipou.

Ele e o soldado voltaram a pôr-se de pé. Creed ficara pálido, mas o soldado limitou-se a sorrir e disse algo em norueguês que fez sorrir o companheiro com a arma.

Não pareciam excessivamente preocupados. Fora como afugentar um guaxinim de uma lata do lixo. É claro que, naquele caso, as latas do lixo eram Monk e Creed. O urso-polar devia estar a espreitá-los desde que tinham parado.

O primeiro soldado gesticulou na direção da povoação, avisando-os para se afastarem.

Monk assentiu.

Os dois soldados regressaram ao *Sno-Cat*, partilhando uma piada, claramente à custa dos americanos.

Creed regressou à sua mota de neve.

— O que fazemos agora?

— Continuamos a patrulhar. Mas desta vez, eu vigio o silo e tu manténs-te atento a qualquer coisa interessada em comer-nos.

Creed concordou e pôs o capacete.

Monk levou os binóculos aos olhos e focou o outro lado do vale. Esperou que Painter não demorasse muito mais. Se ele e Creed continuassem a vaguear por ali, começariam a levantar suspeitas. Sobretudo com a tempestade prestes a chegar.

Ajustando a distância focal dos binóculos, obteve uma imagem nítida da entrada do edifício subterrâneo. Viu a porta abrir-se e a figura esguia de uma mulher precipitar-se para fora. Um dos guardas tentou abordá-la. Quem não tentaria? Mesmo a duzentos metros de distância, os seus atrativos físicos eram evidentes.

Ela travou o guarda com uma palma erguida e apressou-se para os veículos estacionados. Aparentemente, fartara-se da festa — e estava morta por se afastar.

12h49

A entrevista depressa correu mal.

Painter e o senador Gorman tinham seguido o CEO da Viatus até ao complexo de escritórios afastado do túnel do silo principal. Tinha sido instalada uma área de preparação para o *catering* na sala central, com as mesas empurradas para as paredes e substituídas por carrinhos de transporte de alimentos, fogões e contentores. A sobremesa estava a ser preparada, envolvendo aparentemente um repuxo de chocolate. O lugar exalava um cheiro a fábrica da Hershey com uma insinuação de bacalhau norueguês.

Apressaram-se pelo espaço até um escritório. Lá dentro, um par de

computadores cintilava em cada extremidade de uma longa mesa. Entre eles, organizadas em filas ordenadas, encontravam-se pilhas de pequenas caixas de alumínio. Ao longo de uma parede próxima, apinhavam-se meia dúzia de contentores plásticos negros. Um estava aberto no chão, repleto de envelopes prateados.

— Chegam carregamentos de sementes diariamente — explicara Karlsen, fazendo as vezes de guia turístico. — Infelizmente, agora estão a acumular-se devido à festa. Mas amanhã essas caixas serão classificadas, catalogadas, registadas por país, até mesmo...

Foi aí que as coisas descarrilaram.

Talvez fosse a maneira desprendida do CEO ou talvez fosse evidente que o discurso desconexo de Karlsen escondia um poço de culpa. Seja como for, assim que a porta da sala se fechou, o senador lançou-se para a frente e agarrou Karlsen pela camisa. Lançou-o de encontro aos contentores empilhados.

Aturdido pelo ataque repentino, Karlsen não reagiu de imediato. Depois o seu rosto mergulhou na confusão.

— Sebastian, o que...?

— Você matou o meu filho! — bradou Gorman. — E tentou assassinar-me ontem à noite!

— Está louco? — Karlsen abriu os braços e libertou-se. — Porque havia de o tentar assassinar?

Painter teve de admitir que o tipo parecia francamente chocado. Mas notou igualmente que Karlsen não negara o assassinio do filho do senador. Painter interpôs-se entre os dois. De rosto congestionado, Gorman recuou um passo. Virou costas, claramente procurando recuperar a compostura.

Painter castigou-se interiormente. Ele não reparara na crescente fúria de Gorman. Devia tê-lo controlado antes. Não iam conseguir nada de Karlsen empurrando-o para uma posição defensiva. O homem ergueria muros que eles nunca conseguiriam penetrar.

Painter reajustou a estratégia. Com Karlsen abalado, e antes que o homem se fechasse por completo, Painter sabia que tinha de pôr de parte toda a simulação.

— Temos conhecimento da cultura de cogumelos, das abelhas, daquilo que foi encoberto em África. — Painter atacou-o com acusação atrás de acusação. Mesmo que Karlsen fosse capaz de aparar um golpe, a rápida série de ataques não lhe davam oportunidade de recuperar.

A sua fachada esboroou-se momentaneamente, revelando a cumplicidade, o conhecimento. Não era nenhum peão ou figura de proa iludida. Karlsen sabia perfeitamente o que se passava.

Contudo, o homem tentou negar. A admissão de culpa desapareceu por detrás de um muro de negação.

— Não sei do que estão a falar.

Nenhum dos dois se deixou enganar.

Muito menos um pai enlutado.

O senador Gorman lançou-se de novo ao homem. Painter não tentou impedi-lo. Ele queria Karlsen desequilibrado, acossado por todos os lados. Moralmente, psicologicamente, fisicamente. Painter aproveitaria todas as ferramentas ao seu alcance.

Gorman carregou sobre Karlsen, encostando-lhe um ombro ao peito e empurrando-o contra a parede. Karlsen embateu na parede sólida. O ar fugiu-lhe. O senador fora defesa de basebol nos seus tempos de estudante.

Mas Karlsen não era um velho trémulo. Ergueu os braços e baixou-os com força sobre as costas do senador. Gorman caiu de joelhos.

No chão, o senador lançou um braço por detrás da perna esquerda de Karlsen. Com um rugido, Gorman apertou e torceu com força. Fez cair o assassino do seu filho de bruços, depois carregou sobre ele e encostou-o ao chão.

— Você matou o Jason! — rosnou-lhe Gorman, a sua voz apanhada entre a fúria e o soluço. — Matou-o!

Karlsen lutou por se libertar, mas Gorman manteve-o contra o chão. O rosto do CEO tornou-se rubro. Virou o pescoço, tentando encarar Gorman. A sua voz disparou contra o acusador.

— Fiz... fi-lo por si!

As palavras confundiram momentaneamente o senador. Mas Painter não

estava certo se o choque advinha da confissão súbita ou da estranha declaração. Uma parte de Gorman devia ter esperado que Painter estivesse errado. Agora não havia mais ilusão.

— Cale-me essa boca — bradou Gorman, não querendo ouvir mais.

Com a primeira peça do dominó caída, Painter sabia que conseguiria fazer as outras ruir. O que ele pensara poder demorar um dia inteiro fora conseguido em minutos. Mas estavam longe de ter terminado ali. Karlsen podia desdizer-se. Ainda se encontrava na sua área de influência na Noruega, com poderosos contactos e ligações.

Painter sabia que tinha de aproveitar a vantagem, controlar a situação. O que significava tirar Karlsen dali e prendê-lo. Para tal, teria de pedir ajuda.

— Mantenha-o aí — disse Painter.

Dirigiu-se aos computadores e procurou por trás. Tinha de haver um canal de comunicação a alimentar aquele espaço. Uma linha T1 ou T3 para ligação à Internet, mas mais importante...

Os dedos de Painter encontraram a linha telefónica. Puxou-a e percorreu o seu trajeto até à parede. Sem rede naquelas paragens, precisava de contactar Monk por rádio, mas àquela profundidade isso seria impossível. Teria de entrar numa linha aberta usando um dispositivo designado como SQUID para amplificar o sinal. Enquanto os seus dedos corriam ao longo do fio, deparou-se com um aparelho já acoplado à saída telefónica. Extraiu-o e reconheceu imediatamente a sua função.

Um amplificador de sinal para comunicações móveis.

Não era especialmente sofisticado, mas a tecnologia era superior a tudo o que vira ali. Parecia deslocado. Examinou-o atentamente e detetou um transmissor de curto alcance conectado.

Porque necessitaria alguém de ligar um transmissor de curto alcance a uma linha telefónica?

Só conseguia pensar numa razão.

A porta abriu-se de rompante atrás de si.

Virou-se enquanto o copresidente Boutha entrava de rompante pela sala.

Mais alguns homens assomavam atrás dele. Boutha franziu os olhos, confuso perante o cenário com que se deparou: Karlsen no chão, o senador com um joelho sobre as suas costas.

— O pessoal do *catering* disse que ouviu gritos... — começou Boutha, depois abanou a cabeça. — O que se passa aqui?

Usando a distração, Karlsen conseguiu lançar um cotovelo para trás e atingir Gorman na orelha. Caído de lado, Gorman não conseguiu impedir Karlsen de se libertar.

Boutha e os outros ainda bloqueavam o caminho. Encurralado, Karlsen voltou-se para encarar Gorman, mas encontrou um punho a voar na direção do seu nariz. Esquivou-se o suficiente para evitar um nariz partido, mas recebeu um duro golpe no olho e cambaleou para trás alguns passos.

— Parem! — gritou Painter, imobilizando todos com o vigor da sua ordem.

Todos os olhos se voltaram para ele.

Painter apontou um braço a Boutha.

— Temos de evacuar as instalações. Agora!

— Porquê?

Painter fitou o estranho aparelho na sua mão. Podia estar enganado, mas não via razão para um transmissor de curto alcance.

A não ser uma.

— Há uma bomba algures aqui em baixo.

Reações chocadas e perguntas seguiram-se.

Painter pôs-lhes fim.

— Evacue as instalações!

Infelizmente, era tarde demais.

12h55

Monk dirigiu o seu veículo pelo vale, descrevendo um lento ziguezague ao longo do fundo. Creed seguia no seu trilho, atento a ursos-polares. Monk

mantinha um olho no bloco de cimento que assinalava a entrada do silo.

Lá no alto, a tempestade fizera rolar uma massa de nuvens escuras sobre a montanha. As nuvens ficaram mais baixas, fazendo descer a temperatura. Os ventos intensificavam-se, varrendo o vale com rajadas glaciais de cristais de gelo.

Monk ordenou uma paragem. Pensou ter ouvido alguma coisa ou pelo menos sentiu algo no fundo do peito. Desligou o motor. O surdo ribombar tornou-se um rugido, depois um silvo. Um par de jatos irrompeu das nuvens e lançou-se pelo vale na direção de Monk e Creed.

Não, não na direção *deles*.

Quando os jatos passaram sobre as suas cabeças, desviaram-se abruptamente para cima com um rugido de aceleração. Mísseis foram disparados do seu ventre. *Rockets Hellfire*. Os mísseis atingiram a crista de neve onde o silo de sementes estava enterrado. Uma linha de fogo explodiu pela face da montanha. Rochas e chamas projetaram-se alto. As ondas de choque atingiram Monk e Creed.

No cimo da crista, homens foram lançados pelo ar, alguns desfeitos em pedaços. Outros fugiam a pé ou deslizavam montanha abaixo. Monk viu um pesado *Sno-Cat* tombar para dentro de uma cratera, que outrora constituía a única estrada até ali.

Quando o fumo se dissipou, Monk perscrutou a crista. O abrigo ainda estava de pé, mas um dos lados explodira e um grande pedaço dele fora arrancado. O ataque dos mísseis apenas desferira um golpe de raspão.

Então, um novo ribombar cresceu de volume. Monk receou que os jatos tentassem uma nova passagem. Mas o som era acompanhado de detonações rápidas.

Enquanto Monk observava horrorizado, toda a vertente da montanha acima do abrigo começou a deslizar. Uma imponente secção do glaciar desprendeuse e fraturou-se, dividindo-se em pedaços cada vez mais pequenos, ganhando velocidade e tornando-se numa avalanche de gelo.

Engoliu o abrigo e sepultou-o por completo.

Mais soldados foram apanhados e esmagados no seu curso.

E continuava a progredir.

Na direção deles.

— Monk! — gritou Creed.

Baixando-se de novo no assento, Monk ligou a ignição. O motor rugiu. Acelerou. O pneu traseiro mastigou a neve, depois encontrou tração. Rodando o manípulo, Monk apontou para um lado distante do vale.

— Para um lugar elevado!

Creed não necessitava de orientação. Já dera a volta e voava em direção ao lado oposto. Os dois dispararam pelo fundo do vale, tentando pôr-se a salvo.

Monk ouviu a avalanche atrás de si. Parecia o fim do mundo, uma detonação de pedra e gelo. Um fragmento de glaciar do tamanho de uma garagem individual oscilou para lá de Monk, à direita. O gelo bateu violentamente contra o veículo de neve e as suas costas.

Monk agachou-se. Não podia ir mais depressa. Tinha o acelerador no máximo.

À medida que a avalanche os alcançava, blocos de gelo esmagavam-se ao lado dos veículos. Um rio de pedras arrastou-se debaixo deles e à sua volta. Os pedaços mais pequenos de gelo do glaciar tinham sido polidos durante o mergulho esmerilador, tornando-os uma torrente de diamantes.

Então foram projetados para cima.

Os esquis dianteiros das motas de neve abriram um trilho veloz para fora do vale. O monstro gelado atrás deles tentou persegui-los, mas depois desistiu e sossegou no vale.

Para se certificar, Monk trepou mais alto antes de se permitir uma paragem. Mantendo o motor ligado, voltou-se e observou os danos. Uma névoa de cristais de gelo enevoava o vale em baixo, mas estava suficientemente nítido para se vislumbrar o cume distante.

Não havia *bunker*.

Apenas gelo fragmentado.

— O que fazemos? — perguntou Creed.

Um grito respondeu-lhe. Ambos se voltaram para a esquerda. Um par de

soldados noruegueses surgiu, espingardas encostadas ao ombro. Só então Monk reparou no *Sno-Cat* imobilizado mais acima na encosta.

Era o mesmo par de antes.

Mas não a mesma visita amigável.

Os soldados mantinham as espingardas em punho. Depois do que acontecera, deviam estar extremamente desconfiados, cegos pela fúria e pelo choque.

— O que fazemos? — insistiu Creed.

Sempre o professor, Monk mostrou-lho erguendo os braços.

— Rendemo-nos.

13h02

Painter estava de pé na escuridão.

As luzes tinham-se apagado com as primeiras explosões. De início, pensou que a bomba escondida tinha deflagrado. Mas, quando se seguiram uma série de detonações ecoando de cima, Painter adivinhou um ataque à vertente da montanha por mísseis.

O que foi confirmado um instante mais tarde, quando irrompeu um troar impressionante. Era como se um comboio de carga estivesse a passar por cima deles, rasgando violentamente caminho.

Avalanche.

Gritos e brados ecoaram do túnel, enquanto convidados e funcionários entravam em pânico. Ali, tão fundo no subsolo, a escuridão era absoluta e asfixiante.

Painter permaneceu imóvel, fazendo o inventário. De momento, ainda estavam vivos. Se *havia* uma bomba escondida ali em baixo, porque não deflagrara ao mesmo tempo que o ataque com mísseis?

Apertou o transmissor na sua mão. Retirar o dispositivo da tomada de parede podia ter-lhes salvado a vida, impedindo a chegada de um sinal pela linha telefónica que fazia explodir a bomba.

Mas ainda não estavam livres de perigo.

Se Painter tivesse planeado aquele ataque, teria preparado um plano secundário de apoio. Algo com base num cronómetro retardado para cobrir qualquer contratempo. Pensou rápida e intensamente. O transmissor tinha um alcance limitado, sobretudo com toda a rocha envolvente. Se tinha sido colocada uma bomba, tinha de estar perto e provavelmente fora trazida recentemente.

Os fornecedores do *catering*?

Não, eram demasiados e demasiado arriscado. Alguém o teria notado.

Depois recordou-se das palavras anteriores de Karlsen, enquanto entravam na sala: *Carregamentos de sementes chegam diariamente. Infelizmente, agora estão a acumular-se devido à festa.*

Os contentores.

Às cegas, Painter aproximou-se das caixas empilhadas. Arrancou freneticamente o topo de uma e introduziu as mãos no interior até ao fundo. Esquadrinhou entre os pacotes de sementes de alumínio selados a quente.

Nada.

Derrubou o contentor. Este caiu com um grande estrondo na escuridão.

— O que está a fazer? — gritou Gorman, assustado.

Painter não tinha tempo para responder. O desespero mantinha-o mudo. Não encontrou nada no segundo contentor — mas, quando arrancou a tampa do terceiro, um cintilar brotou do interior, enterrado sob uma camada de pacotes de sementes.

Na escuridão, a débil luz brilhava com a intensidade de um farol. Os outros homens aproximaram-se. Painter pôs de lado os pacotes e expôs o que estava por baixo.

Números num visor LED brilharam.

09:55

Enquanto o fitava, o contador indicava a contagem decrescente.

As luzes da sala tremularam, apagaram-se, depois voltaram. Os geradores de emergência tinham finalmente disparado. Lá fora no átrio, o tumulto acalmou de imediato. Embora a situação não fosse melhor, pelo menos morreriam com luz.

Painter estendeu as mãos para o interior e cuidadosamente ergueu o objeto. Duvidava que tivesse sido provido de um detonador sensível ao movimento. O contentor fora enviado por transporte, provavelmente fora manuseado rudemente quando em trânsito. Contudo, baixou-o cuidadosamente até ao chão e ajoelhou-se ao seu lado.

O objeto era do tamanho de duas caixas de sapatos, de forma grosseiramente cilíndrica. O visor LED cintilava no topo. Uma série de fios penetrava no invólucro metálico sob ele. A numeração militar — PBXN-112 — do seu lado esquerdo não deixou dúvidas no espírito de Painter quanto ao que enfrentavam.

Até mesmo Boutha adivinhou.

— É uma bomba — sussurrou.

O homem, infelizmente, estava errado.

Painter corrigiu-o.

— É uma ogiva.

13h02

Krista travou o camião de tração às quatro rodas no sopé da montanha. Ao fugir pela estrada gelada, vira a barragem de mísseis pelo espelho retrovisor. As chamas encheram o mundo atrás de si. As ondas de choque tinham feito tremer os vidros do camião. Instantes depois, a crista gelada da montanha desprendera-se e despedaçara-se contra a entrada do silo.

Quando o camião se imobilizou, as suas mãos ainda tremiam sobre o volante. A sua respiração continuava alterada.

Fugira imediatamente após o aviso telefónico. E se se tivesse demorado, se se tivesse atrasado por alguma razão? Não houvera margem para erros.

No entanto, *sobrevivera*.

O terror no seu peito transformou-se lentamente numa estranha exaltação. Estava viva. As suas mãos fecharam-se sobre o volante. Um riso abafado de alívio irrompeu. Lutou por se recompor.

De ambos os lados da estrada, surgiram homens envergando fatos de neve camuflados. A grande massa de um veículo sobre lagartas maciças deslocou-se pesadamente e bloqueou a estrada.

Ela não tinha nada a recear. Não mais. Aquelas eram as suas forças.

Abriu a porta com vigor e foi ao seu encontro. A neve começara a cair. Pesados flocos flutuavam no ar. Subiu para a cabina do gigantesco veículo. O compartimento de trás estava cheio de homens de semblante severo empunhando armas de assalto.

Lá fora, os outros montaram em motas de neve.

A estrada para as montanhas podia ter desaparecido, mas ainda havia trabalho a fazer lá em cima. Haveria quem escapasse ao bombardeamento e ela tinha recebido ordens.

Nenhum sobrevivente.

13h04

— Consegue pará-la? — indagou o senador Gorman.

Na sala de trás, os outros reuniam-se em torno de Painter e da ogiva no chão, até mesmo Karlsen. Este parecia tão abatido quanto os demais. Não devia ser jogada dele. Sobretudo, porque se encontrava ali encurralado com eles. Painter não tinha tempo para considerar o significado do facto.

Em vez disso, encarou os outros.

— Preciso que alguém corra a verificar as condições do túnel superior — disse calma e firmemente. — Se o teto deu de si? Se há alguma saída? E necessito de um engenheiro da manutenção o mais depressa possível.

Dois dos homens de Boutha assentiram e saíram a correr, satisfeitos por *fugirem* para longe da ogiva.

— Consegue desarmá-la? — perguntou Karlsen.

— É nuclear? — prosseguiu Gorman.

— Não — respondeu Painter. — É uma ogiva termobárica. Pior que uma

arma nuclear.

Mais valia que soubessem a verdade. A ogiva era uma espécie de explosivo ar-combustível. O invólucro estava cheio de pó de alumínio fluorado com uma carga de detonação PBXN-112 no centro.

— Trata-se da mais recente arma antibunker — explicou Painter enquanto estudava o dispositivo. Falar ajudava-o a concentrar-se. — Envolve uma explosão bifásica. Primeiro, a detonação projeta uma nuvem maciça de um fino aerossol. O suficiente para encher todo este túnel. Depois, o pó incendeia-se com um agente de combustão. O que cria uma onda de pressão que esmaga tudo no seu caminho, consumindo simultaneamente todo o oxigénio. Assim, pode-se morrer de quatro maneiras. Explodido, esmagado, queimado e sufocado.

Ignorando as exclamações à sua volta, Painter centrou-se no detonador. A sua especialização não eram as munições, mas a eletrónica. Não levou muito tempo a reconhecer o emaranhado dos fios condutor, de terra e engodo. Cortar o fio errado, alterar a voltagem, desencadear um choque... havia mil maneiras de fazer com que a ogiva lhe explodisse na cara e apenas uma de a deter.

Um código.

Infelizmente, Painter não o conhecia.

Não era como nos filmes. Não havia nenhum especialista que a desarmasse no último segundo. Nenhum estratagema ardiloso a implementar, como congelar a ogiva com nitrogénio líquido. Isso era tudo fantasia cinematográfica.

Fitou o relógio.

Em menos de oito minutos, a ogiva ia explodir.

Passos pesados alertaram-no do rápido regresso de um batedor.

— A estrutura não cedeu — arquejou o homem. — Encontrei um dos soldados a descer. A porta blindada exterior aguentou. Ele abriu-a. Há um muro de gelo lá fora. Estamos enterrados. O gelo é tão espesso, disse ele, que nem se consegue ver a luz do dia.

Painter assentiu. A estratégia fazia sentido. O silo fora projetado para resistir a um ataque nuclear. Se se quisesse matar todos no interior, tinha de se lançar lá para dentro uma ogiva como aquela e selar totalmente o espaço. Se a tempestade

de fogo não os matasse, a ausência de oxigênio fá-lo-ia.

O que lhe deixava uma segunda opção.

O outro batedor surgiu com um norueguês alto como um frigorífico. O engenheiro da manutenção. Os seus olhos vislumbraram a ogiva no chão. Empalideceu. Pelo menos, não era idiota.

Painter levantou-se, desviando a sua atenção da bomba.

— Fala inglês?

— Sim.

— Há alguma outra saída?

Ele abanou a cabeça.

— E aquelas câmaras dos silos são pressurizadas?

— Sim, são mantidas a um nível preciso.

— Consegue elevar a pressurização?

Ele assentiu.

— Terei de o fazer manualmente.

— Escolha um dos silos e faça-o.

O engenheiro olhou de relance a sala, acenou afirmativamente e partiu rapidamente. Definitivamente, o homem não era idiota.

Painter voltou-se para os outros homens — Boutha, Gorman, até mesmo Karlsen.

— Preciso que reúnam toda a gente nesse silo. Agora.

— O que vai fazer? — perguntou o senador.

— Ver a que velocidade consigo correr.

13h05

Com as mãos sobre o capacete e nenhuma aptidão para falar norueguês, Monk tinha dificuldade em negociar a libertação.

Os soldados noruegueses continuavam a apontar as armas aos prisioneiros, mas pelo menos os seus rostos não eram tão firmemente pressionadas pelo cano

das espingardas. Creed defendia o seu caso. Tinha o capacete tirado e falava rapidamente, uma combinação de norueguês e inglês, acompanhada de charadas.

Então, uma voz começou a raspar ao ouvido de Monk, cheia de estática, vinda do rádio incorporado no capacete. Grande parte da comunicação perdia-se. *«Consegue ouvir... ajuda... não há tempo...»*

Apesar de ter uma arma apontada ao rosto, Monk sentiu uma onda de alívio. Reconheceu a voz. Era Painter. Ele ainda estava vivo!

Monk tentou responder.

— Diretor Crowe, conseguimos ouvi-lo. Mas entrecortado. Como podemos ajudar?

Não conseguiu obter resposta. O tom da voz de Painter manteve-se inalterado. A transmissão não lhe estava a chegar.

Creed ouvira a explosão de Monk.

— É o diretor? Ainda está vivo?

As duas espingardas apontaram para Monk.

— Vivo mas encurralado — respondeu. Ergueu uma mão, esforçando-se por ouvir o rádio. A transmissão continuava má. Havia muita pedra a penetrar, mesmo para um transmissor SQUID.

O soldado gritou-lhe. Creed voltou-se e tentou explicar. Os seus rostos carrancudos passaram da fúria à inquietação.

Enquanto a estática lhe zumbia ao ouvido, Monk considerava as suas opções. Quanto tempo duraria o oxigénio lá em baixo? Conseguiriam arranjar equipamento de escavação pesado a tempo, especialmente com a estrada bombardeada?

Então algumas palavras irromperam pela estática. E esmagaram a sua esperança momentânea. As palavras de Painter foram fragmentadas pela interferência, mas não havia equívoco quanto à ameaça. *«Aqui em baixo... uma ogiva... Vamos tentar...»*

A estática cortou o resto.

Antes que Monk pudesse relatar as más notícias a Creed, um estrondo ecoou pelas montanhas, acompanhado pelo rugido de motas de neve.

Todos se voltaram.

Pela vertente da montanha, um grupo de veículos serpenteava vagarosamente vinda do vale mais abaixo, dirigindo-se para eles.

Monk levou os binóculos aos olhos e focou uma das motas de neve. Tinha dois ocupantes. Enquanto um conduzia, o outro empunhava uma espingarda. Vestiam todos fatos de neve. Totalmente brancos, sem insígnias militares.

Um soldado norueguês isolado tinha já descido até meio caminho. Acenou ao grupo em aproximação.

Uma espingarda soou.

Sangue derramou-se sobre a neve branca.

O soldado caiu.

Monk baixou os binóculos.

Alguém viera fazer a limpeza.

13h09

Painter não sabia se a sua transmissão de rádio fora ouvida. Ele conectara o SQUID à ligação na parede e esperara pelo melhor.

Tudo o que podia fazer agora era correr.

Empurrava um carrinho de *catering* à sua frente. Presa em cima com cabos elásticos seguia a ogiva. Subiu velozmente os cento e cinquenta metros do túnel.

O visor LED brilhava à sua frente.

04:15

Enquanto corria, viu-o descer abaixo da marca dos quatro minutos. Por fim, avistou a porta blindada exterior no cimo da rampa de saída. Tinha sido deixada aberta pelo guarda que espreitara para fora. Pedacos de gelo tinham-se espalhado pelo interior, mas para lá da porta erguia-se uma parede sólida do glaciador fragmentado.

Com um novo ímpeto, disparou rampa acima. Queria a carga colocada o mais próximo possível da abertura. Chegando ao topo, Painter lançou o carrinho

na direção da porta, girou sobre os calcanhares e correu no sentido oposto.

Ao menos a partir dali era sempre a descer.

Voou, a arquejar, esforçando-se por alargar a passada.

Se não podia deter a bomba, mais valia usá-la. Não conhecia a espessura do tampão de gelo do outro lado da porta, mas o poder termobárico explosivo da ogiva era único. A detonação inicial poderia ajudar a quebrar parte do gelo; depois, quando a nuvem de alumínio fluorado se inflamasse, o calor cauterizante vaporizaria e derreteria mais gelo. Mas era na segunda onda explosiva que Painter depositava todas as suas esperanças.

A maior ameaça de uma bomba termobárica era a sua súbita e intensa explosão de pressão. Quando explodia no interior de cavernas ou edifícios fechados, a onda de pressão projetava-se para fora contornando esquinas e atingindo passagens distantes. Pulverizava e penetrava a carne. Rebentava tímpanos, explodia pulmões, fazia jorrar o sangue de todos os orifícios.

Painter esperava que pudesse igualmente destruir o tampão de gelo, fazê-lo saltar como a rolha de uma garrafa de champanhe.

Mas, evidentemente, sem os transformar a todos em polpa no processo.

Quando atingiu o fundo do túnel, lançou-se pela passagem inferior. Deslizou pela esquina e acelerou para o centro da câmara de vácuo.

Abriu a porta de rompante, ouviu o som da pressão a dissipar-se, depois fechou a escotilha atrás de si. As válvulas de ar no teto zumbiram e voltaram a pressurizar a câmara. Quando Painter atravessou a câmara de vácuo, a porta à frente abriu-se rapidamente.

O senador Gorman segurava-a, acenando a Painter para dentro do silo.

— Depressa!

Painter mergulhou no interior. Gorman fechou a porta com um estrondo metálico.

Uma multidão reunia-se em torno da porta, mantendo-se junta apesar da dimensão do silo. O banco de sementes em si era incaracterístico, apenas uma sala cavernosa repleta de estantes numeradas. Contentores pretos idênticos enchiam as prateleiras, como um entreposto comercial que vendesse um único

artigo.

Alguém no grupo contava em voz alta.

— *Onze... dez... nove...*

Painter por pouco não voltara a tempo. Depois de ter aberto a câmara de vácuo, rezava para que a pressão tivesse oportunidade de aumentar a tempo. A melhor hipótese de sobreviver à detonação que se seguiria, era combater a pressão com pressão.

Se a câmara de vácuo não aguentasse, seriam todos esmagados.

— *Oito... sete... seis...*

Karlsen abriu caminho para se juntar a Painter. Os seus olhos estavam muito abertos.

— Krista não está aqui — disse, como se Painter soubesse o que isso queria dizer.

Mas alguém sabia.

— Krista... Krista Magnussen? A namorada de Jason?

A fúria dardejava na voz do senador Gorman.

Painter separou os dois homens.

— Mais tarde.

Primeiro, tinham de sobreviver.

A contagem decrescente prosseguia.

— *Cinco... quatro... três...*

13 de outubro, 12h32

Ilha de Bardsey, País de Gales

Enquanto Gray se preparava para descer à cripta, o verdadeiro coração da tempestade rolava sobre a ilha de Bardsey. Era como se os próprios deuses advertissem contra a violação da tumba.

Com o estrondo dos trovões, os céus abriram-se. A chuva derramou-se em grossos pingos que se despedaçavam como bombas sobre pedras tumulares e cruzes. A norte, os relâmpagos crepitavam em cadeias bifurcadas.

— Eu vou primeiro — disse Gray por entre as descargas.

Lyle correria até à capela vizinha para ir buscar uma corda. Mas, com a chuva a cair com tal violência, Gray receava que o túmulo se inundasse antes que qualquer um deles pudesse examiná-lo.

A abertura da cripta era um buraco no chão com cerca de sessenta centímetros de largura, mal permitindo a passagem de uma pessoa. Descia a mais de dois metros até um chão de pedra. No fundo era mais largo, talvez o dobro da extensão da abertura. Não se conseguia ver mais sem descer.

Agarrando-se às paredes, Gray baixou-se para dentro do buraco. Usou as pernas para se segurar, depois deixou-se cair. Aterrou de cócoras e sacou da lanterna.

Fitou os rostos dos outros em cima.

— Tem cuidado — disse Rachel.

— Informe-me do que vir — acrescentou Wallace.

Kowalski e Seichan mantinham-se mais afastados.

Gray ligou a lanterna e percorreu o poço central. Os lados eram arcadas naturais de pedra a emoldurar paredes de tijolo, ligeiramente recuadas. Imaginou caixões e ossos reduzidos a pó por detrás daquelas paredes. E talvez um dos corpos fosse o de Lord Newborough.

À medida que a chuva escorria pelas paredes, Gray aproveitou para examinar cada superfície. Passou as mãos por elas, procurando pedras soltas, alguma indicação de que o padre Giovanni estivera ali e descobrira alguma coisa.

— E então? — perguntou Wallace.

— Nada.

Rachel afastou-se, mas a sua voz chegou-lhe.

— Lyle vem aí com a corda.

Gray voltou a sua atenção para a quarta parede. Ali, os tijolos emolduravam um arco baixo, pouco mais alto que o meio da coxa. Agachando-se, Gray projetou a sua luz para o interior. O espaço destinava-se claramente a conter um caixão. Posteriormente, a parede seria tapada como as restantes. Mas agora o nicho estava vazio.

Ele sabia que aquela cavidade devia ser importante. Aquela parede ficava de frente para as ruínas da torre da abadia. Pondo-se de gatas na água acumulada, Gray rastejou para dentro do nicho. Era profundo. Para lá da abertura, os tijolos desapareciam e pedra sólida rodeava-o. Gray avançou lentamente até ao fundo da tumba.

Bateu levemente nos lados, passou as palmas pelas superfícies.

Nada.

Embora frustrado, mantinha-se confiante. O que quer que estivesse escondido, tinha de estar por baixo das ruínas de Saint Mary. Mas talvez estivesse errado quanto ao ponto de acesso. Talvez não fosse aquela cripta. O padre Giovanni podia tê-la investigado por sugestão de Lyle — tal como Gray o fazia — e depois prosseguido.

Ouviu chapinhar atrás de si quando alguém se lhe juntou na cripta.

Retrocedeu e saiu do nicho. Rachel estava ali. O cabelo molhado colava-se-lhe ao rosto. Os seus olhos brilhavam sob a luz da lanterna, cheios de esperança. Não podia falhar-lhe.

— Beco sem saída? — perguntou ela.

Ele esboçou uma careta, não apreciando a escolha de palavras, não satisfeito com a sua falta de sucesso.

— Não vi sinais de que o padre Giovanni tenha estado aqui em baixo.

— Posso tentar? — sugeriu ela, estendendo a mão para a lanterna.

Como podia ele recusar?

Passou-lhe a luz. Ela agachou-se sobre uma mão e deslizou para dentro da tumba vazia. O seu corpo pequeno permitia-lhe maior flexibilidade no espaço exíguo. A lanterna varria as paredes.

— Alguma coisa? — perguntou ele.

— Não.

Do alto, Wallace deu voz à preocupação anterior de Gray.

— Talvez seja o buraco errado.

Rachel desistiu e rodou. Numa demonstração de agilidade, deu a volta completa no nicho e encaminhou-se para a saída — depois imobilizou-se.

— O que foi? — indagou Gray.

— Vem ver.

A lanterna estava apontada na sua direção. Protegendo os olhos, começou a rastejar para ela.

— Não — alertou ela. — Desliza para dentro de costas.

Gray obedeceu. Ensopado, voltou-se, apoiou-se nos cotovelos e impeliu-se com as pernas para o interior do nicho. De rosto para cima *era* a posição apropriada para jazer dentro de um túmulo.

— O que há aí em baixo? — gritou Wallace.

— Ainda não sei — respondeu Gray, enquanto se introduzia mais fundo.

— Até ao fim — instou Rachel.

Ele continuou a deslizar. A sua cabeça acabou por se encontrar entre os joelhos dela. Ela inclinou-se sobre ele com a lanterna. Cheirava a lã molhada.

Ele estava perfeitamente consciente do seu peito sobre a sua cabeça.

— Vê — disse ela.

Ele estava a ver, mas provavelmente ela queria dizer para onde a lanterna apontava. Ele teve de se torcer sobre os cotovelos e olhar na direção da entrada. Não viu nada a princípio, apenas a secção final de tijolo que encerrava o nicho de pedra natural.

— Repara como todos os tijolos estão dispostos na horizontal, mas vê os três que limitam a berma da abertura. No topo e em cada um dos lados.

Gray viu-o então, também.

— Estão colocados verticalmente.

A abertura descrevia um meio círculo perfeito. Os três tijolos verticais assinalavam as posições do relógio relativas às 12, 3 e 9 horas.

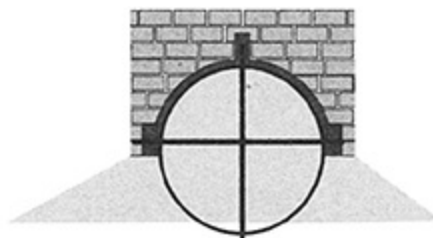


— Achas que tem algum significado? — inquiriu Rachel.

Gray achava que sim.

— É como meia cruz pagã.

No reflexo da água acumulada, quase podia ver a restante metade do círculo. Imaginou o símbolo completo, traçando linhas a ligar as pedras. Formaria a cruz druídica que seguiam desde o início.



— Mas o que significa? — insistiu Rachel.

— Deixa-me tentar uma coisa.

Gray rastejou sobre os cotovelos para fora do nicho, depois voltou-se ao contrário e entrou de barriga para baixo, os pés primeiro desta vez. Esperava não se estar a ensopar por completo para nada.

Wallace chamou.

— E então?

— Ainda a ver — respondeu Gray, a voz tensa.

Colocou-se por debaixo da entrada e examinou os três tijolos. Os dois dos lados pareciam incaracterísticos e solidamente fixos. Esticando-se, agarrou o tijolo de cima. Não parecia diferente — até que ao tatear os seus dedos roçaram o bordo superior. Havia um ligeiro entalhe, perfeito para agarrar.

Colocou os dedos em posição e puxou.

A pedra rodou para fora. Prendeu por um instante, mas, quando lhe deu um novo puxão, um estalido metálico soou atrás de si — seguido de um esmerilar de pedra. Ambos se torceram e espreitaram sobre o ombro. A parede do fundo abriu-se, revelando uma estreita escadaria que conduzia a um nível inferior.

— A entrada — murmurou Rachel junto ao seu ouvido. — Encontrámo-la.

Foi necessário algum esforço para recuar até à abertura e ao vão de escadas. Embora estreito, permitia a posição erguida.

Rachel varreu a curta série de degraus de tijolo com a lanterna.

— Aquilo é um túnel, ali no fundo das escadas?

Gray desceu para investigar, mas, quando a sua bota alcançou o quinto degrau, sentiu a escada ceder uns milímetros com o seu peso.

Um novo estalido metálico soou.

O coração parou-lhe, enquanto uma única palavra se cristalizava na sua mente.

Armadilha.

Atrás deles, a abertura começou a fechar-se. Rachel soltou um grito e lançou-se para a saída. Mas foi tarde demais. A abertura selou-se com um baque distinto e definitivo.

Ela bateu com os punhos na parede de pedra, mas inutilmente.
Estavam presos.

12h42

Seichan ouviu Rachel gritar — depois o estrondo de um trovão ensurdeceu todos os que se encontravam acima da cripta.

Quando o eco se dissipou, Wallace debruçou-se sobre o buraco.

— Encontraram alguma coisa aí em baixo?

Não houve resposta.

Seichan notou igualmente que o brilho da lanterna desaparecera. Algo estava errado. Reagindo por instinto, cerrou os braços contra o corpo e deixou-se cair suavemente pela exígua abertura. Aterrou com um chapinhar, absorvendo o impacto com os joelhos. Os seus dedos já agarravam a lanterna. Lançou o braço na direção do nicho escuro e ligou a luz. O brilho do feixe abriu caminho até ao fundo da cripta.

Estava vazia.

— O que se passa? — chamou Wallace de cima.

— Desapareceram.

Kowalski aproximou-se, a destilar água e mau humor. Lyle fora buscar guarda-chuvas.

— O que é que eu vos disse... nunca se metam por um buraco com Pierce.

— Pode ser bom sinal — disse Wallace.

Kowalski voltou-se para ele com um olhar sinistro.

— Podem ter encontrado a entrada secreta — elaborou Wallace.

Mas o grito de Rachel não fora uma exclamação feliz de descoberta.

Seichan debruçou-se para dentro da cripta. Gritou com toda a força dos seus pulmões.

— Pierce! Rachel!

Dardejavam relâmpagos e rolavam trovões, mas Seichan conseguiu perceber

um débil chamado. Pelo menos ainda estavam vivos. Trepou mais longe.

— Não consigo entender! — gritou.

Um sonoro chapinhar assustou-a. Olhou de relance sobre o ombro e viu Wallace atrás de si com uma mão na corda.

— Eu não faria isso — advertiu Kowalski lá de cima.

— Silêncio! — disparou Seichan.

Esticou a cabeça e escutou. Percebeu a voz de Gray. Fechou os olhos, concentrando-se. As suas ordens eram entrecortadas. Imaginou-o com as mãos em concha em volta da boca e a gritar.

— *Por dentro! Um tijolo vertical! Sobre a entrada! Puxe-o!*

Necessitando de ambas as mãos para procurar, desligou a lanterna e torceu o corpo por completo para dentro da cripta. Tateando às cegas ao longo da entrada, percorrendo os tijolos com os dedos, encontrou aquele que condizia com a descrição de Gray. Procurou no topo, descobriu um entalhe onde agarrar e puxou-o com força.

Soou um estalido sonoro.

A parede do fundo do nicho abriu-se. Vislumbrou o rosto desorientado de Rachel. Gray estava junto do seu ombro.

— Ficámos presos — disse Gray. — Chame os outros, mas tenham cuidado com o quinto degrau. Sela a porta.

Por detrás de Seichan, Wallace apontou-lhes a lanterna.

— Encontraram o acesso. Fantástico! Simplesmente fantástico!

Após alguma discussão, todos desceram em segurança as escadas até ao túnel inferior. Uma passagem escura de pedra conduzia para um declive íngreme.

Kowalski recusou-se a acompanhá-los, gritando de cima.

— Vocês vão. Eu espero pelos guarda-chuvas.

De um dos lados, Rachel falou.

— Olhem para isto. — Ela apontou a lanterna para uma grossa alavanca de bronze no chão, junto à base da escadaria. — Penso que deve ser um travão para destrancar aquela porta secreta.

— Devia ser como o padre Giovanni entrava e saía — disse Gray. — De

qualquer forma, é melhor mantermos a saída aberta para o caso de ser preciso.

Como precaução, Gray pusera um pedaço solto de uma lápide do cemitério a bloquear a abertura. Seichan respeitara a sua decisão. Ela preferia deixar uma porta dos fundos aberta em caso de dificuldade.

Wallace apontou a sua lanterna ao longo do túnel.

— Os monges medievais engendravam frequentemente alçapões e salas ocultas nas suas abadias e mosteiros. Esses lugares estavam crivados de passagens secretas como esta. Era um dos meios de se esconderem dos saqueadores. Além disso, os túneis ofereciam uma forma de espiar os seus hóspedes. Naqueles tempos difíceis, o conhecimento provava-se uma defesa tão importante quanto um escudo.

— Então, vamos lá ver o que estes monges escondiam aqui em baixo — disse Gray, liderando o caminho.

Os outros seguiram-no. Seichan manteve-se na retaguarda.

A passagem descia íngreme, mas não demoraram muito a chegar ao fim. O túnel abria para um espaço abobadado. Não havia outras saídas.

— Devemos estar mesmo por baixo das ruínas da torre — disse Gray.

Wallace passou uma mão pela parede.

— Não há marcas de cinzel ou de picão. É uma caverna natural.

Mas os olhos do professor mantinham-se focados no meio da câmara. Um sarcófago maciço repousava no centro do espaço, à altura da cintura, e parecia talhado de um único bloco de pedra.

Atrás da urna, contra a parede distante, erguia-se uma cruz celta.



Enquanto os outros se moviam na direção do sarcófago, Seichan estudava a cruz. Não era tão ornamentada como as restantes no cemitério da abadia. Aquela era simples e mais grosseiramente talhada, fazendo-a parecer mais antiga. As únicas decorações eram umas poucas espirais em baixo-relevo e a incisão de pequenos blocos no elemento circular da cruz.

Ignorando a cruz, os outros tinham voltado a sua atenção para a urna de pedra que repousava no chão. Os lados eram lisos e a tampa encontrava-se no seu lugar.

— Poderia ser o local de descanso de Lord Newborough? — perguntou Rachel.

Wallace apoiou uma mão na tampa e correu os seus dedos pelo lado áspero.

— Demasiado antigo. Se Newborough está aqui em baixo, provavelmente estará sepultado numa daquelas outras criptas seladas. Este é o túmulo de outra pessoa. Além de que o sarcófago é feito de pedra azulada, idêntica à das pedras verticais neolíticas da região. Deve ter sido extraída de algures no continente e embarcada até aqui. Um empreendimento notável. A minha hipótese é que este será o túmulo de algum daqueles antigos construtores de círculos, possivelmente alguém da realeza.

Rachel falou.

— Como a rainha fomoriana?

— Sim, a nossa deusa de pele escura — disse Wallace, mas subitamente

pareceu perturbado.

Franzindo o sobrolho, debruçou-se. Segurou a lanterna contra o lado do sarcófago e fez incidir a luz na sua superfície. Os seus dedos percorreram a pedra.

— Parece ter existido algo gravado aqui. Algum tipo de decoração, talvez mesmo de escrita. Mas alguém o apagou quase por completo.

Franziu o sobrolho perante tal profanação.

Gray olhou para cima.

— Se isto remonta ao período neolítico, a Igreja pode ter limpo as gravações originais.

— *Aye*. Isso seria característico deles. Se algo não se encaixava no seu dogma, era frequente destruí-lo. Vejam o que se passou com os códices maias, uma imensa fonte de antigo conhecimento. A Igreja considerou-os obras do diabo e foram quase todos queimados.

Seichan reconheceu uma contradição e aproximou-se.

— Então porque não destruíram simplesmente o sarcófago? Porquê dar-se ao trabalho de o limpar?

Wallace respondeu-lhe.

— Tratando-se de um marco tumular, podiam querer respeitar a sepultura. Na altura, a Igreja não estava acima das suas próprias superstições. Podiam não ter querido perturbar as ossadas.

Gray expressou a sua própria interpretação.

— Ou talvez o que lá estivesse guardado tivesse valor para eles.

— Como a chave do Juízo Final — disse Rachel.

Seichan ignorou o olhar de Rachel na sua direção. Limitou-se a cruzar os braços.

Gray inclinou-se e examinou a tampa.

— Parece ter sido selado a cera, em tempos. — Retirou as mãos e tirou fragmentos dos seus dedos. — Mas alguém quebrou o selo.

— Deve ter sido o padre Giovanni — disse Rachel. — Vejam aqui. — Ela deslocara-se para junto da velha cruz e apontava para as paredes de ambos os

lados.

Traçados a carvão, havia notações e cálculos feitos por mão moderna e decidida. Parecia que o padre Giovanni tinha medido todas as dimensões da cruz. Desenhara igualmente um círculo perfeito à sua volta. Mais linhas entrecruzavam-no num padrão impenetrável. Para Seichan, aquilo tinha um ar vagamente arcano.

O que estava Marco a fazer ali?

Gray estudou a cruz. Pela sua expressão Seichan viu que ele refletia. Se alguém podia encontrar a chave, era aquele homem.

Gray finalmente afastou-se. Seichan supôs que parte da sua mente continuava a trabalhar no mistério da cruz, mas ele apontou para o sarcófago.

— Se Marco quebrou o selo, vejamos o que ele descobriu.

13h03

Foram necessários todos para mover a tampa.

Como o conseguiu o padre Giovanni sozinho?, interrogava-se Gray, enquanto firmava os pés e empurrava. *Teria tido ajuda? Ou teria trazido algumas ferramentas?*

No entanto, a força bruta provou-se suficiente. Com um raspar de pedra sobre pedra, empurraram a tampa para o lado, mantendo-a em equilíbrio por cima do sarcófago.

Gray fez brilhar a luz da sua lanterna no interior do sarcófago. O espaço côncavo fora escavado no bloco de pedra azulada. Ele esperava encontrar alguns ossos esboroados, mas, embora houvesse espaço para um corpo, o sarcófago estava vazio.

À exceção de um artigo.

Um livro maciço, envolto em couro grosso, repousava no centro. Tinha trinta centímetros de largura e de espessura e o dobro de comprimento. Parecia perfeitamente preservado. Muito provavelmente, o túmulo não fora perturbado

desde que fora encerrado e selado a cera.

Gray estendeu as mãos para ele.

— Cuidado — sussurrou Wallace. — Não o queremos danificar. Devíamos estar a usar luvas.

Gray hesitou, sentindo a antiguidade do texto.

Apesar das suas palavras de cautela, Wallace gesticulou para Gray impacientemente.

— De que está à espera?

Engolindo em seco, Gray colocou delicadamente dois dedos no bordo do livro. Certamente, o padre Giovanni já o abrira pelo menos uma vez. Enquanto Gray levantava a pesada capa, a encadernação, provavelmente tensa e ressequida, resistiu à abertura.

— Com cuidado, agora — instou Wallace.

Gray abriu a capa por completo e apoiou-a contra uma das paredes da arca de pedra. A primeira página estava em branco, mas era suficientemente transparente para deixar ver as ricas cores da página seguinte.

Wallace chegou-se mais perto.

— Deus do Céu...

O professor estendeu as mãos e voltou aquela primeira página.

— É velino — disse ele, sentindo o papel. Mas os seus olhos dilataram-se quando descobriu o que se encontrava por baixo.

Sob o feixe das lanternas, a tinta da página seguinte cintilou como joias fundidas. Carmesins escuros, amarelos dourados e púrpuras tão ricos que pareciam húmidos. As ilustrações eram meticulosas e compactas, representando figuras humanas estilizadas emolduradas por nós e intrincados arabescos. No centro da primeira página, rodeado e sustentado pela intensidade e força do trabalho artístico, um homem de barba e coroa sentava-se num trono de ouro.

Representava claramente Cristo.

— É um manuscrito iluminado — declarou Rachel, impressionada pela sua beleza.

Wallace voltou mais algumas páginas.

— É uma Bíblia.

O seu dedo pairava sobre as linhas nítidas de texto em latim que fluíam hermeticamente ao longo das páginas. A caligrafia era ornamentada, com imagens fantásticas entrelaçadas nas letras maiúsculas. As margens eram igualmente decoradas com uma amálgama de animais míticos, crianças aladas e infundáveis emaranhados de nós.

— A iconografia recorda-me o Livro de Kells — disse Wallace. — Um tesouro da iluminura irlandesa que remonta ao século oito. Foi o resultado de décadas de trabalho de monges em clausura. E esse livro apenas abrangia os quatro evangelhos do Novo Testamento.

A voz de Wallace tremia.

— Penso que este livro é a Bíblia *completa*. — Abanou a cabeça. — Se assim for, é inestimável.

— Nesse caso, porque foi deixado aqui? — questionou Seichan. Até mesmo ela se aproximara para ver o livro.

Wallace limitou-se a abanar a cabeça. Mas cuidadosamente passou mais algumas folhas da Bíblia e surgiu uma resposta.

Havia um buraco no centro do livro. O buraco perfurava as páginas e formava um pequeno compartimento com sete centímetros de lado e dois de profundidade.

Wallace arquejou face à destruição.

Gray debruçou-se mais perto. O buraco destinava-se claramente a conter alguma coisa, a mantê-la escondida e preservada. Sem se virar, Gray estendeu a mão a Rachel. Ela procurou num bolso no interior do seu casaco.

Todos sabiam o que outrora devia estar ali escondido.

Instantes depois, Rachel colocou o artefacto de couro na palma de Gray. A bolsa parecia feita do mesmo couro que envolvia o livro. Segurou o objeto sobre o compartimento. Encaixava-se perfeitamente na cavidade.

— O padre Giovanni levou o artefacto, mas deixou a Bíblia — disse Gray, visualizando o dedo mumificado no interior da bolsa. — Porquê?

Essa única palavra envolvia múltiplas perguntas.

Wallace acrescentou mais uma.

— Porque não falou Marco a ninguém sobre isto?

— Talvez tenha falado — disse Seichan friamente. — Para ser perseguido e assassinado, tinha de ter contado a alguém.

— Ela tem razão — percebeu Gray. — Talvez Marco não tenha revelado *tudo* o que sabia... como a descoberta da Bíblia... mas contou a alguém o suficiente para ser morto.

— Oh, céus... — deixou escapar bruscamente Wallace.

Gray voltou-se para ele.

— Há cerca de dois anos, Marco contactou-me. Precisava de dinheiro para continuar as suas viagens. Eu disse-lhe que o meu patrocinador, a Viatus, poderia estar disposto a financiar qualquer investigação complementar relacionada com a minha escavação. Dei-lhe o nome do meu contacto. Uma investigadora. Magnussen era o nome.

Seichan retesou-se ao lado de Gray, mas manteve-se em silêncio.

— Mas não tive mais notícias de Marco depois disso. — Wallace parecia chocado. — Assumi que não se dera ao trabalho. Nunca mais me lembrei disso até agora. Deus do Céu, eu posso tê-lo conduzido diretamente aos seus assassinos.

Gray visualizou o cenário na sua mente. Fazia sentido. A Viatus teria contratado Marco, sobretudo se ele se propusesse procurar um potencial agente contra o que quer que tivesse matado aquelas múmias. Como poderiam recusar? Mas então, em algum momento, Marco descobrira algo que o assustara o suficiente para o fazer correr para Roma, a fim de se encontrar com Vigor Verona e revelar-lhe tudo o que sabia. Os seus patrões devem ter tido conhecimento do que ele planeava fazer e eliminaram-no.

Wallace mantinha uma mão pressionada contra a boca, ainda em choque. Com a outra mão, repôs de novo as páginas soltas sobre a cavidade aberta na Bíblia, escondendo a violação do livro, como se isso pudesse minorar a sua própria culpa.

Rachel falou, enquanto aceitava de volta a bolsa.

— O padre Giovanni levou o artefacto, mas a questão crucial é: *quem* o deixou aqui e *porquê*?

As suas palavras levaram-nos de volta ao coração do mistério. A vida dela dependia da descoberta dessas respostas.

— Talvez possa responder à questão de *quem* deixou a Bíblia — disse Wallace, respirando fundo para se acalmar.

Gray voltou-se para o homem, surpreendido.

— Quem?

— Provavelmente o proprietário da Bíblia.

Wallace apontou de novo o livro, para o lado de dentro da capa de pele. Uma página de velino fora colada aí.

Antes, Gray estava tão concentrado no conteúdo do livro, que não reparara naquela página encoberta pela capa. Examinou-a então. Era densamente ilustrada como o restante da obra, mas o teor centrava-se num nome estilizado, possivelmente o do proprietário do precioso livro.

Wallace leu o nome tão dramaticamente ilustrado.

— Máel Máedóc Ua Morgair.

O nome não dizia nada a Gray. A falta de conhecimento devia ser evidente no seu rosto.

— Não se pode viver nestas paragens sem conhecer esse nome — explicou Wallace. — Sobretudo na minha profissão.



— Quem é?

— Um dos mais famosos santos irlandeses, logo a seguir a São Patrício. O seu nome de batismo era Máel Máedóc, que latinizado é *Malaquias*.

— São Malaquias — disse Rachel, claramente reconhecendo o nome.

— Quem foi? — indagou Gray.

— São Malaquias nasceu no mesmo ano em que foi escrito o Doomsday Book. — Wallace deixou o peso do facto assentar, antes de prosseguir. — Começou como abade de Bangor, mas chegou a arcebispo. Passou grande parte da sua vida em peregrinação.

— Por isso é muito provável que tenha vindo para aqui?

Wallace assentiu.

— Malaquias era um homem muito interessante, uma espécie de arcebispo rebelde. Ele preferia viajar misturando-se com os pagãos e crentes da região, espalhando a palavra dos Evangelhos. Movia-se facilmente entre os dois mundos e acabou por negociar uma paz duradoura entre a Igreja e aqueles que seguiam as tradições antigas.

Gray recordou a convicção anterior de Wallace de que os últimos pagãos teriam lançado uma guerra final ao Cristianismo, possivelmente usando uma arma biológica adquirida dos antigos.

— Acha que parte dessa paz negociada poderia ser o conhecimento da praga

e da sua cura, a proverbial chave do Doomsday Book?

— A sua marca está definitivamente aqui. — Wallace gesticulou em direção ao livro. — E depois, há também a razão por que Malaquias foi canonizado, por que foi considerado digno de ser tornado santo.

— E qual foi?

— Ora, aí está o busílis — disse Wallace. — Malaquias foi conhecido ao longo de toda a sua vida pelo milagre da *cura*. Há uma longa litania de curas miraculosas atribuídas a esse santo.

— Tal como na história da ilha de Bardsey — disse Gray.

— Mas há igualmente uma outra história em torno de Malaquias. Originária da minha doce Escócia. Malaquias passou numa ocasião por Annandale e pediu ao senhor da terra que poupasse a vida a um ladrão. O senhor aquiesceu, mas acabou por enforcá-lo. Indignado, Malaquias amaldiçoou-o... e não apenas o senhor morreu, como todos os da sua casa.

Wallace olhou significativamente para Gray.

— Cura e maldição — murmurou Gray.

— Parece que Malaquias aprendeu *algo* dos seus novos amigos druidas, algo que a Igreja decidiu manter em segredo.

Rachel interrompeu.

— Mas não falou daquilo por que Malaquias é mais conhecido.

— Ah, refere-se às profecias — disse Wallace, com um revirar de olhos.

— Que profecias?

Rachel respondeu.

— As profecias dos papas. Diz-se que, numa peregrinação a Roma, Malaquias caiu em transe e teve uma visão de todos os papas desde o seu tempo até ao fim do mundo. Conscienciosamente, registou tudo por escrito.

— Um perfeito disparate — contrapôs Wallace. — Diz-se que a Igreja supostamente encontrou o livro de Malaquias nos seus arquivos uns quatrocentos anos *depois* de o homem morrer. Muito provavelmente, tratava-se de uma falsificação.

— E outros alegam que se tratava de uma *cópia* do texto original de

Malaquias. Seja como for, as descrições de cada papa revelaram-se com o passar dos séculos estranhamente corretas. Vejam-se os dois últimos papas. Malaquias descreve João Paulo II como *De Labore Solis*. Ou, traduzindo, «Da Labuta do Sol». Ele nasceu durante um eclipse solar. E o atual papa, Bento XVI, foi descrito como *De Gloria Olivae*. «A Glória da Oliva». E o símbolo da ordem beneditina é um ramo de oliveira.

Wallace ergueu uma mão em sinal de rejeição.

— Apenas interpretações excessivas de fragmentos crípticos do latim.

Rachel voltou-se para Gray procurando compreensão.

— Mas o mais perturbador de tudo é que o atual papa é o centésimo décimo primeiro na lista de Malaquias. O próximo papa... *Petrus Romanus*... será o último de acordo com a profecia. Ele será o papa em exercício quando o mundo chegar ao seu fim.

— Então, estamos todos condenados — disse Seichan, expressando o mesmo ceticismo de Wallace.

— Bem, eu seguramente estou — ripostou Rachel, silenciando-a. — A menos que encontremos a maldita chave.

Gray manteve-se calado. Evitou argumentar sobre o assunto. Mas Rachel tinha razão quanto a uma coisa. Eles tinham de encontrar a tal chave. Enquanto se levantava, contemplou o significado de encontrar a Bíblia daquele santo morto num sarcófago pagão. Mas mais do que isso...

— Acha que era o dedo de São Malaquias no interior da Bíblia? — inquiriu Gray.

— Não — respondeu firmemente Wallace. — Este sarcófago é demasiado antigo. Muito mais antigo. A minha suposição é que ele data do tempo de Stonehenge. Alguém foi aqui sepultado, mas não Malaquias.

— Então quem? — indagou Gray.

Wallace encolheu os ombros.

— Como eu disse, possivelmente alguém da realeza neolítica. Talvez a rainha pagã de pele escura. Contudo, suspeito que esse dedo seja tudo o que resta de quem quer que tenha sido originalmente sepultado aqui.

— Porque pensa isso?

— E onde está o resto do corpo? — acrescentou Rachel.

— Traslado. Provavelmente pela Igreja. Talvez pelo próprio Malaquias. Mas deixaram aqui o dedo, como era tradição na altura. Era pecado mover um corpo do seu lugar de descanso, a menos que se deixasse uma pequena parte para trás.

— Uma relíquia dessa pessoa — reconheceu Rachel com um aceno. — Para que pudesse continuar a descansar em paz. O tio Vigor falou-me disso uma vez. Era considerado sacrilégio agir de outra forma.

Gray fitava o sarcófago.

— Malaquias usou a sua própria Bíblia para preservar a relíquia. Deve ter acreditado que quem quer que aqui estivesse sepultado era digno dessa honra.

Gray recordou igualmente a descrição de Marco feita pelo padre Rye no dia em que regressara da ilha muito perturbado. O jovem sacerdote passara a noite a rezar por perdão. Seria por ter subtraído a relíquia, profanando assim um túmulo que fora sacralizado por um santo da sua própria Igreja? E se assim fora, o que o teria impelido a isso? Porque pensaria ser tão importante?

Rachel fez outra pergunta significativa:

— Porque foi o corpo sequer transferido?

Wallace propôs uma explicação.

— Talvez para manter em segurança o que quer que aqui estivesse escondido. No tempo de Malaquias, a Inglaterra e a Irlanda eram constantemente atacadas por ondas sucessivas de invasores viquingues. A ilha, sem fortificações, teria sido especialmente vulnerável.

Gray concordou.

— E se esta cripta era onde estava guardada a chave, esta deve estar de alguma forma ligada ao corpo aqui sepultado. Pelo que, para preservar o conhecimento, corpo e chave tiveram de ser transferidos para um local mais seguro.

— Mas que diabo é essa chave? — inquiriu Seichan. — De que é que estamos verdadeiramente à procura?

Gray olhou para a outra única pista deixada pelo padre Giovanni. Deslocou-se até à parede e estudou as notações a carvão junto da cruz. Pousou uma mão sobre a parede. O que estaria Marco a tentar perceber?

Os outros reuniram-se à sua volta.

Fitou em cima a cruz celta. Só então se apercebeu de uma coisa.

— A cruz — disse ele, correndo os dedos por ela. — É feita do mesmo material do sarcófago. Parece mesmo raspada tal como o túmulo.

Wallace chegou-se mais perto.

— Tem razão.

Gray encarou-o.

— Isto não foi colocado aqui por Malaquias ou por qualquer outro cristão para marcar a sepultura.

— Já se encontrava aqui.

Gray observou a cruz com novos olhos, não a vendo como um símbolo *cristão*, mas *pagão*. Ofereceria alguma pista quanto ao que era verdadeiramente a chave? Pelas notações na parede, o padre Giovanni estivera a tentar perceber alguma coisa.

Precisando de saber mais, Gray apontou a sua lanterna à base da cruz.

— O conjunto de três espirais no pé da cruz. Há algum significado particular em relação a elas?



Wallace juntou-se a Gray e Rachel.

— É uma espiral tripla. Mas não são na verdade *três* espirais. Apenas uma.

Veja como as três se unem e combinam para formar um único padrão sinuoso. Este mesmo padrão triplo pode ser encontrado em antigos menires por toda a Europa. E, tal como muitos símbolos pagãos, a Igreja apropriou-se deste também. Para os celtas, representava a vida eterna. Mas, para a Igreja, era a representação perfeita da Santíssima Trindade. O Pai, o Filho e o Espírito Santo. Todos enlaçados. Os três que são um só.

Gray moveu o seu olhar para cima até à espiral única inscrita no meio da cruz, como o eixo de uma roda.



Recordou-se das informações iniciais de Painter sobre o símbolo. De como a cruz pagã e a espiral se encontravam frequentemente combinadas, uma sobrepondo-se à outra. A cruz era um símbolo da Terra. E a espiral assinalava a jornada da alma, elevando-se deste mundo para o próximo, como uma espiral de fumo.

A atenção de Gray desviou-se para as marcas do padre Giovanni na parede. Pressentiu algum sentido por detrás das notações e linhas. Quase podia tocá-lo, mas permanecia desesperadamente fora de alcance.

Aproximando-se, Gray pousou a lanterna e estendeu a mão para a secção circular da cruz. Passou os dedos pelas marcas gravadas.

Como raios numa roda.

Quando a ideia lhe veio à mente, ainda fitava a espiral no centro da cruz. Comparara-a anteriormente ao eixo de uma roda. Parecia até estar a rodar.

Então soube.

Talvez o tivesse pressentido desde o início, mas não tinha conseguido sair do simbolismo cristão. Agora, considerando a cruz sob um novo prisma e pondo de

lado todas as ideias preconcebidas, reconheceu o que o atormentava.

— É uma roda — compreendeu.

Estendendo os braços com mais firmeza, agarrou o círculo de pedra e rodou-o no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio, na direção do encaracolar da espiral.

Moveu-se!

Enquanto girava a roda, os olhos desviaram-se para os cálculos traçados na parede. A cruz escondia uma pista sobre a chave, mas para a revelar era necessário conhecer o código correto. A roda devia atuar como uma combinação de segredo, protegendo alguma câmara secreta onde estaria escondida a chave.

Pelos cálculos na parede, Marco devia ter estado a trabalhar nessa sequência correta, tentando descobrir os números da combinação.

Infelizmente, Gray percebeu algo tarde demais.

Só havia oportunidade para uma tentativa.

E aquela estava errada.

Um pesado estrondo abalou o chão debaixo dos seus pés, que se afundou subitamente. Agarrou a cruz e prendeu os dedos na barra transversal. Olhando sobre o ombro, viu a metade posterior do chão da câmara elevar-se. Todo o chão se inclinava — afastando-se da única saída.

Os outros gritavam e esforçavam-se por se segurar.

A tampa de pedra deslizou do sarcófago, arrastou-se pelo chão inclinado e tombou pela fenda sob os pés de Gray. A sua lanterna já rolara para dentro do fosso. O seu brilho revelava um fundo coberto de espigões de bronze, todos apontados para cima.

A tampa de pedra esmagou-se e despedaçou-se contra eles.

Atrás de Gray, o chão continuava a inclinar-se, na vertical, procurando lançar todos para o fundo.

Wallace e Rachel tinham conseguido colocar-se atrás do sarcófago e agarravam-se a este. A urna permanecia no lugar, ancorada ao chão. Seichan não conseguiu alcançar o refúgio a tempo. Deslizava em direção ao fosso.

Rachel estendeu um braço e agarrou-lhe a parte de trás do casaco quando ela

passou a escorregar. Puxou Seichan o suficiente para ela se segurar à borda do sarcófago.

Rachel continuou a agarrá-la. Naquele precário momento, cada uma das mulheres dependia da outra para viver.

À medida que o chão se inclinava completamente na vertical, Seichan ficou suspensa tal como Gray.

Mas Gray não tinha ninguém a segurá-lo.

Os seus dedos escorregaram e ele mergulhou ao encontro dos espigões.

13 de outubro, 13h13
Svalbard, Noruega

A ogiva detonou na hora programada.

Mesmo abrigado atrás de duas portas de aço e muros de pedra, Painter sentiu a explosão como se um gigante lhe colocasse as mãos sobre os ouvidos, tentando esmagar-lhe o crânio. E, contudo, ouviu as câmaras de vácuo dos outros dois bancos de sementes explodirem. Pela violência do abalo, o mesmo gigante batera com os pés e esmagara as outras câmaras.

Agachado junto à câmara de vácuo, Painter ouviu a porta exterior ceder e embater na porta interior com um baque ressonante. Mas a última porta aguentou. O aumento da pressão na câmara de vácuo fora suficiente para conter a onda súbita da explosão.

Painter tocou a porta de aço com alívio. A sua superfície estava quente, devido à explosão secundária da bomba termobárica.

As luzes também se apagaram. Mas o grupo preparara-se para isso. Tinham sido distribuídas lanternas, que se acendiam pela câmara como velas no escuro.

— Conseguimos — disse o senador Gorman ao seu lado.

A sua voz soava ténue aos ouvidos afetados de Painter. Os outros começaram a levantar-se do chão. Exclamações de alívio, mesmo alguns risos nervosos, espalharam-se entre os convidados e funcionários.

Painter detestava ser o portador de más notícias, mas não tinham tempo para

falsas esperanças.

Levantou-se e ergueu o braço.

— Silêncio! — gritou, e captou a atenção de todos. — Ainda não saímos daqui! Ainda não sabemos se a explosão foi suficiente para romper a parede de gelo que nos prende aqui em baixo. Se ainda estivermos encurralados, as equipas de salvamento poderão demorar dias.

Painter gesticulou na direção do engenheiro da manutenção do silo para confirmação. Ele vivia ali. Conhecia o terreno e os recursos do arquipélago.

— Podem demorar mais de uma semana — disse ele. — E isso se a estrada ainda estiver aberta.

O que era de duvidar, considerando a barragem de mísseis que Painter ouvira. Mas manteve isso para si mesmo. As notícias já eram suficientemente más. E ainda tinha mais para dizer.

Painter apontou para a porta.

— O fogo terá consumido grande parte do oxigénio disponível e tornado o ar tóxico lá fora. Mesmo que a saída tenha sido aberta, estes níveis inferiores continuarão repletos de ar viciado. Encontramo-nos no único lugar seguro aqui em baixo. Mas a segurança durará apenas dois, talvez três dias.

O engenheiro pareceu querer encurtar a projeção, mas Painter deteve-o com uma mão sobre o braço. Evitou igualmente revelar ao grupo a verdadeira razão para a sua pressa.

Quem quer que tivesse atacado podia voltar.

A multidão ficou em silêncio à medida que as graves informações foram assentando.

Finalmente, Karlsen falou da ponta do grupo. Este era formado na grande maioria pelos seus convidados.

— O que fazemos, então?

— Alguém tem de ir lá fora. Verificar a porta. Se estiver aberta, terá de correr um longo percurso entre um caldo tóxico. Alguém precisa de sair daqui e trazer ajuda. Os restantes permanecerão aqui, onde é seguro por enquanto.

— Quem irá lá fora? — perguntou o senador Gorman.

Painter ergueu a mão.

— Eu.

Karlsen avançou.

— Não irá sozinho. Eu vou consigo. Necessitará de um par de mãos extra.

Tinha razão. Painter não sabia o que poderia encontrar. Podia haver um desmoronamento parcial, um emaranhado de equipamento destruído. Podia ser necessária mais do que uma pessoa para remover um obstáculo. Mas fitava Karlsen com ceticismo. Não era nenhum jovem.

Karlsen leu a dúvida no seu rosto.

— Fiz meia maratona há dois meses. Corro diariamente. Não o vou atrasar.

O senador juntou-se-lhe.

— Nesse caso, irei também.

Claramente, Gorman não ia deixar o assassino do seu filho fora de vista. E, para dizer a verdade, Painter também não queria que o fizesse. Tinha muitas perguntas a fazer ao homem, perguntas que podiam ser vitais para impedir um desastre ecológico.

Contudo, preferia que ambos permanecessem ali.

Mas Karlsen apresentou um argumento que Painter não podia contrariar. Gesticulou em direção à porta.

— A questão não está sujeita a debate. Quer queira quer não, não pode impedir-me de o seguir. Eu vou.

Gorman pôs-se ao lado do homem quanto àquele ponto.

— Vamos os dois.

Painter não tinha tempo para discutir. Não tinha autoridade para algemar Karlsen a uma das estantes. Na verdade, Karlsen dispunha ali de mais apoiantes do que Painter.

— Vamos então.

Painter pegou numa das lanternas. Usou um cantil para humedecer alguns lenços, envolvendo com eles a parte inferior do rosto, tapando a boca e o nariz.

— Tentem conter a respiração o mais possível.

Eles assentiram.

O engenheiro arranjara igualmente alguns pares de óculos de proteção contra o ardor do ar aquecido e do fumo.

Estavam tão preparados quanto possível.

Uma vez prontos, Painter postou-se junto à porta. Deixou o engenheiro da manutenção no comando. Se falhassem, o homem dispunha de conhecimentos para manter os outros em segurança pelo máximo de tempo possível.

— Quando eu abrir a porta, a pressão estará mais elevada aqui dentro do que lá fora. Por isso feche-a assim que partirmos e não a abra a menos que o solicitemos. Se o caminho estiver bloqueado, regressaremos de imediato. Senão, reze pelo melhor.

— Não parei de rezar desde que vi aquela bomba — disse o engenheiro com um ténue sorriso.

Painter pousou-lhe a mão no ombro e voltou-se para Gorman e Karlsen.

— Prontos? — perguntou.

Obteve dois acenos.

Painter virou-se para o engenheiro.

— Abra-a. — Depois para os seus dois companheiros. — Inspirem fundo.

A porta abriu-se com um perturbante sibilar de ar a escapar e uma onda de calor incrível. Painter lançou-se por ela para o interior do túnel às escuras. Foi como mergulhar numa sauna. Mas aquele vapor queimava a pele com mais do que simples calor. Painter sentiu o odor químico. O ar ali fora estava pior do que imaginava.

Ouviu os outros homens pisarem pesadamente o chão atrás de si.

Uma vez contornada a passagem do banco de sementes e chegado ao túnel principal, Painter desligou a lanterna. Conteve a respiração, literal e figurativamente.

Teria a entrada sido aberta?

Fitou o túnel escuro como breu à sua frente. Não viu sinal de luz. O túnel era em linha reta. Se o caminho estivesse aberto, mesmo a luz mais ténue sobressairia como um farol.

Os seus pés começaram a abrandar.

Não funcionara. Ainda estavam encurralados naquele poço envenenado.

Mas após mais alguns passos às cegas, os seus olhos ajustaram-se mais plenamente à escuridão, à medida que se desvanecia o clarão da luz da lanterna. Não era muito intenso, mas lá longe, no túnel, um débil brilho cintilava entre o negrume nebuloso.

Deixou escapar um pequeno suspiro de alívio, permitindo que ar precioso lhe fugisse dos pulmões.

Enquanto a esperança se acendia dentro de si, ligou a lanterna e correu mais rápido. Não sabia se Gorman ou Karlsen tinham visto o brilho promissor, mas eles conheciam o plano. Se não houvesse sinal de luz, deviam regressar. Uma vez que Painter prosseguia, sabiam o que isso significava.

Todos correram mais rapidamente, atravessando a área do *catering* em ruínas. As mesas estavam derrubadas e empurradas contra a extremidade do túnel. Todo o plástico derreteria. A linha de esculturas de gelo vaporizara-se. Tudo o que era combustível fora incendiado, mas a ausência de oxigénio provocada pela carga termobárica extinguiu o fogo com a mesma rapidez.

O fumo residual ainda pairava imóvel no ar, mas, à medida que corriam, tornava-se menos denso. Um fino pó escuro cobria tudo, um efeito secundário da explosão do alumínio fluorado.

Continuaram a correr.

Painter foi forçado a inspirar. Pressionou o lenço húmido contra o nariz e aspirou uma golfada de ar. Cheirava a borracha queimada e picava como ácido. Não sabia quanto oxigénio ainda existia no ar, mas continuou a correr. Quanto mais alto chegasse, mais limpo estaria o ar — sobretudo com o tampão de gelo quebrado.

Chegou ao ponto médio, só mais outros setenta e cinco metros. Conseguia agora ver um ténue brilho, mesmo com a lanterna ligada. Isso fê-lo avançar. Mas quanto mais era forçado a respirar, mais o túnel começava a vacilar, tremeluzindo diante dos seus olhos lacrimejantes. Os pulmões ardiam-lhe. A pele picava por todo o lado.

Contudo, não abrandou.

Olhou rapidamente para trás e viu os outros dois homens a ficarem para trás. O senador Gorman parecia pior, avançando aos tropeções. Karlsen agarrava-lhe o cotovelo e mantinha-o equilibrado, impelindo o senador para diante.

Painter travou para ajudar. Precisava de ambos os homens vivos.

Mas Karlsen agitou um braço furiosamente, a sua intenção clara.

Continue.

Painter compreendeu que ele tinha razão. Tinha de sair daquele caldo tóxico, clarear a mente. Se necessário, voltaria para os ajudar. Sem outra escolha, acelerou em direção ao brilho e à promessa de ar fresco.

Finalmente, a porta surgiu banhada por um brilho azulado. Uns poucos pontos mais intensos feriram os olhos de Painter. Mas enquanto corria, o seu coração afundou-se.

Não pode ser...

A porta ainda estava bloqueada.

O brilho era apenas a luz do dia disseminada através do gelo. A detonação não os conseguira libertar. Mas Painter continuou a correr para a saída. Não havia outro lado para onde ir. Enquanto se aproximava, percebeu que alguns dos pontos mais brilhantes eram fendas na barreira.

A esperança ressurgiu e foi suficiente para o impelir em direção à porta. Chegou perto de uma das fendas, pressionou o rosto contra ela e aspirou o ar. Era deliciosamente fresco. Inspirou repetidas vezes. A cabeça rapidamente começou a clarear, a nebulosidade dissipou-se.

Virou-se e viu Karlsen e Gorman a uns quinze metros de distância. Karlsen praticamente carregava agora o senador. Painter afastou-se da parede de gelo e apressou-se a voltar. Apoiou Gorman do outro lado.

Juntos, coxearam o resto do caminho até à porta. Painter fez com que os dois homens respirassem através de fendas na parede, depois encontrou um terceiro ponto mais elevado. Enquanto aspirava o ar, percebeu que a parede de gelo não estava coberta de fuligem escura. Aquilo era gelo *recente*. A detonação devia ter desimpedido a entrada — mas uma avalanche secundária lançara-se de novo sobre ela, encurralando-os.

Mas esse gelo recente não seria tão espesso.

Painter espreitou pela fenda. Consequia ver o exterior.

Junto do topo da porta, a barreira tinha menos de sessenta centímetros de espessura, composta por um aglomerado de blocos. Eram grandes, mas com tempo poderiam conseguir abrir caminho por eles.

No entanto, Painter pressentia que não tinham muito tempo. Não se sabia quando uma nova avalanche poderia surgir de cima e encurralá-los ainda mais.

Como que ouvindo esse pensamento, Painter sentiu um ruído surdo.

Sentiu o gelo estilhaçar-se sob a sua face.

Oh, não...

13h20

Do outro lado do vale, Monk testemunhara a explosão. O som foi como o de um trovão dentro da sua cabeça. Atordoadado, ensurdecido, foi projetado de costas na neve.

Creed e os dois noruegueses não se portaram melhor.

Uma impressionante erupção de gelo e chamas explodira do silo de sementes sepultado. Um negrume untuoso elevou-se para o céu.

Como que ofendidas, nuvens tempestuosas abriram-se subitamente. A neve caiu com intensidade. Num segundo não nevava, no segundo seguinte pesados flocos arrastados pelo vento enchiam o ar. Piorou até a visibilidade ser nula em questão de meio minuto. Mas antes de a cortina baixar, Monk viu que a explosão expusera o abrigo de cimento — pelo menos por uns segundos. Instantes depois, uma segunda avalanche deslizou e depositou-se sobre a entrada.

Estaria ainda alguém vivo lá dentro?

Uma série de tiros ecoaram vindos da base da montanha. Monk já não conseguia ver a força de mercenários, mas continuavam a avançar, ainda a fazer a limpeza.

Se alguém sobrevivera à explosão subterrânea, não viveria por muito mais

tempo.

Monk só tinha uma escolha.

Foi necessária a intervenção de Creed, mas por fim convenceu os noruegueses.

13h21

À medida que o troar crescia e o gelo vibrava, Painter rezou para que a avalanche fosse pequena. Mas o estrondo aumentava.

Então, do manto de neve e vento, surgiu velozmente um *Sno-Cat*, vindo de baixo. Não abrandou e acelerou diretamente para eles.

— Recuem! — gritou Painter.

Puxou Gorman para trás, depois agarrou Karlsen pelo capuz da sua parca e lançou-os a ambos para longe da parede de gelo.

Mesmo a tempo.

O pesado veículo embateu na entrada bloqueada. As lagartas dianteiras treparam a parede de gelo. O para-choques perfurou a metade de cima da entrada. Blocos de gelo despedaçaram-se e deslizaram pelo túnel.

O *Sno-Cat* retrocedeu, provavelmente preparando-se para uma segunda investida.

Painter precipitou-se para diante. O para-choques abriu uma fenda suficiente para Painter deslizar por ela. Mergulhando pela abertura irregular, abriu caminho com dedos e cotovelos.

O *Sno-Cat* imobilizou-se subitamente.

A porta do passageiro abriu-se. Uma figura familiar debruçou-se para fora.

— Diretor Crowe? — exclamou Monk, o rosto refletindo alívio.

— Monk... que agradável visão para olhos doridos. — E os olhos de Painter estavam doridos... injetados de sangue e inflamados.

— Tenho frequentemente esse efeito — disse Monk. — Mas é melhor irmos andando.

Painter voltou-se. Karlsen trepava com esforço para fora do buraco, seguido do senador.

— Há mais pessoas encurraladas lá em baixo.

— E é aí que se devem manter. — Monk saltou para fora, procurou no interior do veículo e sacou de um punhado de espingardas. — Conseguem atirar? — perguntou aos outros dois homens.

Tanto Gorman como Karlsen acenaram afirmativamente.

— Ótimo, porque precisamos do máximo de poder de fogo que conseguirmos.

— Porquê? — indagou Painter.

Antes que Monk pudesse responder, o distante roncar de um motor pesado ecoou entre a tempestade.

— Temos companhia.

Painter juntou-se a Monk junto do *Sno-Cat* e pegou numa espingarda. Notou que no veículo ia apenas um homem, um soldado norueguês. Procurou em volta.

— Onde está Creed? — perguntou Painter.

— Deixei-o com o parceiro deste soldado nas nossas motas de neve. Foram pedir ajuda.

Painter esperou que conseguissem voltar a tempo com a cavalaria. Avaliou o grupo encarregado da defesa do forte.

Um veículo e quatro homens.

Álamo tivera melhores probabilidades... e veja-se o resultado.

13 de outubro, 13h32

Ilha de Bardsey, País de Gales

Rachel quase largou Seichan quando viu Gray cair do seu ponto de apoio. Ele deslizou e segurou-se no baixo-relevo da tripla espiral que decorava a base da cruz.

Debateu-se por um instante, depois agarrou-se com os dedos ao topo do símbolo saliente. Aguentaria o seu peso ou soltar-se-ia?

A mesma inquietação deve ter cruzado a mente dele. Impediu o seu corpo de se mexer demasiado. As suas botas pendiam sobre uma queda de seis metros em direção a um poço cheio de espigões.

Mas Gray não era o único ameaçado.

Rachel deslizou pelo lado vertical do sarcófago.

— Agarre-me as pernas! — gritou para Wallace que estava atrás.

O professor partilhava o seu ponto de apoio sobre a urna de pedra. Segurava-se com a mesma precariedade. Agarrou-lhe os tornozelos e ajudou-a a estabilizar-se.

O que deu a Rachel alguma segurança, mas não muita.

Ela pendia da parte lateral do sarcófago. Segurava o casaco de Seichan. A mulher que a envenenara estava unicamente suspensa pelos dedos do bordo da urna.

Nenhum deles se aguentaria muito mais tempo.

Um ligeiro abalo percorreu a câmara. O dispositivo era antigo. Ao ser posto em marcha, devia ter perturbado o frágil equilíbrio que se estabelecera ao longo dos séculos. Ela visualizou as ruínas da torre no exterior. Poderiam desabar sobre eles.

Um outro abalo ressoou pelo chão inclinado. Do interior do sarcófago, a Bíblia de Malaquias tombou para fora. Caiu no poço e foi atravessada de lado a lado, empalada num dos espigões.

Wallace resmungou perante a perda, mas tinham preocupações mais imediatas.

Desequilibrada pelo abalo, Seichan perdeu o apoio. Deslizou sem um som, como se o esperasse, o merecesse. Uma das mãos de Rachel perdeu o apoio, mas a outra continuou a agarrar o casaco de Seichan.

Impediu o mergulho da mulher com um forte sacão do ombro. Mas o peso arrastou-a sobre a borda do sarcófago. Apenas a mão de Wallace em torno dos seus tornozelos impediu ambas de um mergulho fatal.

A parte superior do corpo de Rachel pendia de cabeça para baixo, as suas coxas e pernas mantendo-se em cima da urna, seguras por Wallace. Era difícil respirar. Seichan balouçava mais abaixo, suspensa do seu casaco. O único sinal de medo era a força com que apertava o seu casaco em torno do pescoço com ambas as mãos.

Rachel queria largá-la, mas a mulher era a sua única esperança de vida.

O chão abanou de novo. Um pedaço do teto da caverna desprendeu-se. Uma grande laje tombou e despedaçou-se contra os espigões.

Ela fechou os olhos e rezou por alguma maneira de sair dali.

A resposta angelical chegou-lhe da mais improvável das fontes.

— Que porra!

O desabafo veio do outro lado do chão inclinado, onde o túnel conduzia à cripta de Lord Newborough.

Era Kowalski. Ele devia ter descido por impaciência ou por ter ouvido a armadilha a ser acionada.

— Socorro! — gritou Rachel, mas, com o tronco esticado e o ventre

espremido, saiu-lhe como um guincho.

— Ei! — chamou Kowalski. Claramente não a ouvira.

Gray berrou:

— Kowalski!

— Pierce? Onde estão vocês? Tudo o que vejo é um poço e uma parede nua. Como é que passaram para o outro lado?

Da posição mais elevada de Kowalski no túnel, tudo o que devia ver era a parte de baixo do chão falso — e o poço.

Gray bradou de novo.

— Volta atrás e puxa a barra!

— Puxo o quê? — retorquiu, parecendo ofendido.

— A alavanca! No início do túnel!

— Ah, está bem! Aguentem!

Rachel fitou Seichan em baixo, depois Gray do outro lado. *Aguentem*. Era tudo o que podiam fazer.

— Depressa! — berrou Gray. Começara a deslizar de novo.

A voz de Kowalski chegou-lhes mais sumida.

— Para de me chatear!

Rachel segurava-se com toda a força que tinha. Fechou os olhos e visualizou a barra saliente do chão. Ela notara-a antes. Fazia sentido que houvesse um dispositivo de reposição da armadilha. Embora o mecanismo pudesse matar quaisquer saqueadores que ali viessem parar, os criadores do estratagema teriam necessitado de uma forma de o inverter. De outra forma, ficariam igualmente separados da chave. Devia existir algum tipo de dispositivo inversor no exterior da câmara.

Mas seria a alavanca?

Rezou para que a intuição de Gray estivesse certa.

Teve a sua resposta um instante depois.

Todo o chão vibrou subitamente. Um imenso roçar de engrenagens percorreu todo o espaço. O chão começou de novo a inclinar-se — *mas no sentido errado*. Começou a rodar de cima para baixo. Rachel nem se atreveu a gritar quando o

seu corpo começou a escorregar pela pedra. Iam virar.

Então, algo prendeu. O chão parou com um violento solavanco. Com um chiar mais áspero de engrenagens, o chão inverteu-se lentamente. Voltou a rodar para a posição correta.

Rachel agarrou-se com força, os lábios movendo-se enquanto rezava o pai-nosso.

Viu a extremidade do chão erguer-se sob os pés de Gray e empurrá-lo para cima. Ela rolou do lado do sarcófago para o chão que se nivelava. Todos ficaram estendidos no chão, a respirar pesadamente. Até mesmo Gray se deixou cair de costas ao lado da cruz.

Kowalski regressou com uma lanterna.

— Se já acabaram de brincar aqui em baixo...

Rachel lançou um olhar furioso na sua direção.

— Vim dizer-lhes que a tempestade está a aumentar. Lyle diz que é melhor pormo-nos a andar, se quisermos sair desta maldita ilha.

Antes que alguém pudesse mover-se ou responder, uma outra secção do teto desabou, atingindo o chão como uma bomba. Água e tijolos seguiram-se. A torre estava a ruir sobre eles.

— Lá para fora! — gritou Gray.

Todos se puseram de pé num salto e correram para a saída. Um baque sonante abalou todo o pavimento. Começou a estremecer, a oscilar como se algo se quebrasse no antigo mecanismo.

Em desequilíbrio, Rachel cambaleou para o lado, mas Gray apanhou-a pela cintura e correu com ela em direção ao túnel. Todos se precipitaram para o interior deste, enquanto mais secções da caverna implodiam.

Um último olhar para trás mostrou a Rachel o chão inclinado, enquanto uma cascata de tijolos e chuva inundava a câmara. Depois, ficou demasiado longe no túnel para ver mais. Instantes mais tarde, um estrondo brutal veio ao seu encontro. Uma torrente de pó rolou túnel acima e sobre eles.

Tossindo, alcançaram a saída e subiram, um após outro, de volta à tempestade. Lá no cimo, um aturdido Lyle ofereceu-lhes guarda-chuvas.

Rachel aceitou um, mas manteve o rosto erguido para o céu. Deixou a chuva cair sobre si.

Conseguimos, pensou Rachel.

13h42

Gray ficou a olhar os destroços da torre da abadia. Não passava agora de uma pilha caótica de cascalho, meio afundada no chão. A água já começara a acumular-se à sua volta.

A caverna seguramente desaparecera.

Um rugido irrompeu atrás dele, quando Lyle ligou o trator. A tempestade uivava — o vento tornara-se mais forte enquanto estavam lá em baixo. A chuva caía violentamente do céu, por vezes varrendo na horizontal à medida que o vento soprava do mar da Irlanda e assolava a ilha. Até mesmo os relâmpagos diminuíram, como que intimidados pela intensidade crescente do temporal.

Subiram para o atrelado para a viagem de regresso pelo monte até ao porto. Lyle inclinou-se no assento e engrenou o trator. O atrelado balançou quando se pôs em movimento.

Todos se agacharam, tentando manter-se ao abrigo do vento e da chuva.

Wallace olhou para trás na direção das ruínas da Abadia de Saint Mary.

— Primeira regra da arqueologia — disse ele, olhando Gray de viés. — Não mexer em nada.

Gray não censurou o professor por o repreender. Ele agira sem considerar devidamente os riscos. Ficara extremamente abalado ao descobrir que a cruz era anterior ao cristianismo e que o componente circular de facto rodava. Agira antes de pensar. Ao contrário do padre Giovanni. A julgar por todos os cálculos do sacerdote, ele perseguira o quebra-cabeças de uma forma sistemática e estudada.

Mas também o sacerdote tivera uma formação de arqueólogo. E o padre Giovanni não tinha a vida de uma mulher na balança.

O grupo tinha apenas mais dois dias para resolver o mistério. Gray não iria pedir desculpa por forçar a investigação, por correr riscos, por pôr de parte a prudência a fim de obter resultados.

Contudo, ao visualizar as meticolosas notações e cálculos feitos pelo padre Giovanni, ele sabia que alguma coisa ainda lhe escapava. Quanto mais tentava perceber o quê, mais lhe fugia.

Wallace abanou a cabeça.

— Pense só no que poderíamos ter aprendido se tivéssemos tido mais tempo com aquela cruz...

Gray percebeu a acusação por detrás das palavras. A habitual jovialidade do homem esgotara-se devido à exaustão, ao terror e a uma parte considerável de desapontamento. Com um erro, ele destruía um inestimável tesouro iluminado e perdera o acesso ao que quer que a cruz mantinha escondido.

— E se a chave ainda se encontrar lá em baixo? — inquiriu Wallace contundentemente.

Gray tinha tido a sua conta.

— Você não acredita nisso. Nem eu. — As palavras saíram-lhe mais rispidamente do que tencionava, mas também estava cansado.

— Como pode ter tanta certeza? — perguntou Wallace.

— Porque o padre Giovanni *partiu*. Ele continuou a sua busca. Penso que ele resolveu o enigma da cruz, encontrou uma câmara vazia que em tempos albergara a chave, depois prosseguiu, levando consigo o único objeto de que necessitava para continuar a busca.

— A relíquia do sarcófago — disse Rachel.

Gray olhou em frente, para a tempestade.

— A chave ainda está algures por aí. Penso que a cruz forneceu ao padre Giovanni essa pista. Assim, ele continuou, tal como nós temos de continuar.

— Mas para onde? — indagou Wallace. — Por onde começamos sequer? Estamos de volta ao ponto de partida.

— Não, não estamos — ripostou Gray.

— Como pode dizer isso?

Ele ignorou a pergunta do professor e voltou-se para Rachel.

— Como sabia tanto sobre São Malaquias?

Ela mexeu-se nas tábuas do fundo do trator, claramente apanhada de surpresa.

— Foi o tio Vigor. As profecias intrigavam-no. Ele podia falar durante horas sobre São Malaquias.

Gray já o adivinhava. Monsenhor Verona fora sempre um apaixonado pelos mistérios da Igreja primordial, procurando verdades por detrás de milagres. Uma figura como Malaquias teria cativado a sua atenção e imaginação.

— Foi por essa razão que o padre Giovanni procurou o seu tio — exclamou Gray. — Ele sabia que a chave para resolver este mistério residia na vida desse santo. Assim, Giovanni foi à melhor fonte que conhecia.

— Vigor Verona. — Wallace sentou-se mais direito, ignorando a chuva e o vento.

— Talvez Marco soubesse do estratagema da Viatus ou talvez tivesse apenas uma suspeita. Mas pressinto que, quanto mais ele remexia neste assunto de maldições e milagres, mais sentia que isso o ultrapassava. E que necessitava do conhecimento especializado e proteção da Igreja.

Seichan acrescentou o seu próprio ponto de vista frio, do fundo do atrelado.

— Mas procurou-os tarde demais. Alguém sabia do seu plano.

Gray assentiu.

— Se quisermos descobrir onde a chave do Juízo Final está escondida, vamos necessitar de um especialista em São Malaquias.

— Mas Verona ainda está em coma — notou Wallace.

— Não importa. Temos alguém que possui o mesmo conhecimento. — Voltou-se para Rachel.

— Eu?

— Vais ter de nos ajudar a partir daqui.

— Como?

— Eu sei onde a chave está escondida.

Wallace fitou-o intensamente.

— O quê?... Onde?

— A Bíblia de Malaquias foi deixada naquele sarcófago por uma razão. Mais do que meramente para santificar uma relíquia. Foi deixada para trás como uma referência, uma pista conduzindo ao novo local de descanso da chave. Antes da chegada dos romanos, a chave e a sepultura desta antiga figura real eram sempre mantidas juntas. Estavam interligadas. E, dentro do sarcófago, descobrimos a Bíblia de Malaquias ligada a uma relíquia dessa antiga figura, ligando-a a *ele*.

— O que quer dizer então? — pressionou Wallace.

— Penso que São Malaquias tomou o lugar dessa antiga figura. Que ele se tornou no guardião proverbial da chave.

Os olhos de Wallace arregalaram-se.

— Se estiver certo, a chave...

— Está na tumba de São Malaquias.

Kowalski resmungou e vasculhou uma unha com um pedaço de palha.

— É claro que está. Mas digo-vos claramente que eu *não* vou lá entrar.

Antes que pudessem continuar a discutir mais, o atrelado parou com um solavanco. Gray ficou surpreendido ao ver que já tinham chegado ao porto.

Lyle saltou para fora e fez-lhes sinal para que descessem.

— Podem abrigar-se na velha casa do porto. Pelo menos para saírem da chuva. Vou chamar o meu pai.

Enquanto Gray se apressava pelo caminho em direção à casa de pedra, fitou o mar. As águas alteavam-se com cristas de espuma branca. Mais perto, a embarcação balouçava e oscilava, mesmo resguardada pelo molhe do porto. Ia ser uma viagem infernal de volta ao continente.

Mas por enquanto as janelas da casa do porto brilhavam e tremulavam com a promessa de um fogo crepitante. Apressaram-se para o interior, deixando a tempestade atrás de si. A sala estava apainelada com pinho tosco e pesadas vigas expostas. O soalho rangia debaixo dos pés. O lugar cheirava a fumo e a tabaco de cachimbo. Velas iluminavam umas poucas mesas. Mas foi o fogo que os impeliu para dentro. Largaram de bom grado os casacos sobre as cadeiras.

Gray voltou as costas ao fogo, apreciando o calor desde os pés até à cabeça.

A dança acolhedora e radiante das chamas fez muito para vencer o desespero que se começara a instalar entre eles.

Mas agora tinham um plano de ação.

Um lugar onde procurar a seguir.

A porta abriu-se de rompante quando o vento arrancou o puxador dos dedos de Owen Bryce. Este agarrou-o de novo e forçou a porta a fechar-se. Ensopado, pisou pesadamente o chão e sacudiu o grosso da chuva.

— Está um frio de cortar lá fora, essa é que é essa — disse o marinheiro com um largo sorriso face ao eufemismo. — E receio ter boas e más notícias.

Tal preâmbulo nunca pressagiava nada de bom.

Gray afastou-se do fogo.

— As más notícias é que não poderemos fazer a travessia hoje. A tempestade tornou o mar muito traiçoeiro. Se não o sabem, o nome galês da ilha é *Ynys Enlli*, que significa «ilha das más correntes». E isso num dia de sol.

— E quais são as boas notícias? — perguntou Kowalski.

— Estive a ver e consigo arranjar-lhes quartos aqui para passar a noite a metade do preço. Por uma semana inteira.

Gray sentiu o estômago apertar-se.

— Quando pensa que poderemos sair da ilha?

Ele encolheu os ombros.

— É difícil de dizer. A eletricidade e as ligações telefónicas foram cortadas em toda a ilha. Precisamos da confirmação do capitão do porto de Aberdaron para poder soltar as amarras.

— Qual é a sua melhor estimativa?

— Tivemos alguns turistas aqui no ano passado que ficaram encalhados durante dezassete dias devido às tempestades.

Gray aguardou pela resposta à sua pergunta. Fitou o homem duramente.

Finalmente, Owen compadeceu-se, passando uma mão pela cabeça.

— Estou certo de que conseguimos levá-los de volta a Aberdaron dentro de dois dias. Três dias no máximo.

Mais afastada, Rachel deixou-se cair numa das cadeiras.

Ela não tinha tantos dias.

13 de outubro, 13h35
Svalbard, Noruega

Monk ia estendido em cima do tejadilho do *Sno-Cat*, enquanto este rodava por entre a tempestade de neve. Painter partilhava o seu poiso. Estavam ambos presos às barras do tejadilho como bagagem. As rajadas mais fortes de vento lutavam continuamente por arrancá-los dali. A neve cobria-os como açúcar sobre um bolo.

Cada homem tinha uma espingarda de assalto encostada ao ombro e o soldado norueguês munira-os de equipamento adicional, essencial para o combate em clima glacial.

Monk ajustou os óculos de infravermelhos ao rosto. Estes escureciam o horizonte. Não que tal importasse — as condições de neve intensa tinham reduzido a visibilidade a poucos metros. Mas a mira incorporada nas lentes captava qualquer assinatura térmica envolvente e focava-a. Abaixo do seu poiso, o motor quente do *Sno-Cat* cintilava com um laranja suave.

À frente, no meio da tempestade, os seus alvos surgiram à vista. Sete ou oito motas de neve ziguezagueavam vindas das vertentes mais baixas da montanha, irradiando um leve tom âmbar através das lentes. Os veículos começavam agora a chegar ao cimo do vale, onde Monk passara grande parte do tempo a vigiar o silo de sementes de Svalbard.

Era aí que Monk e os outros tomariam posição, usando todos os recursos

disponíveis.

Monk pousou uma mão sobre o lança-granadas propulsado a foguete, ao seu lado. Antes de partir, tinham esquadrinhado o curso da avalanche à procura de mais armas e encontraram o lançador. A par de um caixote de munições.

Em baixo, o senador e o CEO partilhavam a cabina com o soldado norueguês, empunhando espingardas. Uma era apontada do lado do passageiro, a outra da traseira.

Estavam armados até aos dentes, mas o inimigo ultrapassava-os em pelo menos dez para um.

Quando a equipa de assalto avançada alcançou o vale nas suas motas de neve, o condutor norueguês guinou o veículo para o lado. Ele fazia o seu melhor para manter um banco de neve entre o *Cat* e as motas de neve mais pequenas e mais rápidas.

Pelos óculos, Monk observou um par de motas de neve, com dois soldados mercenários cada uma, a passar velozmente à direita. O inimigo não detetou o *Cat* meio escondido atrás do banco de neve, sugerindo que ou não possuía equipamento de infravermelhos ou estava demasiado focado no silo mais à frente.

Monk e Painter deixaram-nos passar sem disparar.

Os veículos mais pequenos não eram o seu alvo primário.

Mais motas de neve passaram velozmente com o gemente retalhar dos seus motores, ensurdecendo os condutores ao ruído surdo do *Sno-Cat*. À frente, um veículo maciço surgiu à vista. A sua assinatura térmica era quase ofuscante. Ergueu-se de uma das encostas mais baixas e aterrou pesadamente no vale.

Era um *Hagglund* de transporte de tropas.

O corpo principal da força de assalto seguia no interior daquele veículo. Tinha de ser abatido O *Sno-Cat* não estava à altura de competir com as motas de neve mais ágeis, mas, em comparação com aquele monstro, o *Sno-Cat* era o mais ligeiro. Se conseguissem abater o *Hagglund*, isso desmoralizaria o inimigo. Talvez o suficiente para os levar a desistir do assalto e dar meia-volta.

Fosse como fosse, Monk e os outros não podiam permitir que a força de

assalto alcançasse o silo de sementes. Segundo Painter, ainda lá estavam cerca de quarenta pessoas com vida.

À medida que o *Hagglund* se arrastava pesadamente pelo fundo do vale, Painter trocou a sua espingarda pelo lança-granadas. Dispunham apenas de uma oportunidade. Depois de disparar, atrairiam toda a raiva da força sobre eles.

Monk bateu duas vezes com a mão no tejadilho do *Sno-Cat*.

Obedecendo ao sinal, o condutor abrandou até se imobilizar.

Painter girou a arma para cima e apontou. Monk tirou os seus óculos. O clarão intenso do lança-granadas poderia cegá-lo. Sem os óculos, não conseguia ver nada. A tempestade de neve rodopiava, apagando o mundo. Era como estar encerrado num globo de neve que alguém tivesse lançado para dentro de uma misturadora.

Não admirava que o inimigo não os tivesse detetado.

— Alvo fixado — disse Painter, e premiu o gatilho.

O lança-granadas vomitou fumo e chamas e a granada disparou através da cortina de neve.

Monk colocou rapidamente os óculos. Ajustou-os mesmo a tempo de ver a passagem da granada que embateu nas lagartas do *Hagglund*. Um clarão intensamente laranja marcou o impacto. Atingido de lado, o veículo de transporte de tropas inclinou-se sobre uma lagarta.

Monk desejou que capotasse.

Não capotou. Voltou a cair sobre as lagartas. O *Hagglund* tentou mover-se, mas, com uma das correntes destruída, afundou-se na neve, girando no mesmo lugar. As portas abriram-se e assinaturas térmicas mais ténues abandonaram o veículo, deitando-se de bruços na neve. Os soldados sabiam que estavam a ser atacados, alvos fáceis no interior do *Hagglund*.

— Fogo! — bradou Painter.

Monk tapou os olhos, ouviu o lança-granadas rugir, depois voltou a olhar para cima. A mira de Painter fora perfeita. O foguete penetrou pelo para-brisas do veículo e explodiu no interior. As janelas estouraram para fora em estilhaços. Corpos voaram brilhando intensamente através das lentes.

Painter baixou-se contra o tejadilho.

Balas silvaram sobre a sua cabeça.

O disparo do lança-granadas denunciara a sua posição.

Ficando a descoberto, Monk bateu no tejadilho e o *Sno-Cat* pôs-se em movimento. O condutor ganhou rapidamente velocidade descendo a vertente, depois virou o veículo para a direita. O *Sno-Cat* ergueu-se sobre uma lagarta.

Monk agarrou-se com força. Painter chocou com ele.

O *Cat* transpôs o banco de neve e elevou-se por um momento, depois aterrou pesadamente. Monk caiu violentamente contra o tejadilho e bateu com as costelas contra uma das barras.

Mas não se queixou.

Dispunham apenas de uma breve janela de oportunidade para tirar vantagem da confusão. Com a curta descida rápida pela vertente, tinham ficado abaixo da posição do *Hagglund*. Tinham de atacar antes de a força de assalto se entrincheirar.

Monk vislumbrou a suas assinaturas térmicas contra a neve fria. Ergueu a espingarda à altura da face e começou a disparar. Painter fez o mesmo. Abateram alguns homens, deixando-os estendidos no chão. Porém, a pontaria era um desafio à medida que o *Sno-Cat* balançava e chocalhava sobre a neve e o gelo.

Alguns soldados correram a abrigar-se. Outros fugiram encosta abaixo.

Uma barragem de fogo em resposta irrompeu da traseira do *Hagglund*. Silvos ecoaram à medida que as balas batiam na grelha metálica do *Sno-Cat*. Monk ouviu o revelador despedaçar do para-brisas a ser atingido.

O condutor não abrandou mas guinou, dando o seu melhor para manter o volume do *Hagglund* entre eles e os atiradores. Outros soldados dispararam, escondidos atrás de blocos de gelo ou rochas.

No entanto, o *Sno-Cat* era um alvo difícil na tempestade de neve e o norueguês fazia os possíveis por se manter em movimento, virando num sentido, depois no outro.

Enquanto subiam a encosta, um novo ruído insinuou-se: o furioso gemido das motas de neve. A equipa avançada dera meia-volta e vinha em ajuda dos

outros.

Embora o *Sno-Cat* pudesse ser um tubarão a acosar o *Hagglund*, os veículos de neve mais pequenos eram predadores mais ágeis e mais velozes.

A sua posição estava prestes a ser tomada.

13h41

Através dos óculos, Painter viu o enxame de motas de neve lançar-se na direção do *Hagglund*. As assinaturas térmicas dos pequenos veículos eram pontos brilhantes contra a neve fria. Ele e a sua equipa não tinham outra escolha que não alargar a luta aos outros.

O *Sno-Cat* acelerou encosta acima ao encontro do ataque frontal.

À medida que se aproximavam do monstro explodido, o inimigo começou a disparar mais furiosamente contra eles. Com a aproximação das motas de neve e a promessa de poder de fogo adicional, os soldados no terreno ganharam confiança e defenderam as suas posições.

Um rasto de fogo passou a rasar os ombros de Painter.

Ele não vacilou nem parou de disparar.

Nem nenhum dos outros.

Enquanto o *Sno-Cat* trepava para fazer face ao desafio, as espingardas disparavam em fogo contínuo do veículo em movimento. Eles tinham de quebrar a retaguarda daquele assalto. Painter esperara que o abate do *Hagglund* afugentasse os outros, mas eles eram combatentes experimentados. Não se acobardavam facilmente.

Teria de haver um combate feroz, implicando velocidade, engenho e perícia.

Ou assim pensava.

Um novo ruído estranho insinuou-se.

Um silvo agudo penetrou o matraquear das armas.

Monk bateu no tejadilho do *Cat* três vezes. O condutor parou de repente. Apanhado de surpresa, Painter voou pela frente do tejadilho. O seu corpo

embateu no para-brisas, mas as cordas impediram-no de cair do veículo.

Monk manteve a posição. Sacou de uma faca e cortou as cordas que seguravam Painter, depois fez o mesmo com as suas.

— Para dentro! — bradou Monk, apontando para baixo.

Painter confiou na firmeza da voz de Monk. Enquanto saltava para baixo, ambas as portas se abriram. Monk mergulhou pelo lado do passageiro. O condutor debruçou-se para fora, agarrou a manga de Painter e arrastou-o para dentro. O pequeno *Cat* era um veículo de dois lugares, mas havia um compartimento de bagagem na parte posterior. Mesmo assim, era apertado.

O tiroteio continuava, faiscando intensamente entre a neve. Uns poucos tiros desgarrados atingiram o veículo. Mas sem fogo de resposta e o motor desligado, a sua posição exata tornava-se mais indistinta na tempestade.

— O que se passa? — indagou Painter.

Monk continuou a olhar fixamente em frente.

— Eu disse-te que Creed foi buscar ajuda. O exército norueguês não é a única força a defender o silo.

— O que...?

Então, Painter avistou-os. Maciças assinaturas térmicas irromperam da neve. À volta de uma dúzia. Lançavam-se a uma velocidade incrível, crescendo de volume enquanto Painter os observava. Agora compreendia.

Ursos-polares.

O silvo agudo continuou, ecoando do vale mais alto.

Apitos ultrassónicos.

O som penetrante devia estar a fazê-los descer.

— O parceiro do condutor cresceu por aqui — disse Monk apressadamente.

— Conhecia os covis dos ursos. Só na ilha há cerca de três mil. Ele estava convencido de que conseguia fazer sair um bando, enfurecê-los e pô-los em movimento. Desculpa não ter dito nada. Pensei que era loucura.

Painter concordou. Era loucura — mas funcionava.

Os ursos-polares caçavam focas. Eles conseguiam correr a quase cinquenta quilómetros por hora, com picos de velocidade ainda mais rápidos. E aquele

bando enfurecido seguia monte abaixo.

Através dos óculos, Painter viu os ursos alcançarem as motas de neve. Formas maciças submergiram os veículos mais lentos, libertando a sua fúria selvagem contra quaisquer alvos em movimento no seu caminho desenfreado. Painter viu uma mota tombar, depois outra, virando e estatelando-se de lado, enterrada sob uma montanha de músculos furiosos.

Irromperam gritos por entre o tiroteio que ia abrandando — acompanhados de rugidos que eriçaram os cabelos de Painter.

As restantes motas de neve alcançaram o *Hagglund*, mas não abrandaram. Continuaram velozmente, com os condutores agachados. Os ursos perseguiam-nos, abrindo caminho entre os soldados entrincheirados no terreno. Alguns dispararam contra as feras, mas os ursos eram meras sombras no nevão.

Os tiros limitaram-se a aumentar a sua fúria.

Gritos e rugidos intensificaram-se.

Um soldado fugiu a pé na direção do *Cat*, como se o veículo lhe pudesse oferecer algum refúgio. Nunca o alcançou. Da tempestade, uma imensa pata agarrou-lhe uma perna. O urso continuou a correr. O membro foi arrancado do corpo do soldado. Volteou no ar, esguichando sangue.

Um outro urso passou velozmente pelo *Cat*, batendo no lado do carro, como que advertindo-os, um ato de intimidação.

Funcionou.

Painter susteve a respiração.

O bando passou como uma tempestade pelo vale, dispersando homens, deixando para trás corpos ensanguentados. Então, tão rapidamente como surgiram, os ursos desapareceram na tempestade como fantasmas.

Painter olhava fixamente. Nada se movia lá fora.

Todos os que puderam fugir tinham-no feito, correndo em diferentes direções. Painter quisera quebrar a retaguarda da força de assalto abatendo o *Hagglund*. Não resultara. Mas mesmo o veterano mais experiente tinha de ficar profundamente abalado perante tal exibição pura da força bruta da natureza.

Um novo gemido cresceu de volume, vindo do cimo da encosta.

Um par de motas de neve ganhou vida nos seus óculos.

Instantes depois, irromperam da tempestade. Creed ergueu um braço em saudação. O condutor norueguês pousou a mão no ombro de Painter, num gesto claro.

Tinha terminado.

14h12

Krista trepava pela neve.

Apertou o capuz contra o vento glacial. Uma das mangas do seu casaco estava queimada. Pela dor excruciante desse lado, ela sabia que alguns fragmentos deviam ter penetrado a pele, fundindo tecido e carne.

Ela escapara à justa do *Hagglund*. Estava meio debruçada de uma janela, quando a segunda granada atravessara o para-brisas. A detonação cuspira-a contra um banco de neve. As chamas em volta do seu braço extinguiram-se de imediato.

Ciente de que estavam a ser atacados por uma força desconhecida e inesperada, Krista rastejara, meio em choque, até ao *Hagglund* e escondera-se debaixo dele. Aí, sobrevivera ao tiroteio e à chacina que se seguira.

Ainda estremecia ao lembrar-se.

Permaneceu escondida quando os atacantes se reuniram ali perto. Arquejou quando vislumbrou de novo a sua némesis. O operacional de cabelo negro da Sigma, o tal de nome Painter Crowe. Com o seu rosto agora queimado pelo vento, ela reconheceu até os traços da sua herança nativo-americana.

Quantas vidas teria aquele maldito índio?

Mantendo-se escondida, esperara que partissem. Uma das motas de neve desceu em direção a Longyearbyen para pedir ajuda. Os outros partiram em direção ao silo, para manter um perímetro defensivo contra quaisquer soldados isolados que pudessem tentar concluir a missão falhada.

Ela não tinha intenção de o fazer.

Caminhou entre a tempestade até uma moto abandonada. O corpo do condutor cobria vários metros de neve ensanguentada. Em agonia, abriu tropeadamente caminho por entre a carnificina e perscrutou o veículo. A chave ainda se encontrava na ignição.

Montando a moto, deixou-se cair pesadamente no assento e rodou a chave. O motor emitiu um gemido quando rodou o manípulo.

Inclinou-se para a frente e acelerou para longe, descendo a montanha. Não havia nada que pudesse fazer ali, naquele momento.

A não ser uma promessa.

Antes de tudo aquilo terminar, enfiaria uma bala no crânio daquele índio.

13 de outubro, 15h38

Ilha de Bardsey, País de Gales

Gray estava recostado numa fumegante banheira de água quente.

Mantinha os olhos fechados, esforçando-se por apaziguar a mente. Durante quase uma hora, discutira com Owen Bryce, explicando-lhe que o estado de saúde de Rachel exigia evacuação imediata. Que ela necessitava da medicação que se encontrava no hotel do continente. A única concessão que obtivera do homem foi que reconsideraria o pedido de manhã.

Em nada ajudava que Rachel ainda *parecesse* bem.

Assim, de momento, estavam presos na ilha.

Pelo menos durante mais umas horas.

Aguardariam o cair da noite, que ao menos vinha cedo naquela altura do ano. Uma vez os habitantes da ilha instalados para a noite, o plano era apoderarem-se do barco. Não queriam correr o risco de esperar pela manhã. Se Owen se recusasse, perderiam mais um dia. Isso não podia acontecer.

Assim, aceitaram os quartos oferecidos. Fazia-lhes bem algum tempo de inação. Estavam todos esgotados e necessitados de um momento de descanso.

Contudo, Gray tinha dificuldade em relaxar. A sua mente consumia-se e inquietava-se com os mistérios e perigos que enfrentavam.

O trovão retumbou com um estrondo ensurdecedor. Abanou os vidros da janela sobre a banheira. A luz da vela tremulou ao lado da barra de sabão. A

eletricidade ainda não voltara. Antes de fazer correr a água do banho, ele acendera um pequeno fogo na lareira do quarto. Por entre as pálpebras fechadas, percebeu a dança rósea das chamas.

Enquanto se estendia na banheira, uma sombra mexeu-se subitamente através da claridade.

Retesou-se, sentando-se de repente, espalhando água pelo chão. Uma figura erguia-se no limiar, envergando um robe. Ele não ouvira Rachel entrar no quarto. O trovão abafara a sua aproximação.

— Rachel...

Ela tremia, imóvel, os seus olhos atormentados. Não disse uma palavra. Largou o robe sem sedução. Simplesmente deixou-o cair e correu para a banheira. Gray levantou-se e agarrou-a nos seus braços. Ela cingiu-se a ele, carente. Enterrou a cabeça no seu pescoço.

Ele fletiu os joelhos, passou um braço por baixo dela e ergueu-a. Era mais leve do que se lembrava, como se o desespero a tivesse esvaziado. Rodando, com ela ao colo, baixou ambos para dentro da água quente.

Embalou-a na banheira fumegante. A mão dela deslizou pelo ventre dele, desesperada, ferida, a sua necessidade crua e à superfície. Ele deteve-a e pôs a mão dela sobre o seu peito. Abraçou-a simplesmente, esperando que parasse de tremer. Estavam em fuga desde o fogo na floresta, desde que ela soubera da traição. Ele devia ter percebido que não podia deixá-la sozinha agora, enquanto esperavam pelo cair da noite.

Se a mente dele estava perturbada e inquieta, como estaria a dela? Sobretudo sozinha. Envolveu-a nos seus braços firmemente e apertou-a, como se por puro músculo a pudesse manter a salvo.

Lentamente, o tremor esgotou-se contra a força dele.

Ela aninhou-se contra ele.

Segurou-a durante um longo momento — então, com um dedo, tocou-lhe o rosto e puxou-o para cima. Fitou-a nos olhos. Estes cintilavam com a necessidade de ser tocada, de se sentir viva, de saber que não estava só... e mais no fundo, quase enterradas, as brasas do amor passado.

Só aí uniu os seus lábios aos dela.

16h02

Seichan esperava no seu quarto. Estava de pé de costas contra a porta, com um cigarro por acender na mão. Alguns minutos antes, ouvira a porta de Rachel entreabrir-se com um ranger, ouvira os seus passos pelo corredor, depois a porta do quarto de Gray a abrir-se.

Seichan escutou de olhos fechados.

A porta não se voltou a abrir.

Enquanto mantinha a sua vigília, debatia-se com uma mistura emergente de raiva e ciúme, a par de uma dor que não conseguia afastar. Apertava-lhe os pulmões e tornava-lhe difícil respirar. Encostada à porta, afundou-se lentamente no chão e abraçou os joelhos.

Sozinha, sem ninguém a poder ver, permitiu-se aquela fraqueza momentânea. O quarto estava escuro. Não se dera ao trabalho de acender o fogo ou sequer uma vela. Preferia a escuridão. Sempre preferira.

Balançando suavemente, deixou que a dor a percorresse.

Ela sabia que recuava a um tempo em que o sofrimento vinha frequentemente, decorrente do espancamento e violações mais íntimas. Houvera um compartimento secreto, onde ela se escondia ou procurava refúgio depois. Não tinha janelas. Ninguém o conhecia além de ratos e ratazanas.

Só aí, aconchegada na escuridão, se sentia segura.

Odiava-se agora por necessitar desse conforto. Ela sabia que devia contar-lhe e acabar com aquela dor. Mas jurara não o fazer. Fora por causa *dele* que fizera essa promessa.

E, por muita que fosse a agonia, nunca a quebraria.

18h55

A coberto da noite, Gray conduzia os outros pelo molhe.

O barco balouçava no ancoradouro e batia contra os amortecedores. A chuva caía violentamente de um céu negro. Ao fundo, Kowalski aguardava ao lado do castigado catamarã. Ele adiantara-se, certificando-se de que o barco estava vazio e as chaves no lugar.

Quem roubaria um barco com aquele temporal?

Era uma pergunta a que Gray estava prestes a responder.

Apressaram-se a descer a doca.

— Entrem a bordo — disse Kowalski. — Eu desamarro as cordas.

Gray ajudou os outros a subir para a popa da embarcação. Era necessária alguma acrobacia e sincronização à medida que o convés subia e descia.

Pegou na mão de Rachel.

Ela não o olhou, mas apertou-lhe os dedos calorosamente, agradecendo-lhe em silêncio. Ele acordara, enrolado nos cobertores, descobrindo que ela se fora. Não podia dizer que se sentira totalmente desapontado. Ele conhecia o limite; também ela o conhecia. O que acontecera fora sincero, profundamente sentido e preciso — talvez por ambos. A momentânea chama da paixão nascera do medo, da solidão, da mortalidade. Gray amava-a e sabia que ela sentia o mesmo. Mas, mesmo quando se encontravam abraçados juntos diante do fogo, aninhados um no outro, levados por uma paixão que consumia todo o pensamento, uma parte dela permanecia inatingível.

Não era altura para qualquer reacendimento entre eles. Ela estava demasiado ferida, demasiado frágil. Naquele quarto, ela apenas necessitara da força dele, do toque, do calor. Não do seu coração.

Isso teria de esperar.

Gray saltou por cima da amurada para o convés e agarrou a corda enquanto Kowalski se lançava para dentro do barco.

— Vai ser uma travessia infernal — avisou-os Kowalski. Apressou-se para a cabina do piloto. Ligou os motores que produziram um ronco gorgolejante, depois fez sinal a Gray para largar a última corda.

Com o barco livre, Gray atravessou o convés oscilante. Kowalski levou-os

lentamente para fora do molhe em direção ao mar aberto. Navegariam às escuras, sem qualquer luz, até deixarem o porto.

Gray olhou para a costa. Não apareceu ninguém a correr. Naquele temporal, talvez só se desse por falta do barco de manhã.

Voltou a fitar o mar negro e tempestuoso. O vento uivava e a chuva caía com força.

— Tens a certeza de que consegues manobrar o barco com este tempo? — inquiriu Gray.

Os antecedentes de Kowalski eram de oficial da marinha norte-americana. Mantinha uma ponta de charuto entre os dentes. Ao menos estava apagada.

— Não te preocupes — disse o homem com o charuto entre os lábios. — Só afundei um barco... Não, espera. *Dois* barcos em toda a minha vida.

Aquilo era tranquilizador.

Gray regressou ao convés da popa. Wallace distribuía coletes salva-vidas laranja fluorescente de um armário. Vestiram-nos rapidamente, ligando as luzes de segurança no colarinho.

— Mantenham-se sempre agarrados a alguma coisa — avisou Gray.

Quando ultrapassaram o molhe, um relâmpago iluminou a noite. O mar pareceu ainda mais revoltado. As ondas lançavam-se em todas as direções, esmagando-se umas nas outras e projetando jatos de água salgada. As correntes tinham ganhado a mesma fúria do tempo.

Kowalski começou a assobiar.

Gray sabia que não era bom sinal.

Então encontraram-se em mar aberto. Foi como se tivessem sido despejados numa máquina de lavar. A embarcação ergueu-se alto, depois afundou-se, oscilou à esquerda e à direita — e Gray praguejou e vociferou, por vezes tudo ao mesmo tempo.

Para onde quer que olhasse, tudo o que via eram ondas orladas de branco.

O assobio de Kowalski subiu de tom.

O barco subiu a pique. A proa apontou ao céu. Gray segurou-se com força à amurada, enquanto tudo o que estava solto deslizava até à popa. Depois

atingiram o cimo da onda e desceram pelo lado oposto.

Uma onda errante atingiu-os de lado ao mesmo tempo. Abateu-se sobre a popa como uma varridela da mão de Deus. Gray ficou sem ar com o aguilhoar da água gelada e salgada.

Então o barco estabilizou e começou a subir de novo.

— Gray! — chamou Rachel.

A tossir, ele percebeu o problema de imediato.

Seichan tinha desaparecido.

Sentada na ponta mais distante, ela recebera o embate da onda nas costas. Esta arrancara-a da amurada e lançara-a borda fora.

Gray levantou-se.

Avistou-a para lá da popa, iluminada pela débil luz do colete salva-vidas — depois as ondas arrebatarem-na de vista.

Fixando a sua última localização, Gray correu e saltou do barco. Não podiam perdê-la.

Enquanto voava de encontro ao mar, Rachel gritou a Kowalski:

— Dá a volta!

Depois Gray atingiu a água e tudo se tornou escuro.

19h07

Seichan rodopiava à medida que as ondas a atiravam de um lado para o outro como uma folha numa torrente. O frio penetrava-a até aos ossos e tornava-lhe difícil inspirar o ar, o que já era bastante dificultado pelas paredes de água que se abatiam continuamente sobre ela.

Não conseguia sequer vislumbrar as luzes do barco, apenas montanhas líquidas.

Apertou o colete salva-vidas com uma das mãos e limpou a água salgada dos olhos com a outra. Tinha de voltar ao barco.

Uma outra onda gigantesca cresceu à sua frente, incrivelmente alta,

inclinando-se para ela, espumando.

Em seguida, abateu-se sobre ela.

Foi empurrada para o fundo. A corrente sacudiu-a e fê-la girar. Não conseguia saber para que lado ficava o céu. A água penetrou no seu nariz. Inspirou por instinto, engolindo mais água.

Então, a flutuabilidade do colete impeliu-a de volta à superfície.

Tentou respirar, mas só se engasgou. Pestanejou para limpar o sal, lutando por ver.

Uma nova onda agigantou-se sobre ela.

Não...

Então, algo a agarrou por trás.

Aterrorizada, gritou. A onda esmagou-se sobre ela. Mas aqueles braços continuaram a agarrá-la. Pernas musculadas rodearam firmemente as suas coxas. Nadaram para fora da borrasca juntos. Estavam sem ar, mas o puro pânico desapareceu, deixando o simples medo.

Embora não o pudesse ver, ela sabia quem a agarrara.

Emergiram juntos, elevando-se mais um pouco com os dois coletes salva-vidas.

Virou-se e viu Gray firmemente abraçado a ela, os seus olhos duros e determinados.

— Salva-me — sussurrou, pondo tudo o que tinha nessas duas palavras.

Mesmo o seu coração.

19h24

As luzes da vila de pescadores cintilavam por entre a tempestade. A praia ficava diretamente em frente. Kowalski apontou para ela.

Gray mantinha-se ao seu lado.

Tinha de admitir que o homem sabia *de facto* pilotar um barco.

Enquanto ele e Seichan eram fustigados pelas ondas furiosas, Kowalski

invertera a marcha do barco e encontrara-os no mar picado. Uma corda fora lançada e eles tinham sido arrastados e puxados para bordo.

O resto da travessia fora brutal, mas mais ninguém fora lançado borda fora. Seichan tossia atrás dele, ainda lutando por expulsar a água do peito. Nunca estivera tão pálida.

Mas viveria.

Kowalski manobrava o leme e conduzia o catamarã para águas pouco profundas. Uma última onda ergueu a embarcação e lançou-a para a praia. A quilha dupla arrastou-se pela areia com um violento abalo do convés. Depois, finalmente, imobilizou-se.

Não foi preciso dizer nada. Todos abandonaram o barco com a água pelo tornozelo, esquivando-se às últimas ondas. Kowalski demorou mais um instante a acariciar o lado do catamarã.

— Lindo menino.

Esgotados e ensopados, subiram em direção à vila piscatória de Aberdaron. Como a ilha de Bardsey, o lugar estava de prevenção para o temporal. Não havia ninguém nas ruas.

Gray queria partir antes que alguém descobrisse a embarcação na praia. Depois da arriscada travessia, não queria acabar encarcerado na prisão local.

Apressou-os pela vila às escuras até à Igreja de Saint Hywyn. O *Land Rover* roubado continuava onde o tinham deixado, ainda estacionado junto da igreja. Gray voltou-se para Wallace, enquanto atravessavam o adro.

— E o seu cão? — perguntou, apontando o vicariato.

Wallace abanou a cabeça, embora claramente pesaroso.

— Vamos deixar o *Rufus* aqui. Estará melhor a dormir junto à lareira do que a vagar por aí neste tempo infernal. Virei buscá-lo quando tudo tiver terminado.

Com o assunto resolvido, todos subiram para o *Land Rover*.

Gray ligou o motor, saiu rapidamente do parque de estacionamento e virou para longe de Aberdaron. Acelerou assim que atingiu a estrada principal.

Mas precisavam ainda de um destino.

— O túmulo de São Malaquias — disse Gray, olhando de relance para Rachel pelo espelho retrovisor. — O que nos podes dizer da sua história?

Nunca tinham tido oportunidade de discutir o assunto em maior detalhe. Tudo o que ele sabia de um apressado inquérito a Rachel, era que Malaquias repousava no nordeste de França. Rachel tentara desenvolver, mas na altura fora suficiente. Gray precisava de se concentrar em tirá-los da ilha.

Com uma longa viagem pela frente, era tempo de saber mais.

Rachel falou, enquanto fitava a tempestade lá fora.

— Malaquias morreu algures em meados do século doze. Ele expirou nos braços do seu melhor amigo, São Bernardo de Clairvaux.

Kowalski virou a cabeça.

— São Bernardo? Não foi ele que inventou aqueles cães de montanha babosos?

Rachel ignorou-o.

— Malaquias foi sepultado na abadia que Bernardo fundou, a Abadia de Clairvaux. Fica a cerca de cento e cinquenta quilómetros de Paris. A maior parte da abadia foi destruída no século dezanove, mas alguns edifícios e paredes ainda existem, incluindo o claustro central. Mas há um pequeno problema.

Pela maneira como o disse, Gray sabia que o problema era tudo menos pequeno.

— Qual?

— Tentei dizer-te antes... — Ficou subitamente envergonhada, como se achasse que devia ter insistido. Mas, tal como Gray, tivera muito em que pensar.

— Não tem importância — disse ele. — O que é?

— As ruínas estão protegidas. Deve ser dos edifícios mais bem guardados de toda a França.

— Como assim?

— A Abadia de Clairvaux... fica no centro de uma prisão de alta segurança.

Gray virou-se no assento para a encarar de frente. Só podia estar a brincar. Pelo olhar sério e preocupado no seu rosto, não estava.

— Lindo. Então agora vamos assaltar uma prisão e uma sepultura. —

Kowalski afundou-se e cruzou os braços. — Não há nada que possa correr mal com esse plano.

13 de outubro, 20h18
Svalbard, Noruega

Krista percorria a extensão do gélido armazém nos arredores de Longyearbyen. Caixotes empilhavam-se até às traves do teto. O lugar cheirava a combustível e carvão. Vestia uma camisola grossa para cobrir as ligaduras no seu braço. Uma névoa de morfina turvava-lhe os confins do pensamento. Outros homens estavam em pior estado. Dois corpos no chão do armazém encontravam-se cobertos por lonas.

Restavam apenas oito homens.

Mantinha o telemóvel ao ouvido, a aguardar instruções. Tinha marcado o número que lhe fora deixado. Tocou e tocou. Finalmente, a linha foi atendida.

— Já fui informado — disse o homem.

— Sim, senhor. — Krista procurou captar alguma indicação da disposição do homem, mas as suas palavras eram calmas e precisas, sem pressas.

— Com a viragem nos acontecimentos, vamos alterar radicalmente os nossos objetivos nesta missão. Com Karlsen agora nas mãos da Sigma, a decisão é abortar todas as operações na Noruega.

— E quanto ao Reino Unido?

— Aproveitámos a oportunidade de cooptar esses recursos externos para nos assistirem na busca da chave. Depois dos recentes acontecimentos, já não nos podemos dar a esse luxo. Temos de juntar as nossas fichas e abandonar a mesa

por agora.

— Senhor?

— O artigo roubado pelo padre Giovanni. Apodere-se dele.

— E os outros?

— Mate-os a todos.

— Mas e o nosso...?

— *Todos eles* foram considerados um inconveniente, Ms. Magnussen.

Certifique-se de que o mesmo não se passa *consigo*.

A garganta de Krista apertou-se.

— Tem as suas ordens.

QUARTA PARTE

A MADONA NEGRA

14 de outubro, 05h18
Sobre o mar da Noruega

Painter viu o arquipélago de Svalbard desaparecer atrás deles, à medida que o jato privado rumava a sul sobre o mar Ártico. Tinham perdido meio dia a evacuar o grupo encurralado no silo. Depois disso, fora necessária alguma astúcia por parte de Kat em Washington para os tirar da ilha antes de se abater sobre eles a tempestade mediática.

O dramático bombardeamento atraía a atenção do mundo. Uma horda de novas equipas internacionais e investigadores da NATO convergia já para o minúsculo arquipélago. A lonjura do lugar e a ferocidade da tempestade tinham dado a Painter tempo suficiente para se escapulir.

Mas não viera sozinho.

Monk e Creed estavam estendidos no sofá da cabina. O senador Gorman sentava-se de olhar vazio numa das cadeiras. O último passageiro sentava-se em frente de Painter.

Ivar Karlsen acompanhara-os voluntariamente. Ele podia ter dificultado ou mesmo impossibilitado a sua retirada de território norueguês. Mas o homem possuía um estranho sentido de honra. Mesmo agora, sentava-se ereto na sua cadeira, olhando pela janela, enquanto as ilhas desapareciam. Era evidente que ele fora muito provavelmente o alvo primário do bombardeamento em Svalbard, que o seu antigo aliado se tornara seu inimigo.

Sabia igualmente a quem devia a sua vida e respeitava essa dívida.

Painter tencionava tirar toda a vantagem dessa cooperação.

O pequeno jato balançou no ar instável, adensando a tensão na cabina. Dirigiam-se para Londres. Nem Painter nem Kat tinham tido notícias da equipa de Gray. Ele queria estar no terreno em Inglaterra, enquanto prosseguissem as buscas no Lake District. Dependendo do que fosse descoberto, reabasteceriam e prosseguiriam para Washington.

Mas, durante o voo de cinco horas, Painter precisava de extrair daquele homem tudo o que ele sabia. Kat estava a investigar os locais de produção de cereais que tinham sido cultivados por todo o Midwest. As notícias eram alarmantes: ela já encontrara múltiplos casos de mortes inexplicadas próximos de quinze campos de testes. Uma autópsia a um dos corpos revelara um agente fúngico desconhecido. E ainda havia mais sessenta e três campos de testes a investigar.

Karlsen falou, pressentindo a atenção de Painter.

— Eu só queria salvar o mundo.

O senador Gorman agitou-se, os olhos cintilando de raiva, mas Painter fitou-o duramente. Aquela era a *sua* entrevista.

A olhar pela janela, Karlsen não notou a comunicação silenciosa.

— As pessoas falam da explosão populacional, mas não admitem que já se iniciou. A população mundial está a avançar rapidamente para uma massa crítica, em que o número de habitantes excederá os recursos alimentares. Estamos a apenas um passo da fome global, da guerra e do caos. Os tumultos por bens alimentares no Haiti, na Indonésia e em África estão a despontar.

Karlsen voltou o rosto da janela para encarar Painter.

— O que não quer dizer que seja tarde demais. Se suficientes pessoas com as mesmas ideias e determinação coordenarem os seus esforços, alguma coisa pode ser feita.

— E encontrou essas pessoas no Clube de Roma — disse Painter.

Os olhos de Karlsen cresceram impercetivelmente.

— Exato. O clube persiste em dar o alarme, mas tem caído em orelhas

moucas. Crises mais sensacionalistas consomem a atenção dos média. O aquecimento global, as reservas petrolíferas, as florestas tropicais. A lista vai crescendo. Mas a raiz de todos os problemas permanece a mesma: demasiadas pessoas acumuladas num espaço demasiado reduzido. Contudo, ninguém ataca o problema diretamente. Como é que vocês, americanos, lhe chamam? Politicamente incorreto, não é? É um tema intocável, enredado na religião, na política, na raça e na economia. *Crescei e multiplicai-vos*, diz a Bíblia. Ninguém ousa dizer o contrário. Abordá-lo é um suicídio político. Se propomos soluções, acusam-nos de eugenia. Alguém tem de tomar uma posição, fazer escolhas difíceis... e não apenas com palavras, mas com ações concretas.

— E esse alguém seria você — frisou Painter, para o manter a falar.

— Não adote esse tom. Eu sei onde tudo isto terminou. Mas não foi aí que começou. Eu apenas pensei em travar o crescimento da população, em fazer decrescer gradualmente a biomassa humana no planeta, em certificar-me de que não atingimos esse ponto crítico a toda a velocidade. No Clube de Roma, encontrei os recursos globais de que necessitava. Um vasto reservatório de inovação, tecnologias de ponta e poder político. Assim, comecei a canalizar certos projetos para os meus objetivos, reunindo pessoas com a mesma linha de pensamento.

Karlsen olhou para o senador, depois outra vez para longe.

Apesar do aviso de Painter, Gorman falou.

— Você *usou-me* para espalhar a sua semente doentia.

Karlsen fitou em baixo as mãos entrelaçadas no colo, mas, quando ergueu o olhar, permanecia imperturbável.

— Isso veio mais tarde. Um erro. Sei-o agora. Mas procurei-o pela sua defesa em favor dos biocombustíveis, em favor da transformação de cereais como o milho e a cana-de-açúcar em combustível. Era bastante natural apoiar tão boa causa, uma fonte de energia renovável que nos libertasse da dependência do petróleo. Mas também servia o meu objetivo.

— Que era?

— Estrangular o fornecimento alimentar mundial. — Karlsen fitou Painter

sem remorsos. — Se controlarmos os alimentos, controlamos a população.

Painter recordou-se de ouvir Karlsen parafrasear Henry Kissinger. *Quando se controla o petróleo, controlam-se as nações, mas, quando se controlam os alimentos, controla-se toda a população do mundo.*

Então era esse o objetivo de Karlsen. Estrangular o fornecimento alimentar para estrangular o crescimento da população humana. Se fosse feito com perícia suficiente, podia mesmo funcionar.

— Como é que o apoio aos biocombustíveis o ajudava a controlar o fornecimento alimentar mundial? — Painter conseguia adivinhar a resposta, mas queria ouvi-la do homem.

— As melhores terras do mundo para produção de cereais estão esgotadas, forçando os agricultores a voltar-se para terrenos marginais. Eles conseguem mais dinheiro produzindo cereais para biocombustíveis do que para alimentação. Mais e mais boa terra agrícola está a ser desviada para produzir combustível e não alimentos. Mas é terrivelmente ineficaz. A quantidade de milho necessária para produzir etanol suficiente para encher o tanque de um SUV poderia alimentar uma pessoa faminta durante um ano. Assim, é claro que apoiei os biocombustíveis.

— Não pela independência energética...

Karlsen assentiu.

— Mas como *um meio* de estrangular o fornecimento de alimentos.

O senador Gorman parecia horrorizado, sabendo o papel que desempenhara em tudo aquilo.

Mas Painter notara a estranha ênfase.

— O que quer dizer com *um meio*?

— Esse era apenas um projeto. Eu tinha outros.

05h31

Monk estivera a seguir a conversa com alarme crescente.

— Deixe-me adivinhar — disse ele. — Algo a ver com abelhas.

Visualizou as colmeias gigantescas escondidas sob as instalações de investigação.

Karlsen olhou de relance para Monk.

— Sim. A Viatus investigou o Distúrbio do Colapso das Colónias. Trata-se de uma crise global de que estou certo já ouviram falar. Na Europa e nos Estados Unidos, mais de um terço de todas as abelhas desapareceram, abandonando as colónias e não regressando mais. Algumas áreas perderam mais de oitenta por cento das suas abelhas.

— E as abelhas polinizam árvores de fruto — disse Monk, começando a compreender.

— Não apenas árvores de fruto — interveio Creed, ao lado dele no sofá. — Nozes, abacates, pepinos, sementes de soja, abóboras. Na verdade, um terço de todos os alimentos cultivados nos Estados Unidos requerem polinização. Perdendo as abelhas, perde-se bastante mais do que frutos.

Monk compreendeu o interesse de Karlsen no Distúrbio do Colapso das Colónias. Controlando as abelhas, controla-se mais um largo segmento do suprimento alimentar.

— Está a dizer que causou o desaparecimento das abelhas?

— Não. Mas sei o que o causou e era isso que a Viatus pretendia explorar.

— Um momento. — Monk chegou-se para mais perto. — Você está a dizer que *sabe* o que matou as abelhas?

— Não é nenhum grande mistério, senhor Kokkalis. Os média exageram as teorias... mitos, o aquecimento global, a poluição atmosférica, até mesmo extraterrestres. Mas é bastante mais simples... e está comprovado. Só que os média optam por ignorá-lo em favor do sensacionalismo.

— O que o causou então?

— Um inseticida denominado imidacloprida ou IMD.

Monk recordou os códigos apostos nas gigantescas colmeias. Todos apresentavam aquelas três letras: IMD.

— Múltiplos estudos já incriminaram o químico como a causa, a par de um

produto análogo denominado fipronil. Em 2005, a França banuiu ambos os químicos e no decurso dos anos seguintes as suas abelhas regressaram, ao passo que continuaram a regredir no resto das colmeias do mundo. — Karlsen olhou em redor da cabina. — Mas algum de vocês ouviu falar disso?

Ninguém tinha.

— Não é suficientemente digno de ser noticiado — explicou Karlsen. — Imidacloprida, fipronil. Não é tão colorido como extraterrestres. Os média ainda não referiram o sucesso em França. O que por mim não tem qualquer inconveniente. O IMD tem os seus usos.

Monk franziu o sobrolho.

— Menos abelhas, menos comida.

— Por fim, até mesmo os média acabarão por tomar consciência disso, pelo que a Viatus prosseguiu a sua própria pesquisa nas instalações... no sentido de incorporar o IMD no nosso milho.

— Tal como a Monsanto introduziu o herbicida Roundup nas suas sementes geneticamente modificadas — acrescentou Creed.

— Se o IMD alguma vez for banido — compreendeu Monk —, você continuará a controlar as populações apícolas.

Karlsen assentiu.

— E, em resultado, os recursos alimentares.

Monk recostou-se. O homem era um monstro — mas um monstro brilhante.

05h40

Painter precisava de preencher mais espaços em branco. Abordou Karlsen de um ângulo diferente.

— Mas a Viatus estava a fazer mais do que simplesmente introduzir inseticidas em cereais.

— Tal como eu disse, tínhamos múltiplos projetos.

— Fale-me, então, das múmias dos pântanos... do fungo encontrado nesses

corpos.

O olhar firme de Karlsen tornou-se menos seguro.

— Enquanto empresa biotecnológica, testamos milhares de novos químicos todos os anos, oriundos dos quatro cantos do mundo. Mas esse fungo antigo...

— A sua voz adquiriu uma ponta de assombro. — Era espantoso. A sua natureza química e estrutura genética adequava-se perfeitamente aos meus objetivos.

Painter deixou o homem falar, para ver o que ele revelava por si mesmo.

— Dos corpos dissecados, extraímos esporos fúngicos que ainda eram viáveis.

— Depois de tanto tempo? — inquiriu Monk.

Karlsen encolheu os ombros.

— As múmias tinham apenas mil anos de idade. Em Israel, botânicos plantaram uma tamareira com uma semente com mais de *dois* mil anos de idade. E a turfa era um ambiente de preservação perfeito. Por isso, sim, conseguimos cultivar os esporos para aprender mais sobre o fungo. O exame dos restos revelou igualmente *como* o fungo entrou inicialmente nos corpos.

— Como?

— Foi ingerido. O nosso patologista forense determinou que as pessoas mumificadas tinham morrido à fome, apesar de o seu estômago estar repleto de centeio, cevada e trigo. O fungo encontrava-se em tudo isso. Trata-se de um bolor extremamente agressivo, à semelhança da cravagem nos cereais. O fungo é capaz de infetar todo o tipo de vegetação. E tudo com um propósito.

— Qual?

— Matar à fome qualquer animal que ingira a planta contaminada. — Karlsen reconheceu o olhar chocado em todos os rostos. — Os cereais contaminados pelo fungo tornam-se indigeríveis. Adicionalmente, o fungo invade os intestinos do animal, reduzindo ainda mais a absorção dos alimentos. É a máquina assassina perfeita. Mata à fome o hospedeiro com a própria matéria que deve sustentá-lo.

— Assim, come-se e come-se, mas morre-se à fome. — Painter abanou a cabeça. — Qual é a vantagem para o fungo?

Monk respondeu.

— Os fungos são uma das principais razões por que as coisas mortas se decompõem. Árvores mortas, corpos mortos. Não importa. Ao matar o hospedeiro, o fungo cria o seu próprio fertilizante, o seu próprio meio de crescimento.

Painter visualizou os cogumelos a crescer nas entranhas das múmias. Mas recordou igualmente a descrição de Monk da descoberta no laboratório das cápsulas de esporos, que amadureciam nesses mesmos cogumelos. Era assim que se espalhava o fungo, lançando pelo ar esporos que contaminariam mais campos de cultivo e reiniciariam o processo.

Karlsen atraiu de novo a sua atenção.

— O objetivo da nossa pesquisa era simplesmente extrair o agente químico que tornava esses cereais indigeríveis. Se o conseguíssemos introduzir no milho, conseguiríamos diminuir a sua digestibilidade. Com menos milho digestível, seria necessário ingerir mais quantidade para obter o mesmo benefício calórico.

— Assim, de novo — disse Painter —, estaria a restringir o suprimento alimentar.

— E de uma forma que nos permitiria um controlo *total*. Manipulando o gene, poderíamos aumentar ou diminuir a digestibilidade de um cereal, como quem roda um botão. Era tudo o que pretendíamos. E não fomos os *primeiros* a visar tal controlo genético.

Painter centrou-se naquelas últimas palavras.

— O que quer dizer?

— Em 2001, uma empresa biotecnológica de nome Epicyte anunciou ter desenvolvido uma semente de milho associada a um agente contraceptivo. O consumo da semente reduzia a fertilidade. Foi proposto como solução para o problema do excesso de população. Tudo o que esse anúncio estrondoso conseguiu foi uma enorme quantidade de publicidade negativa, e a semente de milho desapareceu de circulação. Tal como eu disse, abordar a questão abertamente provoca uma resposta. Ela tem de ser mantida discreta, fora do olhar público. Essa foi a lição. E eu aprendi-a.

E foi aí que tudo correu mal. Painter manteve um tom neutro.

— Mas o seu novo milho geneticamente modificado não era estável.

Karlsen abanou impercetivelmente a cabeça.

— O fungo revelou-se mais apto do que imaginámos. Esse organismo evoluiu a par das plantas hospedeiras, ao longo do tempo. Pensámos estar apenas a manipular um aspeto do fungo... o seu efeito sobre a digestibilidade... mas ele modificou-se em sucessivas gerações e voltou à sua potência total. Recuperou a sua capacidade mortífera, germinando de novo na sua forma de cogumelo. Mas, pior que tudo, recuperou a sua capacidade de se *propagar*.

— E quando soube disso?

— Com o projeto em África.

— Contudo, já iniciara a produção de sementes nos Estados Unidos e noutras paragens?

A expressão de Karlsen tornou-se compungida.

— Foi por insistência e confiança da nossa líder de projeto e geneticista chefe. Ela asseverou que os resultados dos testes de segurança preliminares eram suficientes para avançarmos. Confiei nela; nunca verifiquei eu próprio os resultados.

— Quem era essa mulher? — inquiriu Painter.

O senador Gorman adivinhou-o, a sua voz azeda e dura.

— Krista Magnussen.

05h52

Ivar Karlsen sabia que não podia evitar mais a fúria do senador. Mas levou-lhe algum tempo até o fitar nos olhos. Por isso, olhou para baixo. De um bolso, retirara uma moeda e deixara-a repousar na palma da mão. Era a moeda de quatro marcos de Frederico IV, cunhada em 1725 pelo traidor Henrik Meyer. A sua evocação do preço da traição.

Os dedos de Karlsen apertavam a moeda, reconhecendo quão fundo caíra,

defraudado por Krista Magnussen. Finalmente, ergueu os olhos e encarou o senador Gorman. O homem pagara um duro preço em sangue. Ivar não lhe podia negar a verdade.

— O senador está certo. Eu contratei Krista Magnussen quando iniciámos a divisão de Culturas Biogenéticas, há seis anos. Ela trazia inúmeras recomendações de Harvard e Oxford. Era jovem, brilhante e motivada. Produzia resultados ano após ano.

— Mas não era quem alegava ser — disse Painter.

— Não — admitiu Ivar. — Há cerca de um ano, começámos a ter sérios problemas com as nossas instalações. Fogo posto na Roménia. Desvio de fundos noutro lado. Uma série de furtos. Então, Krista revelou que tinha acesso a uma organização que escoraria a nossa segurança global de forma discreta e eficaz. Ela descreveu-a como uma versão empresarial de uma força militar privada.

— E essa organização tinha um nome?

— Ela chamava-lhe a Guilda.

Painter não reagiu ao nome. Nem uma contração muscular. A sua falta de reação convenceu Ivar de que o homem tinha conhecimento da Guilda, possivelmente mais do que ele próprio.

— Foi tudo encenado — disse Painter. — Os acidentes, o fogo posto, os furtos... tudo obra da Guilda. Eles precisavam de si. Assim, amaciaram-no para lhe ganhar a confiança. Tiraram-no de apuros vezes suficientes para lhe retirarem o controlo. Você tornou-se dependente deles.

Seguramente não era possível. Mas o padrão traçado por Painter... era tão claro como uma mão de cartas fatal.

— Deixe-me adivinhar — continuou Painter, clarificando o padrão. — Quando as coisas começaram realmente a correr mal... no campo de testes em África... a quem recorreu?

— A Krista, é claro — admitiu Ivar, a voz presa. — Ela relatou as mutações e que alguns dos refugiados do campo estavam a ficar doentes depois de consumir o milho. Alguma coisa tinha de ser feita. Mas já tínhamos plantado campos por todo o mundo. Ela disse que a situação ainda podia ser salva, mas

que ela e a sua organização necessitavam de carta-branca. Ela advertiu-me de que devia endurecer o meu coração. *O que eram umas poucas vidas para salvar o mundo?* Essas foram as suas palavras. E, meu Deus, eu estava suficientemente desesperado para acreditar.

A respiração de Ivar tornou-se pesada. A pulsação ecoava-lhe na garganta. Visualizou Krista nua a beijá-lo, os seus olhos ferozes e cintilantes. Ele pensara conhecer o jogo que estava a ser jogado.

Que tolo...

Painter continuou a história, como se tivesse passado os últimos dias ao lado de Ivar.

— A Guilda arrasou o campo e assegurou-lhe ser necessário para impedir que o organismo se propagasse. Recolheram os corpos de alguns dos refugiados afetados para estudo e justificaram o que se seguiu. *Que a sua morte não seja em vão. Se pudermos aprender mais, outros poderão ser salvos.* E, com a produção das sementes já iniciada, o tempo era essencial.

O senador Gorman estava sentado com os olhos muito abertos e os punhos cerrados sobre os joelhos.

— E o meu filho?

Ivar respondeu àquele apelo angustiado.

— Krista disse-me ter encontrado Jason a copiar dados secretos. Ela disse que ele planeava vendê-los pela oferta mais elevada.

Gorman bateu com o punho na perna.

— Jason nunca teria...

— Ela mostrou-me o *e-mail* dele com os ficheiros subtraídos anexados. Confirmei pessoalmente terem sido enviados a um professor em Princeton.

— Princeton não se envolveria em espionagem empresarial.

Magoava Ivar contar ao homem sobre o filho.

— A organização dela tinha provas de que o trilho do dinheiro conduzia a uma célula terrorista a operar a partir do Paquistão. Expô-lo, expor-nos-ia. E destruiria a sua carreira. Krista tentou falar com ele, convencê-lo a revelar os seus contactos, a manter o secretismo. Ela disse que ele recusou, tentou fugir.

Um dos seus homens entrou em pânico e disparou contra ele.

Gorman cobriu o rosto.

Ivar queria fazer o mesmo, mas não tinha esse direito. Ele sabia que o sangue do rapaz manchava as suas mãos. Ele ordenara a detenção e interrogatório de Jason por mercenários brutais.

Então Painter despedaçou a última das ilusões de Ivar.

— Jason estava inocente. Era tudo mentira.

Ivar fitou o outro lado da mesa, mudo. Ele queria refutar o que o homem dizia.

— Jason foi morto porque inadvertidamente enviou os dados incriminatórios ao professor Malloy. Foi por isso que ambos foram mortos. Para encobrir as provas da instabilidade da semente. A Guilda não queria que isso fosse exposto.

Painter fitou duramente Ivar.

— Uma vez a informação vazada, precisavam de um bode expiatório. Você ia ser atirado aos lobos. Depois de o aniquilarem em Svalbard, a Guilda poderia desaparecer facilmente e levar consigo todos os prêmios: uma nova arma biológica e os meios para controlar o que já fora libertado. A contaminação global pelo cereal seria atribuída à ambição implacável de um CEO morto. E, consigo eliminado, ninguém saberia de nada. Para a Guilda, você não era mais que um brinquedo a ser sacrificado.

Enquanto Ivar se mantinha perfeitamente imóvel, suor frio escorria-lhe pelas costas. Já não podia negar. Nada daquilo. E, lá bem no fundo, talvez ele sempre tivesse sabido a verdade, mas não ousara enfrentá-la.

— Mas tenho uma última pergunta — prosseguiu Painter. — Uma pergunta a que não consigo dar resposta.

Fez deslizar um pedaço de papel para o outro lado da mesa. Traçado nele estava um símbolo familiar.



Um círculo e uma cruz.

Painter bateu na folha.

— Percebo porque a Guilda quisesse matar Jason e o professor Malloy, mas porquê assassinar o arqueólogo do Vaticano? O que tem isso a ver com o plano da Guilda?

06h12

Painter sabia que Karlsen estava à beira do ponto de rutura. Os olhos do homem estavam vidrados, a sua voz era um sussurro rouco. Debatia-se claramente com a profundidade da traição perpetrada contra si. Mas a Guilda era mestra da manipulação e da coerção, da infiltração e do logro, da brutalidade e da violência.

Até mesmo a Sigma fora noutra ocasião sua vítima.

Mas Painter não lhe ofereceu consolo.

Lentamente, Karlsen respondeu à pergunta.

— O padre Giovanni abordou a nossa empresa há dois anos para financiar a sua pesquisa. Ele acreditava que os corpos mumificados encontrados na turfa eram as vítimas de um antigo conflito entre cristãos e pagãos. E que o fungo era usado como uma arma para arruinar as colheitas e arrasas povoações. E que aquela guerra secreta estava sepultada em código num texto medieval denominado Domesday Book. A sua documentação de suporte era impressionante. Ele acreditava que existia um contra-agente para a propagação do fungo, uma cura, uma forma de o erradicar da terra e do corpo.

— E a Viatus financiou a busca desse contra-agente?

— Financiámos. Que mal podia fazer? Pensámos que talvez descobríssemos um novo químico que pudéssemos explorar. Mas, quando começámos a suspeitar que a nossa nova semente era instável, soubemos que o padre Giovanni fizera uma descoberta extraordinária. Ele encontrara um artefacto que tinha a certeza de conduzir à localização da tal chave perdida.

Painter compreendeu.

— Esse contra-agente, se existisse, resolveria todos os vossos problemas.

— Pedi a Krista que o interrogasse para avaliar a validade da alegação e para que se apoderasse do artefacto. — Ivar fechou os olhos. — Deus me perdoe.

— Mas o sacerdote fugiu.

Karlsen acenou afirmativamente.

— Não sei o que aconteceu. O que quer que ele lhe tivesse contado ao telefone, atraiu a total atenção da organização. E, depois do desastre em África, tínhamos de nos apoderar do artefacto. Se houvesse sequer a mais remota possibilidade de existência de um contra-agente...

— Mas perderam-no. E o padre Giovanni foi morto.

— Nunca conheci os pormenores exatos. Depois da confusão em África, eu tinha fogos mais imediatos a apagar. Deixei o assunto nas mãos da Guilda, saber se havia alguma validade na alegação do padre Giovanni.

— E qual foi o resultado?

Ele abanou a cabeça.

— A última coisa que ouvi de Krista foi que um outro grupo procurava a chave.

Devia ser Gray, pensou Painter.

— Krista assegurou-me que a Guilda tinha uma toupeira nesse grupo.

Painter gelou com aquelas palavras.

Se a Guilda se infiltrara no grupo de Gray...

Debatia-se por encontrar uma maneira de os ajudar, de os avisar. Mas nem sequer sabia se estavam vivos ou mortos. Fosse como fosse, não havia nada que pudesse fazer.

Eles estavam por sua conta.

14 de outubro, 12h18

Troyes, França

Uma biblioteca era um local improvável para planejar um assalto a uma prisão.

Mas tinham de começar nalgum lado.

Gray partilhava uma mesa com Rachel. Pilhas de livros acumulavam-se a toda a volta. A luz do Sol fluía pelas janelas altas da moderna biblioteca da cidade de Troyes. Postos de computação ponteavam filas de mesas na sala de investigação.

Apesar da arquitetura de vidro e aço, a biblioteca era antiga. Fundada num convento em 1651, era uma das bibliotecas mais antigas de toda a França. O seu principal tesouro era uma coleção de manuscritos da Abadia de Clairvaux original. Após a Revolução Francesa, toda a biblioteca da abadia fora transferida para Troyes como medida de segurança.

E por uma boa razão.

— Foi Napoleão quem transformou a abadia em prisão — disse Gray, empurrando para longe um livro e esticando o pescoço.

Desde a chegada de Paris, tinham passado toda a manhã na biblioteca a pesquisar sobre a abadia e os seus santos. Pouco dormiram, só o que tinham conseguido no aeroporto ou no curto voo desde Inglaterra.

Com o relógio a avançar, Gray enfrentava dois desafios: como chegar às

ruínas que se situavam no coração da Prisão de Clairvaux e o que procurar quando lá chegassem. Com muito ainda por saber, não tivera outra escolha senão atribuir tarefas e dividir a equipa.

Gray acompanhou Rachel e Wallace a Troyes. A cidade ficava a pouco mais de dez quilómetros da prisão. A sua biblioteca continha a maior coleção de documentos históricos sobre a abadia. Para acelerar a investigação, Gray dividiu as tarefas. Rachel concentrar-se-ia sobre a vida, morte e inumação de São Malaquias na velha abadia. Wallace iria com um funcionário até à zona restrita do Grand Salon para analisar documentos originais relativos a São Bernardo, o fundador da ordem monástica e amigo íntimo de Malaquias.

Gray concentrou-se em esquadriñar todos os pormenores arquitetónicos que pudesse encontrar sobre a abadia original. Tinha uma pilha de livros semelhante à de Rachel. Aberto diante dele, estava um texto datado de 1856. Continha um mapa do recinto da antiga abadia.

Um alto muro exterior rodeava a propriedade, interrompido por torres de vigia. No interior, o terreno era dividido em quatro zonas. O pátio oriental albergava jardins, pomares e mesmo alguns lagos de peixes. A ocidente, estendiam-se celeiros, estábulos, matadouros, oficinas e alojamentos de hóspedes. Entre eles, resguardada atrás de muralhas interiores, situava-se a abadia propriamente dita, incluindo a igreja, os claustros, edifícios laicos e cozinhas.

Com o livro aberto à sua frente, Gray estudava o mapa oitocentista.

Algo o atraía insistentemente para a imagem, mas, quanto mais se concentrava, menos certo se sentia. Na última meia hora, usara o mapa para assinalar as poucas estruturas que restavam da abadia. Tudo o que ainda se mantinha de pé eram uma série de celeiros, umas poucas secções de muralha, um edifício laico bastante bem preservado e as ruínas do claustro original.

Era este último — *le Grand Cloître* — que mais intrigava Gray.

O Grande Claustro situava-se imediatamente ao lado do local onde se erguera outrora a abadia. E fora sob essa igreja que São Malaquias fora sepultado.

Mas estaria ainda aí?

Essa era outra preocupação. Segundo Rachel, após a Revolução Francesa, o túmulo de São Malaquias desaparecera dos registos históricos.



Significaria isso alguma coisa?

O que levava Gray de volta à questão que ainda o atormentava.

— Porque transformou Napoleão a abadia em prisão?

Wallace regressara e ouviu-o.

— Não é assim tão invulgar — explicou, ao mesmo tempo que se sentava. — Muitas antigas abadias da Idade Média foram convertidas em instalações penais. Com as suas paredes espessas, torres e edifícios monásticos, a conversão era bastante simples.

— Mas, de todas as abadias em França, Napoleão escolheu *esta* como prisão. Mais nenhuma. Poderia estar a proteger alguma coisa?

Wallace coçou o lábio inferior, pensando.

— Napoleão foi uma figura central do Iluminismo. Ele fixou-se nas novas ciências, mas também era fascinado pelo antigo. Quando conduziu a sua

desastrosa campanha do Egito, levou consigo muitos eruditos para explorar os tesouros arqueológicos. Se ele *tivesse* sabido de algum conhecimento interdito escondido na abadia, podia tê-lo guardado. Sobretudo se pensasse que poderia ameaçar o seu império.

— Como a maldição. — Gray recordou a palavra escrita no Domesday Book.
— Devastado.

Teria algo assustado Napoleão o suficiente para o fazer desaparecer?

Gray esperava que sim. Se a chave do Juízo Final tivesse sido enterrada na tumba de São Malaquias, talvez ainda aí se encontrasse.

Rachel não dispunha de tempo para enganos.

Nas últimas horas, ela começara a ficar febril. A sua testa ardia e tinha calafrios. Mesmo naquele momento, vestia uma grossa camisola fechada até ao pescoço.

Ela não podia dar-se ao luxo de que eles estivessem errados.

Gray verificou o relógio. Tinham planeado encontrar-se com Kowalski e Seichan dentro de uma hora. Os dois tinham ido até à prisão para estudar e procurar pontos fracos. Cabia a Seichan descobrir um meio de penetrar nas instalações de alta segurança. Ela partira com uma expressão de dúvida a pairar-lhe no rosto.

Rachel afastou-se do livro, a pele pálida, os olhos avermelhados e inchados.

— Não consigo encontrar mais do que sei — admitiu por fim, derrotada. — Li toda a história da vida de Malaquias, desde o nascimento até à morte. Mas não consegui descobrir uma razão para Malaquias, um arcebispo irlandês, ser sepultado em França. Exceto que ele e Bernardo eram profundamente amigos. Com efeito, afirma-se aqui que Bernardo foi sepultado *com* Malaquias em Clairvaux.

— Mas ainda aí estão? — indagou Gray.

— De acordo com tudo o que li, os corpos nunca foram movidos. Mas o registo histórico após a Revolução Francesa desaparece.

Gray voltou-se para Wallace.

— E São Bernardo? Encontrou alguma coisa sobre o homem ou a fundação

da abadia que possa ser útil?

— Alguma coisa. Bernardo estava intimamente associado aos Cavaleiros do Templo. Ele estabeleceu mesmo algumas das regras dos Templários e interveio no sentido do reconhecimento da ordem pela Igreja. Instigou, além disso, a Segunda Cruzada.

Gray pesou a informação. Os Cavaleiros do Templo eram tidos por ser os guardiões de inúmeros segredos. Poderia este ser mais um deles?

Wallace continuou.

— Mas há uma coisa que se sobrepôs a todas as outras, a história de um milagre. Que aconteceu aqui. Diz-se que Bernardo adoeceu letalmente com uma infecção e que, quando rezava diante da estátua da Virgem Maria, esta exsudou leite que o curou. Este acontecimento tornou-se conhecido como o Milagre da Lactação.

Rachel fechou o seu livro.

— Mais um exemplo de cura milagrosa.

— *Aye*, mas essa ainda não é a parte interessante — disse Wallace, com um malicioso erguer de sobrancelha. — Segundo a história, a estátua que exsudou o leite... era uma Madona Negra.

Gray levou um momento a recuperar do choque.

— Uma Madona Negra curou-o...

— Parece familiar, não parece? — disse Wallace. — Talvez seja alegórico. Não sei. Mas, após a morte de Malaquias, São Bernardo tornou-se o maior defensor do culto da Madona Negra. Ele foi fundamental na iniciação do culto.

— E esse milagre ocorreu aqui mesmo.

— *Aye*. O que sugere definitivamente que o corpo da rainha de pele escura possa ter sido transportado para aqui, para Clairvaux... juntamente com a chave.

Gray esperou que ele estivesse certo, mas só havia uma maneira de saber. Tinham de entrar naquela prisão.

Clairvaux, França

Seichan caminhava pelos bosques.

A sua expedição de reconhecimento a Clairvaux produzira alguns resultados. Envergando equipamento de caminhada para tempo frio, tinha uns binóculos em volta do pescoço e um bastão. Parecia apenas uma mulher jovem a fazer uma caminhada. Só que aquela caminhante carregava uma *Sig Sauer* num coldre no fundo das costas.

A prisão e antigo mosteiro ficavam num vale entre duas elevações arborizadas. Segundo Rachel, era comum a ordem cisterciense edificar os seus mosteiros em locais tão remotos. Preferindo um estilo de vida austero, os monges retiravam-se para o interior de bosques, o topo de montanhas, até mesmo pântanos.

Sendo um local isolado, era perfeito para uma prisão.

Seichan percorreu todo o perímetro de Clairvaux, anotando a posição de todas as torres de vigia, das muralhas, das cercas de aço e dos rolos de arame farpado.

Era uma fortaleza.

Mas nenhum castelo era inexpugnável.

Um plano já se desenhava na sua mente. Necessitariam de uniformes, passes e um camião da polícia francesa. Deixara Kowalski num café com ligação à Internet na povoação vizinha de Bar-sur-Aube. Através de uma fonte da Guilda, ele estava a recolher uma lista de nomes de prisioneiros e guardas, incluindo fotografias. Ela acreditava poder ter tudo pronto no dia seguinte. As horas de visita matinais permitiriam a entrada de um ou dois deles. Os outros teriam de se introduzir no camião identificados com credenciais falsas.

No entanto, permaneciam múltiplas variáveis. De quanto tempo necessitariam no interior? Como sairiam? E armas?

Ela sabia que estavam a avançar demasiado rapidamente, demasiado imprudentemente.

De súbito, Seichan agachou-se atrás do grosso tronco de um carvalho branco.

Não sabia dizer porque sentira necessidade de se esconder.

Apenas um formigueiro na nuca.

Sabia ser melhor não o ignorar. O corpo humano era uma grande antena, captando sinais que a mente consciente frequentemente desdenhava, mas a parte mais profunda do cérebro, onde se enraizava o instinto, processava-os continuamente e fazia muitas vezes soar o alarme.

Especialmente se treinado desde a infância, como Seichan, cuja sobrevivência dependera de ouvir esses mais obscuros recantos da consciência.

Enquanto sustinha a respiração, ouviu o esmagar de folhas secas atrás de si. À frente, um restolhar de ramos. Baixou-se.

Estava a ser perseguida.

Seichan sabia que os tinham seguido até França. Antes de sair de Inglaterra, ela informara o seu contacto. Magnussen conhecia o destino. Os perseguidores tinham-nos apanhado de novo em Paris. Não levava muito a Seichan detetá-los.

Mas teria jurado que ninguém a seguira desde Bar-sur-Aube, depois de largar Kowalski. Deixara o carro estacionado num local de paragem de uma estrada secundária e metera-se nos bosques sozinha.

Quem estava ali?

Esperou. Ouviu o restolhar de novo atrás de si. Fixou a localização na sua mente. Rodando, captou o que se passava à sua volta com um olhar de relance. Um homem com uma espingarda e de camuflado rastejava pelo bosque, claramente com treino militar. Ainda antes de acabar de rodar, mexeu o braço. O punhal de aço voou dos seus dedos. Rasgou por entre as folhas e empalou o homem pelo olho esquerdo.

Este caiu para trás com um grito.

Ela lançou-se para a frente e encurtou a distância entre eles em quatro passadas. Bateu com a palma da mão sobre o cabo do punhal, afundando-o até ao cérebro.

Sem abrandar, agarrou na espingarda do homem e seguiu monte acima.

Um grande bloco de pedra erguia-se próximo da crista. Da anterior exploração, ela tinha todo o terreno mapeado na sua mente. Alcançando o

abrigo, deslizou e voltou-se de bruços. Assumiu a posição de tiro, o olho já encostado à mira.

Um silvo ricocheteou na pedra junto à sua cabeça.

Não ouvira o tiro, mas a passagem da bala rasara um ramo de pinheiro. Agulhas tombaram. Fixou a trajetória pela mira, vislumbrou uma sombra maciça a mover-se entre as sombras mosqueadas e apertou o gatilho.

A espingarda cuspiu com pouco mais ruído que um estalar de dedos.

Um corpo desabou. Sem um grito. Um tiro limpo na cabeça.

Seichan moveu-se de novo.

Haveria um terceiro.

Correu ao longo da linha de crista, triangulando a posição mais provável para um terceiro assassino. Mantinha-se em terreno elevado. O mapa do terreno sobrepunha-se à sua visão, como o dispositivo de visualização cartográfica no interior de um capacete.

Se ela tivesse preparado uma emboscada naquela região arborizada, havia um poleiro tentador mais adiante. Um carvalho seco atingido por um raio com um tronco escavado. Se ela tivesse avançado mais uns trinta metros, teria ficado no seu campo de fogo. Os outros dois assassinos, pressentindo a presa prestes a cair na cilada, deviam ter baixado a guarda e avançado antes de tempo, expondo-se insensatamente na sua pressa.

Certamente Magnussen tê-los-ia prevenido da letalidade do seu alvo.

Mas eles eram homens, mercenários com egos a condizer.

Ela era apenas uma mulher.

Alcançou a árvore por trás, vinda de cima. Deslizou até ela sem perturbar uma folha ou galho.

Posicionando a espingarda a poucos milímetros da árvore morta, disparou. Um grito de surpresa e dor irrompeu, enquanto um corpo tombava da cavidade da árvore pelo lado oposto. Lançou-se sobre ele com o punhal.

O homem era corpulento, cheirava a gordura, o seu rosto semeado por uma barba negra. Praguejou em árabe com um forte sotaque marroquino. Ela tinha o punhal encostado ao pescoço dele, tencionando interrogá-lo, saber porque tinha

sido emboscada e quem os enviara.

Ela podia fazê-lo falar. Conhecia maneiras de o fazer.

Em vez disso, arrastou o punhal pela sua garganta, abaixo da laringe, uma morte silenciosa, e lançou-o contra o chão. Não havia necessidade de o interrogar, percebeu. Ela já conhecia as respostas.

Algo mudara. Magnussen ordenara que a eliminassem. Apanhando-a sozinha nos bosques, tinham tentado acabar com ela primeiro.

Imaginou Gray e os outros. Correu em direção ao local de estacionamento. Eles não faziam ideia.

Procurou num bolso e abriu o telemóvel. Marcou o número que memorizara.

Quando este foi atendido, deixou transbordar toda a sua fúria.

— A sua operação! Só para que saiba, *falhou!*

13h20

Rachel encontrava-se com Wallace num jardim de hotel em Bar-sur-Aube. Verificou o relógio. *Kowalski e Seichan já deviam estar ali.*

Olhou ao longo da rua. O plano era encontrarem-se ao almoço para rever os planos. Tinham quartos reservados ali. O hotel — o Moulin du Landion — era um moinho de água seiscentista elegantemente recuperado. O canal original ainda corria pelos jardins, fazendo girar uma velha roda.

Teria ficado encantada com o lugar, mas só se sentia doente. O coração batia com força, a garganta ardia e a febre estava a piorar. Por fim sucumbiu e sentou-se numa das cadeiras do pátio.

Gray regressou do átrio. Abanava a cabeça enquanto se aproximava.

— Ninguém levantou as chaves. — Reparou que ela se tinha sentado e o seu rosto contraiu-se de preocupação. — Como te sentes?

Ela abanou a cabeça.

Ele continuou a fitá-la. Ela sabia o que ele estava a pensar. Seichan esboçara um plano para penetrar na prisão. Tentariam fazê-lo na manhã seguinte. Gray

interrogava-se claramente se ela aguentaria tanto tempo.

Subitamente, Seichan surgiu, entrando pelo portão do jardim. Perscrutou a toda a volta. A mulher, sempre hiperalerta, parecia especialmente inquieta. Os seus olhos estavam mais abertos, o olhar mais fugidio.

Gray devia ter notado o mesmo.

— O que se passa?

Ela franziu o sobrolho.

— Nada. Está tudo bem. — Porém quando reparou que faltava um deles, retesou-se de novo. — Onde está Kowalski?

— Pensei que estava contigo.

— Deixei-o na povoação a fazer uma pesquisa enquanto batia os bosques.

— Deixaste Kowalski a fazer pesquisa?

Seichan ignorou o ceticismo.

— Era trabalho grosseiro. Deixei instruções tão claras que até um macaco as podia seguir.

— Mas estamos a falar de Kowalski.

— Devíamos ir à procura dele — disse Seichan.

— Provavelmente encontrou um bar aberto para o almoço. Ele acabará por voltar aqui. Vamos discutir o que descobrimos hoje. — Gray gesticulou em direção à mesa de Rachel.

Seichan não parecia satisfeita com a decisão. Ficou de pé, a andar de um lado para o outro, mantendo uma vigília constante. Rachel notou o retesar de um músculo na sua face quando a roda de água chiou.

A mulher ficou tensa, mas acabou por se sentar.

Gray questionou-a sobre os planos para o dia seguinte. Todos mantinham as vozes num baixo murmúrio, as cabeças inclinadas juntas. Enquanto Seichan enumerava tudo o que seria necessário, Rachel ficava mais e mais desanimada. Havia muito que podia correr mal.

A dor de cabeça aumentou para uma agonia pungente por detrás do olho direito, suficientemente forte para ficar nauseada.

Sem perder nada da conversa, Gray colocou a sua mão sobre a dela. Nem

sequer olhara na sua direção. Fora um gesto instintivo de tranquilização.

Seichan notou, fitando a mão dele — depois, subitamente, virou-se na direção da rua e retesou-se. Ficou perfeitamente imóvel, como uma chita antes de atacar.

Mas era apenas Kowalski. Surgiu à vista caminhando vagarosamente. Ergueu uma mão em saudação, abriu o portão do jardim e atravessou o espaço na direção deles. Fumava um charuto, arrastando uma nuvem de fumo aromático com ele.

— Estás atrasado — censurou-o Gray.

Ele limitou-se a revirar os olhos.

Wallace aproveitou a interrupção para dar voz à sua preocupação em relação aos planos para o dia seguinte.

— É um plano bastante arriscado. Exigirá uma sincronização perfeita e imensa sorte. E, mesmo assim, duvido que consigamos chegar às ruínas da abadia.

— Então porque não fazemos simplesmente a visita? — questionou Kowalski, pousando uma brochura sobre a mesa.

Todos fitaram o panfleto turístico. Exibia uma imagem de uma antiga colunata curva com um elegante toldo por cima.



Rachel traduziu do francês.

— A Associação Renascentista da Abadia de Clairvaux organiza visitas guiadas à abadia.

Todos fitaram Kowalski.

Ele encolheu os ombros.

— O que é? Puseram-mo debaixo do nariz. Às vezes ajuda não nos misturarmos.

No caso de Kowalski, isso ficava além da realidade. Ninguém o poderia confundir com um habitante local.

Rachel leu na diagonal o resto da brochura.

— As visitas realizam-se duas vezes ao dia. Pelo custo de dois euros. A segunda visita diária começa dentro de uma hora.

Wallace pegou na brochura e agitou-a.

— Uma visita tão curta não nos dará muito tempo para uma busca meticulosa, mas podíamos ficar com uma ideia rápida do lugar.

Gray concordou.

— E permitir-nos-á igualmente dar uma vista de olhos à segurança a partir do interior.

— Mas nessa visita — alertou Seichan — seremos revistados. Não poderemos levar armas connosco.

— Não o faremos — disse Gray com um abanar despreocupado da cabeça. — Com todos os guardas armados à nossa volta, estaremos mais seguros do que nunca.

Seichan parecia longe de convencida.

14h32

Então a cabra estava viva.

A quatro quilómetros de Troyes, Krista atravessou o campo coberto de erva em direção aos helicópteros não identificados. Os dois *Eurocopter Super Puma* roubados já estavam a ser carregados para a missão. Dezoito homens envergando equipamento de combate aguardavam a ordem para embarcar. Os técnicos tinham acabado de equipar ambas as aeronaves com o necessário poder de fogo.

Um espião no terreno informou que os alvos estavam em movimento.

Tinham reservado uma visita guiada às ruínas da abadia e dirigiam-se para a prisão. Ela esperara ter despachado Seichan antes de avançar. A mulher era uma carta demasiado imprevisível, mas Krista dispunha de poder de fogo mais do que suficientes e efetivos para lidar com ela.

Apenas o tornava mais difícil.

Que assim fosse.

As suas ordens eram para se apoderar o artefacto e eliminar os outros. Era o que tencionava fazer, mas, depois dos recentes desastres, reconhecia igualmente a precariedade da sua posição na organização. Recordou a ameaça por detrás das palavras frias ao telefone. Qualquer falha a partir dali terminaria na sua eliminação. Contudo, sabia também que a simples *satisfação* dessas expectativas não seria suficiente.

Depois de tudo o que corra mal, ela precisava de uma vitória, de um troféu para apresentar ao Echelon. E tencionava obtê-lo. Se a chave do Juízo Final estivesse entre as ruínas, ela forçaria os outros a encontrá-la por ela, depois eliminá-los-ia.

Com a chave nas mãos, a sua posição na Guilda seria reassegurada.

Mantendo esse objetivo em mente, não deixava nada ao acaso. Os alvos não tinham armas nem meios de fuga. Não enquanto encurralados no coração de uma prisão de máxima segurança. Uma vez o ataque iniciado, a prisão seria encerrada.

Não teriam para onde fugir, onde se esconder.

Fez sinal ao esquadrão para embarcar nas aeronaves.

Era tempo de invadir aquela festa.

14 de outubro, 14h40

Clairvaux, França

Gray sabia que tinham problemas.

A segurança na prisão revelou-se extremamente severa, mesmo para um grupo de visita privado. Os seus passaportes foram verificados no sistema informático, as suas mochilas revistadas e tiveram de passar por dois detetores de metais, seguidos de uma revista do corpo inteiro por um detetor manual. Guardas armados de espingardas, bastões e pistolas mantinham posições por todo o edifício principal. Mais homens patrulhavam o pátio exterior acompanhados de robustos cães de guarda.

— Ao menos saltaram a revista das cavidades — resmungou Kowalski, enquanto deixavam o último ponto de verificação.

— Vão fazê-lo à saída — advertiu-o Gray.

Kowalski fitou-o para se certificar de que era uma piada.

— Por aqui, *s'il vous plaît* — disse a guia com um movimento do seu guarda-chuva cor de malva. A representante da Associação Renascentista era uma mulher alta, séria, na casa dos sessenta. Estava vestida informalmente com umas calças de caqui, uma camisola leve e um casaco curto cor de vinho. Não fazia qualquer esforço para dissimular a idade. Tinha um ar desgastado, com o cabelo grisalho apanhado atrás das orelhas. A sua expressão raramente se suavizava.

No fim de um corredor, chegaram a umas portas duplas que conduziam a um pátio interior. A luz do Sol derramava-se sobre relvados aparados, arbustos podados e caminhos de gravilha. Depois da alta segurança, era como se tivessem penetrado num outro mundo. Secções de muro esboroadas, meio cobertas de hera, entrecruzavam a extensão de oito mil metros quadrados, a par de elevações angulares que marcavam as antigas fundações.

A guia conduziu-os pelo pátio, seguida por um guarda armado. Agitou o seu guarda-chuva na direção das paredes.

— Estes são os últimos vestígios do *monasterium vetus* original. A sua capela quadrada foi mais tarde incorporada na igreja da abadia com o seu vasto coro e capelas radiantes.

Gray observava tudo.

Na viagem de autocarro até ali, a mulher oferecera-lhes uma breve história do mosteiro e do seu fundador. Eles já conheciam a maior parte dela. À exceção de um pormenor revelador. São Bernardo edificara o mosteiro na propriedade da sua família. Em função desse pormenor, ele conheceria perfeitamente a topografia do local e quaisquer cavernas ou grutas escondidas.

Teria ele escolhido aquela precisa localização por alguma razão?

Gray notou que Rachel fitava também o chão, certamente a perguntar-se o mesmo.

Mais afastada, Seichan mantinha o olhar erguido na direção das muralhas circundantes da prisão e das suas torres de vigia. As ruínas eram completamente cercadas por todos os lados. A sua expressão mantinha-se sombria.

Seichan apanhou-o a estudá-la. Sustentou-lhe o olhar como se estivesse prestes a dizer alguma coisa. Embora exteriormente estoica, os músculos mais ínfimos da sua face, aqueles esquivos ao controlo voluntário da maioria das pessoas, pareciam passar por uma imensidade de emoções, toldando-se numa confusão impenetrável.

Por fim, desviou o olhar quando a guia falou.

— Venham, venham. Vamos passar ao extraordinariamente bem preservado edifício laico, que nos oferece uma ilustração magnífica da vida monástica.

Encaminhou-se para o lado mais distante do pátio, onde um edifício de pedra de três andares se aninhava num canto. A fachada tinha arcadas e era rasgada por pequenas portas e janelas.

— O piso mais baixo abrigava o *calefactorium* do mosteiro ou sala de dia comum — explicou. — O seu desenho é engenhoso, *très brillant*! Por baixo do chão, estende-se uma série de túneis a partir de celas escondidas. Fogueiras em baixo aqueceriam os enregelados monges após as orações ou ofícios noturnos. Aqui, podiam igualmente untar as suas sandálias antes de iniciar o dia.

Enquanto ela continuava a explicar mais sobre a vida diária no mosteiro durante a Idade Média, Gray estudava as pedras sob os seus pés.

Então os monges eram engenheiros proficientes e construtores de túneis.

Recordou-se igualmente da afirmação de Wallace de que tais mosteiros e abadias eram frequentemente crivados de passagens secretas.

Teria alguma delas resistido?

A mulher conduziu-os por outras partes das ruínas, até mesmo pelos restos de um celeiro que servira como antiga oficina de curtumes, e por fim levou-os de volta às paredes em ruínas da antiga igreja. E terminou no impressionante Grande Claustro, a joia da coroa da visita.

Transpuseram uma imensa arcada e penetraram no recinto do claustro. A estrutura consistia numa passagem quadrangular, coberta em cima e rodeada por colunas pela parte de dentro, em frente de um ensolarado jardim interior. Abóbadas góticas sustentavam o teto sobre a passagem.

Gray passou os dedos pela parede próxima. Tendo perdurado um milénio, a estrutura erguia-se como um testemunho contra a devastação dos anos e das intempéries.

Que mais poderia ter resistido?

A guia conduziu-os até ao jardim central, com os seus estreitos carreiros emoldurados por arbustos baixos e canteiros de flores angulares.

— Os claustros foram construídos a sul da igreja para tirar toda a vantagem da luz do Sol.

Ela ergueu o rosto ao céu para o demonstrar.

Gray seguiu-a e parou ao lado de uma bússola trabalhada que embelezava o centro do jardim. Contornou-a lentamente e estudou o quadrado de colunas à sua volta.

De todos os terrenos da abadia, porque estava o claustro tão bem preservado?

Sentiu que, se havia uma entrada para o túmulo de São Malaquias, tinha de ser ali. A alguns passos, Rachel tirava fotografias. Estudá-las-iam quando regressassem ao hotel, procurando encontrar uma solução.

No entanto, Gray permanecia imóvel. Ele sabia que as fotografias não conseguiriam captar a antiga atmosfera do lugar. Demorou um momento a absorver tudo aquilo. Algo na estrutura o perturbava. Afastou todas as distrações. Ignorou os outros a deambular pelas ruínas, tornou-se surdo ao discurso contínuo da guia.

Em vez disso, escutou o lugar.

Permitiu-se recuar no tempo, escutar os cânticos dos monges, o retinir dos sinos a chamar à oração, as preces silenciosas lançadas aos céus.

Este era um lugar sagrado.

Rodeado por antigas colunas de pedra...

Então soube.

Deu a volta completa mais uma vez, os seus olhos bem abertos.

— Encontramo-nos no interior de um círculo de pedra sagrado.

A um passo de distância, Rachel baixou a câmara.

— O quê?

Ele indicou com o braço o claustro em redor.

— Estas colunas não são diferentes das pedras erguidas no pântano de turfa.

— O seu entusiasmo cresceu, a voz entrecortada. — Encontramo-nos no meio de uma versão cristã de um círculo de pedra.

Gray apressou-se para as altaneiras colunas e deslocou-se de uma a outra. Talhadas em blocos maciços de pedra calcária amarelo-acinzentada, cada uma devia pesar várias toneladas, na verdade não dissemelhantes das pedras azuladas de Inglaterra.

Na quarta coluna, encontrou-o. Esbatido, não mais do que uma tênue sombra

na superfície do calcário. Passou os dedos pela marca, traçando o círculo e a cruz.



— É o símbolo — disse ele.

A guia notou a sua súbita atenção. Juntou-se-lhe.

— *Magnifique*. Encontrou uma das cruzes de consagração.

Ele voltou-se para ela à espera que desenvolvesse.

— Durante a Idade Média, era tradição santificar uma igreja ou a sua propriedade com esses símbolos. Ao contrário do crucifixo que representa o sofrimento de Cristo, estes círculos com a cruz representam os apóstolos. Era comum adornar um lugar sagrado com eles. Eram geralmente em número de...

— Doze — completou Gray. Ele recordou as pedras verticais no pântano de turfa. Aí, também havia doze cruzes.

— Exato. Elas indicam a bênção dos doze apóstolos.

E talvez algo bastante mais antigo, acrescentou ele silenciosamente.

Gray passou por uma arcada para o interior da passagem coberta. Queria examinar o outro lado das colunas. As pedras erguidas em Inglaterra tinham espirais no lado oposto.

Procurou rapidamente ao longo do claustro. Os outros reuniram-se-lhe. Não encontrou marcas na superfície interior das colunas. Quando terminou a volta completa até ao ponto onde começara, o seu entusiasmo tinha diminuído. Talvez estivesse errado. Talvez estivesse a exagerar a interpretação do simbolismo.

A mulher notou a sua busca determinada.

— Estou a ver que ouviu falar da lenda local — disse ela, num tom ligeiramente trocista. — Penso que parte da razão por que o claustro ainda

perdura é devido a esse mistério.

Wallace limpou a testa com um lenço.

— De que mistério está a falar, minha cara senhora?

A mulher sorriu pela primeira vez, ligeiramente impressionada pelo velho professor. Além de que Wallace se mantivera perto dela, fazendo-lhe inúmeras perguntas, o que provavelmente contribuíra para a atração.

— Trata-se de uma lenda contada localmente. Uma história passada de geração em geração. Mas admito que se trata de um facto estranho.

Wallace retribuiu-lhe o sorriso, encorajando-a a continuar.

Ela apontou para o pátio.

— Como eu disse antes, é comum santificar uma igreja com *doze* cruzes de consagração. Mas aqui há apenas *onze*.

Surpreendido, Gray regressou ao jardim. Censurou-se mentalmente por não ter sido suficientemente rigoroso. Nunca pensara em contar o número de símbolos. Ele assumira que havia doze, tal como nas pedras verticais.

— A história conta que a décima segunda e última cruz de consagração da Abadia de Clairvaux guarda um imenso tesouro. Há séculos que ele é procurado, que os terrenos são esquadrihados, até mesmo os celeiros exteriores perscrutados. Mas não passa de uma *légende* sem sentido. *Absurdité*. Muito provavelmente a décima segunda cruz foi talhada no interior da própria abadia, ligando a graça divina exterior à igreja.

E talvez essa ligação ainda exista, pensou Gray.

A guia verificou o relógio.

— Lamento, mas temos de terminar a visita por aqui. Se vierem amanhã, talvez lhes possa mostrar mais.

Esta última oferta dirigiu-se sobretudo a Wallace Boyle.

— Oh, estou certo de que voltaremos — prometeu-lhe ele.

Gray olhou de relance para Seichan para ver se ela ainda o achava possível. Ela deslizara para o seu lado. Com o final da visita, tornara-se visivelmente tensa.

Antes que a pudesse questionar, irrompeu uma potente sirene, vibrante e

estridente. Todos procuraram em volta. O que se estava a passar?

O guarda armado aproximou-se. Rachel perscrutou o rosto da guia para ver se se tratava de uma ocorrência normal.

— Temos de encontrar abrigo — disse Seichan ao ouvido de Gray. A sua voz era urgente, mas parecia quase aliviada, como se tivesse estado à espera de que alguma coisa acontecesse.

— O que se passa?

Antes que ela pudesse responder, um novo ruído insinuou-se. Para lá da sirene, reverberava um batimento surdo, sentido nas entranhas. Gray olhou para o céu, enquanto dois helicópteros avançavam rapidamente sobre a copa das árvores. As aeronaves ergueram-se alto, depois afundaram o nariz na direção da prisão.

A julgar pelas sirenes, Gray sabia que aqueles dois aparelhos não faziam parte daquele espaço aéreo.

A prisão estava a ser atacada.

15h22

Krista sentava-se ao lado do piloto, enquanto este inclinava o helicóptero na direção da prisão em baixo. Mesmo através dos auscultadores e do roncar dos rotores, ela percebia o uivar das sirenes. Nas instalações tinham detetado a sua aproximação e tentado comunicar com eles, mas, na ausência de resposta, fizeram soar o alarme.

À sua frente, o primeiro *Eurocopter* sobrevoou os terrenos da prisão. Do seu ventre, foram largadas bombas. Estas embateram no solo com violentas explosões. As ondas de choque atravessaram o caos, ecoando como trovões.

Krista queria provocar o máximo de danos possível. Ela fora informada do protocolo de segurança da Prisão de Clairvaux. Em caso de emergência, isolariam as ruínas da abadia, para proteger um tesouro nacional e quaisquer turistas encurralados no interior.

Como agora.

O piloto do helicóptero da frente comunicou via rádio.

— Os alvos foram avistados. Coordenadas enviadas.

Ela olhou para o piloto da sua aeronave. Ele assentiu. Recebera as coordenadas e curvou abruptamente para a direita. Carregavam a bordo dez homens. Cordas de descida estavam a ser preparadas em ambas as portas. Uma vez sobre as ruínas, os homens saltariam borda fora, deslizariam pelas cordas e capturariam os alvos em baixo.

Krista acompanharia essa primeira equipa de assalto.

Tencionava tratar do problema pessoalmente.

Depois da prisão bombardeada e incendiada, o outro helicóptero descarregaria os seus homens numa segunda investida. As duas aeronaves continuariam a patrulhar, preparadas e a aguardar a ordem de evacuação.

Debruçando-se para fora, Krista fitou o terreno em baixo. As coordenadas assinalavam um grande quadrado de ruínas de pedra em torno de um vasto jardim. O espaço era suficientemente amplo para um helicóptero aterrar no interior se necessário.

O piloto surgiu em linha.

— A aguardar o sinal — disse ele.

Ela ergueu um punho e apontou o polegar para baixo.

Era tempo de acabar com aquilo.

15h24

Gray abrigou-se com os outros sob a passagem coberta do claustro. Os ouvidos retiniam com as sirenes. A cabeça doía-lhe das explosões. Colunas de fumo e fogo irrompiam a toda a volta.

Gray compreendeu a tática do bombardeamento da prisão.

Alguém quer-nos encurralados.

E ele podia adivinhar quem.

Os padrões de Seichan queriam-nos sob rédea mais curta. Tê-los-ia ela informado de que a equipa de Gray estava perto de descobrir a chave? Seria daquela forma que pretendiam jogar o lance final?

No entanto, Seichan parecia igualmente furiosa. Aparentemente, ela não fora informada daquela mudança de planos.

— O que vamos fazer? — indagou Rachel.

Ele não tinha como responder. Sabia que havia muitas perguntas encerradas naquela. Como iam sair dali? E o antídoto prometido para o seu envenenamento? Sem a chave do Juízo Final na mão, não tinham moeda de troca.

Precisavam daquela chave.

Mesmo antes do assalto, algo começara a ganhar corpo na mente de Gray. Uma ideia vaga, o sopro de um pensamento. Mas as sirenes e as bombas tinham-no expulsado para longe.

Algo sobre a décima segunda cruz de consagração.

Por entre o fumo, um helicóptero surgiu. A sua sombra projetou-se sobre o pátio, enquanto deslizava para uma posição estática. O movimento do rotor varria o espaço fechado, derrubando as flores e sacudindo os arbustos.

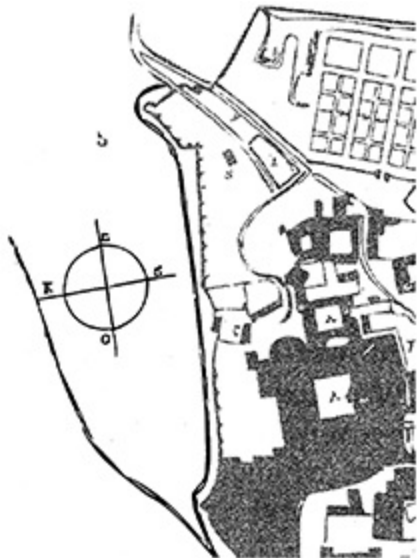
Gray e os outros não tinham para onde fugir.

Enquanto fitava o jardim, a resposta veio-lhe repentinamente. Não houve cálculos, não houve juntar de peças. Tomou simplesmente forma na sua mente.

O tempo arrastou-se.

Recordou a sua fixação no mapa da velha abadia na biblioteca de Troyes. Sabia o que o perturbara. Havia uma cruz pagã precisamente nessa página. Na biblioteca, não a notara, não a identificara naquele contexto. Na sua mente, via-a agora claramente.

A cruz pagã representava a Terra quadripartida nos seus quadrantes básicos: este, oeste, norte, sul.



Exatamente como a *bússola* do mapa.

Gray fitou o jardim — o ornamento que embelezava o centro do pátio. A bússola era uma construção de bronze trabalhado que assentava num suporte de pedra à altura da cintura. A bússola era esculpida com elaborados floreados, cada uma das quatro direções cardeais claramente assinalada, a par de múltiplas gradações entre elas.

A décima segunda cruz de consagração — embora dissimulada naquela nova encarnação — estivera todo o tempo à vista.

Se Gray ainda tivesse alguma dúvida, evocou uma outra coisa. A bússola encontrava-se no *centro* do pátio, rodeada de pedras marcadas com símbolos sagrados. Tal lugar representava o ponto mais sagrado para os antigos que ergueram as pedras.

Gray sabia o que tinha de fazer.

Virou-se para o guarda e apontou para o helicóptero a planar, enquanto as suas portas eram abertas.

— Dispare!

Mas o guarda parecia aterrado. Era jovem, provavelmente novo na função, contratado para acompanhar grupos de turistas. Encontrava-se fora do seu elemento.

— Bem, se não vais... — Kowalski arrancou a arma das mãos do atordoado

guarda. — Deixa-me que te mostre como se faz.

Ergueu a arma, apontou e começou a disparar contra o helicóptero. Homens mergulhavam para fora da porta aberta. Uma corda soltou-se e volteou quando o helicóptero se elevou e guinou, apanhado de surpresa pelo tiroteio.

Gray sabia que dispunha de poucos segundos para confirmar a sua teoria.

— Kowalski, empata esse pássaro! Todos os outros, sigam-me!

Gray correu para o jardim e dirigiu-se à bússola.

— Ponham-se à volta! — ordenou, enquanto agarrava o grande N de bronze.

Wallace, Rachel e Seichan manobraram os outros pontos cardeais.

— Temos de a rodar! Como no túmulo da ilha. Girá-la como uma espiral!

Gray enterrou os calcanhares na relva, posicionou o ombro e empurrou. Os outros fizeram o mesmo. Não aconteceu nada. Não se mexia. Estaria errado? Estariam a rodá-la no sentido errado?

Então, subitamente cedeu. Toda a bússola se moveu, rodando em torno do seu eixo de bronze.

Tiros de espingarda ecoavam da posição de Kowalski.

Fogo de retorno era metralhado de cima, concentrando-se no atirador. As balas cravavam-se na coluna onde Kowalski se abrigara. Foi forçado a sair dali.

O helicóptero virou de volta ao pátio. O ruído dos rotores martelava, ensurdecendo-os.

— Não parem! — gritou Gray aos outros.

O mecanismo era antigo. Girar a bússola era como perfurar areia: irritante, ingrato e brutal.

O helicóptero imobilizou-se sobre eles.

Cordas foram lançadas de ambos os lados.

15h27

— Não disparem! — gritou Krista quando um dos homens apontou aos quatro em baixo. — Preciso deles vivos.

Pelo menos por enquanto.

A sede de sangue dos soldados estava atizada. Um deles fora atingido na face por uma bala perdida e jazia morto no chão da cabina. Quem quer que estivesse a disparar sobre eles sabia manusear uma espingarda. Ela dava-lhe esse crédito.

Apontou para o lado distante do claustro, onde o atirador assumira posição. Bateu nas costas de um soldado com um lança-granadas.

— Elimine-o.

Não havia onde o canalha se esconder.

Sobretudo de uma granada termobárica.

Kowalski correu a toda a velocidade.

Ele sabia pela súbita cessação do fogo que algo de muito pior estava prestes a cair-lhe em cima. Pelo menos a velha senhora e o guarda tinham fugido do claustro quando o tiroteio começara. Não queriam tomar parte naquela luta.

Típico dos franceses...

O único aviso que chegou a Kowalski foi um sibilar agudo que se sobrepôs a tudo o resto. Olhou para trás — e não viu o buraco.

Num segundo tinha pedras debaixo dos pés, no segundo seguinte nada a não ser ar.

Caiu de cabeça por um estreito lanço de degraus.

Uma violenta explosão irrompeu para lá dos seus calcanhares. A onda de choque atingiu-o por trás e catapultou-o pelo resto dos degraus abaixo.

Aterrou desamparado e atordado na boca de um túnel escuro.

Ensurdido, com o nariz a sangrar e o traseiro fumegante, Kowalski percebeu duas coisas. Que os degraus não estavam lá momentos antes. E, pior, que sabia onde se encontrava.

Mesmo com os ouvidos a zumbir da deflagração da granada, Gray percebeu o seu nome a ser berrado, seguido de uma contundente torrente de imprecações.

— Corram! — gritou Gray aos outros.

Agarrou Rachel; Seichan arrastou Wallace. Todos se esquivaram ao helicóptero, dançando por entre as cordas que chicoteavam o ar. A onda de choque da granada tinha-se projetado violentamente para fora. Até mesmo o helicóptero vacilara, o que lhes deu tempo suficiente para correrem para a passagem.

Um grande pedaço do claustro era agora uma ruína negra e fumegante.

Segundos antes, Gray vira Kowalski lançar-se para longe da zona de explosão. Então, subitamente, o corpulento homem desaparecera de vista, como se tivesse caído num poço — não, não num *poço*.

— Mexam os traseiros até aqui!

Só uma coisa podia fazer Kowalski parecer tão aterrado.

Os quatro lançaram-se pela passagem. Gray avistou-a de imediato. Uma estreita escadaria abrira-se no chão. Então, ele estava certo. Ao girar a bússola, desbloqueara a antiga passagem.

— Depressa — disse ele.

Atrás deles, o helicóptero estabilizara e homens com equipamento de combate deslizavam pelas cordas. Ouviu as botas atingirem o chão quando alcançou as escadas.

— Para baixo, já, já — instou.

Os outros precipitaram-se pela abertura. Gray seguiu em último. Pelo canto do olho, viu um soldado apontar a espingarda. Agachou-se. Uma rajada passou-lhe sobre a cabeça e ressaltou na parede. Os ricochetes golpearam-no como picadas de abelha. Levou com um no crânio que lhe pareceu fazer estalar os ossos.

Podia ter sido pior.

Apenas balas de borracha, percebeu enquanto se apressava a descer. Não letais. Alguém os queria capturar vivos.

Tombou para uma passagem inferior.

Kowalski gritou-lhe.

— Há aqui uma alavanca! Puxo-a?

— Sim — gritaram todos em uníssono.

Gray ouviu um chiar de metal. As escadas começaram a erguer-se atrás deles. Cada degrau era na realidade uma laje de pedra disposta de modo a formar uma escadaria. Cada uma das lajes ergueu-se verticalmente para fechar de novo a abertura superior.

A escuridão engoliu-os por completo.

Ouviu-se um arranhar e uma pequena chama ganhou vida. Iluminava o rosto de Seichan, enquanto esta erguia o seu isqueiro.

— E agora? — perguntou.

Gray sabia que tinham apenas uma possibilidade. A vida de Rachel — a vida de *todos* eles — dependia de uma esperança.

— Temos de encontrar a chave.

14 de outubro, 15h33

Clairvaux, França

Krista caminhava a passos largos pelo jardim do claustro. O dia tornara-se crepúsculo enquanto o fumo asfixiava o céu, ocasionalmente agitado pela passagem de um helicóptero.

Por todo o terreno da prisão ardiam centenas de fogos. As sirenes continuavam a ecoar, entrecortadas pelos tiros e pelos gritos dos homens. Os guardas da prisão tinham bastante com que lidar, entre prisioneiros fugidos, incêndios furiosos e o caos absoluto. De momento, não se incomodariam com as ruínas. Mas, para assegurar uma privacidade contínua, ela ordenara à segunda equipa de assalto que criasse um perímetro, guardando todos os pontos de acesso à área. Lá no alto, os helicópteros com as armas em riste forneciam-lhes apoio aéreo.

Uma explosão particularmente forte chamou a atenção de Krista para oeste. Uma nova espiral de chamas elevou-se rumo ao céu. Um tanque de combustível explodira no pequeno heliporto distante, supôs. A área fora um dos seus primeiros alvos.

Krista quisera a prisão o mais isolada possível, por tanto tempo quanto fosse possível. Antes do ataque, ela cortara as principais ligações telefónicas e de comunicação. Tinha a única estrada até à prisão semeada de minas. Eventualmente, acabaria por haver uma reação, mas planeava sair dali antes que

isso acontecesse.

Ou assim esperava.

O segundo oficial na cadeia de comando veio ao seu encontro na passagem. Era um argelino corpulento de pele escura, de nome Khattab. Franziu o sobrolho e abanou a cabeça.

— Ainda não há contacto com os alvos.

Ela tinha uma equipa a esquadrinhar para lá das ruínas do claustro. Um soldado disparara contra alguém do grupo; pela descrição fora Grayson Pierce. Mas para onde tinham ido? O relatório do soldado não fazia sentido. Ele mostrara-lhe onde eles tinham desaparecido, mas Krista não encontrou qualquer janela ou porta. As paredes eram sólidas. Ter-se-iam escapulido a coberto das sombras e fugido?

Até ao momento não tinham voltado a ser avistados.

Tudo o que tinham encontrado nas ruínas fora um guarda aterrado e uma mulher de idade. Interrogara-os, mas eles nada sabiam.

De pé na passagem com Khattab fitava a bússola de bronze no meio do jardim. Eles tinham estado ali a fazer alguma coisa quando a sua equipa sobrevoara o local.

Ela apontou.

— Mande dois homens até à bússola. Procurem algo invulgar.

— E quanto aos alvos? As ordens mantêm-se?

— Tenho novas ordens. — Ela esperara capturar a chave do Juízo Final, mas reconhecia que o sucesso estava fora do seu alcance. — Atirem a matar.

Quando se afastou, o salto da sua bota escorregou em areia. O que chamou a sua atenção para as pedras sob os seus pés. Ajoelhou-se. Não o percebera antes nas sombras, mas uma linha arenosa de pedra calcária esboroadada delineava um retângulo no chão. Meio escondido atrás de um pilar, o local encontrava-se onde o atirador vira os alvos desaparecer.

Krista apanhou um pouco da areia esmagada. Friccionou-a entre os dedos. Semicerrou os olhos.

— Khattab, esqueça as ordens. Quero homens aqui. Alguém com experiência

em demolições.

Talvez o sucesso não estivesse assim tão distante.

15h34

Com a lanterna em punho, Gray conduzia os outros por um túnel de tijolo. Descia abruptamente a direito. Pelo que Gray conseguia perceber ali em baixo, pareciam estar a dirigir-se para o ponto onde se erguera a antiga abadia. Naquele momento, já deviam estar quatro pisos abaixo.

Ninguém falava.

Todos sabiam que tudo dependia da descoberta da chave.

Gray seguia o feixe da lanterna. As paredes do túnel desapareciam à frente. Apesar da urgência, fez todos abrandar. Recordava-se da armadilha inadvertidamente ativada. Não era altura para erros por descuido.

Sustendo a respiração, percorreu o fim do túnel. O feixe da lanterna espalhou-se por um espaço bastante mais amplo. Aproximou-se da abertura e observou a câmara diante de si.

A primeira impressão foi a de uma catedral subterrânea. Paredes de tijolo alinhadas entre quatro pilares gigantescos suportavam uma maciça cúpula circular. A estrutura era semelhante às abóbadas nos limites do claustro. Só que ali a cúpula era uma única abóbada maciça. Nervuras em arco erguiam-se de cada um dos quatro pilares e cruzavam-se no topo. Vista de baixo, Gray sabia o padrão que devia apresentar: uma cúpula circular quadripartida por nervuras entrecruzadas.

Formava uma cruz pagã.

O círculo quadripartido.

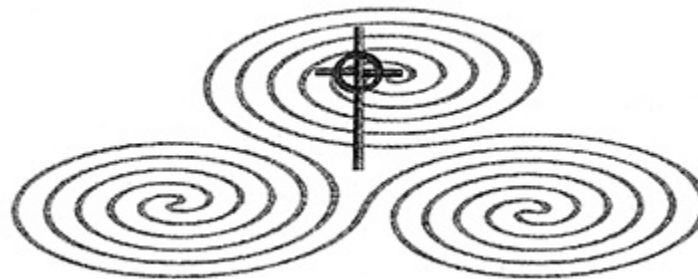
Se houvesse alguma dúvida quanto à representação simbólica, teria apenas de observar em baixo a confirmação. Esculpido em bronze e embutido no chão de pedra calcária estava um desenho impressionante. Alcançava trinta metros de largura. Curvava-se num padrão contínuo, evoluindo para fora, depois de novo

para dentro, formando três espirais perfeitas, todas interligadas.

Era a antiga espiral tripla, o ubíquo símbolo encontrado esculpido nas pedras verticais em Inglaterra, nos textos celtas irlandeses iluminados e adotado pela Igreja Católica para representar a Santíssima Trindade.

O círculo em cima, a espiral em baixo.

E entre eles um único objeto. Era o único elemento da câmara.



— Uma cruz celta — disse Rachel, a voz repleta de respeito.

Os outros juntaram-se a Gray quando ele entrou na câmara.

A cruz erguia-se no centro da espiral tripla. Igualmente esculpida em bronze, era simples, não adornada, de apenas dois metros de altura. Era formada por duas traves de bronze cruzadas no topo por um elemento circular.

Gray foi à frente.

Apenas Kowalski permaneceu junto à entrada do túnel.

— Eu fico aqui — disse ele. — Lembro-me do que aconteceu da última vez que mexeste numa cruz.

Os outros continuaram pela câmara.

Wallace comentou a simplicidade da escultura religiosa.

— Os monges cistercienses pregavam insistentemente contra a ornamentação excessiva. Acreditavam na austeridade e no minimalismo. Tudo no devido lugar e servindo a respetiva função.

Gray aproximou-se cuidadosamente da espiral de bronze. Não estava certo de tal desenho maciço no chão poder ser classificado como *austero*. Mas o professor estava certo quanto à cruz. Na sua forma e dimensão, parecia

insignificante. De facto, assemelhava-se mais a uma ferramenta industrial do que a um símbolo religioso.

Contudo, ninguém podia negar a sua importância.

Rachel comentou-a, olhando para cima.

— Situa-se entre a espiral e a cruz quadripartida.

Gray projetou a luz pela cúpula. Enquanto o feixe varria o teto, reconheceu algo que lhe passara despercebido. A cúpula, dividida em quadro quadrantes, não estava despojada de adornos. A luz refletia pedaços grosseiros de cristal de quartzo embutidos no teto.

Enquanto iluminava a cúpula, ele sabia o que via.

— É uma representação das estrelas — disse Rachel.

Gray concordou. Reconheceu constelações formadas com pedaços de quartzo. Os cristais variavam de tamanho, criando a ilusão da tridimensionalidade.

Mas não dispunham de tempo para apreciar o trabalho artístico.

Seichan recordou-lhes isso mesmo.

— E a chave? Na ilha de Bardsey, pensaste que a cruz guardava uma combinação para desbloquear uma câmara. Não pode ser o mesmo aqui? Vê.

Ela apontou o elemento circular suspenso da cruz. A roda de bronze tinha entalhes profundos, semelhantes às da cruz de pedra em Bardsey.

Tal como as marcas numa fechadura de combinação.

Gray suspeitou que ela tivesse razão, mas havia um problema.

Ele não sabia a combinação.

E da última vez que tentara quase os matara a todos.

Pela expressão preocupada dos outros, ninguém se tinha esquecido.

— Temos de tentar — disse Wallace.

— E se ativar uma armadilha — acrescentou Seichan —, Kowalski poderá puxar a alavanca como da última vez.

Ele abanou a cabeça.

— Mesmo que funcionasse, continuaríamos encurralados. Puxar a alavanca podia salvar-nos de apuros aqui, mas também podia reabrir as escadas.

Fitou os outros, deixando o significado das suas palavras assentar. Os atacantes inundariam o subsolo.

— Para fora da frigideira direitos ao fogo — concluiu Wallace azedo.

Gray voltou-se de novo para a cruz.

— Dispomos de uma única tentativa. Um erro e estamos condenados.

Rachel avançou a única razão sólida para o tentar.

— Estamos igualmente condenados se não fizermos nada.

Kowalski acrescentou a sua própria opinião. Resmungou-a em voz baixa, mas a acústica do lugar ecoou-a por toda a câmara.

— Se mais alguém pronunciar a palavra *condenados*, piro-me daqui para fora.

15h48

Krista aguardava ao lado de Khattab, enquanto o perito de demolições da equipa colocava a última carga explosiva de C4, trabalhando-a com as mãos e moldando-a com a perícia de um escultor. Uma vez satisfeito, introduziu na carga um detonador ligado a um transmissor sem fios.

Fez sinal a todos para se afastarem.

Recuaram para o jardim.

Ninguém queria estar debaixo da passagem coberta quando a carga explodisse. O perito alertara para o perigo de a detonação fazer ruir a passagem e sepultar a entrada secreta.

— Preparados? — indagou Khattab.

Krista gesticulou impacientemente.

Com um aceno de Khattab, o perito de demolições ergueu o transmissor e carregou no botão.

15h49

A detonação fez Rachel cair de joelhos — não da explosão, mas de puro medo. Já tensa, foi apanhada desprevenida pela explosão. Os metros de rocha abafaram o estrondo, mas soou como um tiro.

— Estão a tentar abrir caminho — disse Seichan, fitando o túnel atrás deles.

— À carga! — gritou Kowalski e correu pelo túnel de espingarda em punho. Mas era apenas um homem contra um exército.

Já de joelhos, Rachel foi-se abaixo e sentou-se no chão. A febre piorara. Tremores percorriam-na. A sua cabeça martelava como se o cérebro se estivesse a expandir e a contrair com cada batimento do coração. E já não conseguia ignorar a náusea.

Gray olhou-a. Ela fez-lhe sinal para que continuasse o seu estudo da cruz. Ele passara os últimos dez minutos a examinar a cruz sem lhe tocar. Contornava-a uma e outra vez. Por vezes, aproximava-se; por vezes, recuava e fitava o espaço em redor.

Tinha notado alguns aspetos estranhos na cruz. A barra horizontal era oca. E por detrás da cruz Wallace descobrira um longo fio preso no centro. Era tendão seco entrançado numa corda grossa e mantido esticado por um pedaço triangular de bronze na extremidade.

Ninguém sabia o que fazer com ele — e não ousavam tocar-lhe.

O som pesado de botas anunciou o regresso de Kowalski.

— Não conseguimos passar — gritou com alívio. — Ainda estamos fechados em segurança.

— Eles vão continuar a tentar — alertou Seichan.

Rachel olhou para Gray. Estavam a ficar sem tempo.

Gray tinha-se imobilizado. Lentamente, deixou-se cair no chão como que desistindo.

Mas ela conhecia-o bem.

Pelo menos, assim esperava.

Krista levou o telefone ao ouvido. Não queria atender a chamada, mas não tinha alternativa. Pressionava a outra mão com força contra o outro ouvido. As sirenes ainda se ouviam. E o som do tiroteio intensificara-se vindo da área da prisão. Parecia uma guerra total. Ela sabia que a luta ameaçava estender-se a todo o momento ao seu oásis isolado.

— Sabemos onde eles se encontram! — exclamou ela ao telefone, tentando manter o desespero afastado da voz. — Teremos a passagem aberta dentro de dez minutos.

Olhou a passagem coberta. Khattab monitorizava o trabalho do perito de demolições. O argelino notou a sua atenção. Ergueu cinco dedos, confirmando a sua estimativa.

Era a segunda tentativa. Tinham aberto uma cratera na passagem e exposto uma série de lajes de pedra sepultadas. Ela sabia que estavam perto e amaldiçoava a cautela do perito.

Contudo, pelas colunas e muros enegrecidos, reconhecia a necessidade. Se fizessem ruir acidentalmente a passagem sobre a entrada secreta, nunca chegariam lá abaixo.

O homem do outro lado da linha falou por fim com uma voz desagradavelmente calma e despreocupada.

— E acredita que eles têm acesso a alguma abóbada que possa conter a chave do Juízo Final?

— Acredito!

Pelo menos, esperava-o desesperadamente.

Houve uma pausa mais longa ao telefone, como se ela tivesse todo o tempo do mundo. Ao lado, irromperam tiros de espingarda mais nítidos. Vinham da sua própria equipa. Só podia querer dizer uma coisa — o combate estava a aproximar-se deles.

— Muito bem — disse finalmente o homem. — Apodere-se da chave.

Não havia necessidade de ameaças.

A ligação morreu.

Ela fitou Khattab.

Ele ergueu nove dedos.

16h00

O padre Giovanni devia saber alguma coisa.

Era tudo o que Gray tinha para continuar.

Sentava-se de olhos abertos, mas estava cego a tudo o que o rodeava. Recolocou-se na cripta sob a Abadia de Saint Mary na ilha de Bardsey. Visualizou as marcações a carvão na parede. Na sua mente, leu de novo as notações do sacerdote e estudou o grande círculo traçado em torno da cruz. Outras linhas bissectavam e seccionavam o círculo.

Ao mesmo tempo, visualizava a cruz ali presente. Recordou-se da primeira impressão, confiando nela. Pensara assemelhar-se mais a uma ferramenta industrial do que a um símbolo religioso. Como um marcador de tempo, um dispositivo criado para um propósito, não como decoração.

A descrição de Wallace da ordem cisterciense ecoou-lhe aos ouvidos.

Tudo no devido lugar e servindo a respetiva função.

Esticou o pescoço e fitou em cima o cenário estelar de quartzo. Inspirando pelo nariz, sentiu algo despontar, algum entendimento que não conseguia ainda transpor para palavras.

Então levantou-se. Não se deu conta de o fazer. Recuou até à cruz. Fitou-a de lado. A escultura de bronze era pouco mais alta que Gray. Teve de se agachar para espreitar pelo círculo oco.

— Não é uma cruz — murmurou.

— O que quer dizer? — indagou Wallace do outro lado.

Gray dispensou-se de qualquer resposta. Ele não compreendia, ainda não completamente. Inclinou-se e espreitou pelo braço oco.

Seichan estava junto ao seu ombro.

— É como um telescópio.

Gray endireitou-se, aturdido.

Era isso.

Essa era a peça de que precisava.

Dentro de si, uma represa abriu-se subitamente, o entendimento fluindo pelo seu cérebro. Imagens dardejaram-lhe pela mente mais rápido do que as conseguia seguir, mas, mesmo assim, algures para lá da razão, juntaram-se para formar um todo.

Fitou o teto.

Como um telescópio.

Virou-se e agarrou a sua inimiga num abraço. Seichan retesou-se, insegura do que fazer com os braços.

— Eu sei — murmurou-lhe ele ao ouvido.

Ela sobressaltou-se com as palavras, talvez interpretando-as erradamente.

Ele soltou-a. Baixou-se até ao chão e verificou a base da cruz. Era uma meia esfera de bronze. Tateou em redor das bordas. Não era uniforme. Havia uma distância mínima entre a pedra e o bronze.

Pôs-se de pé num salto e correu para a mochila que abandonara no chão. Vasculhou nela e encontrou um marcador preto. Ajoelhou-se junto à cruz, precisando de verificar por si mesmo. Trabalhava velozmente, o marcador voava pela pedra.

Enquanto trabalhava, parte da sua mente recuou a Bardsey. Reconhecia agora os cálculos parciais na parede. O círculo e as linhas. O padre Giovanni era mais esperto do que todos eles. Ele tinha descoberto. O círculo era uma representação da Terra. As suas notações...

— Eram cálculos de longitude e latitude.

Os outros reuniram-se à sua volta.

— De que está a falar? — quis saber Wallace.

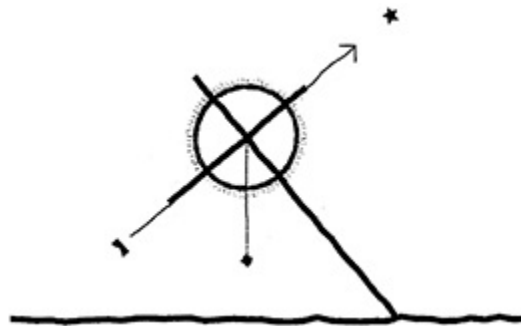
Gray apontou a escultura de bronze no centro da câmara.

— Não é uma cruz — repetiu. — É um instrumento de navegação. Ligado às estrelas!

Completo o desenho.

O seu esboço mostrava como a cruz podia ser inclinada, como o seu braço

podia ser apontado a uma estrela, como o tendão lastrado podia atuar como um fio de prumo e o girar da roda do dispositivo podia medir os graus.



— É um sextante arcaico — explicou ele.

— Oh, meu Deus. — Wallace recuou em choque, com a mão contra a fronte.

— Durante tempos imemoráveis, os arqueólogos tentaram perceber como é que os antigos podiam ser tão precisos no posicionamento das suas pedras. Como eram capazes de as alinhar tão rigorosamente! — Pôs um dedo sobre o desenho.

— Com mil raios! Esse dispositivo podia mesmo ser um teodolito!

— Um quê? — perguntou Rachel.

Gray respondeu, reconhecendo-o também.

— Um instrumento de pesquisa utilizado para calcular ângulos horizontais e verticais. Usado em engenharia.

— O culto da espiral e da cruz — disse Wallace. — Os símbolos representam de facto o Céu e a Terra.

Gray fitava em baixo o seu esboço da cruz ligada à terra, apontada às estrelas.

— É mais do que isso. Os símbolos representam igualmente o culto do antigo conhecimento, *os segredos da navegação e da engenharia*.

Seichan trouxe-os de volta das estrelas com uma pergunta fria.

— Mas o que tem tudo isso a ver com a chave do Juízo Final?

Todos fitaram a cruz de bronze.

Gray conhecia a resposta.

— Em tempos antigos, apenas o clero tinha acesso a esse conhecimento. —

Olhou para Wallace em busca de confirmação.

O professor acenou afirmativamente.

— Para desbloquear a chave do Juízo Final, teremos de ter esse mesmo conhecimento.

— Como? — perguntou Rachel.

Ele recordou-se do que o padre Giovanni estivera a calcular em Bardsey.

— Temos de usar as estrelas lá em cima e calcular uma coordenada de navegação. Suponho que tenhamos de indicar a nossa localização aqui. Uma longitude e latitude aproximadas. — Encarou os outros. — Essa é a combinação.

— Consegue calculá-la? — inquiriu Wallace.

— Posso tentar.

Gray voltou ao chão. A cruz celta funcionava diferentemente de um sextante, que usava espelhos e reflexões para medir a latitude e a longitude. Mas não era muito dissemelhante.

— Preciso de uma constante fixa — murmurou, e fitou o cenário estrelado. Este fora colocado ali por alguma razão.

— A Estrela do Norte — disse Seichan. Ela acocorou-se e apontou o pedaço de quartzo que representava a estrela polar, usada desde sempre na navegação.

Servia.

Ele trabalhava rapidamente. Conhecia as coordenadas aproximadas de Clairvaux pelo uso do GPS no trajeto até ali. Visualizou a leitura do dispositivo:

LAT 48°09'00"N

LONG 04°47'00"E

As medidas de longitude e latitude eram divididas em horas, minutos e segundos. Simples voltas em torno de um relógio. Como as linhas marcadas na roda de bronze da cruz. Era tudo proporcional.

Em menos de um minuto, ele tinha o que julgava serem os cálculos corretos usando o antigo instrumento e a sua atual localização.

Memorizou-os e levantou-se.

Rachel fitou-o, os seus olhos repletos de esperança.

Gray rezava por corresponder a essa esperança.

— Para o caso de eu estar errado, é melhor recuarem todos de volta ao túnel.

Apressou-se para a cruz. Quando a alcançou, sentiu-se subitamente menos seguro. Teria apenas uma oportunidade. Se estivesse errado, se os cálculos estivessem incorretos, se ele falhasse a manobrar o antigo sextante de forma exata, todos eles morreriam.

Parou e olhou para o dispositivo.

— Tu consegues — disse uma voz atrás de si.

Olhou de relance sobre o ombro. Seichan estava ali. Os outros tinham-se juntado a Kowalski no túnel.

— Afasta-te — disse ele, asperamente.

Ela ignorou-o, nem sequer reagindo.

— Podem ser necessárias duas pessoas. Uma para manter a cruz em posição no ângulo correto, outra para marcar a combinação na roda.

Ele queria argumentar, mas reconheceu que ela tinha razão. E parte dele tinha de admitir que não queria estar só.

— Vamos então — disse ele.

Gray agachou-se de novo para espreitar pelo braço oco da cruz. *Como um telescópio*, pensou, recordando como as palavras tinham desbloqueado o conhecimento dentro de si. As palavras tinham vindo de Seichan.

Ele sabia o que tinha de ser feito. Estendeu as mãos para a cruz e puxou o braço para baixo. Toda a escultura se inclinou, girando sobre a base esférica. Assim que a moveu, um estrondo ecoou debaixo do pavimento.

Não havia retorno.

Gray girou o braço até apontar o norte. Espreitando pela roda, perscrutou a cúpula estrelada. Seichan ajudou, mantendo a sua lanterna apontada ao pedaço de quartzo que assinalava a Estrela do Norte.

Após um instante, ele avistou a estrela e centrou a mira nela. Quando o fez, ouviu-se um sonoro som metálico. Veio de cima e reverberou por todo o espaço.

O que significaria?

Do teto, centenas de fragmentos de pedra libertaram-se e caíram. Um deles atingiu Gray no ombro. Surpreendido, quase largou a cruz. Seichan praguejou e levou uma mão à testa. Sangue escorreu entre os seus dedos.

Ela continuou a olhar para cima.

Gray seguiu-lhe o olhar. Do teto, espigões de bronze irrompiam por centenas de buracos. Desciam lentamente em direção ao chão. Atrás deles, uma laje de pedra descia sobre a entrada do túnel.

Gray e Seichan nunca alcançariam a saída a tempo.

Era o inverso da armadilha em Bardsey. Em lugar de serem despejados num mar de espigões, iam ser empalados de cima.

Fosse como fosse, o significado era o mesmo.

Gray falhara.

14 de outubro, 16h04

Clairvaux, França

— Tem a certeza de que isto irá abrir a passagem secreta? — inquiriu Krista.

A demolição estava a demorar mais do que esperava. Após cálculos adicionais, o perito de demolições quis abrir mais cavidades na cratera para espalhar as cargas para uma detonação mais controlada.

O homem encolheu os ombros enquanto trabalhava. Usava uma sovela para abrir à mão o último dos seus buracos de rato. Os cubos de C4 aguardavam por ser moldados e introduzidos. Respondeu-lhe em árabe. O segundo na cadeia de comando traduziu.

— Ele diz que abrirá se Alá assim o quiser.

Krista mantinha a sua mão cravada sobre a pistola no coldre. *Era bom que Alá o quisesse ou aquele idiota iria levar com uma bala no crânio.*

— Quanto mais tempo? — perguntou.

— Mais dez minutos.

Krista queria gritar, mas limitou-se a virar costas e a afastar-se.

Mais à frente, um dos helicópteros varreu o céu. Os seus rotores agitaram o denso manto de fumo. A luz do Sol brilhou com mais intensidade, depois mergulhou de novo num crepúsculo sombrio. O ar tresandava a combustível e a cordite.

Ouviu as armas do helicóptero metralhar, enquanto aquele se lançava na

direção da linha de confronto. As suas forças lutavam para impedir o combate na prisão de se alargar à sua área. Ordens eram dadas. Homens gritavam e urravam de dor. O combate era invulgarmente brutal. Viu um dos seus comandos arrastar um companheiro para dentro do claustro. O homem no chão contorcia-se, comprimindo as entranhas para dentro do ventre com o punho.

Tal como o soldado caído, não poderiam aguentar indefinidamente.

Voltou-se para Khattab.

Ele ergueu nove dedos.

Ela inspirou fundo para se acalmar. Podiam aguentar esse tanto. Uma vez o túnel aberto, entraria por aquele buraco e aniquilaria tudo o que se interpusesse entre ela e a chave.

Olhou para a mala aos seus pés.

Nada a deteria.

16h05

Seichan acalmou Gray com uma mão no seu ombro. Ele afastara-se da cruz, mas continuava a segurá-la com um braço. Ela sabia o que ele pensava enquanto olhava para cima para os espigões a descer. Linhas de agonia sulcavam-lhe o rosto.

— Puxo a alavanca? — gritou Kowalski. Ele estava de joelhos, a berrar por debaixo da laje descendente, enquanto esta selava a única saída.

— Não! — gritou Gray de volta.

Os outros estavam a salvo no túnel, fora do perigo imediato dos espigões. Só ela e Gray estavam em risco. Ela sabia a escolha que Gray tinha de tomar. Se a alavanca fosse puxada, a armadilha seria reiniciada, mas isso poderia reabrir a entrada secreta, permitindo que os soldados invadissem o túnel. Se se salvassem, os outros morreriam.

Não havia vitória.

Tudo o que a decisão de Gray conseguia era oferecer aos outros uma ténue

possibilidade. Se as forças de Krista fossem expulsas antes de a porta ser aberta, os outros poderiam sobreviver.

Era uma possibilidade remota, mas uma possibilidade.

Ela olhou para cima.

Aproveitaria essa possibilidade naquele momento.

Seichan parou e encarou Gray. Ela arrancou o olhar dele da morte que descia sobre eles. Ele tinha de saber a verdade.

Que importavam agora os segredos?

Mas Gray desviou-se subitamente.

— E se eu não estivesse errado?

— O quê?

— Mantenha a cruz firme, enquanto eu giro a roda — ordenou.

Ela obedeceu, confusa.

— Talvez *não* seja uma armadilha. Talvez seja um temporizador. Uma vez que alguém tente resolver a combinação, só dispõe de um tempo limitado para a completar. — Ele gesticulou em direção aos espigões.

— Pelo que não há tempo para tentativas. Não há margem para erros.

— Exatamente.

Gray estendeu a mão para o cordão de tendões e certificou-se de que pendia livremente. Passou os dedos pela roda da cruz. Os seus lábios moviam-se enquanto contava as marcas. Atingiu um ponto que devia corresponder aos seus cálculos.

— Aqui vai — sussurrou.

Agarrou a roda e girou-a até o ponto assinalado ficar alinhado com a linha de prumo. Deteve-se e susteve a respiração, os lábios cerrados em tensão.

Um som metálico soou tal como anteriormente.

— Tem de ser isto! — disse.

Infelizmente, os espigões começaram a descer mais rapidamente. Mergulhavam em direção ao chão.

— Gray!

Ele viu e contou rapidamente. Desta vez em voz alta.

— Oito, sete, seis, cinco, *quatro*.

Atingindo a marca correta, manteve aí o dedo e girou a roda no sentido inverso. O que exigia girá-la quase num círculo completo.

Seichan esgueirou-se enquanto um espigão avançava em direção ao seu rosto. Estavam ambos de joelhos. Seichan mantinha um braço erguido, a suportar a cruz. Gray tinha ambos os braços estendidos: um a segurar a posição marcada, o outro a girar a roda.

Enquanto ela observava, uma ponta do espigão passou rente ao seu braço.

Gray gritou quando o espigão lhe atingiu as costas da mão desviando o braço da roda.

Ajoelhando-se numa posição ligeiramente diferente, Seichan passou o braço entre dois espigões e colocou a mão sobre outra secção da roda.

— Diga-me quando parar! — arquejou ela.

O que exigia mover-se para cima para ganhar um ponto de apoio. A roda era difícil de girar. Pressionou o rosto contra um espigão. Este penetrou na sua face. Sangue encheu-lhe a boca, escorreu pelo seu pescoço.

Esforçou-se por girar a roda, mas estava demasiado presa.

Em pânico, os seus olhos encontraram os de Gray. Ela não podia falar com a face perfurada. A agonia subjugava-a. Canalizou toda a sua dor e sofrimento para esse olhar, despiu-se diante do homem, nada escondendo.

Nem mesmo o seu coração.

Os olhos dele abriram-se mais, talvez vendo-a verdadeiramente pela primeira vez, reconhecendo o que se encontrava escondido entre eles. Uma mão atravessou esse fosso e encontrou a perna dela. Apertou-lhe o joelho e sussurrou-lhe três palavras sentidas que nunca ninguém lhe dissera.

— Confio em ti.

O que a dor falhara em fazer, fizeram-no as palavras dele. As lágrimas brotaram e correram-lhe pelo rosto. Empurrou-se contra o espigão, enterrando-o mais fundo. Os seus dedos apertaram-se com mais força. Puxou a roda. Lentamente esta girou.

O tempo alongou-se até um ponto crítico.

A dor rasgava-a.

Sentiu o espigão tocar-lhe a língua.

— Para! — gritou finalmente Gray.

Ela largou. Sucumbiu, deslizando do espigão perfurante para o chão. À distância, um terceiro som metálico soou.

Três espirais, três sinais sonoros.

A visão obscureceu-se-lhe, mas viu os espigões a recuar, retrocedendo lentamente em direção ao teto. Com o crânio contra o chão, ela ouviu engrenagens colossais a girar em baixo, como se escutasse o relógio de bolso de Deus.

Mais perto, a cruz endireitou-se e voltou à posição inicial.

Gray estava subitamente ao seu lado. Levantou-a e puxou-a para o seu colo. Ela enroscou-se nele, abraçando-o. Ele segurou-a com força.

— Conseguieste. Vê.

Ergueu-a alto nos seus braços. Ela fitou a câmara.

À medida que as engrenagens em baixo se moviam, cada uma das três espirais começou a girar, revelando fundos falsos. As secções descreveram uma volta completa. As espirais desapareceram, invertendo-se para revelar o que estivera escondido todos aqueles séculos.

Fixo ao lado oposto de cada fundo estava um berço de vidro.

Quando os três fundos se imobilizaram, os três berços balançaram nos seus suportes.

Mesmo dali, Seichan sabia que não havia *bebés* naqueles berços gigantescos, mas *cadáveres*.

Os berços eram na verdade urnas.

— São os túmulos — disse Gray.

Do outro lado da câmara, a abertura desbloqueou-se e a laje voltou a erguer-se. Os outros precipitaram-se para o interior.

Os olhos de Wallace estavam arregalados.

— Conseguiu!

— Gray...? — chamou Rachel.

Lágrimas corriam pela sua face. Ela devia ter pensado que ele estava morto. O alívio e o horror misturavam-se na sua expressão ao descobri-lo vivo mas coberto de sangue.

Seichan tentou levantar-se mas estava demasiado fraca.

Gray pô-la de pé. Amparou-a com um braço. O sangue ainda corria da face ferida, mas não tão intensamente. Wallace ofereceu-lhe o seu lenço. Ela fez uma bola com ele e pressionou-o contra o rosto.

Gray fitou-a, os seus olhos interrogativos. Ela assentiu e cambaleou para longe dos seus braços. Foi a coisa mais difícil que alguma vez fez. Mas ela não pertencia aí.

Rachel correu para ele e ajudou a ligar-lhe a mão.

Wallace aproximou-se com Kowalski.

— São caixões de vidro...

— É claro que são — disse Kowalski.

Gray deu à sua ligadura um último aperto. O sangue ainda lhe corria por entre os dedos, enquanto apontava os túmulos.

— Temos de encontrar a chave.

16h08

Gray sabia onde procurar primeiro.

Conduziu os outros até à urna diferente das outras duas. Um pó fino cobria o vidro, mas a ornamentação era nítida. As lanternas dirigiram os seus feixes sobre ela, realçando o seu brilho.

Os lados e o topo da urna eram feitos de vitrais profusamente decorados. Os tons cintilavam como joias e as imagens eram por demais familiares. Esculpidos em fragmentos de vidro e lascas de pedras preciosas, estendiam-se filas de minúsculos falcões, chacais, leões alados, escaravelhos, mãos, olhos, plumas, a par de símbolos angulares estilizados.

— São hieróglifos egípcios — notou Wallace com um arquejo.

— Feitos de vitrais. — Rachel denotava igual assombro.

Wallace aproximou-se.

— No entanto, os glifos são bastante antigos. Egípcio arcaico. Do Reino Antigo, suponho. A Igreja deve tê-los copiado de alguma estela funerária original. Talvez estivessem inicialmente gravados naquele sarcófago em Bardsey. Antes de os apagar, algum monge deve ter feito um registo, depois recriou-os aqui em vidro colorido.

— Consegue lê-lo? — perguntou Gray, esperando que contivesse alguma pista sobre a chave.

Wallace passou um dedo pelo pó.

— Aqui jaz Meritaton, filha do rei Akhenaton e da rainha Nefertiti. Ela que cruzou os mares e trouxe o deus sol Rá a estas terras frias.

Quando o professor terminou, as suas mãos tremiam tanto quanto a voz.

— A rainha de pele escura. — Voltou-se, os olhos arregalados de choque. — É uma princesa egípcia.

— Seria possível? — indagou Rachel.

Gray olhava fixamente através do vitral. Recordou a história do padre Rye sobre a ilha de Bardsey, a alegação de que o mago Merlin estava ali sepultado num caixão de vidro. Seria aquela a verdadeira origem do mito? Teria sido sussurrada alguma palavra sobre aquele túmulo, confundindo o nome de *Meritaton* com o de *Merlin*?

Gray reviu a história mítica das Ilhas Britânicas na sua mente. Recordou a descrição do sacerdote da guerra dos celtas contra uma tribo de monstros de pele escura, os fomorianos. Aos celtas, uma tribo de egípcios pareceria estranha e bizarra. E, segundo essas mesmas teorias, os fomorianos dispunham de um vasto conhecimento da agricultura, uma aptidão bem aperfeiçoada pelos egípcios ao longo do Nilo.

Wallace endireitou-se, imerso em pensamentos.

— Alguns historiadores alegam que os antigos construtores de pedras da Inglaterra podem ter sido egípcios. Num local de sepultura neolítico em Tara, na Irlanda, encontraram um corpo decorado com contas de faiança, uma arte

desconhecida dessas populações... mas as contas eram quase idênticas às encontradas no túmulo de Tutankhamon. E em Inglaterra, próximo de Hull, foram descobertos imponentes barcos preservados numa turfeira. Eram de desenho distintamente egípcio e datavam de 1400 a.C., muito antes de os viquingues ou outros povos navegadores chegarem às nossas costas. Eu próprio examinei um antigo monólito no Museu Britânico, desenterrado por um agricultor no País de Gales. Apresentava uma figura com traje egípcio contra um fundo de pirâmides.

Wallace abanou a cabeça, como que ainda se debatendo por acreditar.

— Mas aqui... aqui está a prova.

— E a chave? — recordou-lhes Seichan, tossindo roucamente, ainda a segurar o lenço contra a face.

Por trás do vidro, uma figura jazia na urna. Um fecho de bronze encerrava a tampa articulada. Gray sabia que teriam de perturbar o descanso da princesa egípcia. Estendeu a mão e abriu o fecho. Levantou a tampa e encostou-a para trás.

Um odor fortemente adocicado flutuou para fora.

— Meu Deus! — exclamou Rachel.

Embora mirrado e desidratado, o corpo apresentava-se ainda estranhamente preservado. Longo cabelo negro envolvia a figura reclinada. A sua pele escura estava suavemente esticada. Até mesmo as pestanas estavam intactas. Um tecido requintado envolvia o seu corpo desde a ponta dos pés até ao pescoço. Tinha uma coroa de ouro na cabeça, claramente egípcia pela decoração em lápis-lazúli.

As únicas outras partes expostas do corpo eram as mãos. Estavam cruzadas sobre o peito, segurando um vaso de pedra com mais hieróglifos gravados. O recipiente estava selado com uma tampa de ouro com a forma de uma cabeça de falcão.

— Vejam a mão direita — disse Rachel.

Gray notou o dedo indicador em falta.

A atenção de Wallace fixou-se no vaso de pedra e ouro.

— A forma parece a de um vaso canópico. Usado para conter os órgãos

embalsamados de um rei ou rainha.

Gray sabia que tinham de examinar o interior. A chave do Juízo Final estivera sempre ligada ao corpo da rainha de pele escura. Estendeu as mãos para dentro da urna e fez deslizar o pesado recipiente dos dedos ressequidos da rainha.

— Eu não faria isso — murmurou Kowalski, recuando um passo. — De maneira nenhuma. Essa coisa deve estar amaldiçoada.

Ou é a cura, pensou Gray.

Com a sua perícia na agricultura, os egípcios deviam ter descoberto algum tipo de parasita fúngico que podia causar a devastação e aniquilar uma povoação inteira. Uma forma de guerra biológica. Mas possuiriam igualmente um contra-agente?

Gray abraçou o vaso, agarrou a cabeça do falcão e puxou a tampa. Olhou para o interior, sem saber o que esperar.

Cura ou maldição?

Wallace segurava firmemente uma lanterna, enquanto Gray virava o objeto para baixo.

Do interior, derramou-se um pó branco, tão fino que fluía como água. Recordou-se da história do milagre da lactação, de como a Madona Negra derramara um leite branco que curara o santo.

Gray sabia o que se acumulava na sua palma.

— É a cura — disse ele, certo da verdade. — Esta é a chave.

Voltou a deitar o pó no vaso canópico e fechou-o firmemente.

— É melhor verem isto — tossiu Seichan. Ela deslocara-se até outro dos caixões e abriu-o.

Juntaram-se-lhe.

Ela apontou a luz para o interior da urna de vidro. Um corpo jazia envolto em tecido, envergando uma simples túnica branca com capuz. As mãos estavam igualmente cruzadas, segurando um pequeno livro revestido a couro.

Mas era no rosto que Seichan centrava a sua lanterna. O homem parecia ter morrido no dia anterior. A sua pele, embora ligeiramente afundada, estava

imaculada, os lábios rubros, os olhos fechados como que adormecido. O seu cabelo castanho parecia recentemente penteado e aparado em torno da fronte.

— Não está corrompido — disse Seichan.

Rachel levou uma mão ao pescoço.

— Os corpos dos santos são ditos incorruptíveis. Não se decompõem. Este deve ser São Malaquias — olhou para o terceiro caixão, onde o contorno vago de um outro corpo se distinguia — ou São Bernardo.

Wallace tinha outra ideia quanto à natureza milagrosa da incorruptibilidade do corpo. Ele olhou o vaso nos braços de Gray, depois de novo os restos mortais.

— Os vasos canópicos nem sempre continham órgãos embalsamados. — Gesticulou em direção ao recipiente. — Por vezes, armazenavam simplesmente os compostos de embalsamento. Óleos, unguentos, pós.

Gray compreendeu.

— Se a chave era uma cura, especificamente contra a praga fúngica, o pó deve possuir fortes propriedades antifúngicas... possivelmente antibacterianas, também. — Ele fitou o rosto do santo. — E as principais fontes da decomposição corporal são fungos e bactérias. Se se embalsamar um cadáver com tal composto e se selar o caixão firmemente, ele permanecerá incorrupto.

Recordou-se igualmente da invulgar saúde e longevidade atribuídas aos monges da ilha de Bardsey. Um curativo tão poderoso teria protegido os monges dos usuais organismos patogénicos que grassavam na Idade Média. Não admirava que a ilha possuísse uma reputação de cura.

Wallace arregalou os olhos.

— Então a chave...

— Deve ter sido inicialmente um composto embalsamante. Talvez trazido do Egito ou descoberto na nova terra. Seja como for, o seu uso medicinal deve ter sido rapidamente reconhecido. Mas, naqueles tempos, tal cura ter-se-ia afigurado milagrosa.

Wallace assentiu.

— E quando associada a um patógeno letal, formava uma combinação poderosa. Uma arma biológica e o respetivo contra-agente.

— E o conhecimento passou dos egípcios aos celtas e destes à Igreja inicial. Onde acabou por ser guardado e mantido oculto aqui.

— Mas não foi o único conhecimento passado ao longo da linha histórica. — Wallace voltou-se para fitar a cruz celta. — Durante tempos imemoráveis, os arqueólogos debateram-se para perceber como os egípcios construíram as pirâmides com tal precisão, tal alinhamento. Eles teriam necessitado de uma poderosa ferramenta de medição.

Gray estudou a cruz com novos olhos. Poderia ter sido aquela?

Atrás dele, Rachel deixou escapar uma exclamação de surpresa. Ela permanecera junto à urna. Ela e Seichan estavam debruçadas sobre o corpo. Tinham aberto o livro seguro nas mãos do santo.

— O nome no interior — disse Seichan num tom sombrio. — É Máel Máedóc.

— São Malaquias — confirmou Rachel. Ela virou as páginas do livro. — É um diário. Vejam estes números e as inscrições em latim...

Olhou para Gray.

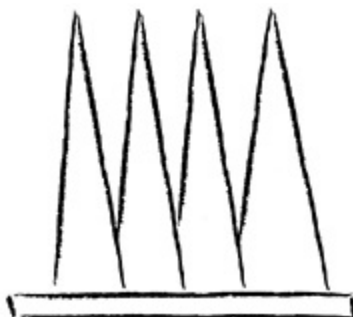
— É a profecia *original* de Malaquias sobre os papas. Escrita pela sua própria mão. — A sua voz tornou-se mais aguda. — Mas há mais coisas escritas! Páginas e páginas. Penso que o diário contém centenas de outras profecias. Vaticínios nunca revelados pela Igreja.

E talvez acertadamente, pensou Gray. A Igreja devia ter ficado suficientemente assustada com a profecia dos papas, com a previsão do fim do mundo. Não admirava que o diário tivesse sido escondido.

Antes que Rachel pudesse explorar os escritos em maior profundidade, Seichan estendeu a mão para o livro e voltou à página frontal. Um símbolo encontrava-se aí desenhado. Era egípcio. Ela olhou para Gray. Este reconheceu-o. Já o tinham visto antes.

Agora sabia a razão do entusiasmo da Guilda. A organização sempre se interessara pelas raízes do antigo conhecimento, em particular do egípcio. O padre Giovanni devia ter suspeitado de uma origem egípcia e deixara-o escapar, despertando o interesse súbito da Guilda.

Fitou o símbolo, um símbolo que tinham encontrado anos antes ao lidar com a Guilda: a representação cônica de uma refeição sagrada.



O símbolo representava o chamado pão dos deuses. Este era dado aos faraós para que abrissem a sua mente à divindade. Teria a rainha de pele escura Meritaton trazido mais do que um simples composto de embalsamento do Egito? Teria trazido algum pão dos deuses? Teria Malaquias consumido esse pão, tocado o divino e tido as visões?

Gray fitava o desenho traçado no início do livro.

Antes que qualquer deles o pudesse explorar mais, ouviu-se uma detonação em cima. Aquela explosão fora mais forte. Feriu-lhe os ouvidos. Fumo e pó irromperam do túnel e espalharam-se pela câmara.

— Entraram — disse Seichan.

Gray voltou-se para Kowalski.

— Pega na espingarda e...

Mas antes que o corpulento homem se pudesse mexer, Wallace arrancou-lhe destramente a arma das mãos. O professor girou a espingarda na direção deles. Recuou alguns passos para a entrada do túnel.

— Não me parece — disse Wallace.

Da passagem, precipitaram-se seis soldados, seguidos por uma mulher esguia com uma *Sig Sauer* em punho.

Wallace olhou para trás de si.

— Já era tempo de chegar aqui abaixo, miúda.

14 de outubro, 16h15

Clairvaux, França

Krista divertiu-se com o olhar chocado nos rostos deles. Sobretudo, no da mulher euro-asiática. Mesmo por entre o sangue, a fúria desta lançava-se sobre Krista como uma chama ardente. A raiva ainda a animou mais. Depois de todas as dificuldades para chegar ali, aquele momento quase as fazia valer a pena.

Quase.

— Não pensou que era o meu único trunfo, aqui? — questionou Krista em voz calma. — O que é a confiança sem uma pitada de insegurança?

Wallace juntou-se-lhe com a espingarda.

Ela moveu o cotovelo na direção dele.

— Wallace e eu temos formado uma boa equipa desde o início. Desde que ele descobriu o fungo patológico. Além disso, o professor teve a amabilidade de nos alertar sobre a traição do padre Giovanni. O padre devia ter sido mais cauteloso quanto a quem fazer confissões.

Deu uma breve gargalhada, inesperada, brotando de um misto de exaltação e puro alívio. Reprimiu-a, desprezando o momento de fraqueza. A fúria tomou o seu lugar e ajudou-a a centrar-se.

Firmou a voz e olhou para Wallace.

— E a chave? Está aqui?

Wallace sorriu.

— Aye, e encontrámo-la. Está naquele vaso ali.

Gray Pierce recuou um passo.

— Tínhamos um acordo.

Ela não tinha tempo para ninharias ou ingenuidade.

— Khattab, vá buscar o vaso.

Para desencorajar qualquer truque de última hora, Krista mantinha a sua pistola apontada à mulher italiana. Sem escolha, Gray entregou o vaso de pedra.

Por sua vez, Khattab deixou-lhes algo em troca. Conforme planeado, ele pousou a mala de metal no chão e retrocedeu com a chave.

Gray fitou a mala. Pela sua expressão, já adivinhara o conteúdo.

Ela explicou.

— Uma bomba incendiária que usa cargas cinéticas. Uma nova criação oriunda da China. Arde durante muito tempo. Suficientemente quente para incinerar o tijolo das paredes. Não posso deixar nada para trás.

Gray deu um passo em frente.

— Ao menos leve Rachel consigo — pediu. — Honre essa parte do acordo.

Ela abanou a cabeça e sentiu uma estranha pontada de respeito pelo homem. A par de um fio de mágoa. Ela reconheceu a dor naqueles olhos e a sua origem. Alguma vez alguém faria tal sacrifício por ela?

Com um suspiro de exasperação, ofereceu o único consolo que podia.

— Receio que de nada lhe servisse. Não fui inteiramente verdadeira. A toxina que Wallace deixou naquela encomenda para Seichan não tem cura. É cem por cento fatal. Provavelmente, já está a sentir os seus efeitos. Morrer aqui será mais rápido, menos doloroso.

Krista tentou ignorar a expressão de horror no rosto dele. A italiana virou-se e enterrou a cabeça no peito de Gray.

Krista voltou-se para Khattab.

— Vamos. Certifique-se de que o seu homem destrói a entrada do túnel antes de evacuar.

Tinha terminado ali.

Ou quase.

Virou-se e apontou a pistola a Wallace. Os olhos deste arregalaram-se. Ela premiu o gatilho e atingiu-o no estômago. Ele não gritou, simplesmente arquejou e caiu de costas.

O seu rosto contorceu-se numa máscara de dor, enquanto se apoiava num dos braços.

— Você não sabe o que está a fazer.

Ela encolheu os ombros e deslocou a pistola na direção da cabeça.

— Eu sou do Echelon — cuspiu-lhe ele.

Ela imobilizou-se, chocada. Lutou para dar sentido à alegação. *Seria verdade?* Apenas umas poucas pessoas com vida conheciam até o nome *Echelon*.

Manteve a pistola apontada. Continuava insegura, mas uma coisa sabia ao certo. A única maneira de subir naquela organização era havendo espaço suficiente no topo.

Apertou o gatilho.

A cabeça de Wallace projetou-se para trás, depois para a frente. Tombou no chão.

Ela deu meia-volta e encaminhou-se para o túnel. Não esperava repercussões. As suas ordens tinham sido matar todos.

Todos, recordou.

— Vamos!

Apressou-se com os outros pelo túnel acima. Khattab mantinha-se ao seu lado com o vaso de pedra sob um dos braços. A luz do Sol jorrava à frente, impelindo-os a avançar. Uma pilha de cascalho conduzia-os à liberdade através da entrada explodida.

Ela queria sair dali assim que chegassem à superfície. A prisão estava a aquecer demasiado. Tiros ecoavam do alto.

Seguiu os soldados destroços acima. Cambalearam em conjunto para fora da escuridão de regresso à luz do dia. Demorou mais um instante a perceber a intensidade do tiroteio. Só quando Khattab caiu sobre um joelho, depois de lado, reconheceu o perigo.

Metade do seu rosto desaparecera. O vaso de pedra rolou dos seus braços para o jardim banhado pelo sol.

Mais homens tombaram à sua volta, enquanto ela corria e mergulhava atrás de um pilar.

A guerra tinha-os alcançado.

No alto, uma ruidosa erupção de chamas chamou-lhe a atenção. Viu um dos helicópteros explodir numa bola de fumo e destroços incandescentes. Rodopiou e esmagou-se contra o solo.

O seu coração batia com força.

O que se passava?

Então, do outro lado do jardim, avistou quem estava a disparar, quem emboscara a sua equipa. Homens com uniforme militar francês. Mas, mais do que isso, reconheceu o homem no comando.

Impossível.

Era o maldito índio.

Painter Crowe.

O seu coração disparou — não de medo, mas com uma raiva que apagou toda a razão. Levou a mão ao bolso e carregou no transmissor. O chão sacudiu sob os seus pés e a explosão deflagrou. Fumo irrompeu do buraco no solo.

Não haveria salvação para os companheiros.

Servindo-se da distração e do fumo, Krista recuou para as sombras. Não se iludia. Encurralada na prisão com a sua equipa derrotada, estava tudo perdido. Só lhe restava um objetivo. Ela fizera a si própria uma promessa antes de deixar a Noruega, uma promessa que tencionava cumprir.

16h20

O tiroteio terminou tão abruptamente como começara.

O grupo de Painter fora apanhado desprevenido pelo súbito aparecimento de um contingente de forças hostis a brotar de um buraco no chão. A sua equipa

falhara em detetar a abertura do túnel mergulhada nas sombras de uma secção do claustro em ruínas.

Mas os últimos inimigos tinham tombado.

Os soldados franceses espalharam-se pelo jardim e no exterior. Mantinham as espingardas contra o ombro, movendo-se rapidamente e com determinação.

Painter ficou para trás. Deixou escapar um gemido. Perscrutou o terreno. Onde estavam Gray e os outros?

Monk correu na sua direcção vindo da passagem. A sua espingarda ainda fumegava. A sua expressão mantinha-se sombria, preocupado com os companheiros.

O único aviso foi uma mudança nas sombras. Uma mulher rolou para o campo de visão próximo da direita de Painter. A curta distância, tinha uma pistola apontada ao peito de Painter.

Disparou quatro vezes.

Os tiros soaram como trovões.

Apenas um dos tiros raspou o ombro de Painter. Ao mesmo tempo que ela disparava, ele era empurrado para o lado.

Aterrou com força sobre um joelho e rodou.

Viu o impacto das balas projetar John Creed para o jardim. O homem tombou de costas.

A mulher gritou e lançou-se sobre Painter, encostando-lhe a arma à cara. Ele atirou-se a ela. Tirara a lâmina da sua bota e enterrou-a fundo no seu ventre.

Bem treinada, ela ignorou a dor e pressionou a arma contra o seu queixo. Os seus olhos diziam tudo. A lâmina não a impediria de o matar.

— Acho que isto lhe pertence — disse Painter ferozmente e pressionou o botão no punho da faca WASP.

A explosão do gás comprimido rasgou-lhe as entranhas. Pulverizou e congelou instantaneamente os seus órgãos internos. O choque e a dor explodiram dentro dela, paralisando-a.

Ele lançou-a para longe com ambos os braços. Ela voou e desabou de costas. A boca distendeu-se num grito silencioso de agonia — depois o corpo ficou

rígido. Morto.

Monk passou apressadamente por Painter em direção ao jardim.

— Creed!

Painter pôs-se de pé e seguiu-o.

Creed jazia de costas. Sangue brotava dos seus lábios, bombeado pelos três tiros no peito. Os olhos estavam imensos, sabendo o que se seguiria.

Monk caiu de joelhos ao lado dele. Despiu rapidamente o casaco e enrolou-o, preparando uma compressão.

— Aguenta!

Todos sabiam que nada havia a fazer. O sangue tinha-se derramado e espalhado pelo chão áspero. Os tiros deviam ser de ponta oca, fragmentando-se com o impacto.

Creed procurou cegamente a mão de Monk e agarrou-a com força. Monk cobriu-a com a sua outra mão.

— John...

Um último suspiro escapou-se. A mão de Creed deslizou. Monk procurou agarrá-la de novo, como se isso ajudasse, mas os olhos do homem estavam vítreos.

— Não — gemeu Monk.

Painter inclinou-se para oferecer o que apenas podia ser um frio consolo — mas um novo ruído insinuou-se. Girou, baixando-se. Vinha do buraco fumegante.

Viu um grupo rastejar para fora, trepando do buraco, tossindo e cambaleando.

Uma figura perscrutou em volta, depois vacilou na direção do jardim.

— Gray...

16h22

Dispunham apenas de segundos.

Gray sabia que a mulher explodiria a carga incendiária logo que alcançasse a superfície. Assim, quando o último soldado desapareceu pelo túnel, lançou-se para a cruz celta e girou a roda. Os monges teriam engendrado algum mecanismo para repor os túmulos no seu esconderijo.

Era natural supô-lo.

Fazer girar a roda, fazer girar o fundo.

Tivera razão.

Ao girar a roda fez inverter os túmulos e deslocar os desenhos da espiral de novo para cima.

Enquanto o fundo rodava, Gray gritou a Kowalski que lançasse a mala da bomba na cavidade inferior. Não estava certo se ofereceria proteção suficiente, mas não tinham escolha. Depois disso, correram para as paredes e deitaram-se de bruços.

Quando a explosão deflagrou, as placas circulares do chão foram projetadas para cima, dançando sobre chamas — depois voltaram a cair pesadamente. O calor queimava como uma fornalha. O fumo asfixiou-os, mas grande parte dele foi sugado pelo túnel acima como numa chaminé de lareira.

Era na deflagração lá no fundo que permanecia o perigo.

Gray instou-os a retroceder para o túnel.

Aí agachado, ouviu o tiroteio que ecoava de cima — depois subitamente os tiros cessaram.

Não sabia o que se passava. Ouviu mais alguns tiros e então alguém gritou. Ele conhecia a voz. Quase se sacudiu de alívio.

Monk.

Enquanto o calor aumentava, Gray conduziu os outros pelo túnel acima e de volta ao exterior. Corpos estendiam-se por todo o lado. Soldados franceses rodearam-nos. Cambaleou na direção do jardim.

— Eles estão connosco! — gritou Painter, abrindo caminho.

Gray esforçava-se por compreender o que o seu chefe estava ali a fazer, *como* podia estar ali. Mas as explicações teriam de esperar. Procurando em volta, Gray vislumbrou um objeto familiar de pedra e ouro junto de um arbusto.

O vaso canópico.

Aliviado, correu para ele, ajoelhou-se e recolheu-o.

A tampa continuava no seu lugar.

Painter reuniu-se-lhe.

— É a chave do Juízo Final — explicou Gray.

— Guarde-a em segurança. — Painter virou-se quando Seichan se aproximou. O chefe de Gray não pareceu surpreendido com a sua presença.

Seichan encarou Painter e abanou a cabeça.

— Tínhamos de tentar — disse-lhe ele cripticamente.

— Mas falhámos. Eu alertei-te desde o início de que a Guilda nunca mais confiaria plenamente em mim. — Seichan virou costas e olhou para o jardim na direção da única vítima que não escapara. — E eu não devia ter confiado na Guilda.

Rachel mantinha-se de pé, entorpecida, o rosto voltado para o céu. Estavam livres, mas ela continuava encurralada.

Mesmo naquele instante, em que Gray a observava, as suas pernas tremiam.

O calor e a tensão tinham desgastado o seu corpo para lá do limite de resistência.

Com o rosto ainda voltado para o Sol, ficou inerte e sucumbiu.

22h32

Troyes, França

Horas mais tarde, Gray sentava-se num banco do corredor à porta do quarto de hospital de Rachel. Monk e um especialista de medicina interna estavam lá dentro. Rachel fora ligada a um tubo intravenoso com um *cocktail* de antibióticos. Embora estivesse fora de perigo, fora por pouco. Ela tivera de ser evacuada de helicóptero para uma instalação hospitalar em Troyes.

Mas pelo menos estava de novo consciente.

Gray Tateou a ligadura em volta da sua mão. As feridas tinham sido limpas,

cosidas e ligadas. Mas sabia que estavam longe de estar curadas.

Uma porta abriu-se no fundo do corredor. Viu Seichan sair do seu quarto. Vestia uma bata de hospital e segurava um maço de cigarros. Olhou para o corredor, claramente à procura de um lugar onde fumar no hospital. Voltou-se na direção de Gray e parou repentinamente.

Parecia não saber o que fazer. Ele suspeitou que ela teria de se habituar àquilo. A Guilda persegui-la-ia. Os Estados Unidos mantinham o mandado de captura. Fora necessária toda a astúcia de Painter para ela passar despercebida. Ele ainda estava a apagar uma centena de fogos, mantendo o mundo à distância.

Mas não podiam esconder-se para sempre.

Nenhum deles.

Gray apontou o lugar ao seu lado.

Durante uns segundos, Seichan permaneceu de pé, depois finalmente aproximou-se. Metade do seu rosto continuava enfaixado. Não se sentou. Manteve-se de pé, os braços cruzados. Os seus olhos estavam ligeiramente vidrados da morfina. Ela fitou a porta de Rachel.

— Eu não a envenenei — disse ela num sussurro áspero. Tão cedo após a cirurgia, não era bom falar. Mas Gray sabia que ela precisava de o fazer.

— Eu sei — disse Gray. — Ela tem pneumonia dupla. Demasiado tempo à chuva, demasiada tensão, uma infeção viral menor.

Seichan afundou-se no banco.

Painter já explicara a maior parte da história. Um mês antes, ele abordara Seichan, localizara-a através do implante. Ela não tinha descoberto a escuta sozinha. Com efeito, segundo Painter, ela ficara chocada, furiosa e magoada com a traição quando ele lho contara. Mas ofereceu-lhe uma oportunidade, convencendo-a a trabalhar para ele, a tentar uma última vez infiltrar-se na Guilda. Painter sabia da ordem pendente da detenção para interrogatório. Ele sabia que ela continuava a oferecer a melhor oportunidade de descobrir quem dirigia a Guilda.

Ela aceitara e esperara pela missão apropriada para emergir e provar o seu valor perante a Guilda, tentando insinuar o seu regresso à organização. Nunca

suspeitara que tal a colocaria em conflito com Gray. Mas, uma vez comprometida, não havia retorno.

— Eu tive de manter o ardil — disse Seichan, referindo-se simultaneamente ao envenenamento e ao subterfúgio geral. — Troquei as garrafas térmicas em Hawkshead. Fingi envenenar Rachel, mas depois destruí a biotoxina. Eu sabia que havia espiões a vigiar todos os meus movimentos. O meu telefone estava sob escuta. Mais, eu já suspeitava de Wallace Boyle.

Gray imaginou que essas suspeitas teriam menos a ver com qualquer informação relativa ao professor e mais com o seu estado habitual de constante paranoia, mas naquele caso particular revelaram-se acertadas.

— Foi só quando chegámos a França, quando nos separámos, que tive oportunidade de me afastar de Wallace, de deitar mão a um telefone não vigiado. Depois de eliminar os assassinos no bosque...

— Ligou a Painter. Soube então que a missão fracassara e avisou-o disso.

Ela assentiu.

— Não tive escolha senão expor-me. Precisávamos de ajuda.

Lá isso precisávamos.

Durante a mesma conversa telefónica, Painter pedira-lhe que mantivesse o ardil. Com Wallace ainda uma incógnita e o número de mortes a subir no Midwest, o mundo necessitava da chave. Mesmo que tal significasse deitar-se com o diabo.

Um longo momento de silêncio instalou-se entre eles. Tenso e desconfortável. Ela mexia no maço de cigarros, parecendo prestes a saltar dali.

Por fim, Gray abordou um tema que puxara anteriormente.

Voltou-se para ela.

— Tu disseste-me uma vez que fazias parte dos bons, que na verdade trabalhavas *contra* a Guilda como agente duplo. Era verdade?

Ela fitou o chão durante muito tempo, depois olhou-o de lado. Uma aspereza tomara-lhe a voz e o olhar.

— Isso importa, agora?

Gray estudou-a, sustentando-lhe o olhar. Tentou decifrá-la, mas ela era um

muro. No passado, durante missões em que os seus caminhos se tinham cruzado, ela acabara por ajudá-lo. Os seus métodos eram brutais — como o assassinio do curador veneziano —, mas quem era ele para a julgar? Ele não passara pelo que ela passara. Pressentiu um poço de solidão, de sobrevivência difícil, de abuso que estava para lá do seu mundo.

Foi salvo de responder pelo ranger de uma porta. Monk entrou no corredor, seguido do especialista de medicina interna. O olhar de Monk saltou entre Gray e Seichan. A tensão residual devia ter sido percebida como uma frente fria.

Monk acenou ao especialista enquanto ele se afastava, depois apontou para a porta.

— Ela está cansada, mas podes vê-la por uns minutos... mas *apenas* uns minutos. E não sei se já sabes, mas o tio saiu de coma. Vigor despertou esta manhã. E, segundo sei, não se cala. Seja como for, acho que as boas notícias contribuíram em muito para a animar.

Gray levantou-se.

Seichan levantou-se também, mas virou-se em direção ao seu quarto.

Gray deteve-a com um toque no braço. Ela estremeceu visivelmente.

— Porque não entras também?

Ela continuou a fitar o fundo do corredor.

Os dedos de Gray cerraram-se sobre o seu braço.

— Deves-lhe isso. Fizeste-a passar por um inferno. Fala com ela.

Ela suspirou, aceitando fazê-lo como um castigo. Permitiu que ele a conduzisse até à porta. Gray não fizera a proposta como um castigo, mas pelo menos conseguira fazê-la avançar.

Seichan estivera à margem tempo suficiente.

Dentro do quarto, Rachel estava sentada na cama. Sorriu quando reconheceu Gray, mas uma centelha de raiva incendiou-lhe o olhar quando viu quem o seguia. O sorriso desvaneceu-se.

— Como te sentes? — perguntou ele.

— Pelo menos, não estou envenenada.

Seichan sabia que a farpa lhe era dirigida. Mas aceitou-a sem comentar.

Passou por Gray e sentou-se ao lado da cama.

Rachel afastou-se.

Seichan permaneceu sentada quieta, os dedos pousados sobre a grade de proteção da cama. Não disse uma palavra. Limitou-se a ficar ali sentada, deixando a raiva silenciosa de Rachel derramar-se sobre si. Lentamente, Rachel afundou-se na cama.

Só então Seichan sussurrou, não em lágrimas, não com frieza, apenas com sinceridade.

— Lamento.

Gray mantinha-se recuado. Ele suspeitava que Seichan necessitava tanto de proferir aquelas palavras, quanto Rachel necessitava de as ouvir. Falaram hesitantemente, serenamente depois disso. Gray deslizou para a porta. Sabia que era uma conversa em que não tinha parte.

Regressou ao corredor e encontrou Monk ainda sentado no banco. Gray juntou-se-lhe e notou que Monk segurava o telemóvel entre as mãos.

— Falaste com Kat?

Lentamente, Monk anuiu com a cabeça.

— Ainda está zangada por teres corrido perigo?

Monk continuou a anuir, ininterruptamente.

Permaneceram alguns instantes em silêncio.

Finalmente, Gray perguntou, porque conhecia bem o amigo.

— Como te sentes?

Monk suspirou. Seguiu-se um silêncio mais longo, antes de responder. As palavras eram calmas, mas ocultavam um poço de dor.

— Era um bom miúdo. Devia ter cuidado melhor dele.

— Mas não podias...

Monk interrompeu-o, não agastado, simplesmente cansado.

— Sabes, ainda não estou certo de estar preparado para falar sobre isso.

Gray respeitou o seu desejo. Deixaram-se ficar sentados em silêncio na companhia um do outro. O que era suficiente para ambos.

Passado algum tempo, um assobio familiar ergueu-se do fundo do corredor.

Kowalski surgiu. De alguma forma, o parceiro saíra de tudo aquilo sem um arranhão, mas por razões de segurança mantinha-se retirado no hospital.

Enquanto avançava preguiçosamente na direção deles, Gray viu que ele segurava alguma coisa numa das suas manápulas. Quando Kowalski os viu, pôs apressadamente o braço atrás das costas. Gray recordou-se de uma certa fixação que Kowalski demonstrara em Hawkshead.

Enquanto se aproximava, Gray chamou.

— Então, isso é um presente para Rachel?

Kowalski estacou, subitamente envergonhado. Apanhado, puxou o ursinho de peluche para si. Era branco, felpudo e vestia um uniforme de enfermeiro. Ele fitou o urso, depois o quarto de Rachel, finalmente Gray e deu-lhe o urso.

— É claro que é — resmungou.

Gray pegou no urso.

Kowalski afastou-se pesadamente, sem assobiar.

— O que foi aquilo? — perguntou Monk.

Gray recostou-se.

— Sabes, ainda não estou certo de estar preparado para falar no assunto.

23 de outubro, 10h14

Washington, D.C.

Reuniram-se todos no gabinete do senador Gorman em Capitol Hill.

Painter sentava-se ao lado do general Metcalf. Do outro lado, a doutora Lisa Cummings estava sentada de pernas cruzadas.

Uma ponta do seu sapato tocava suavemente a perna das calças de Painter. Não era casual. Ele e Lisa tinham estado separados demasiado tempo. E, desde que ela regressara de férias, tinha estado ocupada, voando fora de horas para o Midwest a fim de monitorizar a crise médica na região. Os dois aproveitavam todos os momentos possíveis juntos.

Metcalf continuava a ler o relatório sobre a manufatura do composto antifúngico. Painter já revira o relatório.

Em lugar de escutar, observava o reflexo da namorada na janela por detrás do senador. Lisa tinha o cabelo apanhado num rolo à francesa e vestia um fato conservador condizente com a atmosfera da reunião. Ele sonhava acordado em desfazer aquele rolo, desabotoar aquela camisa.

— Estamos a pulverizar todos os campos de produção — prosseguia Metcalf —, cobrindo uma zona de segurança de cerca de vinte e cinco quilómetros em cada localização. A Environmental Protection Agency mobilizou-se em conjunto com a Guarda Nacional a fim de monitorizar e continuar a testar amostras da vegetação circundante noutros cinquenta quilómetros.

Gorman assentiu.

— Na frente internacional, todos os campos plantados foram limpos e pulverizados. Só nos resta esperar ter estancado isto a tempo.

Lisa falou.

— Caso contrário, estaremos preparados. Os ensaios humanos iniciais foram bem-sucedidos. Reações adversas mínimas. Os primeiros casos reagiram bem. O que resultará em benefício da medicina em todos os sentidos. Embora disponhamos de uma quantidade de poderosos antibióticos, o nosso arsenal de antifúngicos, em particular para infecções sistêmicas, é limitado e afetado por elevados níveis de toxicidade. Com tal composto brevemente disponível...

— E de livre acesso — acrescentou Painter.

Ela assentiu.

— Manteremos o desastre sob controlo.

— Por falar em livre acesso — disse Gorman. — Estive com Ivar Karlsen depois de visitar a fábrica de produção do medicamento da Viatus.

Painter trouxe a sua atenção de volta. Karlsen encontrava-se num estabelecimento penal norueguês, ainda a aguardar julgamento. Continuava a supervisionar os negócios a partir da sua cela. Como reparação parcial, o homem disponibilizara voluntariamente todos os recursos da infraestrutura biotecnológica da sua empresa para fabricar o composto. Era impressionante verificar a rapidez com que tinham conseguido iniciar a sua produção em massa.

Lisa tentara explicar a Painter que o composto antifúngico era derivado de um género de líquen encontrado exclusivamente na África Subsaariana, que a sua estrutura química atacava um esteroide específico apenas encontrado em membranas celulares fúngicas, o que o tornava eficaz e seguro no tratamento de mamíferos e plantas.

Painter desligara após mais alguns pormenores. Tudo o que precisava de saber era que funcionava.

— Devia ver a cela dele na prisão — disse Gorman. — É praticamente uma suíte do Ritz.

— Mas é uma suíte de onde não sairá tão cedo — acrescentou Painter. *Mais*

que não seja, considerando a idade do homem.

Metcalf levantou-se.

— Se terminámos aqui, tenho alguns assuntos a tratar na sede da DARPA.

Gorman levantou-se e apertou-lhe a mão.

— Se o puder ajudar de alguma forma, estou em dívida para consigo. — As palavras foram dirigidas a Metcalf, mas Painter notou o olhar de Gorman na sua direção.

Depois dos acontecimentos na Noruega, tinham sido forçados a revelar a existência da Sigma. De qualquer forma, o senador teria continuado a investigar e tornado a situação mais crítica. O conhecimento conseguiu-lhes, por outro lado, um poderoso aliado em Capitol Hill. Painter notara já uma mudança na opinião em relação à Sigma entre as diversas agências de informação americanas. Por uma vez, os lobos à sua porta tinham sido puxados para trás. Talvez não contidos por completo, mas permitia a Painter maior liberdade para firmar a Sigma.

E sabia que ia necessitar disso.

A Guilda viria atrás deles.

Depois das despedidas, Painter e Lisa caminharam com o general Metcalf pelos corredores do poder. Painter ainda aguardava confirmação da parte do general sobre um assunto extremamente sensível.

— Senhor... — começou Painter, pretendendo apenas relembrar Metcalf.

— Ela é problema seu — disse o general. — Não posso revogar o mandado de detenção. Os seus crimes estão demasiado ramificados internacionalmente. Terá de se manter rente ao chão e com isso quero dizer como um rato de esgoto. — Metcalf encarou-o. — Mas pensa que ela será uma mais-valia?

— Penso de facto.

— Que assim seja. Mas é a sua cabeça que fica a prémio.

Painter apreciava sempre um apoio tão entusiasta. Com mais algumas palavras finais, Metcalf afastou-se para uma outra reunião. O que deixou Painter sozinho com Lisa enquanto saíam para o sol da manhã.

Ele consultou o relógio. O funeral começava dentro de uma hora. Tinha

apenas tempo suficiente para tomar um duche e mudar de roupa. Apesar do dia claro, uma bruma descia sobre ele. John Creed morrera para lhe salvar a vida. Uma vez que Painter enviava frequentemente homens e mulheres para situações de perigo, desenvolvera um certo grau de distanciamento. Era a única forma de manter a sanidade, de fazer escolhas difíceis.

Mas naquele caso não o conseguia fazer.

Não com Creed.

Uma mão deslizou para a sua. Lisa puxou-o e encostou-se ao seu braço.

— Vai passar — prometeu-lhe ela.

Ele sabia que ela tinha razão, mas de alguma forma isso só piorava as coisas. Passar queria dizer *esquecer*. Não tudo, mas parte.

E ele não queria esquecer o sacrifício de John.

Nenhuma parte dele.

15h33

Monk vagueava pelas colinas do Cemitério de Arlington com Kat ao seu lado, mão na mão, envoltos em casacos compridos. Era um tonificante dia de outono, os carvalhos maciços erguiam-se em todo o seu esplendor. O funeral terminara há uma hora, mas Monk não se sentia pronto para se ir embora.

Kat não dissera uma palavra.

Ela compreendia.

Todos tinham comparecido. Até mesmo Rachel voara de Roma para esse dia. Regressaria na manhã seguinte. Não gostava de deixar o tio sozinho por muito tempo. Vigor saíra do hospital há apenas dois dias, mas estava a recuperar bem.

Durante a lenta caminhada, Monk e Kat descreveram um círculo completo, tendo terminado no ponto onde tinham começado. A campa de John Creed ficava no cimo de um pequeno monte sob os braços de um cornizo. Os ramos já estavam nus, esqueléticos contra o céu azul, mas chegada a primavera cobrir-se-iam de botões brancos.

Era um bom lugar.

Monk esperara que todos partissem para um momento de privacidade junto à tumba, mas viu que alguém ainda aí se ajoelhava, ambas as mãos a agarrar a lápide. A sua atitude era uma imagem de puro sofrimento.

Monk imobilizou-se.

Era um jovem envergando o uniforme azul do exército. Monk reconheceu-o vagamente do funeral. O homem mantivera-se de pé com a mesma rigidez de todos os outros. Aparentemente, também quisera um momento extra para se despedir.

Kat cerrou os seus dedos em torno da mão de Monk. Ele virou-se para ela. Ela abanou a cabeça e afastou-o. Monk lançou-lhe um olhar inquisitivo, sentindo que ela sabia mais do que ele.

— É o companheiro de John.

Monk olhou para trás, sabendo que ela não se referia a um parceiro de negócios. Ele não soubera de nada. Subitamente, recordou-se de uma conversa que tivera com Creed. Monk perguntara-lhe em tom trocista o que o levara a ser expulso do serviço militar depois de dois destacamentos no Iraque. A resposta de Creed resumira-se a duas palavras.

Não pergunte.

Monk pensara que ele lhe dissera simplesmente para não se intrometer no que não lhe dizia respeito. Afinal, ele respondera à questão de Monk.

Não pergunte, não diga.

Kat instou Monk a afastar-se, permitindo ao homem chorar em privado.

— Ele ainda está ao serviço — explicou ela.

Monk seguiu-a. Agora compreendia porque o homem se mostrara tão rígido anteriormente. Mesmo naquele momento, a profundidade da sua dor tinha de ser mantida em privado. Apenas sozinho o homem se poderia despedir.

Kat encostou-se a ele. Ele pôs o braço à sua volta. Ambos sabiam o que o outro pensava. Nunca queriam ter de fazer aquela despedida.

21h55

Gray estava debaixo do jato do chuveiro. Tinha os olhos fechados e escutava o revelador ruído metálico das canalizações do seu apartamento. Estava prestes a ficar sem água quente.

No entanto, não se mexia, gozando cada último resquício de calor ardente e vapor. Alongou articulações e friccionou nós. Fizera um esforço imenso e agora pagava o preço. Depois de ter sido ferido, devia ter usado de maior contenção. Tirara os pontos da mão há apenas dois dias.

Com um derradeiro chocalhar, a água tornou-se rapidamente fria. Gray desligou a torneira, puxou de uma toalha e secou-se no calor fumegante.

O breve jorro frio levou-o de volta à tempestade na ilha de Bardsey. Mais cedo nesse dia, falara com o padre Rye ao telefone, para se certificar de que *Rufus* estava bem instalado como cão eclesiástico. Gray ligara igualmente para se assegurar de que Owen Bryce recebera o dinheiro enviado para cobrir as reparações necessárias na embarcação que eles tinham levado.

A vida estava a voltar ao normal em Bardsey, após uma dura série de tempestades.

Ao telefone, Gray interrogara também o padre Rye sobre rainhas de pele escura e Madonas Negras. O bom padre era seguramente uma fonte de conhecimento. Gray suspeitava que a conta de telefone daquele mês seria exorbitante. Contudo, tinha aprendido algo de interessante: alguns historiadores acreditavam que a Madona Negra tinha as suas raízes no culto da deusa Ísis, a rainha-mãe do Egito.

De novo, a ligação egípcia.

Porém depois da explosão sob o claustro, todas as outras provas tinham sido destruídas: as urnas de vidro, os corpos, até mesmo o livro perdido das profecias de Malaquias.

Tudo eclipsado.

E talvez fosse bom. Era melhor que não conhecêssemos o futuro.

Mas as profecias dos papas de Malaquias terminavam num mistério

brumoso. De acordo com o tio de Rachel, Malaquias tinha enumerado todos os papas na sua lista, à exceção do último, *Petrus Romanus*, aquele que veria o fim do mundo. Esse último papa apocalíptico não recebera número.

— O que sugere a alguns estudiosos — explicara Vigor na sua cama de hospital — que talvez um número desconhecido de papas permaneça por indicar entre o atual papa e o derradeiro. E que o mundo talvez dure por mais algum tempo.

Gray certamente esperava que assim fosse.

Finalmente seco, enrolou uma toalha em volta da cintura e dirigiu-se ao quarto. Descobriu que não estava sozinho.

— Pensei que ias embora — disse Gray.

Ela estava entre o lençóis, com uma perna descoberta até à coxa. Espreguiçou-se como uma leoa ágil a despertar, um braço sobre a cabeça, deixando entrever os seios. Quando baixou o braço, ergueu o lençol. O seu corpo permanecia oculto em pregas e sombras — mas o convite era claro.

— De novo? — inquiriu ele.

Uma sobrancelha soergueu-se, seguida do esboço de um sorriso.

Gray suspirou, libertou-se da toalha e atirou-a para o seu lado.

O trabalho de um homem nunca estava terminado.

EPÍLOGO

23 de outubro, 23h55

Washington, D.C.

Painter desceu o último lanço de escadas até à área mais remota do Comando da Sigma. Faltavam poucos minutos para a meia-noite, um momento pouco auspicioso para visitar uma morgue.

Mas o pacote chegara há apenas uma hora. O trabalho tinha de ser feito rapidamente. Depois disso, todas as provas seriam destruídas, cremadas no local. Alcançou a morgue.

O patologista-chefe da Sigma, o doutor Malcolm Reynolds, estava à espera e conduziu-o ao interior.

— Tenho o corpo pronto.

Painter seguiu o patologista até à sala contígua. O cheiro atingiu-o primeiro: carne queimada e em decomposição. Um vulto jazia sob um lençol em cima da mesa. Ao lado, encontrava-se um caixão sobre rodas. O selo diplomático da urna fora quebrado pelo doutor Reynolds.

Exigira a Painter um esforço tremendo libertar o corpo de França e fazê-lo chegar ali com identificação falsa.

— Não é bonito — alertou Malcolm. — O corpo permaneceu numa fornalha improvisada durante várias horas, até alguém pensar em tirá-lo de lá.

Painter não tinha o estômago fraco — pelo menos, não muito. Puxou para trás o lençol e expôs o cadáver do doutor Wallace Boyle. O rosto do homem

estava inchado, negro de um dos lados, púrpura do outro. Painter imaginou que o lado carbonizado estivesse contra o chão de tijolo da câmara subterrânea. Recordou-se da descrição de Gray da carga incendiária e de como incinerara as pedras.

— Ajude-me a voltá-lo ao contrário — disse Painter.

Juntos, deitaram Wallace de bruços.

— Vou precisar de alguma coisa para o rapar.

Malcolm desapareceu.

Enquanto Painter esperava, fitou o lúgubre cadáver. Wallace alegara ser membro do Echelon e, de acordo com Seichan, esse nome designava os verdadeiros líderes da Guilda. Ela não dispunha de informação adicional, a não ser um rumor obscuro, uma história que ouvira uma vez.

Malcolm regressou com uma máquina elétrica e uma lâmina descartável. Trabalhando rapidamente, Painter usou a máquina para remover o cabelo da nuca de Wallace, depois rapou-a por completo.

Enquanto arrastava a lâmina, o rumor provou-se verdadeiro.

Uma pequena tatuagem, do tamanho da unha do polegar de Painter, fora feita na base do crânio. Apresentava as ferramentas de um maçom: um compasso aberto sobre um esquadro.



O símbolo representava a franco-maçonaria, uma fraternidade internacional. Mas a imagem no centro do símbolo estava errada. O compasso e o esquadro habitualmente enquadravam a letra *G*, de *God*, Deus, ou *Geometry*, Geometria.

Mas por vezes designava a Guilda.

Painter sabia que a organização terrorista de Seichan não tinha um verdadeiro nome, pelo menos não pronunciado abaixo do nível da liderança. Seria aquele símbolo e a sua ligação à franco-maçonaria a origem do nome mais comumente usado?

Painter estudou a tatuagem. No centro do símbolo, estavam gravados um crescente de lua e uma estrela. Nunca vira nada de semelhante. Quem quer que fossem, não eram maçons.

Com o símbolo exposto, Painter ficou mais inquieto. Encontrara o que precisava.

— Queime o corpo — ordenou a Malcolm. — Até ficar em cinzas.

Painter não queria que alguém tomasse conhecimento do que ele ficara a saber. Muito permanecia desconhecido em relação aos antigos padrões de Seichan. Mas dispunha agora de duas peças do quebra-cabeças central.

O nome *Echelon*... e o estranho *símbolo*.

Por agora, teria de ser suficiente.

Mas não estava terminado — para nenhuma das partes.

Malcolm fez-lhe uma pergunta quando ele se afastou.

— O que significa?

Painter respondeu-lhe, sabendo ser a verdade.

— Vem aí uma guerra.

NOTA DO AUTOR: VERDADE OU FICÇÃO

Tudo neste livro é verdadeiro, exceto o que não é. Pensei em terminar esta aventura estabelecendo essa distinção. Primeiro, dois elementos deram origem a esta história. Deparei-me com eles independentemente, mas soube que tinha de haver uma ligação e que a Sigma necessitaria de investigar.

A História da Cruz Celta. Existe uma análise intrigante e surpreendente da história da cruz e da possibilidade de ter sido usada com instrumento de navegação em tempos antigos. Para uma imensidade de pormenores, diagramas e análises, remeto o leitor para o fascinante livro de Crichton Miller, *The Golden Thread of Time*.

A História da Inglaterra Neolítica. Os pormenores neste livro sobre a possibilidade de os egípcios terem fixado colónias em Inglaterra são verdadeiros. Para um estudo mais rigoroso, sugiro a leitura de *Kingdom of the Ark*, de Lorraine Evans. Por outro lado, em relação às tribos fomorianas encontradas a viver na Irlanda pelos invasores celtas, alguns historiadores teorizaram que a sua descrição (pele escura e perícia agrícola) se poderia reportar a uma tribo perdida de egípcios.

Símbolos Antigos. O romance descreve uma série de símbolos e a forma

como essas imagens foram muitas vezes modificadas e recriadas ao longo dos séculos. Tais teorias têm uma base concreta, incluindo a histórias das cruzes de consagração encontradas gravadas em igrejas medievais.

Santos. Conforme mencionado na abertura do livro, Malaquias foi um santo irlandês que viveu durante o século XII e que se diz ter realizado muitas curas milagrosas, além de ter registado as famosas profecias dos papas. Foi de facto sepultado num túmulo na Abadia de Clairvaux e as ruínas dessa abadia situam-se estranhamente nos terrenos de uma prisão de alta segurança (uma prisão cuja construção foi iniciada por Napoleão). Há visitas semanais às ruínas a dois euros por pessoa. As narrativas relativas à vida de São Bernardo (o Milagre da Lactação, a sua associação aos Cavaleiros do Templo e o seu apoio ao culto da Madona Negra) são históricas. Para mais informação sobre os santos celtas e a cultura celta em geral, recomendo *How the Irish Saved Civilization*, de Thomas Cahill, e *The Quest for the Celtic Key*, de Karen Ralls-MacLeod e Ian Robertson.

Quanto às profecias, seguem-se as descrições de Malaquias dos últimos papas da história:

a. Papa Paulo VI (1963-1978) é descrito pelas palavras *Flos Florum* ou «flor de flores». O seu manto heráldico continha três lírios.

b. Papa João Paulo I (1978) é designado por Malaquias como *De Medietate Lunae* ou «de meia lua». O seu papado durou um mês, de uma meia lua à lua seguinte.

c. Papa João Paulo II (1978-2005) é designado como *De Labore Solis* ou «do labor do Sol», que era uma metáfora comum para indicar o eclipse solar. O papa nasceu no dia de um eclipse solar.

d. Papa Bento XVI (2005-) é descrito como *De Gloria Olivae* ou «glória da oliveira». A ordem beneditina, de onde o papa retirou o seu nome, tem o ramo de oliveira como seu símbolo.

e. E o último dos papas, aquele que assistiria ao fim do mundo: Petrus

Romanus. A sua descrição é a mais longa de todas.

Em latim:

*In persecutione extrema S.R.E. sedebit Petrus
Romanus, qui pascet oves in multis
tribulationibus: quibus transactis civitas
septicollis diruetur, et Iudex tremendus
iudicabit populum. Finis.*

Traduzido:

Em extrema perseguição, o assento da Sagrada
Igreja Romana será ocupado por Pedro o
Romano, que alimentará o rebanho entre inúmeras
tribulações, no termo das quais a cidade das
sete colinas será destruída e o formidável
Juiz julgará o Seu povo. Fim.

Porém, conforme Vigor disse a Gray, este último papa não é numerado ao contrário dos que o antecedem. Alguns interpretaram-no como indicando existir outros papas entre o Papa Bento XVI e o derradeiro papa. Mas apenas o tempo o dirá.

E os Pecadores.

a. Biocombustíveis: A quantidade de milho necessária para encher por completo o tanque de um SUV de etanol alimentaria de facto uma pessoa faminta durante um ano. E pensa-se que a passagem da produção *alimentar* à produção *combustível* resultou num aumento acentuado dos preços dos alimentos.

b. Alimentos Geneticamente Modificados: Uma grande quantidade de material, a favor e contra, foi escrito relativamente aos alimentos geneticamente modificados. Para alguma informação perturbadora sobre o tópico, recomendo dois livros. Relativamente à frouxa regulação da indústria, *Seeds of Deception* de Jeffrey M. Smith é de leitura obrigatória. Relativamente a aspetos mais sinistros, *Seeds of Destruction* de William Engdahl é de facto assustador (particularmente, no que se refere às sementes contracetivas mencionadas no romance).

c. Abelhas: Sabemos de facto o que está a matar as abelhas? Segundo o bem documentado livro *A Spring without Bees*, de Michael Schacker, parece existir uma resposta, resposta que foi suprimida e ignorada. E as abelhas francesas *estão* mesmo a regressar.

d. Armas de Destruição: Neste romance, sirvo-me das facas WASP, de ogivas termobáricas e de cargas explosivas cinéticas como meios de grande destruição. Todas essas armas são reais.

Excesso de População. O Clube de Roma é uma organização real que faz um excelente trabalho. E no seu relatório, intitulado *The Limits to Growth*, descreve efetivamente o cenário fatídico descrito por Ivar Karlsen, segundo o qual, se deixado sem controlo, o mundo se encaminha para um ponto crítico em que 90 por cento da população poderá ser aniquilada.

O Doomsday Book. Conforme referido na introdução, trata-se de um volume histórico real. E algumas entradas estão de facto cripticamente assinaladas como «devastado». Foi compilado durante um tempo de fricção continuada entre cristãos e pagãos, em particular nas terras limítrofes.

Localização, Localização, Localização. A maioria dos locais neste romance são reais, bem como as histórias a eles associadas.

a. Fortaleza de Akershus ergue-se efetivamente no porto de Oslo e os navios de cruzeiro atracam de facto nas suas proximidades. Quando à sua

história de execuções, é igualmente verdadeira, incluindo a do mestre cunhador Henrik Christopher Meyer, que morreu pelos seus crimes e cuja fronte foi marcada a ferro pelo rei Frederico IV.

b. Silo Internacional de Sementes de Svalbard é um entreposto verídico que adquiriu o cognome de «Silo do Juízo Final». Todos os pormenores sobre as instalações são exatos, incluindo o do seu principal meio de defesa: os ursos-polares.

c. Ilha de Bardsey é verdadeiramente Avalon. Todas as histórias e mitologias sobre a ilha são exatas, incluindo a do Túmulo de Merlin, da Cripta de Lord Newborough e dos vinte mil santos aí sepultados. Igualmente, a maçã de Bardsey continua a crescer e podem agora ser adquiridos rebentos dessa antiga árvore. Quanto às terríveis correntes em torno da ilha, são de igual modo reais. Pelo que aconselho a travessia de barco só com o melhor dos tempos!

d. Lake District é de facto uma região encantada, pontilhada de círculos de pedras verticais e pátria dos industriais póneis-de-fell. Existem também incontáveis turfeiras na região, embora nada tão arborizado ou ardente como descrito neste livro. Mas sabe-se que os fogos de turfa subterrâneos estão latentes há séculos, mesmo durante invernos nevados. E esses fogos são ainda usados para produzir o melhor *scotch* (mas isso é outra história). Quanto às múmias dos pântanos são igualmente reais — bem como a pequena loja na povoação de Hawkshead que vende exclusivamente ursos de peluche (Sixpenny Bears).

Não se esqueçam, pois, de comprar um ursinho a Kowalski... ele parece merecê-lo.